

MINDY MCGINNIS

UMA

LOUCURA
DISCRETA

PLATA
FORMA

"Brutal e aterrorizante."
MADELEINE ROUX,
autora da série *Asylum*,
best-seller do *New York Times*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Uma loucura discreta

MINDY MCGINNIS

UMA
LOUCURA
DISCRETA

TRADUÇÃO FÁBIO BONILLO

PLATA
FORMA 

TÍTULO ORIGINAL *A Madness so Discreet*

© Mindy McGinnis, 2016. Publicado originalmente por Katherine Tegen Books, um selo da HarperCollins Publishers.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORAS-ASSISTENTES Thaíse Costa Macêdo e Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Raquel Nakasone

REVISÃO Ana Luiza Cândido

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

EPUB Pamella Destefi

IMAGEM DE CAPA © 2015 by Brooke Shaden

DESIGN DE CAPA by Erin Fitzsimmons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGinnis, Mindy

Uma loucura discreta [livro eletrônico] / Mindy McGinnis; tradução Fábio Bonillo. – São Paulo: Plataforma21, 2016.

811 Kb; ePUB

Título original: *A madness so discreet.*

ISBN 978-85-92783-03-7

1. Ficção juvenil I. Título.

16-05751 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Para todos aqueles que lutam na escuridão.

Todos eles tinham seus terrores.

A garota nova acreditava que aranhas viviam em suas veias.

Seus gritos rasgavam a noite, atravessando as finas paredes da cela de Grace e enchendo o cérebro dela com a angústia de outra pessoa, somando-se às suas próprias angústias. Grace apertou o travesseiro contra os ouvidos, ignorando as hastes das plumas que pinicavam sua pele através da musselina barata. Ela podia ouvir a sra. Clay se revirando na cama do outro lado da parede; o sono fora roubado de ambas as pacientes pela garota nova, que ainda não tinha aprendido que gritar não trazia ajuda.

Muito pelo contrário.

A porta da ala escancarou-se com estrondo; o metal tiniu contra a parede de pedra e despertou gritos de todos os cantos conforme os pacientes fugiam do ruído e de qualquer novo inferno que ele carregava consigo. A garota gritou mais alto, sem perceber que atraía seus carrascos para perto dela. Quando passaram por sua cela, Grace identificou o passo arrastado da administradora da ala feminina seguido pela passada mais leve do dr. Heedson.

Uma sequência ininteligível de palavras vindas da garota nova foi silenciada por uma pancada aguda. Outro fluxo de sílabas que nada significavam provocou o áspero estalo de um chute. Grace enfiou os dedos nos ouvidos até conseguir ouvir apenas o próprio coração bombeando sangue pelo corpo, sem se importar com o quanto ela queria que ele parasse de bater. A garota nova ainda não tinha aprendido a eficácia do silêncio, a arte da invisibilidade. Grace abandonara a fala havia muito tempo. Uma vez que as palavras *não* e *pare* de nada tinham adiantado, as outras se recusaram a sair; a inadequação delas tornava necessário o esforço para articulá-las em uma equação de solução muito fácil. Grace encolheu-se numa

posição defensiva conforme Croomes e Heedson deixavam a ala, com os queixumes da garota seguindo o rastro deles. Ela apertou os ouvidos com as mãos e fechou os olhos com tanta força que os músculos de seu rosto se contraíram em agonia. Mas a argúcia de sua memória era como um artista sombrio trabalhando em sua mente, pintando retratos sem sua permissão.

Gemeu, pressionando a testa nas afiadas protuberâncias de suas patelas, que cutucavam suas pálpebras através da camisola puída, emitindo faíscas na vista e desafiando seu desejo mais caro – deixar de ver. Rostos eram as coisas mais dolorosas e mais prováveis de surgirem nas sinistras horas da noite. Os gemidos da menina-aranha evocaram o rosto de sua mãe em detalhes extraordinários; cada ruga parecia ter sido finamente esculpida conforme ela abria uma careta diante de qualquer afronta que lhe fosse dirigida, as extremidades dos lábios permanentemente manchadas de vinho.

Grace virou a cabeça para longe da aparição, afastando os dedos dos ouvidos provisoriamente. A ala voltara ao silêncio, mas seu cérebro bem que agradecería uma sequência de alaridos na escuridão, qualquer coisa que dirigisse seus pensamentos para outra avenida que não aquela. Mas ele prosseguiu, ressuscitando o rosto de seu pai retorcido num paroxismo que filha nenhuma jamais deveria testemunhar.

Seu grito rompeu a quietude, despertando movimentos na cela da sra. Clay. Um suave murmúrio espalhou-se pelo ar, o único consolo que sua amiga podia lhe oferecer através das paredes que as separavam. Grace aferrou-se às notas daquele sussurro, seguindo o padrão até aprendê-lo e juntando-se a ele silenciosamente; o silêncio em que se envolvera era sagrado demais para ser rompido. Sua mente brincou com as notas, feliz por se ocupar com algo. Foi relaxando à medida que seus pensamentos se deixavam moldar aos caprichos dela, delineando o padrão do tecido rendado de sua casa em vez de os rostos ao redor da mesa. As mãos de Grace tombaram sobre a barriga conforme ela caía no sono, embalando a vida que crescia ali.

Todos eles tinham seus terrores, mas pelo menos as aranhas que viviam nas veias da garota nova eram imaginárias. Grace aprendera

havia muito tempo que os verdadeiros terrores deste mundo eram as outras pessoas.

Ainda estava escuro lá fora quando foram chamados para o desjejum pela srta. Marie, caminhando pelo corredor com seu sino. Ainda que o tinido parecesse penetrar seus lábios e fazer seus dentes bambearem enquanto se vestia, Grace preferia o método de Marie para acordar os internos ao método de Croomes, que era bem capaz de destrancar a porta e entrar invadindo, torcendo para flagrar alguma infração que pudesse punir.

A camisa de dormir de Grace saiu por cima de sua cabeça, e uma bata fina tomou seu lugar. Não havia roupas de baixo com as quais se incomodar. Ela fora despida imediatamente após sua admissão; espartilho, camisa e anágua foram arrancados de sua pele nua para revelar a culposa proeminência de sua barriga conforme lhe davam banho. Croomes esfregara com força desnecessária seu abdômen sensível.

O sabão de lixívia deixara marcas de queimadura em sua pele, algumas enfeitadas com os profundos arranhões de Croomes. Elas cicatrizaram enquanto Grace jazia chorando naquela noite. O último vestígio de sua voz se extinguiu à medida que a Grace Mae de vestido de veludo vermelho horas antes adormecia para acordar sendo apenas Grace. Não haveria registro de uma pessoa com sobrenome Mae no Asilo Psiquiátrico Wayburne, de Boston. Seu pai não toleraria isso.

Conforme se passavam os primeiros dias no asilo, ela começou a pensar em seu corpo como uma crosta que servia apenas para proteger os minúsculos movimentos dentro dela. Até que por fim ela não poderia mais protegê-lo, e ele seria forçado mundo afora, chutando e gritando, desejando nada mais que o abrigo e o silêncio que a escuridão havia antes oferecido.

Agora ela compreendia os bebês e sua relutância em nascer.

Assim que o seu fosse obrigado a ver a luz para então ser levado embora, seu corpo não teria mais nenhuma serventia. Ela só esperava que lhe permitissem entrar em decomposição até sumir do mundo, despercebida. Até lá, ela poderia apenas aguardar.

Grace penteou rudemente seus cabelos claros com os dedos, apanhando as pontas quebradas com as unhas maltratadas. A srta. Marie deu uma batida superficial na porta antes de destrancá-la, relanceou o olhar para ela e disse:

– Bem, uma a menos que terei que ajudar a se vestir – e saiu.

A sra. Clay estava no corredor, transformando habilmente seus cabelos escuros em um coque com o grampo que lhe permitiam guardar, mesmo que isso fosse contra as regras. Grace passou por cima de uma mulher contorcida, muito consciente dos próprios cabelos desarrumados e do preço que a sra. Clay pagava por seus pequenos luxos. Ser a paciente exemplar significava ter que desfilar por aí quando o Conselho vinha inspecionar o asilo, sendo o seu grampo de cabelo um prêmio conquistado numa feira de excentricidades onde ela era o animal em exibição.

– Olá, querida. – A sra. Clay sorriu, fazendo as menores linhas ao redor de sua boca afundarem. – Espero que tenha dormido bem.

Grace balançou a cabeça enquanto a sra. Clay enfiava a mão por trás de seu cotovelo para guiá-la até o refeitório. Imperturbada pelo contínuo silêncio de sua parceira em marcha, prosseguiu:

– Venha fazer sua refeição antes que não reste mais nada para você ou para o bebê.

Comida era uma constante batalha ali. As cozinhas forneciam apenas o que podiam dispor no dia, desconsiderando quantas bocas houvesse para alimentar. Muitos internos nunca conseguiam chegar às mesas a tempo de ver algum alimento, mas extraíam o máximo que podiam com migalhas e sobras que caíam ao chão. Não fosse pela impetuosa necessidade de comer por dois, Grace teria se contentado em ser uma das esquecidas que morriam silenciosamente em suas celas.

Mas por ora seu apetite era um abismo, e ela o alimentou com o abandono dos desesperados. Elas rumaram para as mesas e a comida ali empilhada; a pressão dos corpos sem banho em todo o

entorno delas destruía qualquer tentativa de fila. A sra. Clay apanhou duas fatias de pão, fazendo uma bolota com uma delas e escondendo-a nas dobras de suas saias para Grace comer depois. Grace mergulhou em busca de seu bocado, estapeando as mãos imundas da garota à sua direita, que chiou. Ela enfiou o pão na boca, ignorando a ameaça.

Mastigou tão rápido quanto pôde, triturando o pão com os dentes e limpando-o do céu da boca com a língua. Mesmo sem talheres, sua educação não lhe permitiria enfiar os dedos na boca. Do lado oposto da mesa, Pat Biruta não tinha tais escrúpulos. Dedos empastados de comida entravam em sua boca junto com os punhados de cabelo que ela conseguira arrancar da cabeça. Grace virou-se, com o estômago embrulhado. A sra. Clay a seguiu com seu pão escondido, e elas recolheram-se a um canto perto de uma janela quase opaca pelas rajadas de titica de pássaros.

– Aqui, coma – disse a sra. Clay, entregando a Grace o pão que segurava firmemente. Ela apoiou-se na janela e observou enquanto Grace o devorava. – Quem foi que disse que comer sentada seria uma boa ideia, hein?

Ela foi recompensada com um minúsculo sorriso, mas os pensamentos de Grace se perderam novamente, rememorando os dias em que era o rosto angelical da doce Alice o que ela via do outro lado da mesa, não o ensanguentado couro cabeludo de Pat Biruta.

– Essa daí está com hematomas fresquinhos. – A sra. Clay projetou o queixo na direção da porta de onde surgia uma paciente não muito mais velha que Grace, rumando insegura até a mesa. – Deve ser a garota nova que estava gritando sobre aranhas.

Grace assentiu com a cabeça, mas não se virou para olhar.

A sra. Clay estendeu a mão e tocou-lhe o queixo, trazendo o olhar azul de Grace de encontro ao seu.

– Tenha cuidado, garota. Mostre-me que você se interessa por algo que acontece ao seu redor, por mais deprimente que seja. Pode guardar para si todas as palavras, se quiser, mas eu percebo os seus olhos vagando distantes e os seus braços cruzados sobre a barriga. Eles o tirarão de você quando nascer, e depois disso eu não a verei

de novo, mesmo se eu vier a sair deste lugar. Não creio que alguém da minha laia seja bem-vindo no seu endereço.

As sobrancelhas de Grace se estreitaram.

– Suas mãos a delatam – disse a sra. Clay, pegando uma das mãos de Grace nas suas. – Suaves e imaculadas, nunca fizeram um pingão de trabalho em toda a sua vida. Tenho calos de vinte anos na lavoura, e qualquer centavo que recebi foi direto para o bolso do meu marido assim que ele me trancafiou aqui.

Grace desvencilhou a mão para descansá-la sobre o estômago, e a boca da sra. Clay se comprimiu.

– Você não é a primeira moça de sua classe e de cintura robusta que eu vejo aqui. Seja lá como foi que fizeram esse bebê em você, sua família vai querer você de volta assim que ele se for. Internalizar tudo nas suas entranhas não vai lhe favorecer em nada quando você cruzar estas paredes. Encontre algo fora para trazê-la de volta ao mundo, ou você pode acabar ficando aqui de vez.

Os olhos de Grace retornaram à janela. Uma leve chuva matinal começava a se infiltrar pelas camadas de sujeira, admitindo borrifos de cor dentro daquele lugar cinzento. A sra. Clay suspirou profundamente e pousou uma mão no ombro dela.

Por mais gentis que fossem, as palavras se perderam em Grace. Ela sabia que o bebê nasceria, e com sua saída se daria a reentrada no mundo que conhecera. Teria de volta o vestido de veludo vermelho no qual chegara. A carruagem de laca prata de seu pai a buscaria tarde da noite, as rodas a levariam de volta ao seu próprio quarto, à sua própria cama. Aos seus próprios terrores.

Ela já havia decidido nunca mais voltar.

– Um tratamento à água para você hoje? – perguntou a sra. Clay, conforme elas passeavam de braços dados pelos corredores, passando por cima de corpos inertes.

– Para você hoje? Para você hoje? – Pat Biruta mantinha-se caminhando ao lado delas, ecoando as palavras da amiga. Grace assentia enquanto a colega se achegava e puxava os seus cabelos loiros, que a sra. Clay prendera caprichosamente num coque usando um de seus grampos.

– Aí está a mocinha – retumbou a voz de Croomes pelo corredor pedregoso, conforme ela bamboleava na direção delas. – Acertando o compasso com a esposa do fazendeiro, que belo par de amigas elas formam. Estou certa de que vocês duas estão tramando um belo de um piquenique. Provavelmente depois vão dar um passeio em seus pôneis idênticos? Enquanto isso, o relógio que vale é o meu, e ele diz que você é a próxima no tratamento. – Croomes fez uma mesura zombeteira.

– Gostaria de lembrá-la de que não sou esposa de fazendeiro – disse a sra. Clay, com voz fria.

– Verdade? – perguntou Croomes.

– É – disse a sra. Clay. – Meu marido se divorciou de mim logo depois de me engaiolar aqui. Bastou uma palavra dele e a assinatura de um juiz, e eu já fui considerada demente. Minhas terras são dele, a irmã do juiz é sua esposa, e minhas crianças são dela, agora.

– Triste história, essa – disse Croomes.

– Eu não sou esposa de fazendeiro. Se me chamar assim de novo, terão um bom motivo para me pôr na solitária, e você terá um olho a menos.

Croomes observou a sra. Clay por um momento, sua mandíbula triturando seus dentes cerrados.

– Tenho uma bela lista de alcunhas para usar com você. Que tal experimentar algumas?

– Eu não sou esposa de fazendeiro – repetiu a sra. Clay.

– Está certo, então. Você está com uma ideia fixa aí, não é mesmo? – disse Croomes. Ela deu um empurrão no traseiro de Grace para afastá-la do caminho, e Grace notou que ela não deu as costas para a sra. Clay. Outro pequeno sorriso se insinuou na extremidade de seus lábios e ela o reprimiu rapidamente. Eram as pequenas batalhas que as conduziam pelos dias. Todas em preparação para as batalhas maiores que viriam.

Matar-se num asilo é algo fácil de se fazer.

Muitos que queriam permanecer vivos estavam morrendo por negligência, e aqueles que rezavam pela morte acordavam toda manhã sob os raios solares filtrados pelas janelas engorduradas. Grace pesou suas alternativas mais de uma vez: escorregar para baixo das águas enregelantes durante o tratamento enquanto a ajudante estivesse de costas, ou simplesmente deixar de comer.

Mas Grace se sentara ao lado de seu pai em muitos sermões e ouvira sobre os perigos do inferno e do enxofre escaldante que certamente a estariam esperando caso ela tirasse a própria vida. Ela duvidava que o inferno fosse quente e sulfuroso. Imaginava, em vez disso, que era confortável e cheirava como seu próprio quarto. Se o medo a impedisse de dar cabo de si, ela seria depositada asseadamente de volta naqueles lençóis, tão confinantes quanto qualquer grilhão. Um inferno etéreo ou o inferno em que já vivia eram as opções que tinha. Croomes torceu seu pulso, devolvendo seus pensamentos ao corpo no qual por ora ela estava presa.

– Ora, ora, como você caminha bonito – disse Croomes. – Nem um osso fora do lugar. Equilibrar um livro, que nada! Aposto que poderíamos pôr uma estante inteira sobre a sua cabeça, não poderíamos? Você lembra uma pintura de uma dessas revistas para moças, exceto por esse pedaço. – Croomes deu um piparote na barriga de grávida de Grace conforme elas contornavam a esquina até os banhos. – Isto não é nada apropriado para uma dama, não é?

Grace havia enterrado tão profundamente o seu ímpeto de falar

que a maioria das palavras nada significavam, mas a voz de Croomes sempre atravessava a segura neblina com que ela cobrira sua mente, exigindo ser ouvida. Recobrou sua determinação e foi até uma banheira já pela metade com água enregelante. A srta. Marie despejava baldes sobre outra paciente, mas se afastou para permitir que Grace tirasse sua bata.

Marie ofereceu-lhe uma mão enquanto ela passava por cima da borda de porcelana da banheira. Grace pegou-a, inclinando-se pesadamente sobre o braço da garota conforme ia se abaixando na água gelada. Embora tivesse deixado de emitir sons, não conseguiu impedir que seus dentes tiritassem.

– Está bem, ajude-a a entrar na banheira. Vamos ver se conseguimos encontrar alguns sabonetes perfumados enquanto isso – disse Croomes, cruzando os braços. – Claro, a Marie aqui gostaria de garantir que você enfrente tudo em segurança. Marie lhe contou que ela é quem vai levar seu bebê embora?

A cabeça de Grace estremeceu ante as palavras e seus olhos arregalados encontraram os de Marie, que corou e virou-se para sibilar para Croomes.

– Por que você precisa fazer isso? Não há necessidade de chatear a garota.

Croomes retirou do bolso um cigarro queimado pela metade, riscou um fósforo no tamborete e acendeu o que dele restava.

– Você vai verter água na cabeça dela ou serei eu?

– Eu vou – disse Marie, pegando o balde da outra banheira, onde a paciente descansava a cabeça de lado, com os lábios azuis. – Embora eu não saiba muito bem o porquê de fazermos isso.

– E onde está seu diploma, eu me pergunto? Heedson diz que é a temperatura alta no cérebro que faz elas enlouquecerem, então nós apagamos o fogo.

– Se é este o caso, esta garota aqui deveria estar falando normalmente, como eu ou você agora mesmo. Está fria como um morto.

Croomes soprou fumaça pelas narinas e observou Marie verter o primeiro balde sobre a cabeça de Grace. A água afrouxou o coque descorado, transformando-o em riscos escuros que se grudavam à

pele dela.

– Essa daí é tão fria quanto a água em que está mergulhada, que se infiltra em seus ossos e chega até sua alma. Não há nada de errado com seu cérebro. É o coração que não tem vida alguma.

Grace sentou-se, deixando a água entorpecer sua pele e a apatia entorpecer seus ouvidos, quando Croomes levantou-se de seu tamborete.

– Tenho que tomar conta de Pat Biruta. Ela nunca vem aos tratamentos sem que eu lhe dê um incentivo especial.

– Deixe que eu termino aqui – disse Marie enquanto Croomes passava caminhando pela banheira de Grace. – Não há por que se incomodar.

– Nenhum incômodo – disse Croomes, enterrando os dedos no coque de Grace e puxando o grampo que o mantinha no lugar, fazendo os cabelos soltos despencarem ombro abaixo. – Vou garantir que isto chegue ao seu devido proprietário – disse Croomes, levantando uma madeixa dos cabelos gotejantes de Grace e moendo seu cigarro na pálida extensão de seu pescoço.

Palavras fervilharam no estômago de Grace conforme ela se fechava na dor; seus dentes rangeram apertados para evitar responder à crueldade de Croomes com um grito. Marie engasgou, mas se deteve com uma mirada da mulher.

– Se alguém ouvir algo sobre isso, já saberei quem abriu a boca, não é?

O único calor que restava no corpo de Grace deslizou pelo seu rosto em forma de lágrimas, que Marie enxugou com seus dedos calejados assim que os passos de Croomes recuaram no corredor.

– Sinto muito por isso, senhorita, sinto muito mesmo. Na minha opinião, a maioria de vocês já tem problemas demais sem tipos como Croomes no seu encalço o tempo todo.

Marie caiu em silêncio, seu olhar alternando entre a porta e a outra garota inconsciente flutuando na água enregelante.

– Vou jogar somente mais um balde e deixar o resto, ninguém precisa saber. Ademais, um pouco de gelo pode fazer bem a essa queimadura.

A água glacial despencou sobre as feições de Grace mais uma

vez, e seus dedos gelados cavoucaram a carne rósea e chamuscada de seu pescoço, onde Croomes a havia queimado. O entorpecimento a tomou, uma carga pesada que se iniciou em suas pernas e moveu-se tronco acima. Ela descansou a cabeça na borda da banheira, e, ao fazê-lo, os músculos com câibra reclamaram.

Marie puxou um tamborete para perto de si e começou a correr os dedos pelos cabelos de Grace para desembaraçar as pontas molhadas.

– Você já faz um favor muito grande se mantendo limpa – disse ela. – Mas, sem uma escova, sei que deve ser difícil.

Grace sentiu um ligeiro relaxamento espalhar-se por seus ombros quando Marie penteou seus cabelos com os dedos.

– Sinto muito sobre aquilo também, senhorita – disse ela após um instante. – Não vi motivo para lhe contar que serei eu a levar embora o seu bebê. Croomes fez isso só para satisfazer a malvadeza dela.

“O meu Andrew... o meu marido, sabe... sempre quis um pequeno, e eu... bem, acredito que para mim nunca houve essa opção nas cartas. Minha mãe diz que nós não estamos casados há muito tempo, e que não se pode apressar a natureza, mas levo dentro de mim essa sensação que não consigo afastar. Como um vazio onde nada irá crescer. Eu tentei dizer isso à mamãe e ela disse que era melhor eu guardar para mim essa conversa se eu não quisesse acabar trancada num...”

Marie se deteve, e seus dedos pararam por um momento.

– Bem... Acho que não é segredo nenhum que algumas de vocês são tão sãs quanto eu, e talvez o contrário também seja verdade, às vezes.

Seus dedos retomaram o trabalho, deslizando livremente pelos cabelos de Grace.

– Por isso, quando você chegou aqui com essa barriga, tive uma conversa com Heedson e ficou decidido. Contei ao meu marido que nossas preces tinham sido atendidas, e que seria melhor ele dormir em outro aposento por enquanto apenas por precaução, e... Talvez seja uma coisa horrível, senhorita, mas estou estofando minhas saias para que minha cintura acompanhe a sua, e assim o farei até

que...

As palavras de Marie cessaram. Grace olhava para frente, não dando nenhuma indicação de que ouvira qualquer palavra.

– Ora, está bem – disse Marie. – Se você quiser me odiar por isso, você pode, a escolha é sua. Não posso afirmar que é a coisa certa a se fazer, mas prometo que darei ao seu bebê um bom lar, e que ele será amado como se tivesse saído de mim.

O entorpecimento havia se espalhado até as coxas e o diafragma de Grace, mas ela ainda podia sentir o chute dentro de si. Lentamente, estendeu os dedos enregelados, entrelaçando-os com os de Marie e afundando-os na água fria. Marie engasgou diante do choque. Em seguida, Grace envolveu a mão da enfermeira formando uma concha sobre sua barriga inchada para que ela pudesse sentir um chute tão forte que propagou ondulações às extremidades da banheira.

Elas ficaram com mãos unidas debaixo d'água. Seus dedos gelados protegiam aquela minúscula vida, suas lágrimas eram o único calor no cômodo.

 QUATRO

Quando Grace acordou de manhã, seu cabelo estava congelado no chão. Croomes retornara aos banhos e encontrara Marie penteando-o e não administrando as sessões. Grace fora então arrastada a seu quarto, e seu jantar foi constituído apenas de um pedaço de pão amanhecido jogado pela porta, antes de ser novamente fechada. Ela acabou caindo no sono, com seu cabelo ainda gotejante dependurando-se na borda da cama. As temperaturas da noite congelaram-no ali, e ela teve que desvencilhar-se dele durante a aurora, quebrando-o nas pontas.

Ela inspecionava a assimetria dos fios quando Croomes invadiu seu quarto.

– É uma vergonha completa – disse a enfermeira, esfregando o sapato sobre as pontas restantes, coladas nas pedras. – Você tem um jantar sofisticado hoje à noite e deixa boa parte do seu cabelo no chão.

Acostumada à provocação, Grace se manteve inexpressiva.

– Não, garota – prosseguiu Croomes. – Eu não vou encostar em você. Heedson me deu uma lista com as que ele considera ter “boas maneiras”, e tenho que deixá-la parecendo respeitável. Você ganhará um novo vestido e tudo o mais. Acho até que haverá prataria. Certifique-se de segurar o garfo direito, agora. E nada de pôr os cotovelos sobre a mesa. – Croomes riu da própria piada e deu um tapinha nas costas de Grace ao sair do recinto. – Você também, espo... – Croomes se deteve enquanto reformulava. – Você também, sra. Clay – completou. – Você já vem desfilando tempo o bastante para saber o procedimento. Só Deus sabe por que Heedson a considera respeitável, do jeito como você sai por aí soltando imprecações de fazer rebentar os olhos da gente temente a Deus.

– Se você teme a Deus, isso diz mais respeito às suas ações, não

às minhas – disse a sra. Clay.

Croomes bufou, seus passos retrocedendo no corredor. A sra. Clay surgiu à porta de Grace.

– Tentei surrupiar um naco para você ontem à noite, mas eles me vigiaram bem de perto – disse ela.

Ela levou a mão da garota ao côncavo de seu próprio cotovelo.

– O que será esse jantar? Consegue imaginar? – perguntou, sabendo muito bem que não conseguiria uma resposta. – Não vejo espaço algum para gentilezas neste lugar, mas vamos fazer uma cara boa e conferir, não vamos?

Havia prataria. Grace não estava preparada para saber o quanto uma mesa posta adequadamente a inibiria, e ficou parada na soleira por um momento antes de entrar. A sra. Clay deu-lhe um leve empurrão para fazê-la adentrar na sala de jantar, seguida por duas outras mulheres que não conhecia, com as faces cor de rosa devido a recentes esfregadas e coques molhados e puxados bem para trás em couros cabeludos limpos. Já sentados havia três pacientes homens, que se levantaram quando as mulheres entraram, embora um deles se tardasse ligeiramente atrás dos outros, desacostumado à tradição.

– Sr. Baltingham, sr. Crow – disse a sra. Clay simpaticamente, assentindo com a cabeça antes de sentar-se. Grace acompanhou sua deixa, baixando os olhos quando os homens olharam para ela e fitando o prato disposto à sua frente. Era pesado e estranho, nada parecido com a porcelana delicada que ela tinha em casa, mas que significava que haveria comida de verdade para consumir, e não apenas pão para apanhar e sair correndo.

– Desculpe-me, creio que ainda não nos conhecemos – disse a sra. Clay ao terceiro homem, que ruborizou diante da abordagem. – Parece-me que esta noite estamos autorizados a fingir que somos civilizados. Você poderia me dizer o seu nome?

– Moore, madame – disse ele.

– Muito prazer então, sr. Moore – disse ela. – Eu sou a sra. Clay e estas damas são a srta. Holstein, a sra. Ubry e... – Sua mão voou até o ombro de Grace num segundo. – Desculpe-me, não sei o nome

de nossa jovem amiga.

O som, a sílaba que a nomeava, palpitou na garganta de Grace por um segundo. Parou, contudo, a meio caminho, entalado como um naco da ceia da noite anterior.

Ouviram-se cumprimentos murmurados ao redor da mesa, e então o sr. Baltingham limpou a garganta.

– Do que isso se trata, afinal? Alguém sabe dizer?

– Creio que todos vocês serão usados como eu fui, brilhantes exemplos de... – principiou a sra. Clay, quando a porta da sala de jantar escancarou-se e o dr. Heedson adentrou, com um copo pela metade numa mão e um dos cozinheiros no seu encalço, carregando uma bandeja de presunto.

Heedson assumiu seu assento à cabeceira da mesa, à direita de Grace.

– Parece que estão todos aqui, então – disse ele.

O cozinheiro movimentou-se da sra. Clay até Grace para colocar a escudela repleta de presunto sobre a mesa, e o aroma encheu sua boca de saliva. Em sua barriga, o bebê despertou e chutou-a com força, seu minúsculo pezinho atingindo a borda da mesa.

– Já me encarreguei das apresentações, dr. Heedson – começou a sra. Clay.

– Mesmo assim, acho que arriscarei uma introdução minha – disse Heedson, desdobrando seu guardanapo sobre o colo antes de apontar alternadamente para os pacientes. – Moore aqui é sífilítico. Crow perseguiu a esposa com um forcado depois de flagrá-la no palheiro com seu irmão... o que, na minha opinião, dificilmente faz dele um louco. Baltingham é alcoólatra, Ubry é ninfomaníaca, Holstein insiste que seu sangue menstrual é feito de demônios, a sra. Clay é uma esposa abandonada, e esta aqui, a pequena Grace, é uma aristocrata de moral frouxa.

– Adeus à máscara da civilidade – murmurou o sr. Baltingham.

Os dedos da sra. Clay encontraram o pulso de Grace.

– Olá, Grace – disse ela, a voz calma e terna se fazendo ouvir debaixo dos sussurros dos outros pacientes. Um tímido sorriso arrebatou as feições pálidas da garota.

– Tudo que eu disse foi que minhas menstruações doem como o

diabo – disse a srta. Holstein, com o guardanapo bem retorcido nas mãos. – E por isso meu padrasto me levou a um juiz...

– E se estivéssemos cem anos atrás no tempo, você teria sido queimada na fogueira – disse Heedson, interrompendo-a, enquanto o cozinheiro trazia uma nova garrafa de vinho e a descansava diante dele. – Portanto, feche a matraca.

– E se por gentileza pudéssemos não falar de tais coisas à mesa... – acrescentou o sr. Baltingham.

– Que as mulheres menstruem não chega a ser algo chocante, suponho eu. Não estamos brigando por comida ou sendo chutados, por ora. Fico feliz de falarmos sobre isso – disse o sr. Moore.

Heedson continuou:

– Caso eu possa prosseguir... estou seguro de que o grupo aqui reunido é inteligente o bastante para entender o que pretendo esta noite.

Ele estalou os dedos e mais membros da cozinha surgiram, trazendo consigo comidas que os pacientes não viam ou cheiravam fazia um longo tempo. Feijões-verdes, batatas, molho de carne, pão quente e uma bandeja de manteiga de verdade foram dispostos à frente deles.

– Acima de tudo, quero que todos compreendam uma coisa – prosseguiu Heedson. – Não sou um homem mau. Sou um homem de capacidades limitadas numa situação desfavorável. Este hospital abriga centenas de pessoas, muitas além de qualquer esperança de recuperação. Velhos métodos como a sangria e a fome não são os meios para a cura, mas antes práticas para enfraquecer os pacientes e assim torná-los mais dóceis diante dos funcionários.

– Ora, um brinde àquele que não é, portanto, um homem mau – disse a sra. Ubry, levantando seu copo d'água numa saudação de escárnio.

– Este hospital é inadmissível – disse Heedson, como se ela não houvesse falado. – Muitos dos enjeitados de Boston vêm parar aqui; os desobedientes, os lerdos, os selvagens e os verdadeiramente insanos, todos dividindo o mesmo espaço. E eu sou o encarregado de garantir a paz.

– Podemos comer? – perguntou a srta. Holstein.

– Quando eu terminar de falar.
– Ele está nos propondo um acordo, mocinha – disse o sr. Moore.
– Ele quer alguma coisa de nós. E assim que concordarmos, poderemos comer o que nos for colocado diante dos olhos, embora nossas barrigas comecem a berrar mais alto que suas palavras dentro de um minuto ou dois.

– Conforme eu suspeitava – disse a sra. Clay.

Heedson arrematou seu vinho, inclinando-se sobre Grace na direção da sra. Clay. Grace retraiu-se para longe do ombro e dos vapores que emanavam da boca dele.

– Preciso de algo simples. A sra. Clay e o grupo que temos aqui são os mais sãos de que disponho. Vocês são os mais limpos. Vocês falam razoavelmente bem e sabem argumentar.

– Afora a Grace aqui – estridulou a sra. Ubry. – Ela não fala nada.

Heedson virou-se para olhar para Grace, o seu cotovelo tocando o dela. Ela o recolheu rapidamente, arrepiada no ponto onde ele a tocara. O matiz vítreo dos olhos dele era familiar demais, e ela recostou-se na cadeira conforme ele falava. A doçura do hálito de vinho sufocava-a enquanto ele acompanhava seus movimentos.

– Ah, mas nossa Grace é uma bela visão. Não concordam, cavalheiros?

Heedson levantou-se um pouco vacilante de sua cadeira, correndo a mão pelo braço de Grace conforme passava atrás dela.

– É verdade, ela não fala, mas quando os membros do Conselho vierem inspecionar este lugar, vocês lhes dirão o que eles querem ouvir, cada um de vocês com suas histórias tristes sobre suas vidas e sobre como encontraram refúgio aqui. Encontraram uma nova família, um lar, quando pensavam que haviam perdido qualquer coisa do tipo.

As mãos de Grace estavam sobre o colo, beliscando uma à outra em seu empenho para manter-se quieta enquanto a mão de Heedson subia pelo seu braço até o pescoço, roçando o polegar na queimadura que Croomes havia lhe causado. Parando. Tocando-a de novo, desta vez com a mais ligeira pressão.

– Grace não irá contar sua história, mas ela mal precisaria fazê-lo, não é? Está manifesta bem aqui na amplidão de seus olhos, na

inocência de suas expressões e na proeminência de sua barriga. – Suas mãos em concha tocaram ambos os lados do pescoço dela, e a respiração de Grace saiu em arfadas curtas. Até mesmo aquele tantinho de ar entre eles recendia a vinho e a sua água-de-colônia.

– Dr. Heedson – disse a sra. Clay –, acho que você faria bem em tirar as mãos da garota.

– Ela inspira proteção, não inspira? – Heedson guinou para a direção da sra. Clay, perdendo ligeiramente o equilíbrio e apoiando-se com uma mão contra a mesa. – O Conselho dará uma olhada nela e dirá: “O que o mundo deve fazer com pobres passarinhos como esse? Certamente ela estará melhor aqui do que nas ruas”.

A mão que ainda cobria a queimadura comprimiu-se e Heedson inclinou-se contra as costas de Grace, empurrando-a com a barriga.

– Mas houve alguém que soube muito bem o que fazer com você, não é, meu canarinho? – sussurrou Heedson no ouvido dela.

O cheiro dele, a masculinidade a cercá-la, as palavras embebidas em vinho entravam pelo ouvido de Grace e jorravam dentro dela, preenchendo o oco da personalidade que ela treinara para ser apenas uma concha, uma portadora da vida que carregava dentro de si. O pavor preencheu o abismo que ali habitava, e cada palavra, cada enunciação, cada vez que ela suprimiu o próprio nome ou reprimiu um grito de dor voltaram transbordando num incoerente chiado enquanto ela apanhava o garfo e o enfiava entre o polegar e o indicador da mão dele, atravessando-o até a mesa logo abaixo.

Grace esperava sangue, mas não houve uma só gota. Fosse qual fosse a palavra que pretendia emitir, ela arranhara o interior de sua garganta, e o ar que aspirava queimava feito fogo, deixando chamas rastejantes para trás. Ela contou duas aspirações arrastadas antes que Heedson começasse a gritar. Os outros se afastaram da mesa. A sra. Ubry passou por cima da cadeira e entornou o copo d'água. Holstein desfizera o coque e estava envolvendo o cabelo ao redor do rosto, num esforço para esconder-se. Imóvel de pavor, Grace pôde apenas encarar Heedson ao arrancar o garfo de sua mão empalada, de cujos dedos o sangue finalmente começou a verter.

A sra. Clay estava ao lado dela, instando-a de sua cadeira ao mesmo tempo que mantinha um olho atento em Heedson.

– Grace... meu Deus... – dizia ela, o nome ainda pouco familiar em sua boca. – Venha comigo, você está em choque.

A sra. Clay tomou-a pelo cotovelo quando, com o dorso da mão, Heedson estapeou Grace com força o suficiente para mandar as duas mulheres ao chão, formando uma pilha de saias. A barriga foi a primeira a ser atingida, e Grace berrou quando o impacto fluiu pelo seu corpo, o bebê chutando em um débil protesto.

– Sua putinha... – Heedson arremeteu contra ela, colocando-a de pé. Mais dois golpes treinados fizeram sua cabeça ricochetear para trás e para frente. O sangue dele salpicou suas bochechas, e as mãos dela ainda agarravam a barriga protetoramente.

O sr. Baltingham agarrou Grace por trás, afastando-a do alcance de Heedson, enquanto a sra. Clay envolvia os joelhos do doutor com seus braços para impedi-lo de avançar. Croomes irrompeu do corredor, derrapando até parar diante daquela visão.

– Por Cristo! O que aconteceu aqui?

Heedson puxou um guardanapo da mesa e o envolveu em sua

mão.

– O que aconteceu aqui foi Grace, sra. Croomes. Parece-me que cometi um erro ao colocá-la na lista dos que eu considerava razoavelmente sãos.

– Ou dois erros, talvez... – acrescentou o sr. Crow, enchendo seu prato tranquilamente e gesticulando para o lugar onde Holstein jazia, com o rosto envolto pelo próprio cabelo.

Marie apareceu por trás de Croomes, vermelha e sem fôlego.

– Ouvi o alvoroço... – principiou ela, e então viu a mesa borrifada de sangue. – O que diabos...?

– A Senhorita Pompa e Circustância furou Heedson – disse Croomes.

– Isso é um absurdo – contestou Marie. – Ela não tem um fio de cabelo de violência em seu...

A recém-encontrada voz de Grace rebentou de novo, selvagem e inarticulada, enquanto ela coiceava nos braços de Baltingham. Embora ele apenas pretendesse estabilizá-la, não afrouxara o controle, e ela lutava. Então ele a deixou ir e ela deslizou até o chão, envolvendo a barriga com os braços.

– Levantem-na – disse Heedson, apertando as pontas do guardanapo numa atadura improvisada. – Croomes, Marie, levem essa garota até a lavanderia e prendam-na com lençóis. Ela representa perigo para si mesma e para os outros.

– Dr. Heedson, por favor – disse a sra. Clay, caindo numa cadeira. – Mande-a à enfermaria. Ela sofreu uma queda, e na condição dela...

– Ela foi um tanto esmurrada no rosto, também – acrescentou o sr. Crow com a boca cheia de presunto. – Embora isso não tenha tido muito a ver com a queda.

– Sou eu quem precisa de um médico! – gritou Heedson, brandindo a mão. – Ela é insana. Será tratada como tal. Croomes! – Ele estalou os dedos e a enfermeira ficou contente em obedecer, tirando um dos braços de Grace de sua barriga enquanto Marie lutava com o outro.

Grace gemeu, não sendo mais capaz de guardar sons dentro de si agora que a dor preenchia seu âmago e empurrava tudo para fora. Croomes dobrou-lhe o braço de uma forma estranha até o cotovelo

e forçou-a a ficar de pé. Marie estava do outro lado, apertando-a firme mas não rudemente, o suficiente para que não escapasse.

– Grace... – disse a sra. Clay, espanando a saia da garota com os dedos à medida que a encaminhavam para fora da sala.

– Eu sabia que havia algo de violento em você – disse Croomes conforme impelia Grace à lavanderia. Seus pés lhe faltaram sobre o chão quando outra onda de dor varreu seu tronco. – Não adianta lutar, mocinha. Você agiu mal e irá pagar por isso.

Croomes intimou a moça que trabalhava na prensa de roupas:

– Você. Precisamos de uns panos para prender.

A garota sacudiu a cabeça automaticamente.

– Vai querê-los quentes ou frios, madame?

– Ah, acho que essa iguaria aqui é um pratinho quente, então por que não tratar semelhante com semelhante? Vejo que você tem uns panos fresquinhos saídos da prensa a vapor. Vamos fazer bom uso deles.

Os olhos da garota se arregalaram.

– Oh, não, madame. Esses acabaram de passar pela máquina, estão quentes demais ao toque, que dirá para envolver todo um corpo nele.

– Bobagem – retrucou Croomes. – Afinal, é ou não é um castigo?

– Ela arrancou o lençol da máquina, e foi incapaz de segurá-lo por mais de um segundo antes de soltá-lo. – Vai servir muito bem. Dê-me um par de luvas, garota. Marie, tire a roupa da paciente e segure seus braços. Imagino que ela irá chutar um monte assim que eu começar o serviço.

O novo vestido de Grace foi-lhe arrancado por cima de sua cabeça, as roupas íntimas que lhe haviam permitido usar nesta noite foram-lhe puxadas grosseiramente. Suas mãos serpentearam em busca delas no ar, porque ainda se apegava às convenções. Em vez disso, encontraram as de Marie a meia altura.

– Sinto muito, garota. Sinto, de verdade. Mas tenho obrigações, e esse é o meu trabalho.

Então os pulsos de Grace foram imobilizados acima de sua cabeça no chão frio, e um embrulho de calor cingiu-lhe os pés.

Ela chutou instintivamente; seu calcanhar fisgou o lençol e o fez

rodopiar sobre o rosto de Croomes antes que ela pudesse reagir. A enfermeira pegou seus pés e girou seu tornozelo para dentro até Grace se aquietar. O embrulho teve início.

Croomes não lhe poupou um só centímetro. Suas mãos versadas ataram as pernas de Grace com tanta firmeza que as rótulas de seus joelhos se enterravam uma na outra enquanto o calor as pressionava. Vapor subia do lençol à medida que Croomes trabalhava, cobrindo Grace até a barriga antes de pedir outro lençol quente saído da máquina.

Suor brotava de todos os poros, escorrendo rosto abaixo conforme seu corpo tentava desesperadamente verter calor por onde quer que conseguisse. Um lençol novo, ainda mais quente que o anterior, cobriu sua barriga e foi puxado com uma força impiedosa contra a pele vermelha. Marie moveu seus braços para os lados e também eles estavam presos às suas costelas. Croomes seguiu para o seu pescoço, envolvendo o cabelo de Grace, agora molhado de suor, com o lençol. Dedos trabalharam entre as dobras perto de sua boca, fazendo uma abertura para que ela pudesse respirar.

– Você se meteu em grandes apuros, senhorita – disse Croomes.
– Até agora você recebeu um tratamento melhor que a maioria, mas furar dr. Heedson pode ter despertado a fúria dele.

Os lampiões a gás extinguiram-se um a um; os pálidos halos de luz desapareceram de seus olhos amortalhados à medida que as vozes das mulheres diminuía. A escuridão era completa quando lhe veio a primeira contração. O choque que sentiu empurrou para fora de seus lábios a primeira palavra que ela emitia em um longo período à medida que a excruciante onda encrespava-lhe por dentro.

– Não.

Eu vou morrer.

Por muito tempo ela negara a linguagem, inutilizando não apenas sua língua mas também sua mente, de modo que os pensamentos não pudessem tomar forma. Sua vida se tornara uma neblina, uma neblina que em breve teria fim se ela encontrasse uma maneira. Contudo, enquanto ela se contorcia à beira da verdadeira loucura, seu cérebro rejeitava a segurança que ela construía para si, remendando uma frase para forçá-la a entrar novamente em ação.

Eu vou morrer.

A voz de seu próprio pensamento era estranhamente familiar, como ver um velho amigo na rua após uma separação. Grace aquietou-se, ouvindo sua consciência, e viu-se lutando contra a conclusão à qual chegara.

Eu vou morrer, e meu bebê morrerá comigo.

Agoniada, Grace gritou contra o destino e a futilidade, contra a vida que ela deveria ter vivido e a vida à qual fora entregue. Seus gritos ecoaram pelos corredores escuros, e se dissiparam antes de alcançar os ouvidos de qualquer pessoa.

Quando lhe arrancaram os lençóis, o choque do ar gelado foi quase doloroso. Grace ouviu a sra. Clay dizer seu nome, mas só conseguiu gemer. Suas mãos caíram do lado do corpo e seus dedos foram instintivamente até sua barriga, escavando a pele flácida que pendia ali.

– Grace – disse a sra. Clay –, pode me ouvir?

Ela assentiu, com as pontas dos dedos ainda enterradas profundamente na barriga maleável.

– B-b... – Ela tentou falar, mas a palavra que ela mais precisava não saía.

A sra. Clay pôs as mãos nas suas.

– Perdemos o bebê, querida, sinto muito. Ouça-me... ouça! – disse ela, apertando os dedos de Grace enquanto a boca da garota contorcia-se num grito mudo. – Heedson precisa se assegurar de que você vai ficar bem depois de perder o bebê. Nas fazendas eu já vi algumas mulheres adoecerem depois, e posso lhe dizer que você não vai querer acabar como elas.

Grace assentiu novamente com dificuldade, as pupilas dilatadas fixadas firmemente na sra. Clay.

– Eu...

– Você está se saindo muito bem, querida – encorajou-a a sra. Clay, enxugando o suor frio de sua testa. – É adorável ouvir sua voz. Continue tentando. Você o quê?

Heedson invadiu a cela, arregaçando as mangas da camisa até o cotovelo. Grace rugiu, e a palavra que ela a muito custo estava tentando articular, fosse qual fosse, sumiu inteiramente quando ela embolou os lençóis numa pilha para cobrir sua nudez.

– Me poupe, garota – disse ele. – Meu único interesse em você agora é providenciar que não morra durante a minha direção. Seu

pai iria pedir minha cabeça.

– Uma boa ideia – disse a sra. Clay por entre dentes cerrados. – Depois de tudo o que ela passou sob os seus cuidados.

Croomes e Marie marcharam atrás dele quarto adentro. Os olhos de Marie estavam inchados de tanto chorar, e ela os enxugou com o avental, preparando os instrumentos na mesa próxima à cama, batendo as pontas de metal umas nas outras.

– O quê... – Os olhos apavorados de Grace dispararam na direção do ruído.

– Ah, agora está falando, é? – perguntou Croomes. Ela puxou os pulsos de Grace acima de sua cabeça e segurou seus braços com um aperto de mão carnudo. – É melhor que fique sentada quietinha enquanto o doutor cuida do seu bem-estar. Eu estou feliz de pôr você de volta debaixo dos lençóis.

A sra. Clay ninou o rosto de Grace em suas mãos.

– Ouça-me, Grace. Isto precisa acontecer. Você pode morrer se não receber os cuidados adequados.

– Basta – disse Heedson. – Grace, quanto menos você se revirar, mais rápido eu termino – disse ele, levando uma mão entre seus joelhos. Ela escoiceou instintivamente, fazendo o lençol ondear com os chutes. Marie ganiu e escorregou para o lado, mandando ao chão a bandeja de instrumentos, fazendo os metais tinirem. Croomes apertou os pulsos de Grace; suas mãos formigaram e seus nervos zuniram, mas ela não parou de lutar. Seus pés besuntados de sangue recortaram o ar, atingindo as mãos do doutor e golpeando a sra. Clay de lado.

– Maldição! – berrou Heedson. – Faça à sua maneira então, idiota. Solte-a, Croomes. Deixe-a apodrecer pelo avesso, se é isso que ela quer.

No segundo em que seus pulsos foram liberados, Grace arremeteu contra o doutor. A humilhação abastecia-a além das raias da energia. Ela mergulhou no chão em busca de um instrumento metálico e brandiu-o ao longo do rosto dele, descrevendo um arco perverso, enviando os óculos pelos ares.

Logo depois Croomes já estava sobre ela, derrubando-a no chão e apertando seu rosto contra a rocha fria, como se estivesse fazendo

farinha a partir de suas bochechas. A sra. Clay pôs-se de joelhos, abrindo caminho até Grace por sobre os instrumentos espalhados.

– Grace... – sussurrou ela. – O que foi que você fez?

– O que foi que ela fez? – disse Heedson, a voz crescendo sobre as mulheres amontoadas no chão. – Ela garantiu um lugar no porão.

– Oooh. – Croomes inclinou-se para tripudiar no ouvido de Grace.

– Isso será uma regalia. Não é exatamente uma excursão à Europa, mas, de todo o modo, é uma vista que você ainda não viu.

– Dr. Heedson, por favor. – A sra. Clay colocou-se de pé. – No estado em que ela se encontra... isso a mataria.

Heedson enxugou o sangue da bochecha, tocando o lábio inferior inchado.

– O Conselho vem fazer uma inspeção amanhã, sra. Clay. Fui atacado por uma paciente louca, que recebeu todas as chances para mostrar que poderia se comportar melhor. Uma só olhadela nesse fiapo exaurido e sanguinolento de menina, e eles irão confiscar minha licença. Ela vai se juntar aos piores lá no porão, aonde o Conselho não descerá procurando pacientes.

Grace jazia estatelada no chão; todo o seu fogo havia se extinguido naquele ataque. Croomes não se preocupou em ajudá-la a se levantar, e simplesmente a arrastou até o corredor. Grace observou impassível enquanto seus dedões sangravam e o som da lamúria da sra. Clay se dissipava na escuridão.

– Ninguém vai cuidar do bem-estar das pessoas num lugar onde não há pessoas capazes de viver – disse Croomes quando chegaram à porta do porão. – Você selou o seu destino. Agora, ele não está se importando com seu pai, seja ele quem for.

A porta escancarou-se com um rangido, e sua sombra negra pairou sobre Grace. Ela era um abismo, seu bebê desaparecera, sua vingança se deflagrara. Croomes a levaria até as sombras, e elas combinariam com suas entranhas. Grace se fundiria nelas até reduzir-se a nada.

– Tchauzinho então, moça pretensiosa – disse Croomes. Ela agarrou de novo os pulsos de Grace, e as duas adentraram o negrume.

Havia uma voz na escuridão. Ela deslizou pelas sombras até encontrá-la.

– Levante, amor. Levante-se ou as chuvas irão matá-la.

Grace abriu a boca e a água gelada derramou-se nela. Deslizava sobre sua língua ressequida, deixando em seu rastro um gosto pedregoso. Ela engasgou, a convulsão impulsionou-a a se sentar e ela batalhou por ar. A água formou uma poça ao seu redor.

– Bem, já é alguma coisa – continuou a voz. – Não foram poucos os inconscientes que ouvi se afogarem devagar, sem sequer saber que estavam morrendo. As chuvas escorrem pelas paredes e o ceifador as acompanha em silêncio.

As mãos de Grace afundaram no chão; a lama se espalhava entre seus dedos conforme ela se arrastava rente às paredes de pedra molhadas e sua respiração apavorada chiava no breu.

– Está tudo bem, está tudo bem – disse novamente aquela voz, baixa e suave. – Não vou machucá-la. Mesmo que eu quisesse, há barras entre nós, amor, e há mais que isso. Minha consciência é mais forte que elas, e você traz no corpo o cheiro de carne jovem.

Na escuridão, ela somente conseguia distinguir que a voz dele vinha da direita. Afastou-se, escavando aquela imundície com os pés para ganhar impulso.

– Shhhh, shhhh – prosseguiu seu colega prisioneiro. – Não se indisponha. Se perder o fôlego, provavelmente cairá de novo no molhado. Acalme-se. Sente-se quieta e deixe-me aprender com o ar que você trouxe consigo.

Trêmula e suja de lama, Grace encontrou o canto de sua cela. Encolheu-se ali até que suas escápulas se enterrassem na rocha, ouvindo uma grande inalação vinda da direção do colega, e em seguida, silêncio. Segundos depois, ouviu uma exalação, e mais uma

aspiração audível.

– Agora sim. – A voz dele alcançou-a de novo, transpondo o negror, fazendo-a levantar a cabeça afundada no peito de tanto cansaço. – Sua história traz acontecimentos que ocorrem com mais frequência do que se costuma admitir. Relatos como os seus pertencem às trevas, não é? Não podem ser vistos ou ouvidos. Mas eu posso farejá-los rapidamente como o diabo.

“Você traz em si um cheiro de homem, desbotado ainda que presente, um aroma ainda forte o bastante para concluir que ele combina com o seu, semelhante com semelhante. Sangue fresco... creio que até você consegue farejar isso, o sabor ferroso no fundo da garganta... mas eu sei dizer de onde ele veio, e qual o dano que ele lhe causou. E o bebê...”

Outra fungada, desta vez leve e delicada.

– ...desapareceu na escuridão definitiva. Desculpe, amor.

O ar entalou em seu peito e Grace forçou-o para fora, inspirando outra vez para manter-se ativa. Cruzou os braços na barriga vazia, falhando em seu dever; nada havia para proteger. Um soluço ficou preso em sua garganta, alojando-se a meio caminho até sair para o ar úmido.

– Em você há sangue de um outro. Consigo sentir o cheiro do salpico de sangue de uma ou duas pessoas, além do seu próprio. Você não foi jogada aqui embaixo sem antes lutar, não é? E quem foi o seu carrasco? – Ouviu-se uma inalação, desta vez vinda do fundo do seu âmago, como se seus pulmões digerissem o ar.

– Ahhhh... Heedson, você é asqueroso.

Grace descansou a cabeça contra a parede de pedra, deixando os dedos gelados da rocha afagarem sua têmpora conforme as palavras fluíam até ela, tragando-a para uma calma profunda.

– E há ainda sua voz, amor. É delicada e fria, escondida embaixo de todo o resto. Posso senti-la como o seixo de rio que ela é. Suave e polida, reduziu-se a nada... está emperrada em alguma outra coisa... algo quente. Há um quê de enxofre em você, há sim. E isto está levantando a fumaça que prendeu sua voz.

“E a fumaça e o...”, outra fungada. “E o suor. Sua ira transpirou. Transbordou e abriu todos os seus poros e eu consigo sentir aquele

delicado sabonete de lavanda que você costumava usar, embora eu imagine que já faz muito tempo desde que o usou.

“Que tamanho choque você viveu! Arrancada daquele mundo e trazida para este. Você costumava andar no sol, perfumada, derramando-se em risos, e agora tudo é sangue e trevas. Sua garganta está tão obstruída que a própria respiração a faz sufocar.”

A verdade de suas palavras envolveu Grace e ela arfou em busca de ar, deixando-o sair num ímpeto profundo, como se estivesse soltando a fumaça que ele mencionara e libertando a própria voz.

– Isso mesmo, continue. Deixe o ar entrar e sair. Seus pulmões conhecem o procedimento, conhecem-no bem o bastante para fazê-lo involuntariamente, e é provável que não o interrompessem mesmo que você quisesse. Você está viva, garota. E já faz um bom tempo desde que não tenho uma pessoa interessante comigo na escuridão. Você vai sobreviver, pois Falsteed não é de permitir que morram aqueles que trazem em si o enxofre, não enquanto ele estiver por perto. Não, eu não.

Ouviu-se o raspar de madeira contra pedra e algo cutucou o pé dela na sujeira.

– Agarre a ponta disso, e siga pela parede até o canto. Há um pedaço de rocha que aponta para fora, o suficiente para apoiar a tábua. A outra ponta eu apoiarei nos meus joelhos e conterei o seu peso por minha conta, por essa noite. Você precisa sair da imundície, ao menos suas partes baixas. Aqui há barro e sujeira até os tornozelos em toda a parte. O último camarada que viveu nessa cela não era nem um pouco afeito ao uso do balde. Não é só em lama que você está chafurdando.

Em seu entorno, Grace buscou a tábua que lhe cutucava os artelhos e encontrou facilmente a crista na parede. Sentiu a outra ponta ser erguida junto com ela conforme ela a colocava no lugar. A chuva pingava sobre seus dedos. Suas mãos se desprenderam ante o doce aroma do ar exterior, levemente maculado pelas paredes do porão. Ela pressionou as mãos contra o rosto; a água da chuva resfriou seus olhos inchados.

Sentou-se no banco improvisado e sentiu-o ser fixado na ponta de Falsteed, conforme ele se ajustava para aguentar o peso dela sobre

seus joelhos. Grace se encolheu em sua fria escuridão, apoiando-se na parede e sentindo a chuva infiltrar-se nas pedras. Suas pálpebras tombaram e ela sentiu a mandíbula cair indolente logo antes de o sono levar a noite para dentro de sua mente.

Enquanto se acomodava em seu domínio, ela ouviu a voz de Falsteed mais uma vez.

– Criança querida, você ao menos conhece o tamanho da fúria que há dentro de você?

Se seus olhos estavam abertos ou fechados, ela não saberia dizer. O sono e a realidade fundiram-se até que ela viu uma faixa de luz na escuridão, uma cascata de cabelos loiros que escoavam por uma fronha de linho branco até um par de olhos azul-claros. A memória de Grace fornecia todos os detalhes; ela via até mesmo o padrão dos vasos capilares estourados no branco dos olhos de sua irmãzinha, vermelhos de tanto chorar.

– Alice... – disse Grace, deixando escapar o nome através da fissura entre seus dentes. – Alice... você não pode estar aqui. Você não pertence à escuridão.

Sua irmã sorriu, e seus dentes perolados de criança brilharam em contraste com o rosa de seus lábios. Mas foi a voz de barítono de Falsteed que saiu de sua boca, carregando consigo um redemoinho de negror que trouxe Grace à consciência.

– Acorde, amor. Reed lhe trouxe roupas limpas. Heedson pensa que Reed é nosso carcereiro, e embora ele receba contracheques do asilo, eu lhe dei algo a mais que dinheiro no passado. Você pode confiar nele.

Um tremeluzir levou-a a cobrir os olhos, perdendo o anonimato das trevas.

– Está tudo bem, garota. – Uma voz desconhecida soou de trás da lanterna. – Não vim para vigiar você. Pegue essas roupas, e jogue as outras fora assim que estiver decente.

Grace hesitantemente esticou as pernas, afundando os pés até os tornozelos na imundície até encontrar o assoalho de pedra. Ela ouviu Falsteed se mexer na cela contígua quando saiu da tábua, ambos os joelhos estalando audivelmente. Uma mão acenou para ela atrás da lanterna, e ela se aproximou desconfiada, ainda tentando aparar a luz com os olhos.

– Venha cá, e depois volte às sombras para se trocar.

Os dedos de Grace se fecharam em volta da roupa; a secura do tecido arrancou-lhe um suspiro quando ela o tocou. De volta à escuridão de seu recanto, ela deixou o vestido imundo desabar no chão, chafurdando numa pilha aos seus pés. O vestido limpo caiu sobre seus ombros, ajustando-se estranhamente ao redor da nova lassidão de sua barriga vazia da vida que ela não conheceu.

– Avance dentro da luz do Reed, amor – ordenou Falsteed, de sua cela. – Deixe-me ver sua cor.

Grace assim o fez, embora Falsteed permanecesse anônimo no escuro; a luz tremeluzia através das barras de ferro que os separavam.

– Ora, nada mal – grunhiu ele. – Você não está com febre. Reed, leve embora essas roupas imundas e volte com um tamborete, se é que você consegue surrupiar um. Também acho que um bocado de comida não irá fazer mal à garota.

– Grace – disse ela, o seu próprio nome borbulhando de dentro de sua boca até sair para os fracos raios de luz que Reed projetava. Ela falou na direção de Falsteed, alongando a voz até ele para preencher a distância. – Eu me chamo Grace.

– Oi, Grace – disse Falsteed, com um evidente sorriso na entonação de suas palavras. – Seja bem-vinda ao meu asilo.

O silêncio pairou no ar enquanto ela reafirmava o domínio sobre sua voz, aquele “seixo suavemente polido” de que ele falara. Ela o encontrou; as palavras se atropelavam grosseiramente conforme subiam arranhando sua garganta.

– Seu asilo?

– Sim, amor. Você irá descobrir que o nosso Reed me mantém bem informado das idas e vindas que ocorrem acima de nossas cabeças, dos casos que acontecem na luz. Enquanto isso, eu manejo meus fiozinhos tal qual uma aranha astuciosa e aguardo que as vibrações voltem e me permitam saber o que está acontecendo. E por falar no que está acontecendo, Reed, como vai o convalescente na ala masculina?

– Até o momento, não houve nada além de um bater de pálpebras, senhor.

– E não houve nenhuma queda, nenhum dano à cabeça?
– Não que alguém saiba.
– Da próxima vez que tiver uma oportunidade, traga-me um chumaço dos cabelos dele. Darei uma farejada. Se algo estiver errado dentro de seu crânio, o chumaço irá me dizer.

– Sim, senhor. E eu lhe trouxe a fronha da recém-admitida, uma garota que alega que há aranhas em sua corrente sanguínea.

– Passe-me, então. – A mão de Falsteed surgiu entre as barras e Reed entregou-lhe a roupa de cama branca, mostrando brevemente suas feições na luz. Ele não era muito mais velho que Grace, mas seu rosto já estava marcado pelo peso da vida. O som de Falsteed respirando profundamente preencheu o ar e Grace pôs-se a ouvir atentamente suas recomendações, intrigada após vê-lo intuir tantas coisas a partir dos aromas dela.

A roupa de cama ondeou de volta através do escuro, aterrissando ordenadamente nas mãos expectantes de Reed.

– O que acha, dr. Falsteed? Há alguma esperança para ela?

– Essa está perdida. Ela não apenas alega ter as veias cheias de aranhas, mas realmente acredita nisso. E uma vez convencidos de algo, não importa quão ridículo seja, isso se torna um fato para nós. Se a cortássemos, ela veria criaturas de oito patas transbordarem em vez de uma maré vermelha. E quem somos nós se estamos todos apenas concordando com a mesma percepção, dizendo que é sangue o que corre dentro de nós, e não aracnídeos?

– Temo não ter entendido, senhor.

– Você acredita em Deus, Reed?

– Sim, eu acredito. E em nosso senhor e salvador Jesus Cristo.

– Conforme eu disse, você está convencido. Portanto, isto é um fato. Quando, na realidade, eu é que sou o seu salvador, aquele que afastou a abominação de você e lhe deu a vida de volta, para que você possa viver, amar e fazer filhos, não é verdade?

Na parca luz da lanterna, Grace pôde ver os músculos da bochecha de Reed saltando quando seus dentes se apertaram.

– Sim, senhor, você salvou minha vida, estou de acordo. Contudo, você não é o filho de Deus.

– A não ser que eu acreditasse ser ele, e assim eu o seria. Para

mim, ao menos.

– Não estou certo do que o senhor quer ouvir de mim.

– Quero ouvir você dizer que irá trazer um tamborete para Grace, e tomar o seu rumo. Eu já o sobrecarreguei demais por hoje. E quando você mandar vir o dr. Thornhollow, peça que ele faça uma visita para passar o tempo comigo enquanto executa aquele serviço sangrento.

– O dr. Thornhollow, senhor? O cirurgião de Mayfaire?

– Sim, Reed. É chegada a hora novamente. A vinda de Grace me diz que o Conselho está a caminho. Temos uma nova paciente cujos gritos cheiram a delírio, e a julgar pelo aroma do sangue de Heedson, ele está à beira do pânico. Ele vai chamar Thornhollow. Vai chamar quem maneja a faca.

A garota com aranhas no sangue chegou no porão como um furacão; seus gritos romperam o silêncio amistoso que Falsteed e Grace haviam estabelecido. Em seu próprio pânico, Grace moveu para perto da cela de Falsteed o baixo tamborete de ordenhar vacas que Reed lhe trouxera dos estábulos, tateando em busca da mão dele na escuridão. As barras de ferro geladas pressionaram-lhe o ombro, e ela estava prestes a chamar por ele quando sentiu as mãos secas e quentes se fechando nas suas.

– Precisando de um pouco de apoio dos seus, amor? – Sua voz estava bem perto do seu ouvido, mas ela não se intimidou nem se afastou.

– Você se considera seu?

Ele soltou uma risadinha, um som de verdadeiro júbilo que ecoou baixinho sob os gritos estridentes da menina-aranha.

– Eu me considero. Eu a rotularia da mesma maneira, apesar de sentir que você negaria.

A mão dela pulsou dentro da sua, e ele, por sua vez, apertou-a.

– Tenho algum direito de alegar sanidade? – perguntou ela, com uma voz ainda rouca devido ao desuso. – Fui amaldiçoada com uma perfeita lembrança de tudo, e vi coisas que ninguém deveria ver, nem sequer uma vez. Vê-las de novo e de novo, de olhos abertos ou fechados, faria qualquer um ficar completamente louco.

– Talvez – disse Falsteed. – Mas eu a farejei, cheirei a injustiça de tudo o que mãos familiares e desconhecidas fizeram com você. Você escolheu parar de aceitar um mundo que a tratou de maneira abominável. O que pode ser mais seu do que isso?

Grace permaneceu quieta, sentada na escuridão, permitindo que os gritos da menina-aranha vindos da cela oposta à sua tomassem seu corpo. A verdade das palavras de Falsteed a tocaram fundo.

Então sua voz fluiu de novo, mais facilmente agora devido ao exercício.

– E você? É um homem bom, porém está aqui nas trevas comigo.

– Sanidade e bondade são coisas diferentes. Sim, eu sou são. Mas de que isso me vale, se posso sentir o cheiro da doença alheia? Os sabores dos sentimentos dos outros, abundante em minhas narinas? Foi uma dádiva para o meu exercício da medicina, é claro, mas eu tenho outras tendências que você precisa conhecer. Não, no fim... eu não sou um homem bom.

“Mas isso não se trata deste lugar nem da escuridão. Essa escuridão em particular, essa da qual somos cidadãos. Estamos aqui porque somos as pessoas mais sãs desta instituição, então eles nos meteram aqui embaixo para servirmos de pilar, dando sustentação para os devaneios de suas próprias mentes. Eles nos chamam de insanos, depois alimentam suas próprias insanidades em nossa carne, pois por ora somos menos que humanos. Heedson e Croomes são típicos exemplos da maioria do mundo, amor. Eles empurram sua discreta loucura em nós, seu poder e sua dor, e nós nos apegamos às nossas verdades aqui na escuridão.”

Grace considerou aquelas palavras; sua mão pequenina e fria ainda repousava dentro da mão quente de Falsteed. Ela ouviu a respiração dele em seu ouvido, mas não deu importância à proximidade ou à insinuação de ardor que emanava dele enquanto os corpos de ambos reuniam recursos contra o frio.

– Quem é esse dr. Thornhollow de quem você falou? – perguntou ela.

– Ele? É o mais são de todos nós.

– E por quê?

– Porque ele reconhece que é insano.

Grace se moveu para desvencilhar seus dedos do domínio dele, mas Falsteed a interrompeu:

– Desculpe, amor. Eu não estou só querendo provocar alguém que manteve as palavras enterradas por tanto tempo. Eu realmente falo a verdade. Thornhollow... ele é um homem um bocado especial, e esta é a explicação mais fiel que consigo fazer sobre ele.

– O que quer dizer?

– Não é preciso que você vá para muito longe de Boston para encontrar alguém que conheça o meu nome, mas ninguém se lembra dele por causa das vidas que eu salvei. Eles se lembram é do oposto. Já Thornhollow, por ora ele é seguramente anônimo. Atravessa corredores como este com seu dom macabro e transforma todos aqueles que toca em seres silenciosos e imóveis, frágeis como eram no dia em que nasceram, tranquilos como as pombas que são, aplacados com leite quente e uma boa noite de sono.

“Pode-se sempre contar com uma visita de Thornhollow quando o Conselho está para fazer uma vistoria. Heedson abastece o porão com os piores, jogando-os aqui como se isso fosse uma portinhola de lavanderia, e Thornhollow, ele... bem, creio que ele também faz um serviço de lavagem, de certa forma. Ele devolve as roupas sujas lá para cima, bonitas e limpas, como lousas em branco para o Conselho aprovar quando faz suas rondas.”

– Lousas em branco... – repetiu Grace, e suas palavras se perderam debaixo de um renovado berreiro da menina-aranha. Ela descansou a cabeça contra as pedras frias. – Eles se esquecem?

– Não sei dizer ao certo – disse Falstead. – Há uma saleta ao fim do corredor. Neste breu, nós nunca conseguimos ver, mas Reed traz consigo sua luz quando Thornhollow faz suas rondas. Os violentos e os gritões entram lá vociferando com o doutor e saem cheirando a sangue e metal e, sim, numa espécie de esquecimento, suponho. Embora eu acredite que seja mais uma remoção, um estado permanente daquilo que você está apenas começando a sair.

Grace manteve-se em silêncio, não confiando à sua garganta o manejo de sua voz, que agora corria indomada dentro dela. Todas as coisas que ela mantivera em silêncio ferviam-lhe por dentro. A fúria ardente que Falstead havia diagnosticado despencou no rio gelado de sua voz e produziu uma fumaça adstringente, que lhe preenchia os pulmões e se forçava por sua boca.

Envolveu-lhe o cérebro, dissipando a névoa que ela permitira se instalar tão facilmente quanto o sol desmanchava a névoa das manhãs. Ela viu tudo de novo: passos no escuro e o rosto de seu pai assomando na soleira da porta de seu quarto. Estava tudo costurado à sua memória com a mesma perfeição com que reconhecia todas as

rachaduras do teto de sua cela – todos os detalhes de sua vida fixados para a eternidade em sua mente. Inescapável.

O sangue lentamente parara de escorrer pelas suas pernas, o medo que se produzia a cada gota perdera força à medida que Falsteed conversava com ela nas trevas, sua voz servindo de âncora para ela. O vestido que Reed trouxera já lhe parecia menos incômodo, já que a pele sobressalente que antes acomodara seu bebê estava desaparecendo. Uma vez, despertou do sono e viu que Heedson viera dar uma olhada nela; a atadura na mão dele brilhava na escuridão.

O bebê se fora e o propósito de seu corpo se perdera ao retornar à sua forma normal. Agora não havia motivo para que a mantivessem aqui, não havia nenhuma cintura robusta para manchar o nome da família. Tão logo os arranhões das unhas de Croomes em seus pulsos se curassem e os hematomas causados por Heedson em suas bochechas sumissem, ela seria devolvida. Agarrou-se a Falsteed na anônima escuridão, esgueirando seus braços por entre as barras que a separavam dele e enganchando-os em seus ombros largos, encontrando sua pele nua.

– Thornhollow está vindo por minha causa?

Falsteed ficou em silêncio por um momento, e ela sentiu o corpo dele crescer e diminuir conforme ele respirava profundamente.

– Querida – repreendeu-a –, você está cheirando a esperança. Você está com cheiro de quem deseja que ele venha.

Suas mãos pequeninas se cerraram, enterrando as unhas na pele de Falsteed.

– Talvez eu deseje.

Dedos de luz laranja atravessavam a escuridão vindos da lanterna de Reed conforme ele se aproximava, provocando ruídos abafados da menina-aranha. Falsteed passou a um canto de sua cela onde o tremeluzir não o alcançava, mas sua voz cobria a distância entre ele e Grace, dedicando seu baixo sussurrar apenas a ela.

– Espere só um pouco, querida. Prefiro que julgue o homem enquanto ele ainda não tem conhecimento de você.

Um medo irracional rasgou Grace assim que ela viu duas sombras projetadas na fraca luz das lâmpadas. O mundo dela se reduzira a um lugar povoado apenas por ela própria e Falsteed, com as lamentáveis queixas da menina-aranha sublinhando suas existências, pontuadas pelas visitas ocasionais de Reed. A chegada de uma nova pessoa sobre a qual Falsteed falara com temor fez Grace voar até o tamborete em seu canto.

– Peço perdão pela umidade, senhor – disse Reed. – Assim que o tempo fica chuvoso, os porões não têm muita oportunidade de secarem.

– Interessante escolha de palavras, Reed – disse a nova voz. As orelhas de Grace se eriçaram, ainda que suas mãos tivessem começado a tremer.

– Como assim, senhor?

– Você deu ao tempo e ao porão, entidades que não tomam decisões ou atitudes por conta própria, exatamente as qualidades de que os humanos sob a sua vigilância carecem.

– Suponho que dei, senhor, embora não tivesse a intenção.

– O que é ainda mais admirável pelo fato de sua mente escolher inconscientemente palavras para atribuir controle a coisas desprovidas exatamente disso.

Grace pressionou os artelhos descalços contra as pedras,

apoiando seu corpo contra a parede fria. A voz do estranho era baixa e melodiosa, e percorria as frases como se estivesse segura de que encontraria o fim triunfalmente, embora o trajeto fosse incerto. Sua sombra assomou-se ao lado da de Reed à medida que se aproximavam um do outro e sua voz serpenteante facilmente provia respostas ao falatório nervoso do carcereiro.

– No entanto, senhor, sinto muito pelo estado em que as coisas se encontram aqui embaixo, e o senhor com uma cirurgia para executar hoje à noite...

A dupla parou na frente da cela de Grace, e ela examinou o recém-chegado sob a débil luz da lanterna; os olhos encovados dele estavam perdidos nas sombras, e ele trazia a mala de médico a tiracolo quase que fortuitamente.

– Por que me trata de “senhor”?

– Bem, talvez porque o senhor seja um cirurgião, dr. Thornhollow – disse Reed, com a mão tremendo na lanterna ao segurá-la no alto.

– Sim, mas não sou melhor do que você. Na verdade, eu arriscaria dizer que provavelmente você é a melhor pessoa de nós, se fosse uma questão de contrapesar nossas almas.

– Não vejo como seria possível pesar uma alma, senhor, ou que relação isso teria com a discussão.

– Por exemplo – continuou Thornhollow, como se Reed não houvesse falado –, do meu consultório eu consigo ver a casa de minha mãe, e contudo eu a visito aproximadamente uma vez por mês, e apenas quando coagido. A última visita aconteceu porque eu tive um estilhaço de vidro enterrado na base da coluna (o motivo não importa) e precisava de alguém para retirá-lo. Mesmo assim, creio que fui até lá só porque era a única casa que tinha luz, àquela hora. Eu poderia muito bem ter pedido a um desconhecido na rua que me ajudasse; eu teria, de fato, poupado tempo se tivesse feito exatamente isso.

– Poupado tempo, senhor?

– Sim, é claro. Porque assim que pisei de novo em minha casa natal, bem mais acabado por ter permanecido fora do útero por mais de vinte anos, minha mãe tratou de fazer estardalhaço e me provocar. No entanto, ela é uma pessoa bem-intencionada e eu

ganhei um belo jantar nessa trapalhada toda. Talvez eu não me dê bem com esse tipo de coisa.

– Que coisa? Jantares?

– Não, pessoas bem-intencionadas. Por falar nisso, onde está a pobre alma que devo tratar?

– À esquerda, senhor. Apenas siga o pouco de barulho que ela é capaz de emitir.

Os homens saíram da vista de Grace e ela se mexeu silenciosamente, caminhando pé ante pé ao longo da beirada da parede. O pálido brilho projetado no entorno deles pela lanterna de Reed mergulhou no chão com eles quando os homens se ajoelharam ao lado da cela da menina-aranha, onde uma suplicante mão branca estendia-se através das barras.

Os dedos do dr. Thornhollow fecharam-se ao redor do pulso dela, e os choramingos que ela vinha emitindo se intensificaram, como se fosse um gato faminto que numa alameda vislumbrasse esperança num desconhecido.

– Pode abrir a cela, Reed. Ela não é perigo para ninguém, nesta condição.

– No momento, é verdade. Mas ela foi mandada para cá porque quase arrancou fora o lábio superior de Croomes.

– É justo. Imagino que Croomes venha mostrando a língua há tempos e finalmente alguém aceitou tentar dobrá-la.

As chaves de Reed retiniram e a porta da cela se escancarou. Thornhollow acenou-lhe para que o acompanhasse enquanto escorava a garota contra a parede. Os olhos dela eram círculos escuros, seu cabelo, uma nuvem emaranhada que se movia em perpétua tempestade acima de sua cabeça, mas ela não opôs resistência nenhuma quando o doutor a tocou, colocando gentilmente a palma da mão contra a testa dela.

– Qual a sua opinião sobre o caso, dr. Falstead? – perguntou Thornhollow, aumentando a voz para que o alcançasse.

– É um caso triste, dr. Thornhollow – disse Falstead. Sua voz assumiu um tom profissional que Grace nunca tinha ouvido antes. – Ela foi admitida recentemente, alegando que em suas veias há aranhas em vez de sangue. Reed disse que os policiais a

encontraram numa viela, cortando os pulsos com um estilhaço de vidro para deixá-las sair. Ninguém conseguiu lhe tirar uma palavra além daquelas sobre as aranhas, nem mesmo o seu nome.

Thornhollow assentiu, afastando o cabelo da garota de seu rosto.

– O que foi que fizeram de você, hein? – perguntou ele, como se esperasse uma resposta. – Ou o que será que você viu que a arremessou ainda tão jovem ao precipício?

A garganta de Grace se contraiu. As palavras empilhavam-se uma em cima da outra em suas entranhas; ela ansiava por responder às perguntas que não haviam sido dirigidas a ela.

– Seria uma bênção, Thornhollow – disse Falstead. – Nós dois sabemos que ela não receberá tratamento de verdade aqui, e não há ninguém lá fora que responda por ela. É mais um cordeiro para o abate, e é melhor que você empunhe a lâmina e lhe ofereça a escuridão a deixá-la conhecer a injustiça que é essa vida.

Thornhollow permaneceu agachado em frente à garota, tocando seu cabelo e vasculhando com o olhar seu rosto inexpressivo. Os dedos dela tamborilaram nas pedras ao lado do pé dele, e seus olhos se reviraram.

– Até parece um pouco mais calma – observou Reed, inclinándose para perto.

– Sim, eles às vezes fazem isso, quando são tratados que nem gente – disse Thornhollow, colocando-se de pé. – Certo, Reed. Conduza-a pela mão, por gentileza. Creio que ela irá segui-lo facilmente. Usaremos a mesma sala de antes. Seria bom se você conseguisse mais uma luz, pois acho que precisaremos dela.

Grace observou o doutor pisar fora da cela, agora despido de qualquer emoção ao colocar a mala de médico no chão.

– Falstead, quais são suas impressões sobre pacientes adicionais? Estou surpreso por Heedson solicitar apenas um procedimento, em vista da iminente chegada do Conselho.

– Imagino que mais um ou dois também venham – disse Falstead.

– Ele sempre superestima sua generosidade antes do pânico se instalar.

– É pânico, de fato – disse Thornhollow, pegando uma caixa de madeira de sua bolsa. Ele afundou até os joelhos no corredor de

pedra, ignorando a situação ao levantar o tampo. A caixa abriu como um porta-joias; os compartimentos se revelavam à débil luz da lanterna de Reed, conforme ele levava embora a menina-aranha. A mão de Grace subiu até suas orelhas, lembrando-se das joias que outrora usara e de uma caixa semelhante que tinha em sua casa.

Mas o que saiu da caixa do dr. Thornhollow não era nada que servisse de ornamento a uma mulher ou de assunto nas festas. Garrafas de vidro retiniram umas contra as outras e metais repercutiram enquanto ele revistava a gaveta inferior da caixa.

– Porventura as cozinheiras não me dariam de mau grado um ou dois ovos, Falsteed? Creio ter quebrado os meus. – Aborrecido, Thornhollow limpou algo dos dedos.

– Está experimentando alguma coisa nova? – perguntou Falsteed.

Passos sinalizaram o retorno de Reed, juntamente com a gradual iluminação do corredor. Grace pôde ver uma das sobrancelhas do doutor se erguerem.

– Você não parece ser dos que condenariam uma pequena experimentação, Falsteed – disse Thornhollow.

– Curiosidade profissional, apenas – disse Falsteed. – Acho difícil permanecer na crista da minha área de atuação quando estou sempre... metido no escuro.

A boca de Thornhollow mal se contorceu ante aquela piada.

– Duvido muitíssimo disso. Reed mantém uma corrente contínua de informações que vem direto aos seus ouvidos. Quanto à escuridão, eu adoraria ter uma desculpa para poder me isolar.

Falsteed grunhiu em resposta e Grace semicerrou os olhos enquanto Reed se inclinava sobre Thornhollow, ainda ajoelhado.

– Creio que o senhor irá encontrá-la pronta para o serviço. Eu a anestesiiei com éter e o pobre passarinho saiu voando rumo ao esquecimento, como se estivesse almejando isso.

– Como eu disse, dr. Thornhollow – disse Falsteed –, será uma bênção.

– Sem dúvida. Contudo, poucas horas depois de eu trinchar o cérebro de uma garota perdida cujo nome nós nunca vamos saber, eu estarei sentado próximo aos reconhecíveis nomes da sociedade com as mãos coçando para lhes dar a mesma bênção, para

interromper suas palavras incessantes.

– Você vem escapando das garras deles há um bom tempo. Um homem jovem, de suas condições, consegue fugir às suas obrigações sociais apenas por um período. Imagino que estejam esperando noivá-lo com uma de suas filhas antes que você parta para Ohio...

Thornhollow fechou a caixa com um estalido.

– Reed de fato o deixa a par dos temas em voga – disse ele rigidamente. – Quanto às filhas, a sociedade terá que aprender a viver sem ar, caso elas estejam poupando oxigênio até que eu me case. – Ele se levantou, segurando apenas um frasco de vidro e uma lâmina delgada. – Reed, você me faria a gentileza de ir à cozinha buscar-me dois ovos e um descaroador de maçãs?

Grace pôde ver o rosto de Reed empalidecer-se.

– S-sim, senhor – gaguejou ele, deixando no chão a lanterna. A luz incidia em volta dos pés do doutor, e de novo suas feições se perderam em um borrão sujo.

Falsteed limpou a garganta.

– Thornhollow... eu poderia ter uma palavra com você sobre algo, quando você tiver terminado?

– É claro. Tenho que encontrar Heedson para ver se ele deseja que eu libere mais algum paciente de ter consciência da presença dele novamente, depois retornarei para cá para dar uma olhada na garota. A não ser que precise de mim imediatamente.

– Não, doutor, só de um pouco do seu tempo após o procedimento. E caso chegemos a um consenso, talvez de um favor.

– Um favor? Não me recordo de você já ter me pedido coisa do tipo.

– E eu não lhe pediria se a situação não fosse medonha.

– Muito me preocupa que um homem que está sentado nas trevas há anos, não tendo ninguém a não ser os loucos como companhia, subitamente comece a achar que sua situação é medonha.

– Não é para mim, Thornhollow. Da minha sina cuido eu – disse Falsteed.

O doutor colocou-se de pé, com a lanterna na mão, enquanto os

passos de Reed avançavam pelo corredor.

– Conversarei com você depois – disse ele, dispensando-o. – O seu protegido voltou mais rápido do que foi. Imagino que tenha sido ordenado a começar. O que quer dizer que terei muito mais do que nosso pobre cordeiro extraviado nesta noite de trabalho.

Reed irrompeu no corredor, com dois ovos numa mão e o descaroador de maçãs na outra, o suor perolando seu lábio superior.

– Perdoe-me, senhor. Parece que teremos ao menos mais dois, esta noite.

Thornhollow enrolou as mangas da camisa até os cotovelos.

– O seu favor, Falsteed... pode esperar?

– A noite toda, Thornhollow.

O doutor assentiu bruscamente.

– Certo. Reed, apanhe mais alguns ovos da cozinha e um bule de água fervente. E terei que encarregá-lo de comunicar minhas desculpas à mansão do governador. Parece que não poderei comparecer ao jantar esta noite.

A boca de Reed se escancarou, mais assustado por ter que despachar as notícias do que reaver o descaroador de maçãs.

– E o que é que eu digo ao governador, senhor?

Thornhollow raspou duas lâminas; o zunido produzido provocou-lhe um sorriso no rosto.

– Diga que eu estou trabalhando.

O primeiro homem desceu como se fosse um demônio sendo jogado de volta ao inferno do qual escapara. As lanternas nas mãos dos ajudantes oscilavam loucamente à medida que eles se esquivavam dos golpes. Sombras saltavam pelas paredes e Thornhollow emergiu em meio a elas, com a camisa branca agora salpicada de sangue.

O elo de corpos masculinos serpenteava do lado de fora da cela de Grace, mas ele se esgueirou facilmente por entre eles, envolvendo o pescoço do paciente com o antebraço. Thornhollow não era um homem grande, mas Grace pôde ver seus músculos nodosos trabalhando conforme o paciente percebia que não conseguiria escapar do domínio do doutor.

Grace podia ver que a força não era a única coisa que dava cabo dos esforços do homem. A voz de Thornhollow aumentava e diminuía ritmadamente e sua boca se mexia próxima à orelha dele, fazendo promessas que ninguém além dos dois saberia. O homem cedeu por consentimento ou derrota. Thornhollow liberou-o e os ordenanças levaram-no mais adiante pelo corredor, até a promissora escuridão. Assim que o doutor se afastou dela, Grace captou a leve lufada de um perfume de sua antiga vida – uma lufada que rescendia tanto a luxo que foi difícil situá-la em meio à sujeira que a circundava, e que perdurou mesmo após o doutor partir para a cirurgia. Grace levantou as mãos como que para seguir seu rastro translúcido.

A única coisa que surgiu como resposta à sua silenciosa súplica foi o rosto da menina-aranha, quase irreconhecível. Ela tinha vestido uma máscara de sofrimento por tanto tempo que, conforme Reed guiava-a até sua cela, a indolência da paz agora a deixava quase bonita. Uma atadura mantinha seu cabelo preso e longe das maçãs do rosto, não mais contraídas devido à dor. Seus olhos eram

enormes e brilhantes, e o clarão de desconfiança e medo sumira. Pela primeira vez, ela parecia à vontade; um só rasgo da lâmina de Thornhollow havia varrido seu horrendo passado, qualquer que fosse.

Um perfume também se desprendia dela, pesado e fragrante em meio ao lodaçal do porão, trazendo com ele a lembrança de banhos quentes. Grace observou a garota inclinar-se contra as barras da cela em busca de apoio e escorregar até o chão de pedra, com o olhar inexpressivo e satisfeito e o cheiro do luxo vagando de seu recanto.

– Thornhollow! – exclamou Grace, quando ouviu o baque surdo da porta no fim do corredor. – Venha aqui, Thornhollow! – Toda a autoridade que ela transmitira em tempos anteriores inchara suas cordas vocais, e sua voz saiu mais forte do que estivera em meses. Thornhollow surgiu das profundezas, com uma indagação estampada no semblante.

– Aqui! – chamou ela. – Ao lado de Falsteed.

Thornhollow ergueu uma lanterna, e embora a voz dela fosse forte, Grace titubeou quando a luz incidiu sobre si. Ele estudou-a por um instante e ela lutou contra os anos de aprendizagem, quando foi instruída a nunca olhar nos olhos.

– Olá, você aí – disse Thornhollow. – Do que precisa?

– Apenas gostaria de saber, senhor – disse Grace –, por que é que se deve levar rosas para apenas uma dama quando há na verdade duas que desejam recebê-las?

– Rosas? – As sobranceiras de Thornhollow ergueram-se em surpresa, e ela ouviu Falsteed mover-se para mais perto na cela adjacente, embora ele não tivesse adentrado na luz. – O que quer dizer?

– Óleo de rosas – disse ela. – Você recende a óleo de rosas, assim como a garota, embora ela estivesse fedendo como todas nós. Seja o que for que você tenha feito para dar o esquecimento a ela, as rosas tiveram participação nisso. Faça o mesmo comigo, para que eu possa saber menos coisas.

– Você não sabe o que está pedindo, mas vou lhe mostrar – disse Thornhollow. – Falsteed...

– Sim, doutor?
– Devo supor que este é o favor que você queria me pedir?
– Não, não é isto. Nossa Grace tem uma mente ágil; não desejaria vê-la incapacitada.

– Hum... – Thornhollow susteve a lanterna perto das barras da cela de Grace e espreitou profundamente dentro de seus olhos, como se para iluminar-lhe o cérebro e fazer uma avaliação naquele mesmo instante.

– Ágil ou não, ela terá que esperar. No fim do corredor há um homem que é um bocado insano e precisa de mim imediatamente. – Ele deu uma última olhada nela antes de afastar a lanterna; a frieza da cela instantaneamente sugou todo o calor que suas bochechas haviam retirado do facho de luz. Os passos dele recuaram e Grace caiu no chão, perdendo toda a disposição agora que conseguira a sua atenção. Ele voltaria, e ela lhe faria seu pedido.

– Grace – censurou-a Falsteed, no escuro –, não.

– As rosas... – disse ela, suspirando. – O cheiro das rosas... esse cheiro acabou comigo. Encolhida nas trevas e coberta com minha própria sujeira: como eu poderia chamar isso de vida? Eu já vivi cercada de luz, e já exalei um cheiro tão agradável quanto o de um jardim. Eu preferiria esquecer as duas realidades a lembrar uma delas.

– Óleo de rosas – disse Falsteed. – Você tem um bom nariz.

O segundo paciente foi trazido antes que Thornhollow fosse ter com ela. Grace observou atentamente os insanos entrarem na sala escura ao fim da passagem como animais selvagens e dela saírem conduzidos por Reed, leves e crédulos como crianças. Se a indolência de seus rostos era perturbadora, a tranquilidade sem vida de seus olhos compensava-a, e garantia que o alvoroço que antes tempestuava dentro deles agora descansava.

Thornhollow seguiu no encalço do último paciente, chegando à cela de Grace com frescos borrifos de sangue salpicando seus antebraços nus. Ela levantou-se quando ele se aproximou, expondo-se à luz da lanterna com uma calma determinação. Os olhos dele procuraram seu rosto antes de ele falar:

– Você já viu acontecer três vezes, e ainda quer saber o que ocorre nas sombras onde Heedson me ordena fazer meu trabalho?

– Quero – disse Grace, resoluta.

Thornhollow mostrou uma chave.

– Cortesia do Reed – disse ele, destrancando a porta de sua cela.

As dobradiças protestaram quando a porta se abriu, e Grace sentiu o primeiro acesso de apreensão. Ela não tinha abandonado aquele seguro retângulo de vida desde que fora trazida ao porão. Conhecia bem as pedras sob os seus pés – suas solas haviam acompanhado a aresta das rochas durante o negrume de muitas noites insones. E agora sua cela havia sido aberta por um homem que brandia o esquecimento por meio de uma lâmina.

Ela pisou fora da cela e ouviu o murmúrio de desaprovação de Falsteed.

– Basta – retrucou Thornhollow. – Eu vou mostrar a ela, e ela tomará as próprias decisões. – Ele acenou com a lanterna para que Grace seguisse pelo corredor e ela assim o fez. O pálido círculo de luz projetava escassamente uns poucos centímetros de horizonte na frente de seus pés encardidos. Thornhollow ia atrás dela; suas passadas ressoavam nas pedras.

O corredor sempre estivera amortalhado pela escuridão, e os pacientes anteriores pareciam evaporar dentro de um inferno apagado para rematerializarem como demônios domados. A porta não estava longe. Thornhollow adiantou-se e, sem dizer uma palavra, levantou o ferrolho.

A sala estava vazia, e abrigava somente uma cama e uma mesa. O brilho dos lençóis saltou aos olhos de Grace como se houvesse um fantasma ali, excetuando algumas poucas gotas escuras que pareciam praticamente negras sob a luz fraca. Ela foi até o lado oposto da mesa, desfrutando a sensação de pisar em rochas limpas. Sobre a mesa estava a caixa de ferramentas de Thornhollow, agora bagunçada, juntamente com o descaroçador de maçãs e cascas de ovos.

– Acredito que aos leigos isso se pareça mais com uma cozinha do que com uma sala de cirurgia – disse ele, colocando a lanterna na mesa.

– Explique-me, então – disse ela, passando o dedo num vestígio de gema.

Thornhollow cruzou os braços e estudou-a por um momento antes de falar. Ela o encarou de volta, saboreando a visão de um novo rosto após terem lhe proibido companhias por tanto tempo. A luz parca mal conseguia penetrar o oco dos olhos dele, mas ela podia ver os músculos da sua mandíbula se retesando conforme um estudava o outro – a mais leve contração debaixo de suas costeletas ruivas já o delatava.

– Primeiro, você vai me mostrar por que Falsteed crê que sua mente é ágil; não é um elogio que ele faz com frequência, e estou intrigado. Você foi rápida o bastante em captar o óleo de rosas, mas é preciso mais do que isso para que eu a considere esperta. – Thornhollow recostou-se na parede. – Portanto, impressione-me.

– Eu... – A voz recém-encontrada de Grace morreu dentro dela. Sentia-se incapaz de provar sua inteligência dessa maneira. – A Georgia não esteve presente no 1º Congresso Continental.

Thornhollow riu do fato trivial com um som áspero que ecoou pela pequena câmara.

– Diga-me algo que eu possa achar interessante.

Grace baixou os olhos, e sua mira passou para os sapatos dele, que estavam salpicados com o sangue daqueles que tinham entrado antes dela. Fechou os olhos, permitindo que uma imagem se formasse.

– O homem que entrou aqui antes de mim era muito grande, mas você o subjugou mais com palavras do que com força. Ele tinha uma tatuagem... – Ela virou o corpo, imitando o homem quando fora posicionado em frente à cela dela conforme lutava com o doutor. – No bíceps esquerdo. Era a letra M.

O doutor não disse uma palavra, o que ela interpretou como encorajamento. Apertou bem os olhos em busca dos pormenores.

– Faltavam-lhe dois dentes no lado direito da boca, e um outro era virado para dentro, num ângulo estranho. E seus olhos eram azuis.

O silêncio continuou e ela abriu os olhos.

– Doutor?

– Muito bem – disse ele, embora seu rosto não tivesse mudado de expressão. – Isto eu realmente acho bastante interessante. Já que você parece ter certo interesse em saber o que acontece nesta sala e pediu o mesmo tratamento para si, vou explicar. Mas gostaria de lhe avisar que não é uma história bonita.

– Então é o tipo de história a que estou acostumada.

– Ótimo, então. Você já ouviu falar num camarada chamado Phineas Gage?

Grace piscou.

– Creio que não. Deveria?

– No seu círculo social? Não. No meu, ele é um milagre, e devo familiarizá-la com ele. Há uns quarenta e tantos anos, Phineas Gage trabalhava nas ferrovias. Seu ofício era o de dinamitador, o que significa que ele fazia buracos no leito da rocha, enchia-os com pólvora, acrescentava uma camada de areia e então comprimia a carga com sua bucha de ferro antes de acendê-la. Bem, uma bucha de ferro é...

– Doutor – interrompeu-o Grace –, eu tenho que batalhar por cada palavra que falo e apenas quero saber o que você fez aos outros pacientes. Precisa mesmo me contar essas coisas?

– Não, mas eu já estou respondendo as perguntas que você ainda não fez. Se eu lhe explicar tudo de uma maneira indireta, você terá que fazê-las. Tenho pouco tempo para lhe contar a história de minha prática médica e então lhe oferecer os meus serviços, caso queira.

Sem dizer nada, Grace recostou-se na cadeira, cruzando os tornozelos debaixo do vestido imundo, um cacoete que fora inculcado nela por sua governanta, e que os olhos rápidos do doutor capturaram.

– Como eu estava dizendo – disse Thornhollow, num tom que a advertia para não interrompê-lo –, Phineas trabalhava com uma bucha de ferro, um bastão de metal bem comprido com uma ponta afiada, parecida com uma lança, mas mais pesada. Phineas mandara fazer a sua por encomenda, e pesava cerca de seis quilos. Você vai entender por que eu fiz esse comentário sobre o peso dentro de um instante.

Thornhollow entrelaçou as mãos atrás das costas; seus pés

perambulavam nas pedras conforme sua história avançava.

– Certo dia, um colega de trabalho deixou de colocar areia em cima da pólvora, e isso se transformou no motivo pelo qual todo mundo conhece Phineas Gage: ele socou a extremidade não afiada da bucha de ferro diretamente na pólvora preta, engatilhando uma explosão que fez a bucha atravessar seu crânio.

Os passos de Thornhollow levaram-no até as costas de Grace.

– Entrou por aqui – disse ele, subitamente enfiando os dedos debaixo da bochecha abaixo do olho esquerdo de Grace. Ela saltou com o toque, mas ele casualmente correu o dedo ao longo de sua cabeça, como se ela não tivesse se mexido. – Atravessou o céu da boca, por trás do olho esquerdo, e saiu pelo topo da cabeça, aqui. – Ele deu um tapinha na linha do couro cabeludo de sua testa, mas desta vez ela permaneceu quieta. – Incrivelmente, o homem não morreu. – As mãos de Thornhollow se afastaram, emoldurando o rosto dela, enquanto seu próprio rosto se acendia com a excitação causada pela narrativa. – Gage foi derrubado de costas, mas após um minuto ele já estava de pé, falando, apesar de a bucha de ferro ter varado facilmente o seu cérebro.

“Para a sorte de Gage, o médico mais próximo de fato sabia algo sobre o tratamento de ferimentos cranianos, e seu cérebro teve espaço para inchar graças à abertura do topo do crânio. Em pouco tempo, Phineas curou-se completamente; contudo, aqueles que o conheciam diziam que Gage... não era mais Gage.”

– O que quer dizer com isso? – perguntou Grace.

– Gage era um homem gentil e bem-educado antes da bucha de ferro atravessar seu cérebro. Após a recuperação, ele se tornou rude, mal-humorado e vulgar com as mulheres. O homem que manejara aquela bucha não era o mesmo que saíra curado do consultório médico. O ferimento cerebral tinha alterado sua personalidade.

– Alterado – repetiu Grace, pensando no homem aos berros que horas antes passara por sua cela, apenas para deixar esta sala onde agora ela se encontrava tão domesticado quanto um gato de colo. – Então você fez algo parecido, mas ao avesso? Você descobriu uma maneira de... de... – O olhar dela foi até o descaroador de maçãs e

seu estômago revirou.

– Não se precipite em conclusões ainda, embora eu veja por que Falstead estava certo em chamá-la de esperta. Não é uma tarefa fácil, e tenho certeza de que pelo tamanho da minha valise você notou que eu não estou atravessando buchas de ferro de seis quilos no crânio das pessoas.

– Eu jamais poderia imaginar – disse Grace, ainda observando fixamente o descaroador de maçãs.

Ele seguiu os olhos dela e pegou o utensílio.

– O que fiz foi combinar o conhecimento do que aprendemos no caso de Phineas Gage com a comum prática da trepanação. Como eu já disse anteriormente, Gage teve sorte de sofrer um ferimento aberto, permitindo que seu cérebro inchasse. A maioria dos pacientes na mesma situação não tem conhecimento de que está em perigo até que seja tarde demais. O coice de um cavalo ou a queda de uma escada pode abalá-los, mas eles não percebem que seus cérebros estão inchando dentro do crânio, pressionando o osso e obstruindo a corrente sanguínea.

“Há muito tempo tem sido uma prática comum abrir um buraco no crânio de um paciente assim, permitindo ao cérebro inchar o quanto precisa, e depois fechar a ferida. Diferentes doutores usam toda sorte de coisas para embrulhar o machucado, mas eu prefiro algodão embebido em...”

– Óleo de rosas – Grace interrompeu-o de novo, apertando os dedos, ainda cobertos com o resíduo da mesa. – E os ovos?

– Suponho que você nunca teve que lavar seu próprio prato do café da manhã. Se você teve, estará muito ciente de que um ovo ressecado é quase impossível de ser removido de qualquer que tenha sido seu local de aderência. Eu não descobri nada similar para o fechamento de feridas que não podem ser suturadas.

– Portanto você...

– É bastante simples – disse Thornhollow, avançando até ela novamente. – Faço duas incisões triangulares na testa, aqui e aqui. – Ele deu tapinhas contundentes nas têmporas dela, exatamente na linha do couro cabeludo. – Corto a partir da dura-máter até o crânio. – Ele intensificou a pressão em ambos os lados de sua cabeça,

enterrando os dedos em seu couro cabeludo.

Grace enrijeceu-se.

– E depois?

– E depois – Thornhollow soltou o lado esquerdo do crânio dela para alcançar sua mala, pegando uma lâmina e uma ferramenta circular – eu corto até o osso em ambos os lados das têmporas e abro caminho no crânio com uma trefina, que produz um belo orifíciozinho no osso. O descaroçador de maçãs serve para destruir o lobo frontal do cérebro. É nele que está sua vida. Cada gesto, cada habilidade que você aperfeiçoou e cada experiência que você teve são apagados, assim como meu prato de café da manhã depois de conseguir remover o maldito ovo dele.

– E as memórias? – perguntou Grace, recusando-se a sorrir da piada. – O que é feito delas?

– Desaparecem, suponho – disse ele. Seus olhos não gracejavam mais. – Não sei ao certo. Muitos dos pacientes perdem a capacidade de fala e não conseguem nos contar. Até onde sabemos, eles estão vivendo no seu inferno particular, ao qual eu os entreguei.

– Eles não estão – disse Grace rapidamente. – Seus olhos contam suas histórias; estão calmos e contentes.

– Mas – Thornhollow ergueu um dedo em advertência – eu nunca afirmaria que eles estão felizes. Creio que perderam a capacidade de sentir. Faz pouco tempo que estou realizando esses experimentos, mas os administradores do asilo estão gratos. Pensam que lhes faço um favor ao transformar pacientes violentos em mansos cordeiros. Mas na verdade eu faço isso pelo bem dos aflitos, para amenizar seu sofrimento e a estafa do mundo onde nasceram. Ainda temos que entendê-los ou ajudá-los de verdade.

Ele caiu em silêncio, os olhos fixos nas mãos, agora enroladas sobre o colo. Grace observou sem nada falar, desejando que ele chegasse à mesma conclusão a que ela chegara horas antes.

– É isso então o que você pede de mim? – Ele ergueu os olhos até encontrar os dela. – Quer que eu a corte, rasgue sua pele e seu cérebro e a transforme numa coisa incoerente, desabitada, que não sente mais nada?

– Sim – disse ela. Aquela única palavra pesou em sua garganta,

enquanto uma lágrima corria pela sua bochecha. – Sim, eu gostaria disso.

A lanterna tremeluziu, por um momento devolvendo o rosto dele à sombra e depois trazendo-o de novo para a completa iluminação.

– Não preciso lhe perguntar o porquê – disse ele finalmente. – Você é uma garota atraente, obviamente bem-criada, a julgar pela sua fala e suas maneiras. O expediente ruim de vestir o trapo que você usa não consegue esconder que antes você carregava um bebê. Qualquer família da sociedade estaria com o olho aguçado sobre uma bela garota da sua idade, e você não teria a liberdade de buscar qualquer homem por quem você se sentisse atraída. Portanto – ele fez uma pausa, observando-a atentamente –, assumo que, para você ter engravidado, teria que ser pelas mãos de alguém que tivesse a liberdade de perambular pelos corredores de sua casa.

Grace baixou o olhar. Seus dedos tocaram-na debaixo do queixo e atraíram seus olhos para os olhos dele.

– E assim – continuou ele –, tão logo descobriram sua condição, não houve maneira aceitável de explicá-la senão fazendo você desaparecer por uns tempos. Estou certo?

– Estou fazendo uma excursão na Europa, no momento – disse Grace. – Prestes a retornar em alguns meses.

Thornhollow assentiu, e relanceou o olhar pela sala.

– Você deveria registrar uma reclamação quanto às acomodações.

Uma bolha subiu pela garganta de Grace, explodindo em forma de risada. Com assombro, ela tapou a boca com a mão. Thornhollow sorriu.

– É esta a brincadeira, então? – continuou ele. – Você vai voltar para casa, sem dúvida retornando ao ninho da própria víbora?

Grace assentiu. Todo o riso desaparecera.

– Não podemos permitir isso.

Ela fez menção de alcançá-lo, mas foi a vez dele de recuar.

– É por isso que eu lhe peço, doutor. Não posso retornar. Se você me mudar permanentemente, eu não serei acolhida em casa. Que digam o que quiserem sobre meu destino; irei viver e morrer aqui, alegremente ignorante do tempo presente, e roubada de todos os vestígios do passado.

– Bem como de sua propensão ao pensamento – rebateu ele. – Grace, há tão poucas pessoas nesse mundo com habilidades dignas de serem mencionadas... Você aprendeu que a beleza pode lhe ser desfavorável, e sua constituição física é tão delicada que você nunca será capaz de defender-se. Seu cérebro é sua força; sua rapidez de raciocínio é a única coisa que pode libertá-la da execrável vida dos idiotas.

Ela arrancou as mãos das dele, fechando-as em punhos sob as têmporas, ao perceber que ele estava negando o seu pedido.

– Não! – exclamou ela. – Doutor, esta é a minha fraqueza. Eu vejo tudo, eu percebo tudo e eu lembro... eu consigo recordar tão facilmente o belo e o horrendo quanto um daguerreótipo que não pode deixar de ver o que viu. Todas essas recordações significarão a minha morte.

– Não, Grace – disse Thornhollow, puxando a mão dela para longe do rosto. – É completamente o contrário: esta maldição de *ver* vai lhe fazer bem.

– Você não vai me ajudar, então? – perguntou ela, com lágrimas quentes fluindo pelas bochechas. – Você não vai me operar?

– Não – disse ele. – Você tem uma serventia bem melhor.

– Ela virá comigo – disse Thornhollow, projetando as palavras na direção da cela de Falsteed. – Você estava certo em considerá-la ágil, e eu poderei usá-la em meus novos empreendimentos. Ela estará segura longe do animal que fez isso a ela... sem falar em Heedson.

– Ele jamais me deixará ir – disse Grace ante a menção do nome do diretor. – Meu pai o paga muito bem para me manter aqui e para que fique em silêncio sobre minha condição.

– Na sua atual condição, não, ele não deixaria você ir – disse Thornhollow. – Mas você mesma chegou à solução. A história contada por sua família para explicar sua ausência devido a férias extensas não irá se sustentar caso você volte para casa com cicatrizes.

– Thornhollow, você não faria isso! – exclamou Falsteed da escuridão.

– Não, ele não faria – disse Grace. – Sem minha mente intacta, não tenho nenhuma serventia a ele.

– De fato – concordou Thornhollow. – Não estou no ramo de contrabandear juvenzinhas privilegiadas para fora de asilos, ainda que sejam tão sãs quanto ratos do campo. Ela será posta para trabalhar e terá acomodação e comida comigo em minha nova atribuição.

– E como vai tirá-la daqui? – perguntou Falsteed.

– O seu camarada Reed... ele é confiável?

– Confiável como o nascer do sol.

– Então ele será o ator perfeito em nosso pequeno ardil – disse Thornhollow. – Agora, Grace, imagino que queira dizer alguma coisa ao dr. Falsteed. Vou deixá-los a sós por um momento. Encontre-me na sala de cirurgia quando sentir que está preparada.

Thornhollow desapareceu na escuridão, com suas passadas ecoando atrás de si.

– Preparada para o que, pequena? – perguntou Falsteed, com a voz carregada.

Grace respirou fundo. Ainda que aquele plano fosse sua única esperança de salvação, ela temia que Falsteed o desaprovasse.

– Nós planejamos tudo – disse ela, suavemente. – Se Heedson acreditar que Thornhollow me operou e que estou irreparável, irá apavorar-se ao pensar na cólera de meu pai.

– Diria que sim. Entrar saudável e grávida e sair do asilo como uma idiota babona dificilmente seria favorável a Heedson.

– Exatamente. – Grace envolveu as barras da cela de Falsteed com as mãos, desejando que seu amigo viesse até a luz antes que ela o deixasse para sempre. – Ele iria até o fim para encobrir a enormidade de tamanho erro. Hematomas e cortes feitos para os seus prazeres sádicos irão se curar, mas se eu ficar ferida permanentemente, ele não terá escolha senão auxiliar minha fuga.

Falsteed suspirou profundamente; o calor de sua exalação alcançou-a, mas não alcançou o semblante dele.

– E que devo fazer após sua partida? Aguardar um novo prisioneiro e torcer para que seja interessante?

O segundo sorriso do dia espalhou-se pelo rosto de Grace; seu estômago agora se iluminava com a possibilidade de um futuro.

– Ele teria a maior sorte de ter você aqui no escuro.

Dedos se fecharam em volta dos dela, mas ela não conseguiu ver além do seu pulso.

– Escreva para Reed aqui no asilo assinando como srta. Madeleine Baxter. Ele me entregará as cartas. Assim eu ficarei sabendo como você tem passado.

– Adeus, meu amigo – disse Grace, com a garganta fechada outra vez. Os dedos de Falsteed agarraram os dela, impedindo-a de se afastar no último segundo.

– Seja prudente com Thornhollow, Grace. É um homem bom, em todos os sentidos. Dele você não tem nada a temer, como temeria os outros homens. Mas é exatamente por isso que você deve se resguardar. Ele não entende a natureza humana, nossas emoções e

afetos. Ele fez para si um lugar entre os insanos porque para ele isso é mais fácil do que circular pela sociedade. As pessoas lhe são um mistério.

– Assim como também são um mistério para mim – disse Grace, apertando sua mão antes de seguir Thornhollow escuridão adentro.

– Vocês se despediram? – As costas de Thornhollow estavam viradas para ela quando Grace entrou na sala de cirurgia, e suas mãos estavam ocupadas afiando um bisturi.

– Sim. Devo me sentar ou... – Sua voz tremeu quando ela fez menção de ir até a cama.

– Sente-se – disse Thornhollow. – Obviamente, eu não vou descarregar o seu cérebro. Cortes triangulares nas suas têmporas bastarão para convencer o desmiolado do Heedson de que você foi ferida. Você está ciente de que terá cicatrizes?

– Sim – disse Grace, acomodando-se na cadeira.

Thornhollow assentiu.

– Muito bem. Para o corte, vou anestesiá-la com éter, para que não sinta dor.

As mãos de Grace agarraram o assento da cadeira.

– Não, doutor.

– Perdão?

– Não quero éter, senhor.

– Grace, deve entender que...

– Não, *o senhor* é que deve entender. Eu não pretendo ficar sem sentidos nem por um segundo.

Thornhollow franziu o cenho, as sobrancelhas se aproximaram.

– Não confia em mim?

– Confio minha vida a você. Nada mais.

A lâmina pairou no ar; o mais ligeiro tremor o traía.

– Preciso que suporte a dor completamente imóvel. Você não terá nenhuma serventia caso se contorça e eu acidentalmente arranque fora o seu olho.

Grace sentou-se ereta na cadeira.

– Já suportei imóvel coisas piores.

Thornhollow assentiu em consentimento e se posicionou atrás

dela.

– Excelente. Olhe para o teto, por gentileza.

O primeiro corte produziu uma talhada de calor perto de seu olho; uma segunda talhada surgiu próxima à linha do seu couro cabeludo, seguida pela pressão que o doutor fazia com um trapo limpo contra a ferida.

– Segure isto – disse ele, levando a mão dela até o chumaço de pano. – Comprima o quanto puder – acrescentou quando ela agarrou o trapo.

Grace concentrou-se, tendo perdido toda a percepção de si mesma no momento em que ele passou ao outro lado, e a dor, suportável devido à familiaridade, lampejou novamente. Thornhollow empurrou a ferida com uma mão, e a outra alcançou uma pelota de algodão sobre a mesa.

– Vou embeber isto no óleo – disse ele – e fechar as feridas com gaze. Duvido que Heedson vá tão longe a ponto de levantar a pele para conferir se eu realmente fiz uma punção no seu cérebro, mas não posso dar sorte ao azar fazendo-o subitamente se interessar pelos seus pacientes, quando preciso dele o mais incompetente possível.

Grace assentiu, compreensiva, mas não disse nada. Manchas negras começaram a flutuar em sua vista, conforme uma corrente de sangue morno escorria-lhe bochechas abaixo.

– Seria... – Sua voz se extinguiu, perdida na escuridão da sala, além das lanternas.

– Seria...? Opa! – disse Thornhollow, endireitando Grace quando ela afundou na cadeira. – Aprume-se, garota. Estamos quase terminando.

As mãos dele voaram, trabalhando, e o óleo de rosas seguiu o rastro do sangue. Grace sentiu o calor retornar às suas mãos, que agora repousavam em seu colo.

– Eu não imaginei que haveria tanto sangue – arriscou-se a dizer, confiando novamente em sua voz.

– Ferimentos na cabeça tendem mesmo a sangrar – respondeu o doutor. Seus olhos não abandonavam a atadura, à medida que ele a prendia firmemente ao redor da cabeça. – Pronto – completou,

dando um tapinha no cocuruto dela, como se fosse uma criança. – Perfeito. Não tenho nem um lacinho para enfeitá-la, mas suponho que você não se importe com essa gafe de estilo. Descanse um pouco, e então prosseguiremos com nosso pequeno ardil.

– Doutor – disse Grace enquanto ele se inclinava contra a mesa para descansar. – Tenho uma amiga aqui, na minha ala. Uma senhora chamada Clay. Não há nada de errado...

Thornhollow dispensou as palavras dela antes que pudesse terminar.

– Não posso.

– Mas eu devo a ela...

– Pode ser que você lhe deva algo, e tenho certeza de que ela é uma pessoa de valor. Podemos encontrar muitas mulheres desafortunadas metidas em lugares como este. Mas ela não tem serventia para mim, e eu não estou administrando uma Ferrovia Subterrânea para Mulheres Insanas.

– Eu não enten...

Thornhollow ergueu a palma da mão.

– Será difícil tirar você daqui, mas eu talvez ganhe algo com a sua soltura. Já tentar resgatar a malfadada sra. Clay seria uma completa loucura, se é que me permite usar essa expressão.

Grace mordeu o lábio para impedir o fluxo de palavras, achando difícil detê-las agora que havia começado.

– Está desgostosa comigo, posso perceber – refletiu o doutor. – Não pode evitar. Pelo bem de nossa relação de trabalho, seria melhor que não desgostasse de mim, mas eu não tomarei passos desnecessários só para garantir sua satisfação. Vamos estabelecer tudo isso logo de início. Se você quiser, posso devolvê-la à sua cela com nada além de umas cicatrizes como recordação dessa desventura.

Grace sentiu seus dentes rangerem, interrompendo as vogais e consoantes que ela desejava cuspir nele. Por um momento, lembrou-se da mão carnuda de Heedson sob seu garfo de jantar, mas afastou totalmente o pensamento da mente, como se brandisse o seu próprio bisturi.

– Não, doutor – disse ela. – Para que trabalhemos juntos, você

não precisa da minha satisfação, assim como eu não preciso da sua amizade para facilitar minha fuga.

Thornhollow bateu uma mão na outra.

– Ótimo. Avante, portanto. Está firme o bastante para ficar de pé? Será muito compreensível se você oscilar, mas se você cair, não espere que eu a segure. No fim, de nada serviria embaralhar seus miolos, serviria?

– Não, doutor – disse Grace, levantando-se apesar do negrume que ameaçava sua visão. – Consigo ficar de pé perfeitamente.

– Excelente. – Ele alcançou um cantil em sua valise. O cheiro de álcool venceu o mais leve perfume de rosas que pairava na sala conforme ele borrifava o peito de sua camisa, antes de tomar um trago. Ele passou os dedos no cabelo, empurrando os cachos ruivos em todas as direções. – E agora, Grace, se por gentileza puder cutucar os meus olhos...

– Perdão?

– Não é preciso se desculpar, você ainda não o fez – disse ele, fechando o estojo com um baque. – Agora venha aqui e faça uma tentativa. Se você precisar que eu me oponha um pouco no começo, posso certamente fazê-lo.

Grace pensou na sra. Clay.

– Não creio que seja necessário – disse ela, avançando na direção dele, que de fato mantinha as pálpebras abertas.

– Mas sem arranhar. Preciso apenas que você... MEU DEUS! – Ele guinou para longe dela, com as mãos no rosto. – Muito bem, muito bem – murmurou ele, ainda cobrindo os olhos com uma mão enquanto se apoiava na mesa. – Pedirei que faça coisas piores do que essa muito em breve, portanto é um bom presságio que você esteja assim disposta.

Grace esfregou as mãos nas saias para livrar-se da sensação dos olhos dele nas pontas de seus dedos.

– Estamos prontos, então?

– Creio que sim. – Thornhollow pinçou a base do nariz. – Pareço desonroso o bastante?

Grace deu uma olhada nele, avaliando de seus olhos avermelhados a seu cabelo desgrenhado.

– Bastante.

– Muito bem. Você sem dúvida estudou meus pacientes quando eles saíram dessa sala. Quanto melhor conseguir imitá-los nos minutos seguintes, tanto mais fácil será para nós.

Grace assentiu, suprimindo a ansiedade crescente em seu estômago.

– Pense na porta de sua própria cela se fechando – disse ele, quando viu o tremor nas mãos dela. – Por ora, ponha de lado os seus pensamentos e sentimentos e os tranque lá dentro.

– Já estou habituada a me fechar para o mundo, doutor – disse Grace. No entanto, não foi em sua cela que ela pensou, que ironicamente e à sua maneira havia oferecido uma proteção, mas no som de passos familiares no meio da noite, seguido pelo de sua maçaneta girando.

O estalido que ouviu em sua mente foi tão audível quanto se estivesse ali novamente, e Grace deixou as emoções fluírem num jorro; toda a sua guarda diminuiu juntamente com sua exalação, bloqueadas por um momento até que ela lhes permitisse retornar. Até sua aparência exterior mudou, embora ela mal a conhecesse, e o doutor observou, fascinado, conforme os olhos dela ficavam vidrados e seus músculos se entorpeciam. Ela relaxou como se sua alma houvesse abandonado o corpo, deixando para trás somente a carne quente, que parecia tão sem vida quanto uma bolsa d'água.

– Muito... bem – foi o que ele conseguiu dizer, mas ela não respondeu. – Reed – chamou enquanto abria a porta da sala de cirurgia, e o assistente surgiu da escuridão, alternando o olhar entre as ataduras ensanguentadas de Grace e o rosto do doutor, sem vacilar.

– Estão prontos, então? – perguntou Reed.

– Bom rapaz – disse Thornhollow. – Falsteed o inteirou das últimas notícias?

– Devo fazer um escarcéu e trazer Heedson imediatamente – disse Reed, como se recitasse as instruções.

– Então venha, Grace – disse Thornhollow. – Vamos conferir se Heedson é tão suscetível quanto você pretende ser.

Grace seguiu Reed e o doutor pelo corredor escuro, deixando que

a prudente indiferença a envolvesse à medida que passava pelas celas. Até mesmo o murmúrio que Falsteed soltou ao ver suas ataduras resvalou por sua consciência como chuva numa vidraça. Ela não passava de um receptáculo, acondicionando fatos e impressões para num momento futuro poder esquadrihá-los.

– Vá buscá-lo, então – Thornhollow disse a Reed, que correu até as escadas.

– Heedson! Dr. Heedson! – bramiu ele, e sua voz ecoava de volta pelo recinto enquanto ele subia. – Thornhollow passou da medida!

Seus gritos desvaneceram. Thornhollow examinou os punhos ensanguentados de sua camisa ao desenrolá-las casualmente. Grace observou impassível; seu cérebro absorvia os detalhes como uma esponja, mas rejeitava qualquer reação.

– Agora é com você, garota – disse Falsteed gentilmente, sua voz ressoando no escuro. – O artil é dele, mas você é a atriz... e a castigada, a propósito, caso Heedson fareje a armação.

– Ele não vai farejar – disse Thornhollow. – E ela não precisa que você a lembre dos riscos que corremos esta noite.

– THORNHOLLOW! – o berro de Heedson preencheu o porão. Ele irrompeu na escada, o roupão esvoaçando atrás de si como se fossem asas mal aparadas. – O que foi que você fez? – indagou, com as bochechas vermelhas devido àquele esforço incomum.

Reed seguiu atrás de Heedson.

– Eu disse que ele passou da medida. Acredita em mim agora, doutor?

– Deus meu! – exclamou Heedson ao ver Grace, impassível e pasma. Aproximou-se dela cautelosamente, como se ela fosse um animal selvagem que pudesse espocar de volta à vida e feri-lo assim que ele baixasse a guarda. Mas ela apenas permaneceu parada, com os ombros tombados e os olhos cravados num ponto do chão.

Quando suas mãos perscrutadoras tocaram-lhe o rosto, ela mergulhou ainda mais fundo mente adentro, até um lugar onde toque algum podia chegar. Embora se recusasse a senti-lo, ela poderia desenhar todas as linhas da palma da mão de Heedson, caso lhe pedissem isso. As menores gradações da rocha onde ela fixara seu olhar ficariam para sempre gravadas em sua memória. O

aroma de embriaguez que bafejava de Thornhollow quando ele cambaleou na direção dela imprimiu-se minuciosamente em sua mente.

– Tire as mãos da pasien... – balbuciou Thornhollow, afastando Heedson estranhamente.

Heedson agarrou os ombros de Thornhollow como se fosse sacudi-lo até que ele recobrasse a sobriedade.

– Eu não lhe pedi para operar esta garota, senhor – disse ele, destacando cada uma das palavras. – Era a garota do porão e os dois homens que eu lhe mandei. Apenas.

Thornhollow limpou o nariz na manga da camisa e balançou nos calcanhares.

– Você disse garotas.

Reed segurou a lanterna perto de Grace, mas ela não reagiu ao calor.

– Tendo pedido ou não, agora é fato consumado, dr. Heedson. Não tenho como desfazê-lo.

Heedson ficou pálido à luz da lâmpada, e gotas geladas de suor brotaram em sua testa naquela umidade. Seus dedos se esgueiraram entre as ataduras de Grace, e ela susteve o fôlego por um instante enquanto ele as levantava. A própria exalação dele sobre seu rosto ao ver as incisões idênticas estava contagiada com derrota.

– Então é isso? Você não pode... consertá-la, de alguma maneira?

Thornhollow cacarejou, oscilando nos pés.

– Talvez eu possa fazer um montinho com os pedaços do cérebro dela em cima da mesa e metê-los de volta na cabeça.

Das sombras, a voz de Falsteed interrompeu-os.

– Até você, como médico, sabe que isso não seria de muita ajuda, Heedson. O cérebro foi danificado, e dessa garota não restou nada além do que você vê diante de si. Mas o que é mais uma paciente sem vida para você?

– Ela não é apenas mais uma – disse Heedson, rearrumando as ataduras de Grace no lugar, como se curar suas feridas pudesse desfazer a cirurgia. – A garota é filha de Nathaniel Mae.

– Nathaniel Mae, o senador? – perguntou Reed, com verdadeira surpresa na voz.

– O próprio – disse Heedson, assentindo com a cabeça. – Ela está aqui por causa de sua antiga condição delicada, sob meus cuidados diretos, até que seja capaz de voltar para casa. Como irei explicar isto?

– Diga que você tem um cirurgião adepto a tomar um brandy que não entende plurais, pouco me importa. – Thornhollow deu um tapa em suas costas. – A estrada é longa, senhores, e eu preciso ir andando. Eu lhe enviarei a fatura, velho camarada – disse, desaparecendo no corredor escuro para apanhar a valise.

– Thornhollow! – Heedson berrou atrás dele. – Você não pode me deixar numa situação dessas!

– No entanto, é o que estou fazendo – disse Thornhollow emergindo das sombras, com a mala na mão. – A garota é problema seu. Ohio precisa de mim, e eu tenho que ir.

– Ohio... – disse Heedson, os olhos radiantes disparando para cá e para lá enquanto pensava. – Reed – disse ele rapidamente –, a garota não falou nada desde que chegou aqui, correto?

– Nem uma palavra, senhor. Eu lhe dava um pouco de pão e ela comia direitinho, mas nunca ouvi um agradecimento ou qualquer outro pedido.

– De fato – disse Thornhollow. – Não sei se precisaria ter usado o éter na garota, ela foi complacente como um cordeiro. No entanto, eu usei. Uma lâmina tem lá sua maneira de deixar uma pessoa desperta.

Heedson fechou os olhos.

– Reed, você acha que eu o pago bem?

– Muito bem, senhor. Mas você sabe que Maggie está com mais um bebê a caminho, e não posso dizer que temos carne na mesa todos os dias.

– Se eu pudesse tornar sua vida mais confortável, acha que carne é um bom substituto para a lembrança que você terá desta noite?

– Mais do que suficiente, senhor – disse Reed. – Eu já não tinha simpatia nenhuma por Nathaniel Mae. Ele parece mais propenso a cuspir nos pobres que a lhes dar de comer. Se ao mesmo tempo você puser comida na boca dos meus e eu conseguir encobrir os olhos dele, diria que é uma grande proeza.

- E ainda temos urnas vazias para guardar cinzas de mortos?
- Sim – disse Reed lentamente. – Mas não permitirei que a mate, senhor. Uma coisa é enganar um homem, mas matar uma garota para acobertar uma trapalhada não é da minha índole.
- Eu também não estou tão bêbado assim para permiti-lo – acrescentou Thornhollow.
- Jesus! Pelo que vocês me tomam? – perguntou Heedson. Por um momento muito breve, Grace viu nas profundezas dos olhos dele um indício de tristeza, o reflexo de um homem que antigamente quisera de verdade tratar os insanos, agora apagado e embrutecido por tantos anos de desencorajamento.
- Mae vai vociferar e urrar comigo – continuou Heedson. – Mas afinal, o que ele poderá fazer? Para começo de conversa, eu sei o motivo por que sua filha veio para cá, e ele não vai me ameaçar por temer que eu divulgue a história. Nós lhe daremos uma urna de cinzas com o nome dela inscrito, e também nossas condolências. A garota desaparece e ninguém ficará sabendo.
- Desaparece para onde, senhor? – perguntou Reed.
- Heedson virou-se para Thornhollow.
- Você nos colocou nessa bela bagunça, então você é quem deve levar a garota com você.
- Comigo? E o que eu deveria fazer com ela? – berrou Thornhollow, deixando sua indignação embriagada ecoar ao redor deles.
- Cure-a e venda-a a um bordel, pouco me importa – disse Heedson. – A história dela está selada dentro dessa mente destruída, e a verdade vai morrer com ela. Nós dois temos que pensar em nossas carreiras, Thornhollow, e você não vai querer que digam que você “tomou todas” antes de uma cirurgia, vai?
- Eu tomo uma ou duas gotas para me colocar no estado de espírito certo. Não acho que você possa me condenar por isso. Meu trabalho não é agradável – disse Thornhollow, alisando o cabelo desigual e endireitando as mangas da camisa conforme vestia o casaco de viagem.
- De fato, nem um pouco agradável – disse Heedson, voltando mais uma vez os olhos para Grace. – Reed, traga um vestido

decente para a garota, um casaco e sapatos, se conseguir arrumar alguns.

– É para já, senhor. Creio que uma garota do mesmo tamanho foi admitida esses dias, e morreu logo depois. Acho que vou apenas pegar as coisas dela na sala de pertences. – Ele desapareceu de novo, retornando com uma muda de roupas e uma tina d'água.

Heedson olhou duvidoso para Grace sob o brilho da lanterna.

– Ela consegue se vestir sozinha?

– Duvido – disse Thornhollow, balançando a mão. – Reed, leve-a à sala de cirurgia e queime os trapos imundos que ela está vestindo.

Grace deixou Reed pegá-la pela mão; seu toque era frio e leve. Ele fechou a porta atrás deles e pôs sobre a mesa uma muda de roupas novas junto com um par de sapatos.

– Eu as surrUPIEI da lavanderia hoje de manhã – disse Reed, baixando a voz. – Os sapatos podem machucar um pouco, mas servirão para a emergência. Vamos lá, lave-se rapidinho. Não vou olhar.

Grace levou um minuto para se recompor, deixando seu corpo entender que precisava desempenhar uma tarefa novamente. As sensações voltaram. O calor da lanterna e o cheiro das roupas recém-lavadas ataçaram suas narinas. Ela despiu a camisola, coçando com as unhas a sujeira que cobria seus braços. Um pano andrajoso e uma pesada barra de sabão branco flutuavam na tina. A água estava gelada, mas Grace aceitou-a mesmo assim. Ela fez espuma no sabão e esfregou o pano sobre sua pele, passando-o com cuidado sobre o declive de sua barriga.

De fato, ela foi bem rápida, ao contrário de quando tomava banhos escaldantes em casa, tendo o cuidado de limpar debaixo das unhas, esfregando sujeiras imaginadas. Ela nunca teria aprendido como era estar verdadeiramente suja caso não tivesse ido parar ali. Tentou se limpar do asilo o melhor que pôde ali no escuro, com um estranho a apenas alguns metros de distância.

O vestido era um objeto disforme, mas limpo, e ela susteve a respiração ante o cheiro do sabão da lavanderia, que lhe parecia familiar demais após ter sido castigada. A parte de cima era muito folgada nos ombros, as mangas eram muito compridas e os sapatos

de fato a apertavam. Mas ela trajava roupas de verdade, mais uma vez seus passos soavam quando ela caminhava, e não havia nenhuma camada de sujeira em sua pele.

– Pode se virar – disse ela suavemente, e Reed encarou-a à luz da lâmpada, oferecendo-lhe uma mão para conduzi-la de volta. Ela a aceitou, mas sua mente recuara antes mesmo de ter finalizado o gesto; a treva era mais bem-vinda que a luz.

Eles emergiram no pavilhão, onde Thornhollow se encontrava esparramado contra a parede, com os olhos fechados em semitorpor. Heedson levantou a lanterna para fazer uma inspeção em Grace.

– Melhor trocar essas ataduras dela antes de ir, Thornhollow. É capaz que ela sangre na estrada.

– Não será preciso – disse Thornhollow, colocando-se de pé. – As primeiras horas da manhã são as mais escuras, e as melhores para esconder a fuga da menina. Se ela morrer na caminhada, para você tanto faz, e ainda concede veracidade à sua história.

– Aqui está ela enfim, dr. Thornhollow – disse Reed. – Faça uma boa viagem e cuide bem da garota. Gosto de acreditar que os abandonados, como essa daí, sempre têm um fim bom, não importa quão improvável ele seja.

– Adorável reflexão, Reed – disse Heedson. – Mas eu ficaria feliz de nunca mais ver esse rosto novamente, por mais bonito que seja.

– Vou protegê-la do perigo. É tudo que posso prometer – disse Thornhollow. – Não será uma boa aposta afirmar que quem quer que siga meus passos vai encontrar algo bom.

Thornhollow espreitou os olhos de Grace e balançou a cabeça.

– Como foi que me vi guardião de uma jovem mulher, isso talvez eu nunca venha a saber. – Ele tomou sua mão e eles subiram as escadas juntos; os passos dela ressoaram firmes e seguros atrás dos dele.

O ar noturno estava limpo e cortante; era quase doloroso respirar. Grace arfou ante a punhalada de ar fresco da rua e Thornhollow fez uma ronda em volta dela.

– Calada – ele advertiu, com um assovio. – Tenho um cavalo e uma carruagem na alameda, com um ou dois cobertores. Isso que

você está usando não irá mantê-la muito aquecida neste tempo.

O cavalo bufou quando eles se aproximaram e Grace ergueu a mão para tocar-lhe o nariz aveludado.

– Suba, suba – instou Thornhollow, retirando a mão dela.

Ela subiu na carruagem e embrulhou-se no cobertor cuja existência ele lhe prometera. Ele estalou a língua para o cavalo e num instante eles se puseram em marcha; o bater dos cascos e o balanço da carruagem embalavam Grace em estupor. Ela escorregou de lado e puxou o cobertor por cima de si; o cheiro do ar limpo misturava-se ao perfume de rosas à medida que ela deixava a cidade para trás.

Era um trabalho sombrio, conforme ele a advertira.

Uma semana na estrada, sendo jogada da carruagem a hotéis escusos, não a havia preparado para o luxo de uma cama macia. O asilo em Ohio era como um castelo de faz de conta, mesmo que ela tivesse se aproximado dele numa noite escura com relâmpagos estriando o céu e sangue fresco pintalgando suas ataduras. Embora fosse uma cena saída de um pesadelo, a cabeça dela descansava confortavelmente num travesseiro limpo, num quarto que ela teria só para si.

Dormiu poucas horas um sono muito merecido e sua porta se escancarou. Thornhollow surgiu ao lado de sua cama, sacudindo-a para acordá-la.

– Vamos, garota. Hora de fazer por merecer sua acomodação.

Arrancada dos sagrados confins do sono, ela deu-lhe um coice, mas o doutor estava preparado para isso, já fora do alcance dela quando ela se moveu.

– Desculpe-me – disse ele, a uma distância segura. – Eu ainda preciso descobrir uma maneira agradável de acordar as pessoas.

– Não existe – queixou-se Grace, esfregando a mão nos olhos. – Ademais, estamos no breu da noite.

– Nosso trabalho não pode ser feito à luz do dia – disse Thornhollow, revirando o armário em busca de roupas que ele lhe arremessou em seguida. – Ou melhor, o trabalho deles não pode ser feito à luz do dia. Se quisermos pegá-los no ato, devemos observar o mesmo horário todos os dias.

– O que é isso? – Uma voz veio da soleira e Janey, a enfermeira-chefe da ala feminina, entrou no quarto de Grace; a confusão provocava rugas naquele rosto jovem na maior parte do tempo. – Doutor! Sei que esta garota se encontra sob seus cuidados, mas

– Você não pode invadir o quarto dela no meio da noite. Não na minha ala, não, senhor.

– Peço perdão – disse Thornhollow, embora não soasse arrependido. – No entanto, devemos agir depressa para... ai! – Sua frase foi cortada quando Janey agarrou-lhe pela orelha.

– E eu devo agir igualmente depressa, senhor. Você é o médico, e eu devo seguir suas ordens. Mas durante a noite essas mulheres estão sob os meus cuidados, e eu não permitirei um homem andando entre elas, não importa quantos diplomas ele tenha!

– Grace – disse Thornhollow calmamente enquanto era conduzido para fora do quarto –, poderia me encontrar lá fora?

Ela assentiu tola e olhou para cima, vendo que Janey permanecia com ela.

– O resto dos funcionários está dizendo que você não fala nem uma palavra, mas consegue mover a cabeça e fazer “sim” ou “não” para me dizer se quer ou não ir com o doutor?

Os lábios da jovem enfermeira se torceram quando Grace fez sinal de que queria ir.

– Tudo bem, então – disse Janey. – Se é a sua vontade, não vou me opor. O supervisor disse que o novo médico tem alguns interesses que podem fazê-lo sair por aí no meio da noite levando você a reboque.

Janey puxou do colo de Grace as roupas que Thornhollow havia lhe jogado, selecionando-as.

– Contudo, eu a advertiria para cuidar de seu guarda-roupa a partir de agora. Ele lhe deu três roupas de baixo.

Grace abafou um sorriso e deixou Janey ajudá-la a se vestir com roupas mais adequadas, depois seguiu a enfermeira até o vestíbulo, onde Thornhollow a aguardava, com a orelha ainda vermelha. Caminharam até a carruagem, que estava pronta e à espera, com um condutor a postos.

– Doutor – disse ela tranquilamente assim que estavam em segurança lá dentro –, você disse que devemos agir depressa a fim de pegá-los no ato. Quem são eles?

– Cara Grace – disse Thornhollow –, eu pensei que você tinha entendido. Nós vamos pegar assassinos.

Foi uma cena grotesca, iluminada pelas lâmpadas tremeluzentes dos policiais e pelos lampejos de relâmpagos que ainda cortavam a noite. Thornhollow puxou a valise da carruagem e estendeu uma mão para ajudá-la a descer, enquanto o condutor se arqueava estranhamente contra a saraivada da chuva. Grace impediu um ataque de nervos enquanto estendia a mão para fora do anonimato do cabriolé até a mão dele, e seu rosto tornou-se instantaneamente indolente assim que ela atravessou a moldura da porta. Nem mesmo o corpo espancado jazendo na calçada a comoveu quando ela desmontou da carruagem, dando passadas tão leves e rápidas quanto as de um fantasma.

– Cavalheiros, qual é a situação? – perguntou Thornhollow.

– É você o camarada que está bancando o policial? – perguntou um corpulento agente de polícia ao pisar sobre o sangue empoçado sob a água da chuva. – Você ainda tem um rosto imberbe e quer ser médico e policial ao mesmo tempo? Quer receber seu contracheque do asilo e também o meu?

O policial mais jovem meneou a cabeça na direção da carruagem.

– Um cabriolé requintado como esse, com um belo cavalo lustroso... ele não tira esse tanto de dinheiro lá na serra.

– Tem um condutor também – acrescentou o parceiro. – Quanto está lhe pagando para trazê-lo aqui a esta hora da noite? Mais do que eu ganho, provavelmente.

– Segundo o acordo que fiz com o comandante quando me candidatei ao trabalho no asilo, devo dispor de toda oportunidade para aprender mais sobre a mente criminosa – disse Thornhollow pacientemente. – Cavalheiros, o trabalho de vocês não passa de um passatempo para mim.

“Quanto ao condutor, ele se chama Ned, e administra os estábulos do asilo. Faz uns anos ele foi chutado no crânio, o que provocou o dano que fez de sua nova residência uma necessidade, embora ele não nutra nenhum rancor em relação aos indivíduos que lhe proporcionaram essa sina. Ele escolheu viver nos estábulos e passa seus dias esculpindo estatuetaszinhas de cavalos, como se em devoção ao animal que o libertou da necessidade de ter que interagir com pessoas como vocês. Quando eu preciso dele durante

a noite, ei-lo aí, sem queixas. Portanto, se puderem se afastar para que eu possa satisfazer minha curiosidade, irei me retirar da área com minha assistente tão logo seja possível.”

– Já ouvi isso sobre o asilo da colina – disse o homem mais pesado, com o olhar ainda fixo no condutor. – Essa história de que vocês lhes dão trabalhos fixos. Nunca tinha visto este tipo de coisa.

– Sim, nós lhes damos trabalhos fixos, e como eu disse, eles o executam sem queixas, cumprindo-os com muito mais eficácia do que qualquer homem lúcido que eu conheça.

– É sua assistente? – perguntou o homem mais novo, espreitando Grace. – Como é que nós não temos garotas bonitas para nos acompanhar por aí para carregar nossos cassetetes, George?

– Aposto que o doutor fornece os cassetetes a ela, Davey.

As palavras deles passaram batido pelo alvo. Grace permaneceu como estava, com o olhar vazio cravado no corpo morto, esboçando os detalhes da cena na lacuna que ela criara dentro de si.

– Não é de falar muito, não é? – Davey estalou os dedos na frente dela, mas ela nada fez senão piscar.

Thornhollow não ergueu o olhar de onde estava, ajoelhado ao lado do cadáver.

– Eu não contrariaria muito a garota, se fosse você – advertiu. – Ela também é uma paciente do asilo.

– Ela é uma daquelas que só ficam encarando? – perguntou George, focalizando toda a atenção em Grace, sem perceber que Thornhollow revirava os bolsos da vítima.

– Encara sim – disse o doutor. – Embora de vez em quando seja acometida por acessos de violência. Os funcionários ainda precisam descobrir o que é que os causa. Certo dia, mandaram-na ordenhar as vacas e ela extirpou duas tetas inteiras de uma das novilhas.

Davey olhou para Thornhollow com desconfiança, mas não obstante se afastou de Grace.

– Eles a amarram muito, não é, doutor? – perguntou George, as sobancelhas arqueadas perto de seu engordurado cabelo.

– Não conheço a história dela – disse Thornhollow, tocando uma ferida aberta no rosto do homem morto. – No entanto, o asilo pratica os tipos mais humanitários da medicina, então duvido

seriamente que esta jovem já tenha sido amarrada contra sua vontade.

– Parece-me complacente demais – arriscou-se Davey novamente. Sua curiosidade superava a cautela, enquanto se movia em semicírculo ao redor de Grace.

– Devem estar todas exaustas demais, não se engane – disse George, os olhos radiantes semicerrados sobre Grace. – Mesmo essas com rostos encantadores como o dela. Não se sabe que demônio se esconde dentro delas para que, como você diz, ela tenha mutilado uma vaca leiteira que nada fez de errado naquele dia.

– Melhor seria que você praticasse sua medicina naqueles que podem ser curados, doutor. As obras que fazem lá em cima, no asilo, são uma ofensa à natureza. Compromete-se a sobrevivência dos mais aptos quando abrigamos os idiotas e abastecemos suas cozinhas com a comida de nossas próprias despensas. Eu trabalho duro e ganho o meu pão para mim e para os meus, e ver tipos como ela encarando o chão como se não distinguisse esquerda de direita e pernoitando sob um teto melhor do que o que os meus meninos têm abre um buraco no meu coração, abre sim.

– Pondo em grande dúvida a existência do dito órgão – disse Thornhollow, enquanto exalava.

– Como é?

– Eu disse que esse homem sofreu algum dano nos órgãos.

– Sofreu, sim – concordou Davey. – Sabe, senhor, alguns de nós nutrem algum interesse pelos malucos, pois há muitos deles aqui em nossa cidade. – Thornhollow fez um ruído com a garganta que dificilmente era um encorajamento, mas o agente continuou. – O meu velho disse, algumas vezes já, que viu mais de um membro da mesma família acabar lá na colina. O que diz disso, dr. Thornhollow? A loucura é transmitida dentro das famílias? Ou é tudo alternado, e nunca se sabe quem será... quem vai arrancar fora as tetas de uma vaca, ou algo assim?

– Seria de grande valia nunca saber quem é que vai arrancar fora as tetas de uma vaca num dia qualquer.

George pigarreou e cuspiu na rua; o jorro pousou perto de Grace.

– Os loucos deviam ser operados para não poder ter bebês. Podíamos colocar um fim na loucura dentro de uma geração, caso alguém tivesse colhões para dizer que devíamos cortar os deles.

– Pelo contrário – argumentou Thornhollow –, vi nascer um punhado de crianças perfeitamente saudáveis daqueles considerados insanos, e uma prole incontestavelmente insana nascer das pessoas mais normais que se possa imaginar.

– Eu ainda sustento que deveriam haver operações – disse George.

– Eu de fato acho isso muito estranho – disse Thornhollow, pondo-se de pé.

– Por quê?

– Penso que vocês deveriam me agradecer por argumentar contra a castração de idiotas. – Ele baixou o chapéu para eles. – Tenho tudo de que preciso, obrigado, cavalheiros.

Ele passou por Grace, e ela virou-se para caminhar atrás dele conforme deixavam os policiais para trás, com suas mandíbulas rangendo estranhamente – como se o lugar deles fosse o celeiro, bem ao lado da fictícia e mutilada vaca leiteira. Um sorriso se insinuou em seus lábios, e ela mal conseguiu contê-lo até se refugiar com segurança dentro da carruagem.

– Até que gostei disso tudo – ela admitiu enquanto o condutor fustigava as rédeas no cavalo e os cascos os conduziam noite adentro. Um trovão lampejou na tentativa de alcançá-los.

– Fico um tanto surpreso por ouvir isso – disse Thornhollow, com o rosto oculto na escuridão. – Eu não tinha dúvida de que você conseguiria encarar o horror sem vacilar, mas agora que realmente gostou dele, pergunto-me se talvez no futuro eu não devesse protegê-la de pobres ignorantes como aqueles que deixamos lá atrás.

– Eu não os machucaria – disse Grace. – Mas os homens são sempre tão... – Ela se deteve, corrigindo-se. – A maioria dos homens age sempre com tanto decoro na presença de uma dama. Poder ouvir homens falando com outros homens da forma como fizeram, como se eu não estivesse lá, foi enriquecedor.

– E enriquecedor não para o meu gênero, tenho certeza – disse

Thornhollow. – Contudo, o que você diz é verdade, e é parte da razão por que eu concordei em trazê-la comigo de Boston, em primeiro lugar. Sua mente é rápida, sua atenção aos detalhes é comprovada, sua memória é infalível. Mas as ataduras na sua testa e as cicatrizes que vão se formar fornecem o disfarce perfeito para todos os seus talentos. Está comprovado: você é insana.

– E portanto, não sou humana – Grace completou por ele.

– Exatamente. A maioria das pessoas irá supor que você carece de lucidez. Estão fadadas a dizer o que quiserem na sua frente. Palavras que eu perderia se estivesse longe serão aprisionadas pela sua mente meticulosa. Dentro das dependências do asilo você está livre para ser mais expressiva, travar relações sempre que puder sem ter que usar a voz. Mas em público você é a minha mosca na parede, a portadora de toda a informação que eu não posso coletar sozinho.

– E todas as minhas informações, doutor? Todas as coisas que eu capto enquanto permaneço debaixo da chuva fingindo ser imbecil e encarando um cadáver? O que devemos fazer com elas?

– Minha querida, eu sou médico – disse Thornhollow conforme trilhavam a colina até o asilo. – O que mais faríamos com elas senão dissecá-las?

Thornhollow disse que uma boa dissecação devia ser feita quando o tema ainda estava fresco. Ele levou um bule fervente até seu consultório; o perfume caloroso do café seguiu-o enquanto Grace esfregava as mãos para aquecer-se.

– Eu pediria desculpas por tê-la arrastado lá fora numa noite como esta – disse o doutor –, mas este crime em particular, por ser tão evidente, rende-lhe a oportunidade perfeita para você ganhar experiência.

Grace aceitou uma caneca fumegante e sentou-se numa cadeira de couro.

– Tão evidente?

– Sim, bastante, conforme explicarei – disse Thornhollow, levando um quadro-negro até a frente do consultório e entortando algumas pilhas de livros. – Eu também pediria desculpas pela bagunça, mas é provável que eu jamais limpe este lugar.

Grace observou o consultório, que de fato estava uma bagunça. Pilhas de livros lutavam uma desequilibrada batalha contra a gravidade, atrapalhadas pelo próprio peso sempre que as implacáveis perambulações de Thornhollow sacudiam os assoalhos empenados. Seu casaco estava atirado sobre a mesa, e ele pousara o bule de café em cima dele.

– Agora, ao trabalho, jovem Grace, antes que o sono a reivindique novamente.

Ela sacudiu a cabeça para aclará-la, estando já embalada pelo calor do fogo. A ponta solta de sua atadura havia se desenrolado por conta própria e açoitava sua bochecha. Ela a enfiou de volta no lugar; seus dedos já estavam versados naquele movimento, agora tão familiar.

– Estou pronta. Quando quiser, doutor.

– Ótimo – disse ele. – Hoje, foi uma breve introdução. Veremos se você consegue chegar a alguma conclusão. – Ele virou-se para o quadro-negro, mas seus dedos brincavam com o giz enquanto falava, entretendo-se com ele mais do que usando-o para escrever.

– Lembra-se dos homicídios do Estripador em Londres, alguns anos atrás?

– Lembro-me de todos comentando – disse Grace. – Mas não sei muito sobre os assassinatos. Minha mãe dizia que não era um assunto adequado para mim, e ela não autorizava jornais em casa, por medo de que Alice pudesse.... – A garganta de Grace se fechou ante o nome da irmãzinha, como se uma válvula de sua antiga vida houvesse girado, impedindo-a de citá-la.

Thornhollow assentiu com a cabeça, prestando atenção nas palavras dela, não em suas emoções.

– Não me surpreende que ela a protegesse de tais notícias. Foi um acontecimento sórdido. Os jornais a fariam pensar que se tratava de uma nova espécie de ser humano, ou de um demônio. Mas há os que já testemunharam coisas terríveis muito antes de o Estripador iniciar suas caminhadas noturnas. A única coisa nova nesse caso foi o método que a polícia usou na tentativa de encontrar o assassino.

“Boa parte da solução de crimes envolve uma abordagem muito simples, Grace. Quem? Quando? Por quê? Como? É isso. Essas questões são primordiais, e cumpriram seu dever por um longo tempo, e o cumpriram bem. Mas, no caso do Estripador, não deram resultado. Alguns cientistas começaram a investigar o comportamento do criminoso *antes* e *depois* do crime, e não apenas durante, a fim de colher informações sobre quem poderia ser aquela pessoa, qual era sua profissão e sua conexão com a vítima, até mesmo qual era o seu estado emocional antes, durante e depois do ocorrido. Todas essas coisas podem ajudar a formar uma imagem do criminoso que vai muito além das simples perguntas monossilábicas que nos fizemos durante séculos.”

Grace bebericou seu café, deixando o calor abrandar suas cordas vocais e o ponto áspero que se abria quando ela citara o nome de sua irmã.

– Certo, doutor, mas devo salientar que o Estripador nunca foi

pego, nem com o novo método.

Thornhollow parou de andar e mordeu a bochecha.

– É verdade. No entanto, eu fiquei um tanto fascinado pela ideia, e passei anos estudando e colhendo informações sobre assassinos convictos para ter um repertório de fatos nos quais nos basear quando não soubermos de quem é que estamos atrás. Estamos esboçando uma imagem, se você preferir assim, de que tipo de homem (ou mulher) faria determinadas façanhas, e de como as executaria.

– Portanto, você trabalha de trás para frente, de certa forma – disse Grace, juntando as sobrancelhas conforme uma dor de cabeça começava a se formar em suas têmporas, latejando contra a atadura. – Em vez de aprender a biografia desses tipos depois de prendê-los, você reúne uma história que dá conta de como você os imagina, e depois a usa para rastreá-los.

– Exatamente.

Um acesso de orgulho fluiu por Grace, um calor na barriga que não foi fornecido pelo café.

– No caso do Estripador, você está correta. Ele nunca foi pego, mas creio que a metodologia é consistente, e eu mesmo a usei inúmeras vezes para auxiliar a polícia em Boston. Minha vinda para Ohio significa que estou lançando minha rede num lago menor, sem dúvida. As noites de Boston eram às vezes tão repletas de assassinatos que eu nem sabia a qual cena de crime comparecer, mas o hospital daqui é o mais humanitário que já vi, e eu fiquei cansado de operar na escuridão de dia ou de noite.

– Não se deixe enganar por uma paisagem agradável, doutor – advertiu Grace. – Às vezes, os lugares mais adoráveis abrigam os piores monstros.

– Certíssimo – reconheceu ele. – Tendo isso em mente, eu lhe farei uma pergunta direta. Se você fosse matar alguém, quem mataria?

– Meu pai – disse ela de pronto.

Ele assentiu, como se esperasse aquela resposta.

– E como você o faria?

Ela respondeu imediatamente, permitindo que a fumegante

sensação em sua barriga assumisse o controle de suas cordas vocais antes de pesar as palavras.

– Eu arrancaria o coração do peito dele e pisaria nele. Depois, arrancaria seus olhos.

– Oh – disse Thornhollow, depois de uma pausa. – Isso é... – Ele limpou a garganta. – Isso definitivamente serve para provar meu argumento.

Grace estreitou as mãos ao redor da xícara de café.

– Perdoe-me, doutor – disse ela. O calor de suas palavras iluminou suas bochechas com um vermelho vivo. – Eu não queria...

– Não – ele a interrompeu. – Não peça desculpas. *Você queria.* Você queria dizer todas as palavras exatamente como disse. E ninguém, muito menos eu, pode julgá-la por isso.

Ela baixou o olhar até as redemoinhantes borras de seu café, enquanto a dor de cabeça ganhava impulso.

– Obrigada – disse ela.

– Conforme eu dizia, as ações que você pretendia fazer ilustram muito bem o meu argumento. Agora, observemos um segundo cenário. Quero que imagine que você está precisando de dinheiro, e desesperadamente. Você é uma garota pobre que vive nas ruas e pode morrer de fome antes do findar do dia. Você vê um homem bem-vestido na esquina, na escuridão da noite. Você vai matá-lo e roubar seu dinheiro. Como você irá fazê-lo?

– Eu... – A voz de Grace vacilou ao vislumbrar o cenário. Apesar de ter nascido na riqueza, ela compreendia o desespero, e sua mente examinou a cena imaginária. – Eu pegaria um tijolo, acho, ou uma pedra. Eu me esgueiraria até ele, bateria em sua cabeça e pegaria sua carteira.

– Exatamente – disse Thornhollow. – No primeiro caso, você tem uma conexão pessoal com a vítima, seu pai. Está motivada pela emoção e pela vingança. Perpetra o suposto crime com as próprias mãos, inclusive mutilando o rosto dele a fim de tirar-lhe a capacidade de olhar para você enquanto morre.

– Mas com o homem no beco eu não me importo – disse Grace, preenchendo as próprias lacunas. – Eu o mato porque preciso do seu dinheiro, e não porque quero machucá-lo. Não é... não é algo

pessoal.

Thornhollow assentiu.

– Na mosca. Falsteed estava correto em considerá-la ágil. Ora, mais cedo eu disse que o assassinato de hoje foi um assassinato simples. Por quê?

– Porque...

– Espere – disse ele, interrompendo-a. – Não se apresse. Feche os olhos e veja.

Grace assim o fez, deixando sua mente voltar aos momentos em que ela permanecera de pé, imóvel sobre os ladrilhos molhados, com os regatos de sangue correndo ao lado de seus sapatos.

– Ele foi baleado na cabeça – disse ela, vagando os olhos até onde o corpo jazia no chão. – No rosto – corrigiu.

– E portanto...?

– Portanto... o assassino provavelmente o conhecia. Queria desfigurá-lo.

– Não apenas isso – a voz de Thornhollow justapôs-se ao devaneio dela –, mas o assassino também queria ser visto atacando de frente. Ele queria que a vítima soubesse quem estava lhe tirando a vida.

– Eles se conheciam – disse Grace, com os olhos ainda fechados enquanto vagavam pela imagem em sua mente. – Ele era casado – disse ela calmamente, notando o anel na mão esquerda dele.

– Era – concordou Thornhollow.

A visão interior dela deixou seu corpo e viajou sobre as cercanias, iluminadas apenas pelas lâmpadas a gás pipocando e a débil luz jorrando das janelas do edifício em frente ao qual a vítima fora morta.

– Por que um homem casado estaria num bar na calada da noite? – perguntou ela.

– De fato, por quê?

Grace abriu os olhos.

– Você vasculhou os bolsos dele – disse ela. – Por quê?

– Para ver se ele tinha sido roubado. E ele não foi.

– Então um homem casado é baleado no rosto por alguém que o conhece, quando está saindo de um bar no meio da noite, mas não

é roubado – disse Grace. – A própria esposa o matou.

– É o que penso – concordou Thornhollow. – E se as aparências não enganam, imagino que, num estabelecimento tão precário quanto aquele parecia ser, as mulheres provavelmente serviam mais do que bebidas. Não consigo imaginar uma esposa matando o marido porque ele sentiu sede em hora inoportuna.

Grace descansou o café agora gelado na beirada da mesa de Thornhollow.

– Você disse que era simples, mas como teremos certeza de que estamos certos?

– Vou me inteirar com os agentes de polícia, de manhã. Até eles serão espertos o bastante para identificá-lo e bater à sua casa. É um infeliz efeito colateral do matrimônio o fato de que a maioria das pessoas seja assassinada pelo próprio cônjuge.

– Entendo – disse Grace. Seus dedos subiram até a atadura, onde a dor de cabeça assumira total controle.

– Você está bem? – perguntou Thornhollow.

– Doutor, tive o crânio cortado dos dois lados, viajei com um homem desconhecido durante dias e fui arrastada da minha cama na calada da noite para conferir um cadáver. Estranhamente, sinto-me bem, exceto por essa dor de cabeça.

Thornhollow soltou uma risada cheia, que ecoou janelas afora e fez Grace sorrir ante o volume.

– Grace – disse ele –, não apenas você tem um dom incomparável e propício a propósitos sombrios, como penso que sua natureza também é assim.

– E que fim tem uma garota dessa natureza? – disse Grace, com uma voz sombria.

O sorriso de Thornhollow se desfez.

– Admito que não tive muito tempo para pensar adiante, quando a despachamos de Boston. Os funcionários daqui acreditam que você é uma paciente sob os meus cuidados expressos, em quem eu fiz uma cirurgia experimental. A farsa da mudez você precisará sustentar. Peço perdão por isso. Eu sou a única pessoa que pode saber que você é capaz de falar e pensar. Se alguém suspeitar de quem você realmente é...

– Compreendo – disse Grace. – Eu não me importo em manter silêncio, em troca do que fui poupada de viver.

– Sim, mas temo que não seja uma boa existência para você.

– Não – disse ela. – Mas eu já não estava tendo uma boa existência.

– É um bom eufemismo, já que você estava vivendo num calabouço.

– Não era a isso que eu me referia, doutor – disse Grace, mas seus pensamentos haviam voltado à escuridão do asilo e à voz de Falsteed confortando-a.

– Bem – Thornhollow juntou as mãos com um estalo –, foi uma noite longa, para dizer o mínimo. Você devia ir para a cama. Comunicarei à equipe que você esteve me ajudando e que devem deixá-la dorm...

– Doutor, por que Falsteed está no asilo? – perguntou Grace subitamente.

– Para uma garota nascida de um bom berço, você certamente interrompe as pessoas com frequência.

– E qual é a sua resposta?

– Eu... – Thornhollow correu a biqueira do sapato sobre uma mancha no chão. – Eu não sei se devo fornecê-la.

– Por quê? – exigiu Grace. – Falsteed era meu amigo.

– Motivo pelo qual não estou certo de que eu deva responder-lhe.

– Eu não sou ingênua. Falsteed não era apenas um interno, mas um interno relegado às entranhas do calabouço. Sei que ele deve ter feito algo horrendo no passado. Eu teria sabido o que ele fez.

Thornhollow suspirou e olhou para o chão.

– Você desfrutou de todos os benefícios de uma boa vida. Assumo que você tenha sido vacinada contra varíola?

– Eu... – Grace baixou a voz, desconfiada. – Sim.

– Você sabe o que a vacinação contra a varíola causa?

– Não – disse ela. – Só sei que, assim que sou vacinada, não posso pegar a doença.

Thornhollow assentiu.

– É um conceito muito simples. Assim que seu corpo é exposto a certas doenças, ele aprende a combatê-las e a lembrar-se delas,

para que você não possa ser atacada novamente. A vacina contra a varíola, na verdade, é varíola bovina inserida no seu corpo em uma dose pequena. Seu corpo reage, aprende a combatê-la, e embora você possa ter dor de cabeça ou febre leve, nunca será atacada pelo primo mais letal, a varíola.

“Apesar de a ciência médica ter avançado e conquistado muitas coisas, há pouco que possamos fazer contra a fera maligna que é o câncer. Falsteed perdeu bem mais que um paciente para esse monstro, e temo que ele tenha desenvolvido algo como... uma obsessão.”

– Não acho que ele possa ser chamado de obsessivo por querer tratar as vítimas da doença – disse Grace.

– O que Falsteed oferece não é tratamento. Quando ainda era um homem livre exercendo seu ofício, era conhecido por ir atrás daqueles que sofriam tumores cancerosos. Fazia cirurgias de graça; o único pagamento que exigia era ficar com o abscesso para si.

Grace deu de ombros.

– E que crime há nisso?

– Depois ele os comia – disse Thornhollow.

Grace sentiu o sangue escapar do rosto.

– Ele fazia o quê?

– Ele os comia – repetiu Thornhollow. – Numa temerária tentativa de inocular-se contra o câncer. Suas ações o levaram ao asilo, e eu não me importo em dizer que lá é, de fato, o lugar dele.

– Santo Deus! – disse Grace, balançando as mãos diante do rosto.
– Mas ele me salvou.

– Sim, ele a salvou – disse Thornhollow. – E apesar dessas coisas, ele é seu amigo e você lhe deve isso. – O doutor passou para seu lado, pousando uma mão na parte de trás de sua cabeça. – Agora estes são os seus amigos, Grace Mae. Um maluco que se alimenta de câncer na escuridão e outro que caça um tipo diferente de assassino, o tipo que sorri para você à luz do dia. Esta é a sua nova vida. Espero que consiga suportá-la.

– Ela está acordando. – Um sotaque irlandês penetrou nos sonhos de Grace, seguido por uma voz muito mais suave.

– Barbante disse para deixá-la dormir.

– Dane-se você e o seu barbante.

Uma arfada seguiu-se a esse comentário e Grace sentiu que nadava em direção à lucidez, apesar da perene pressão sobre suas têmporas.

– Ohhh, aí está você – continuou o sotaque irlandês. – Abra esses olhinhos bonitos e nos deixe dar uma boa olhada em você.

Grace despertou completamente e viu-se cara a cara com duas garotas da sua idade, ambas vestidas com o insípido blusão cinza dos internos.

– São azuis – declarou a garota irlandesa, após observar de perto o rosto de Grace. – Você está me devendo sua sobremesa na hora da ceia, Elizabeth.

A garota menor apertou os lábios, aborrecida.

– Por que seus olhos não nasceram verdes? – ela indagou Grace.
– Teriam ficado tão bonitos com seu cabelo.

Felizmente, Grace era incapaz de produzir palavras para defender a cor dos próprios olhos com que nasceria, e a voz da garota irlandesa preencheu o vácuo.

– De nada serve fazer perguntas a ela – disse ela. – Janey disse que essa daí não tem voz.

As sobrancelhas de Elizabeth se uniram, confusas, e ela virou a cabeça como se consultasse algo sussurrando sobre seu ombro.

A garota irlandesa bateu o pé.

– Eu disse que não é para conversar com o Barbante enquanto você está comigo. Você sem dúvida está assustando a garota nova.

Elizabeth aprumou-se em sua estatura completa – que não era

muito alta – antes de falar:

– Janey contou para mim que ela veio com o dr. Thornhollow ontem à noite, e não era para a gente acordá-la. Mas você foi lá e a acordou mesmo assim, Nell, do jeito que você quis.

– Ooooooh – disse Nell, os olhos se esbugalhando e imitando o formato de sua boca. – Com o dr. Thornhollow, é? Eu não me importaria de ter o prazer de conhecê-lo, se é que você me entende.

– Tenho certeza de que basta ele dar uma olhada no seu histórico para se desinteressar – disse Elizabeth.

– Deixe meu histórico fora disso – disse Nell, estreitando os olhos.

Grace sentou-se na cama, atraindo a atenção das garotas.

– Perdão, querida – disse Nell, jogando-se no colchão de Grace e bufando. – Elizabeth e eu... nos conhecemos bem demais. Às vezes temos conversas temperamentais.

– Sim, somos um pouco como irmãs, acho – disse Elizabeth. – Afeto com um tiquinho de sofrimento.

– Sofrimento. – Nell revirou os olhos. – A Elizabeth é um bocado desmancha-prazeres. Mas você se acostuma com ela. Ela passaria por uma pessoa normal, se não insistisse que o seu barbante lhe conta tudo.

Grace sorriu com relutância para Nell, perguntando-se o que é que a havia levado ao asilo. Seus cabelos negros, ondulados e pesados caíam soltos, realçando um rosto de porcelana e olhos sobre os quais a mãe de Grace diria que “levam um homem a cometer besteiras”.

– É *Barbante* – Elizabeth corrigiu a amiga. – Não é “o seu barbante” ou “o meu barbante”. É simplesmente Barbante – disse ela com uma dignidade que a amiga descartou casualmente.

– Pois é, ele tem até um nome – disse Nell. – E se há um barbante tão presunçoso em toda a terra, é esse.

Elizabeth rejeitou a discussão com um aceno de mão e sentou-se perto da cabeça de Grace, enterrando as mãos no cabelo dela e tecendo minúsculas e delicadas tranças sem dizer mais nada.

– Não dê importância à pequena Elizabeth – disse Nell, balançando a cabeça. – Ela fica um pouco espevitada quando alguém insulta Barbante, já que é quem lhe diz tudo. Ela é

terrivelmente afeiçoada a ele, embora tenha sido ele quem a trouxe a este lugar.

– Já eu diria que você é que é afeiçoada demais à sua própria causa de permanência aqui – disse Elizabeth.

– Pois é, ora. – Nell suspirou e sugestivamente colocou a mão entre as pernas. – Não há como desafeiçoar isto de mim, há?

Ainda que Grace tenha ouvido Elizabeth suspirar de frustração, ela pôde sentir um riso reprimido correr através dos dedos da garota enquanto esta desfazia uma das tranças.

– Pronto – disse Elizabeth, dando tapinhas na cabeça de Grace.

– Chega dessas fantasias – disse Nell, desfazendo as tranças para que o cabelo se armasse tão indomado quanto o seu. – Janey, que é quem cuida do nosso andar na ala feminina, disse que era para nós mostrarmos as dependências do asilo a você.

Grace levantou-se da cama; seus olhos buscaram o vestido que usara na noite anterior.

– Nós mandamos suas roupas sujas pela portinhola da lavanderia no corredor – disse Elizabeth, puxando Grace. – Embora esteja além da minha inteligência como é que você conseguiu sujar três pares de roupa íntima numa só noite.

– Talvez ela seja como aquele tal sr. Feiffer da ala masculina, que não consegue segurar o xixi – disse Nell.

– Basta – disse Elizabeth. – Tivemos um palpite de suas medidas, na lavanderia. – Ela sorriu para Grace. – Trouxemos peças limpas. Aqui não se estabelece o que devemos vestir. Se sua família lhe envia algo lindo, então poderá usá-lo e ninguém vai mexer com você. Mas Nell e eu... nós...

– Nós não temos ninguém – disse Nell. – Ninguém que cuide de nós, de qualquer forma. Por que você fica aí parada encarando, como quem perdeu o juízo? Ande logo com essa troca de roupa. Aqui somos todas mocinhas. – Sem mais preâmbulo, Nell arrancou a camisola de Grace por cima da cabeça.

Grace imediatamente cruzou os braços, mas Nell e Elizabeth encetaram um animado falatório enquanto a vestiam com as roupas que haviam lhe trazido. Nell olhava para ela com ceticismo, calçando as botas de Grace, habilidosamente laçando botão por botão.

– Janey disse que o doutor a considera lúcida, mas estou passando a questionar isso.

Elizabeth deu um tapinha na mão da amiga.

– Você nem bem a acordou e já fez insinuações lascivas e tirou a roupa dela em questão de minutos. Não admiraria que você tivesse tirado o juízo dela.

Nell recuou e examinou Grace da cabeça aos pés enquanto Elizabeth lhe penteava o cabelo com os dedos e o prendia num coque.

– Você vai servir – disse Nell. – Ainda que eu não entenda essa história de não falar.

Elizabeth pôs a mão no cotovelo de Grace.

– Você consegue escrever?

Ansiosa para agradar as garotas, Grace assentiu com a cabeça, antes de ponderar se o dr. Thornhollow gostaria que ela se comunicasse com as outras pacientes. Mas o sorriso que iluminou o rosto singelo de Elizabeth deu a entender que havia dado a resposta correta.

– Vamos lhe arranjar lousa e giz. Daí poderá dizer o que quiser.

– Pois é, é uma ótima ideia para aqueles que sabem ler – disse Nell.

– Eu lhe transmito o que ela disser – disse Elizabeth, conduzindo Grace até a porta.

– E quem é que vai garantir que você está sendo honesta?

Elizabeth estacou de supetão e bateu um de seus delicados pés tão forte no chão que Grace saltou, alarmada.

– Nell O’Kelly, se está sugerindo que eu contaria uma mentira...

– Oooh, uma mentira, é? – disse Nell, jogando os braços no ar. – Se a primeira coisa que essa nossa pobre queridinha escrever for que eu sou a garota mais bonita que ela já viu, saberei que você está falando uma verdade. – Ela pegou Grace pelo outro cotovelo e as duas a levaram até o corredor ensolarado.

Grace fugira de Boston oculta pelo disfarce da noite. Quando as garotas a arrastaram para a luz do sol, ela recuou como se tivesse sido atingida, levando as mãos até os olhos.

– As ataduras machucam? – perguntou Elizabeth, confundindo a dor de Grace.

Grace balançou a cabeça, embora mantivesse uma das mãos nos ombros das garotas para dar seus primeiros passos. Ela piscou rapidamente, permitindo que seus olhos se ajustassem.

– Você tem algo errado na cabeça? – perguntou Nell, espreitando a têmpera de Grace. – Digo, do lado de fora?

– Nell, fique calada – disse Elizabeth. – Não há motivo para importuná-la com perguntas que ela não pode responder sem uma lousa.

– Tem razão – disse Nell, retirando a mão de Grace do seu ombro, não sem antes dar-lhe uma apertadinha. – Eu voltarei, e quando eu voltar espero que você me escreva uma história bonita.

Elizabeth franziu o cenho enquanto a outra garota desaparecia na imponente vastidão do asilo.

– Ela vai pegar uma lousa de um dos garotos, sem dúvida. E sentirei pena do garoto, se ele ganhar mais do que um sorriso como agradecimento!

Grace enfiou a mão no cotovelo de Elizabeth e levantou uma sobrancelha interrogativa.

– Nell é sífilítica – explicou Elizabeth, articulando a palavra com desgosto. Grace baixou o olhar para os sapatos conforme transpunham o caminho de cascalho, acostumando-se ao incomum fato de ter um sapato para usar. – Não lhe queira mal por causa disso – acrescentou Elizabeth rapidamente. – Ela não teve uma vida fácil... – Elizabeth ergueu a cabeça subitamente, como se tivesse sido interrompida. – Barbante diz que é para eu não falar mais nada.

Grace ficou feliz por ter uma companhia silenciosa para visitar as dependências. O asilo de Boston cobrira-se de uma pele tão feia quanto o coração que batera dentro dele; a escuridão extravasava lá de dentro e manchava os tijolos que retinham os loucos. Mas este novo asilo era bonito; seus tijolos eram de um vermelho digno, que se embestia nos raios de sol e refletia o calor naqueles que se encontravam lá dentro durante a noite. Até na escuridão de seu quarto Grace sentira uma calma que o próprio edifício parecia transferir a ela, uma melodia silenciosa que embalava seu cérebro

febril sono adentro.

Acres de relva verde se estendiam debaixo de seus pés, e Grace se desviou do caminho de cascalho com Elizabeth como se fosse uma sombra silenciosa. O verde saltava aos olhos, e embora o sol houvesse se esgueirado atrás de uma nuvem, as salutares cores atingiam-lhe as pupilas como uma pulsação da qual ela fora afastada durante muito tempo. O ar era tão fresco que ela podia senti-lo limpando seus pulmões das últimas arfadas fétidas do ar de Boston, imaginando que segredos Falsteed intuiria ao inalá-lo.

Minúsculos filetes de óleo de rosa vazavam por baixo de suas ataduras. A coceira da cicatrização se instalara, e Grace sabia que em breve suas bandagens seriam descartadas. Todos veriam suas cicatrizes, mas ela poderia ostentá-las com orgulho aqui neste novo mundo, onde os insanos vagavam livremente trajando roupas próprias. A dupla galgou uma colina para ver uma ondulante extensão de água abaixo delas, e Grace arfou, quase exclamando em voz alta para sua nova amiga, antes de se deter.

– Que bela vista, não? – disse Elizabeth, sorrindo como se fosse a autora de tudo aquilo.

Grace sorriu de volta e por cima do ombro de Elizabeth avistou um homem que tinha os braços envoltos em uma árvore. Em sua condição atual, ela mesma também se sentia inclinada a fazê-lo. Ela estivera por tanto tempo afastada de tudo que não fosse o escuro que as palavras queriam pular para fora depois de empilharem-se uma em cima da outra em sua garganta, querendo proclamar a alegria de finalmente se sentirem seguras.

– Vocês até que andam rápido para uma dupla de idiotas. – Nell chegou à colina bufando, com marcas inflamadas de esforço em ambas as bochechas, e uma lousa na mão. – Eu até interrompi meu flerte com Charlie quando vi vocês duas vindo até o lago. Podiam ter me esperado – ela censurou Elizabeth. – Eu queria ter visto a cara dela.

– Ela se iluminou feito uma vela – disse Elizabeth, seus próprios olhos brilhando. – Como todos os que veem o lago. Barbante diz que o poder do...

– Você pode continuar com essa falação – interrompeu-a Nell – ou

podemos ver o que a nova mocinha tem a dizer?

Ela entregou a lousa e um pedaço de giz com marcas de dente para Grace, que o segurou no ar por um momento; a ponta bem arredondada ficou suspensa a centímetros da lousa.

– Ora – fustigou Nell –, o que você tem a dizer?

Grace refletiu por um instante, depois escreveu enquanto a brisa afastava de suas têmporas as pontas das ataduras levemente ensanguentadas, que lhe açoitavam o rosto. Ela ergueu a lousa para que ambas as garotas lessem, torcendo para que suas novas amigas ignorassem o brilho das lágrimas em seus olhos.

MEU NOME É GRACE

Ela não viu o doutor naquele dia – exceto como uma sombra alta e silenciosa, que perseguia pelas dependências os pacientes dispersos pelo asilo à medida que eram apontados por outros enfermeiros. Ele mantinha a cabeça baixa, a caderneta na mão, e Grace tinha que se lembrar de não segui-lo com o olhar com muita frequência.

Elizabeth e Nell ficaram grudadas nela o dia inteiro, explicando-lhe que haviam sido dispensadas de suas tarefas – as de Nell na lavanderia e as de Elizabeth na cozinha – para que Grace fosse apresentada ao asilo e às dependências.

– Você tem total liberdade aqui, contanto que se comporte bem – explicou Nell. – Nem temos fechaduras nas portas dos quartos.

– Contanto que se comporte bem – acrescentou Elizabeth com malícia, erguendo uma sobrancelha para Nell, que sorriu perversamente.

O sol que tomara durante a caminhada vespertina agora lhe escapava da pele, mas Grace ainda podia sentir seus benefícios, como se seu corpo houvesse lembrado, naquela breve tarde, como era estar vivo.

A presença das garotas também exercera efeito, e Grace sentia um sorriso a lhe repuxar a boca quando se lembrava de Nell reivindicando com desembaraço a sobremesa de Elizabeth naquela noite, ao comerem juntas na ala feminina.

– Só porque você tem a cor dos olhos errada – sussurrou zombando para Grace, mas claramente com a intenção de que Elizabeth a entreouvisse. – Barbante não sabia *disso*, sabia?

Este seu comentário provocou em Elizabeth uma diatribe de objeção quanto ao fato de Barbante não possuir gênero. Grace ouviu desatenta, devorando seus morangos, saídos diretamente dos jardins do asilo, segundo Nell informou depois.

Suas mãos agora jaziam cruzadas sobre a barriga – não mais protegendo uma presença invisível, mas recordando-a. Fechou os olhos não para opor-se ao mundo, mas num esforço de guardar aquele momento. Tomava pleno conhecimento de quão afortunada era por ter parado neste lugar, onde a bondade de estranhos considerados inadequados à sociedade haviam preenchido seu cotidiano muito mais abundantemente do que qualquer dia na companhia de membros dos altos escalões.

Ela tivera amigas em Boston, garotas da sua idade previamente aprovadas para passar o tempo de lazer com ela. Caminhadas em jardins e conversas tímidas que apenas citavam tópicos respeitáveis eram tudo o que lhes permitiam. Grace sabia que as horrendas verdades de suas horas noturnas pareceriam meros pesadelos espalhafatosos para aquelas amigas que não passavam de sombras malfeitas de suas próprias mães, macaqueando condutas e rindo com as mãos na frente da boca quando nomes de meninos eram mencionados.

Grace sabia que poderia contar a Elizabeth e Nell a verdade de sua existência sem hesitar, caso fosse autorizada a falar. A vida delas era como a sua própria, temperada com a miséria do passado, o que tornava ainda mais doce a segurança do presente. Os vínculos criados a partir do sofrimento partilhado eram de fato fortes, e embora tivessem sido moldados em apenas uma tarde, Grace sentia uma proximidade com elas que nunca existira antes com as amigas bem-criadas e escolhidas a dedo de sua vida anterior.

Era fácil bater as portas de sua mente na cara do passado. Grace fizera-o sem hesitar, e jogara fora a chave. Mas a voz de Alice se esgueirava através do buraco da fechadura, ecoando dentro de seus sonhos e trazendo consigo o rosto de sua irmãzinha, ainda repleto do viço do bebê jovem e de olhos grandes e inocentes.

– Grace. – Até o nome dela soava mais doce naquelas tonalidades altas e infantis. – Grace, você não comeu seus morangos – disse Alice, com os labiozinhos cor de rosa manchados com a vermelhidão de sua sobremesa.

Em seu sonho, Grace levantava os olhos do padrão de renda que cobria a mesa da sala de jantar, e seu estômago se revirava diante

da fruta vermelha à sua frente.

– Eu não posso – ela disse debilmente. As pontas de seus dedos mal tinham força para empurrar a louça para longe à medida que a náusea assolava seu corpo.

– Mãe – falou Alice, com as sobrancelhas finas e loiras enrugadas de preocupação. – Por que a Grace não come mais o café da manhã?

– Grace não está se sentindo bem – disse a mãe delas. Uma linha permanente entre suas sobrancelhas escureceu quando ela se levantou para ficar de pé ao lado da filha mais velha. – Talvez seja melhor você ir ter com seu tutor sozinha esta manhã, Alice. Grace e eu precisamos conversar.

– Nós já conversamos. – Grace espumava de raiva; suas palavras tinham o gosto do vômito que ela tentava a muito custo conter. – Eu lhe disse, eu lhe disse, mas VOCÊ NÃO QUER OUVIR. – A raiva a que ela se apegara no mundo real explodiu no mundo do sonho, e o rostinho de Alice desabou em lágrimas quando Grace agarrou seu garfo e enfiou-o na mão de sua mãe. O sangue jorrou e a mão transformou-se na de um homem, e os dentes prateados do garfo expuseram osso e cartilagem, enquanto Heedson berrava de dor e as bochechas de Alice se encovavam, e as pontas de seu lindo cabelo se partiram conforme ela enfiava punhados dele na boca, imitando Pat Biruta.

– Você não quer ouvir! – exclamou Grace, sentando-se na cama e tentando deter as palavras antes que se infiltrassem pelas paredes e a trássem perante seus vizinhos.

Embora ela soubesse que podia compartilhar partes de sua história se quisesse, sua lousa era pequena, e não havia uma palavra para abranger o seu passado. Grace limpou a boca, como se desejasse cuspir para livrar-se do ressaibo do pesadelo e das memórias que a assaltavam involuntariamente. Pareceu-lhe mais seguro mantê-las trancadas e deixar tudo para trás, junto com seu nome falso, na lúgubre escuridão de um asilo em Boston.

Teria sido tão fácil... não fosse por Alice, cujo rosto doce a saudava toda manhã e cujos dedos pequeninos antigamente enveredavam por seus olhos – os mesmos dedos que naquele momento podiam estar esfregando olhos vermelhos de choro

enquanto ela velava por uma irmã morta pelas mãos das inúmeras mentiras que seus pais haviam alimentado para cobrir o rastro da que tinham contado antes.

Grace atirou de lado as cobertas; todo o sono fora-lhe roubado ante o pensamento de Alice velando por uma morte que não havia acontecido. As mentiras haviam habitado sua casa por tanto tempo que Grace as aceitava como fatos consumados, tão perenes quanto o bafo de álcool no hálito da mãe e o perfume estranho no casaco do pai. Ela nascera e crescera em meio a mentiras, e agora estava virando as mesas, usando todas as artimanhas e acessórios que aprendera por meio da observação para libertar-se de sua teia.

Mas sua fuga significava que um escudo fora removido de sua irmãzinha. Alice nascera tarde demais para que nutrisse algo além de ressentimento pela figura arruinada da mãe e pelo pai, que só fazia se queixar de ter que pagar mais um casamento, mas aquelas palavras nunca chegavam aos seus ouvidos delicados. Grace estava sempre perto dela, atraindo ela própria as miradas irritadas e sugerindo atividades ao ar livre quando as mal contidas discussões extravasam pelas portas fechadas.

Alcançou a grade decorativa de ferro em sua janela e percorreu com as pontas dos dedos o vidro, agora frio devido ao ar da noite. Ela perguntou-se se Alice também estaria sentada à sua janela, ou se Falsteed estaria pensando nela detrás de suas grades.

– Srta. Madeleine Baxter – disse Grace suavemente para si, recordando o nome falso que Falsteed lhe pedira para adotar quando escrevesse para Reed. Um sorriso se formou quando um sabiá cantou na relva, ecoando o alarido dos internos que ele encontrara aquele dia. – Eu não ficaria surpresa se a srta. Madeleine Baxter tivesse uma irmãzinha – disse ela.

Falsteed,

Nem sei bem como devo chamá-lo. Senhor? Doutor?
Amigo? Inimigo?

O dr. Thornhollow contou-me sobre o seu passado, mas como eu poderia reprovar seus feitos quando, sem eles,

nossos caminhos jamais teriam se cruzado? Se você é louco, devo minha vida a um homem louco, e ele não me é menos querido por causa de suas ações. Pessoas verdadeiramente maldosas existem, disso eu sei, mas eu não incluo você entre elas. Em vez disso, escolho vê-lo como uma pessoa boa que fez coisas ruins, e quem entre nós não pode ser assim tachado?

De alguma forma você farejou as origens negras de meu encarceramento. Talvez você tenha farejado junto com meu perfume um outro mais leve. Esforcei-me tanto para preservar esse aroma comigo que não me surpreenderia em saber que o cheiro dela se prendeu à minha pele, mesmo na escuridão. Porque somos, afinal de contas, uma só carne.

Trata-se de minha irmã, uma criatura pequena, adorável, que é protegida diariamente dos segredos de nossa casa. Não consigo suportar que o véu de mentiras dos nossos pais caia sobre ela agora. Sei como é viver naquela casa. Mesmo antes do acontecido, a vida era suportável lá somente porque eu tinha ela para acarinhar e cuidar. Ela precisa de algum consolo, pois está cercada de raiva e desilusão. Reconheço o perigo de nos correspondermos, mas temo ainda mais os resultados caso eu não tome nenhuma atitude.

Embora agora ela renegue sua infância, antigamente havia um amigo imaginário de sua afeição. Ele alegava que iria se encontrar com ela nos jardins e deixar-lhe presentes em determinada pedra. Você sem dúvida irá notar que eu era a portadora desses presentes, e eu seria novamente. Uma carta cuidadosamente redigida pelo mesmo amigo não precisaria ser associada a mim. Se Reed pudesse se encarregar de ser o portador, posso informá-lo sobre um buraco que fica na cerca ao redor da casa, há muito escondido pela hera. Se algum dia eu estiver em condição de compensar você e Reed, eu lhes compensarei multiplicado por dez.

De minha nova vida contarei pouco, e de Thornhollow, ainda menos. Você conhece o acordo que foi firmado a fim de facilitar minha fuga, e temo que você o desaprove. O que você

pensaria de mim caso eu lhe dissesse que eu já me demonstrei não apenas ser útil mas também ser uma arguta estudante desta aventura sombria rumo à mente criminosa? Eu diria que o trabalho é repugnante, mas só porque isto é o que você gostaria de ouvir. Na verdade, eu me vejo ansiando pela próxima oportunidade de afiar minhas habilidades e devo continuar me lembrando de que, para que isso aconteça, alguém deve morrer. Se o que você temia era que eu me inclinasse às trevas enquanto estivesse a serviço dele, não tema. As trevas vivem dentro de mim há muito tempo, semeadas não pela minha natureza, mas pela minha criação.

A pena de Grace vacilava conforme ela se tardava na conclusão. Como terminar uma carta escrita debaixo da luz do sol, endereçada a um homem que a receberia na escuridão, ainda tendo a morte de alguém no próprio hálito? Ela baixou a mão para escrever uma simples despedida: "Cordialmente", e deixou a carta sem assinatura.

Ainda que estivesse certa de que Reed entregaria a carta a Falstead e que ela logo depois seria destruída, Grace não assinou seu nome nela. A carta anexa precisava ser escrita com ainda mais cuidado, redigida vagamente para que os adultos curiosos nela identificassem apenas brincadeiras de criança.

Querida Alice,

Espero que esteja tudo bem com você. Você pode achar estranho receber uma carta de alguém que você pensava não existir mais, mas lhe garanto que amigos imaginários nunca deixam de existir, nem mesmo quando ultrapassamos o tempo de nossa utilidade. Assim como as pessoas de verdade, aguardamos a hora certa para nos mostrar.

Se você quiser deixar uma mensagem para mim aqui, as fadas darão um sumiço nela durante a noite. Mas lembre-se: fadas apenas surgem quando boas meninas estão dormindo, portanto não espere acordada por elas. Elas não virão, se você ficar esperando.

Não permita que elas digam que eu desapareci, pois estou

sempre aqui.
Bela Lily

Grace assinou o nome do amigo imaginário da irmã com deleite, lançando mão da mesma garatuja cheia de volteios que ela usava quando eram mais novas. Seus dedos percorreram o papel, relutantes em dobrá-lo e anexá-lo tão rapidamente com a carta para Falsteed. A possibilidade de os dedinhos de Alice em breve tocarem o mesmo lugar que ela acendeu uma felicidade tão frágil no coração de Grace que ela se recusou a examinar a carta mais atentamente.

Falsteed talvez considerasse perigoso demais que ela contatasse à irmã. Reed poderia recusar-se a entregar a carta. Chuva e sol poderiam arruinar a correspondência antes que sua irmã topasse com ela. Mas ainda havia uma chance de que ela a recebesse e encontrasse consolo vindo da mesma mão que tantas vezes a consolara antes, embora ela não soubesse sua origem. Grace pressionou a carta contra o coração antes de fechá-la, esperando que, de alguma forma, as emoções que não manifestara se infiltrassem no papel e penetrassem em Alice, mesmo que isso representasse o único reencontro que as duas poderiam ter.

– Achamos nosso homem. Ou melhor, *e/es* foram competentes o bastante para achá-lo. E era uma mulher, afinal de contas. Portanto, ignore minha primeira afirmação. – Thornhollow sentou-se no braço de uma cadeira em seu consultório, encarando o assoalho, taciturno.

– Você não parece muito feliz com isso – disse Grace, acolhendo a liberdade de poder falar após mais um dia de fingida incapacidade. Ter Nell ao seu lado tornava a fala desnecessária, e caminhar com Elizabeth geralmente consistia em ter uma companhia silenciosa, cada uma aproveitando o momento à sua maneira. Mas a voz de Grace crescia mais poderosa a cada dia conforme ela descobria as alegrias de falar o que pensava. Nunca perdia a visita noturna ao consultório de Thornhollow para compartilhar suas opiniões.

– Eu não estou – admitiu Thornhollow. – Como posso lhe ensinar qualquer coisa se não tenho um crime mais complexo do que uma esposa ciumenta?

– Cuidado com o que deseja – disse Grace, pensando nas próprias palavras redigidas na carta para Falstead. – Essa oportunidade representaria a morte de alguém.

– Sim, sim – disse ele. – Mas nós nem mesmo estreamos o quadro-negro.

– O que você teria escrito? – perguntou Grace, lidando com ele com cuidado, como se se tratasse de Alice num acesso de indignação.

– Ah, o básico – disse ele, levantando-se de seu assento, apático, aproximando-se do quadro e riscando uma linha reta no centro. – Suponho que podemos ter uma aula mesmo que não tenhamos assunto no momento. – Na metade esquerda do quadro ele escreveu: *Planejado*; na outra metade: *Impulsivo*. – Um assassino é capaz de remover evidências de uma cena criminal, ocultar a arma

do crime, limpar o sangue derramado e tomar todas as medidas necessárias para acobertar seus passos. Contudo, ao fazê-lo, deixam pistas sobre quem são... ou melhor, sobre quem eram.

– O que quer dizer com isso? “Quem *eram*”? Não estamos mais interessados em quem eles *são*? – perguntou Grace.

– Somos, todos nós, a totalidade de nossas experiências de vida, Grace. Tudo o que lhe aconteceu quando criança, desde a geografia da sua terra natal, a posição social da sua família, até a ocasião de seu nascimento pode ser lido em suas ações, hoje. – Thornhollow jogou o giz de uma mão à outra, enquanto se aquecia para argumentar. – Se eu lhe dissesse que tivemos uma vítima que foi esfaqueada inúmeras vezes e havia pouco sangue na cena do crime ou debaixo do corpo, o que você intuiria disso?

Grace fechou os olhos, imaginando um corpo anônimo numa rua escura, as mãos jazendo imóveis nos paralelepípedos, que estavam limpos apesar do fato de que deveria haver sangue se espalhando.

– Que o corpo foi movido – disse ela, abrindo os olhos.

– Muito bom – disse Thornhollow. – Mas o que mais?

– Eu... – Ela imaginou a cena novamente, mas não pôde ver mais nada.

– Deixe-me reformular a pergunta: O que o corpo fictício sendo movido de lugar lhe diz sobre o assassino?

Grace imaginou de novo a rua limpa, tão diferente dos tijolos vermelhos de sangue debaixo do homem cuja mulher o havia matado. Aquela assassina estivera furiosa, e sua fúria levara-a a matar. O pânico que se seguiu ao seu ato perseguiu-a desde aquela cena, tornando-a incapaz de esconder o que quer que fosse sobre sua identidade conforme fugia.

– Ele sabia que precisava se proteger – disse Grace calmamente.

– Mover um corpo indica uma mente perspicaz na hora do crime.

– Sim, porque o crime em si foi... – Ele apontou para o quadro, as sobancelhas erguidas enquanto silenciosamente a incentivava a terminar a frase.

– ... planejado – disse Grace.

– E o próprio fato de que ele foi planejado diz muito sobre o nosso assassino – continuou Thornhollow. – Não fiquei anos falando

com assassinos apenas com propósitos de conversação, eu lhe garanto; embora tenha sido bastante agradável em mais de um caso. Ao conversar com outros pesquisadores como eu, todos nós descobrimos determinados padrões tão consistentes que é difícil refutá-los.

O giz riscou palavras numa coluna na metade esquerda da lousa, conforme ele prosseguia:

– Um assassino organizado geralmente é inteligente, tem um trabalho especializado, é socialmente competente... e realmente a maioria dos seus conhecidos negaria que ele poderia ter sido o assassino, em função da *normalidade* que apresentava.

– Contudo, essas coisas todas fazem parte do tempo presente – disse Grace. – E quanto à sua afirmação de que o passado é que os definiu?

– E os definiu. Como eu disse, certos temas surgem quando compilamos experiências. E posso lhe dizer com algum acerto que um assassino que planeja e executa seu crime controlando suas emoções é um irmão mais velho ou um filho único cujo pai teve um trabalho estável durante toda a infância dele.

– E como isso o ajuda a pegá-lo?

– De tantas maneiras, Grace! O simples de fato de identificarmos que o crime foi planejado ou impulsivo nos informa que estamos à procura de uma pessoa inteligente com um trabalho regular... e, a propósito, se nosso assassino falso desovou o cadáver, isso nos diz que ele provavelmente tem familiaridade com aquela região. Esses lances aparentemente insignificantes delimitam a população de uma cidade inteira a uma vizinhança.

– E depois você pode usar a hipótese de que eles são filhos únicos para delimitar ainda mais as possibilidades?

Thornhollow bateu as mãos, produzindo uma nuvem de pó de giz.

– Exatamente. Muito do que fazemos pode ser descrito exatamente assim: uma delimitação de possibilidades.

– Até que cheguemos a uma pessoa – disse Grace.

– Sim. E esse processo começa ao decidirmos se nosso assassino é planejador ou impulsivo. A natureza meticulosa do planejador pode ser enganadora. Se temos um assassino que, digamos, drena o

sangue de todas as suas vítimas, ou consistentemente remove a mão esquerda delas, os leigos dirão que é insano. Mas a própria definição de insanidade como incapacidade de pensar racionalmente imediatamente pressupõe que ele seja são.

– Não é algo fácil de ser aceito pelas pessoas comuns – disse Grace. – A maioria dos homens gostaria de crer que um ser de sua própria espécie precisaria estar fora de si para cometer tais coisas.

– Mas ele não está. Longe disso, na verdade. Meramente usar as palavras “são” e “insano” é uma maneira de traçar um limiar seguro na humanidade, e incluir-se, sem tardar, no lado dos saudáveis.

As mãos de Grace subiram até suas têmporas, onde as cicatrizes resplandeciam. Thornhollow removera as bandagens alguns dias antes, e a nudez de sua pele em contato com o ar representara um alívio, bem como um choque, quando ela relanceou o olhar no espelho. As cicatrizes eram um preço que ela se dispusera a pagar, mas a evidência do pagamento a assustara quando ela as vira pela primeira vez.

– Elas vão sumir – dissera Thornhollow tranquilamente.

Mas ela sabia que as carregaria o tempo todo, e seus dedos delinearam a delgada e suave faixa de pele em suas têmporas que para sempre a estigmatizariam como uma das pessoas que estavam do lado errado daquela divisão.

– Então somos tão diferentes assim? Os saudáveis e os doentes? – perguntou Grace.

– Eu diria que não há diferença alguma – disse Thornhollow. – Para mim, os insanos simplesmente são pessoas que escolheram não participar do mundo da mesma maneira que a maioria, e há dias em que eu me pergunto se elas não estão em seu direito.

– Você faz soar como se quase ninguém fosse insano, com uma definição tão delimitada quanto esta.

– Muito pelo contrário, minha definição é muito abrangente. Penso que somos todos loucos. Mas alguns de nós simplesmente são mais discretos em relação a isso.

– Certamente deve haver algo como verdadeira insanidade.

– Há, sim – disse Thornhollow relutantemente –, mas eu diria que esses casos são muito mais raros do que a maioria suspeita. Estas

paredes existem por uma razão, mas não há motivo para que haja tantos quartos aqui dentro.

– O lugar de Nell não é aqui – disse Grace, como se o dissesse para si mesma.

– Certamente não – concordou Thornhollow. – Mentalmente, não há nada de errado com a garota. Fisicamente... bem, talvez ela não tenha lhe contado.

– Elizabeth disse que ela é sífilítica.

– Correto. – O doutor assentiu. – O que significa que ela toma banhos de mercúrio com frequência, coisa que um médico poderia ministrar tão facilmente quanto os funcionários do asilo. A verdadeira razão para ela ter sido admitida aqui é que ela é uma jovem mulher que se interessa ativamente pelos homens e não sente nenhuma vergonha disso. O mundo não consegue compreender esse comportamento; portanto, a garota deve ser insana...

– E quanto a Elizabeth? Ela crê que existe um barbante suspenso em algum lugar atrás de sua orelha lhe sussurrando coisas.

– Altamente improvável. Janey me contou que ela vê a pequena Lizzie parada nas soleiras das portas. Penso que ela seja muito apegada a detalhes, assim como você. Ela colhe informações das pessoas, depois seleciona uma delas, como qualquer bisbilhoteiro. Mas na mente dela, ela atribui tudo a Barbante. – Thornhollow deu de ombros. – Mas pensando bem, eu poderia estar completamente errado. Quem poderá dizer que Barbante não existe?

– Eu não posso concordar com isso – disse Grace. – Eu gosto muito dela, mas claramente há algo errado com...

– ... com seu cérebro? – interrompeu-a Thornhollow. – O que você diria, então, se eu lhe dissesse que eu dissequei centenas de cérebros, tanto dos sãos quanto dos insanos, e não descobri nenhuma diferença entre eles?

– Nenhuma?

– O meu cérebro, o seu, o de Elizabeth, o de Heedson, e até o do nosso amigo em comum Falsteed pareceriam todos iguais, caso tivéssemos algum dia a oportunidade de compará-los. É uma das razões por que eu não levo a sério a frenologia.

Grace sufocou um bocejo.

– Temo ter que lhe pedir para me explicar o que é frenologia, doutor.

– Não, não. Não deixe que eu a segure aqui. Uma vez iniciado um assunto, eu tendo a persistir, e às vezes esqueço que minha plateia pode não ter tanto interesse quanto eu pelo tópico da dissecação de cérebros.

Grace relanceou o olhar para o relógio.

– Explique-me o que é frenologia e depois eu vou para a cama. Não me importo em ficar aqui, sendo que é o único tempo que posso me permitir ser eu mesma.

– Muito bem. – Thornhollow retornou ao quadro e desenhou uma caricatura de uma cabeça humana, dividindo-a em seções desiguais com alguns talhos de giz.

– A ideia por trás da frenologia é a de que o cérebro é dividido em certas partes, cada uma tendo um propósito específico. Dentro dessas partes, há áreas menores que controlam determinadas funções e que determinam a nossa personalidade. – Dentro das seções ele desenhou pequenas cerquilhas.

“Desse modo, por exemplo, numa pessoa particularmente valente, a parte do cérebro que lida com a coragem seria superdesenvolvida. Esta seção seria maior que as outras, pressionando o crânio e remodelando-o para criar um calombo sutil ali. A teoria diz que uma pessoa versada em frenologia, como eu, seria capaz de sentir os calombos e cristas do crânio e intuir, a partir disso, quais são as características da pessoa.

– Isso é completamente ridículo – disse Grace. – Eu acharia mais confiável pedir ajuda ao barbante de Elizabeth.

– E teria mesmo uma leitura mais exata – concordou Thornhollow.

– Por que você é versado nessa pseudociência?

– Porque há quem acredite nela. Já consegui acesso a alguns assassinos, por alguns instantes, para fazer perguntas, oferecendo meus serviços como frenólogo à força policial. Embora a ampla maioria das pessoas cujos crânios sou levado a analisar sejam completamente inocentes e estejam totalmente apavoradas de que se prove o contrário.

– E o que você faz, então?

– Coleto informações deles, assim que se tranquilizam o bastante para fornecê-las. Analiso os fatos, começando com a primeira e maior etapa: a que eu lhe ensinei hoje. Tal como no caso de nosso assassino de faz de conta, que planejou o crime e desovou o corpo num lugar que lhe era familiar, eu uso o crime para pintar um retrato do assassino. Quando confrontado com um acusado inocente, a melhor defesa possível que tenho é encontrar o culpado. – Thornhollow guinou de volta ao quadro, apontando para as sequências de palavras que escrevera. – Aquele que... eu escrevi “irmão” errado.

Grace abafou um riso com a mão.

– Para você a coisa vai muito bem – disse Thornhollow, irritado, enquanto apagava a palavra ultrajante com a manga da camisa. – Você não precisa se preocupar com a inteligência lhe fugindo.

– Duvido muito que a sua esteja fugindo – disse Grace conforme ele se afundava numa poltrona. – Você apenas está exausto, assim como eu.

Thornhollow cobriu os olhos com as mãos.

– Estou mesmo. Não posso ajudar meus novos pacientes sem saber nada sobre eles, mas suas histórias rendem leituras longas e por vezes perturbadoras. E você? O que está achando de sua nova residência?

Grace pensou por um momento, consciente de que nunca conseguiria verbalizar a sensação de segurança que a envolvia enquanto ela dormia, o aconchego que ela encontrava mesmo em meio àqueles que apenas fitavam o vazio.

– Estou contente – disse ela.

– Ah, o contentamento... – disse Thornhollow. – Um sentimento inteiramente subestimado. – Seu súbito olhar inexpressivo tornou a mirar o chão. – Vá para a cama, Grace. Eu a acordarei se tivermos um assassinato.

Não houve nenhum assassinato. Não naquela noite, nem nas seguintes. Os dias alongaram-se em semanas; a faixa de pele que se entretecera numa cicatriz nas têmporas de Grace abrandara-se numa suavidade que seus dedos buscavam quando necessitava de consolo ou quando pensava. Quando criança, ela chupava o dedo, e o hábito fora difícil de romper. Sua mãe a repreendera por arruinar o formato de sua boca, mas as ameaças do futuro sombrio de nada valeram contra o terror do presente, e a jovem Grace encontrara conforto naquela ação conforme palavras duras rastejavam pelo corredor, vindas do quarto de seus pais.

Na verdade, ela poderia facilmente recorrer ao velho hábito novamente, pensou Grace enquanto ajudava Nell no jardim. Ninguém no asilo se importaria; azar do formato de sua boca! Porém, tocar a pele suave de suas cicatrizes produzia um tipo de conforto só seu, e o movimento em si tornou-se involuntário toda vez que ela ia fundo em algum pensamento. O doutor o percebera durante as aulas semanais e não o desencorajara.

– Isso pode ajudá-la a recuperar informações – dissera ele na terceira vez que as mãos delas subiram às têmporas, na noite anterior.

– O quê? – Grace puxou as mãos para baixo, distraída. O quadro-negro estava enevoadado de palavras; novas teorias brigavam por espaço com teorias antigas, e as opiniões de Thornhollow se espalhavam entre elas com liberdade.

– A mania de tocar suas cicatrizes – explicou ele. – Quando nos ocupamos com algo ao aprender alguma coisa, reproduzir essa ação depois pode ajudar a recordar o ensinamento.

Os dedos subiram novamente às têmporas enquanto trabalhava ao lado de Nell, negligenciando a sujeira nas mãos. Ela conseguia

recordar visualmente cenas de detalhes intrincados, mas catalogar teorias e contra-argumentações em ordem de utilidade tratava-se de uma coisa completamente diferente, e ela desejava dominá-la.

– Às vezes eu também não consigo tirar as mãos do meu corpo, apesar de não ter o costume de ficar mirando a minha própria cabeça – disse Nell, jocosamente batendo os quadris nos de Grace.

Grace bateu-os de volta vagorosamente, ganhando um sorriso da garota irlandesa.

– Você tinha que enlamear essa sua bela pele? – censurou-a Nell, lambendo o próprio polegar e limpando o rosto de Grace. – Não quero uma moça bonita como você parecendo um operário quando o seu doutor chegar.

Grace forçou um sorriso e balançou a cabeça, arrancando uma erva daninha com mais força do que o necessário.

– Não se preocupe com isso – disse Nell, descartando aquela censura silenciosa. – Quem quer que tenha ficado perto de vocês dois por mais que cinco minutos sabe que não há nada carnal entre vocês. São suas mentes o que vocês acham tão fascinante, por mais estranho que isso pareça.

Ainda que houvesse verdade no que a garota dizia, Grace ainda levava uma careta no rosto enquanto trabalhava ao lado de Nell. O começo do outono lhe rendia um esplendor de suor na testa. Era verdade que ela e o doutor haviam conhecido minuciosamente a mente um do outro; cada um complementava as fraquezas do outro com as próprias forças. Mas seus esforços nada significariam caso ela nunca tivesse a chance de aplicar tudo o que aprendera. Grace enterrou o salto da bota no solo debaixo de uma erva daninha teimosa, dizendo a si mesma mais uma vez que seu desejo de ver-se livre do tédio mediante a morte de um desconhecido era o mais egoísta dos pecados.

No entanto, lá estava o pecado, e ela não conseguia negá-lo. Ela estava se coçando para ter serventia a algo mais complicado do que sovar massa de pão com Elizabeth ou jardinar ao lado de Nell.

– Veja só, você arrancou meus alhos-porós, sua doida. – Nell resgatou a verdura da pilha de descarte que se avolumava atrás delas, mas seu toque foi gentil ao empurrar o ombro de Grace. –

Não houve dano. Vamos enterrá-lo de novo no solo e ninguém vai ficar sabendo.

Nell replantou o alho-poró, mas seu sorriso sumiu do rosto quando ela se endireitou e levou as mãos às suas costas. Grace já a vira fazer isso antes pensando que ninguém notaria; a doença que a levara até o asilo começava a atacar-lhe as juntas. As duas garotas se sentaram ao lado da horta para descansar, contemplando o lago e o grupo de pacientes pintalgando a orla, supervisionados por duas enfermeiras.

Nell projetou o queixo na direção delas.

– Janey diz que a segunda terça-feira do mês é sempre o pior de todos os dias. É quando tentam garantir que as alas externas façam exercício adequado. – A garota irlandesa balançou a cabeça; seu costumeiro bom humor abandonou-a. – Você e eu, a gente tem sorte de estar aqui. Aqui em cima, digo – acrescentou, dando tapinhas na própria testa. – Janey diz que essas alas externas... não valem o esforço, alguns dias.

Elizabeth e Nell haviam explicado a Grace que os funcionários do asilo viviam na maior parte do tempo dentro das paredes onde trabalhavam. Todos os empregados estavam alojados perto do centro do edifício, e os pacientes mais silenciosos e calmos habitavam as alas próximas. À medida que os tijolos se espalhavam, assim também se espalhava o tênue domínio dos inquilinos sobre a sanidade, e os pacientes mais violentos e degenerados acabavam mais distantes dos escritórios.

Mas até mesmo estes eram tratados com respeito, Grace sabia disso. Ela os vira por aí; os funcionários davam o seu melhor para impedir que os perambulantes caminhassem até o lago, os reticentes travassem discussões entre si e os realmente violentos ferissem alguém. Um berrante cavou uma trincheira debaixo de um arbusto e teve que ser retirado por uma equipe de enfermeiros homens, agarrado às raízes mesmo enquanto era arrastado. Seus lamentos ecoaram colina acima até o quarto de Grace, fazendo-a lembrar-se da menina-aranha de Boston.

O puro acaso pusera aquela pobre criatura nas mãos de Heedson e na escuridão do porão. Aqui, ela talvez tivesse tido chance de

recuperar sua voz e dizer seu nome. Talvez aqui ela até conseguisse encontrar o pouco de paz possível a alguém tão alienado. Em vez disso, o destino a colocara dentro das trevas, e a mão de Thornhollow tornara permanente o acordo.

Pensamentos do porão negro de Boston conduziram a mão de Grace até seu bolso; para se tranquilizar, ela correu o dedo sobre a aresta do envelope ali guardado. A carta chegara naquela manhã, entregue por Janey durante o café na ala feminina, enquanto Elizabeth e Nell discutiam se Barbante dormia ou não quando Elizabeth dormia, ou se ficava acordado a noite toda. Grace relanceara rapidamente pela caligrafia, mesmo sabendo que poderia ter sido remetida somente por uma pessoa. Letras irregulares, grafadas como se estivessem inseguras quanto à sua forma adequada, fizeram seu coração inchar de afeição à medida que ela imaginava Reed batalhando para redigi-las, com o cenho enrugado de concentração conforme endereçava a carta a “Grace, aos cuidados do dr. Thornhollow”.

Nell descansou a cabeça no ombro de Grace e seu cabelo escuro roçou sobre o colo da amiga. Grace afagou-o distraidamente; sua sedosa suavidade era tão reconfortante quanto suas próprias cicatrizes.

– Ah, que bênção é ter alguém brincando com nosso cabelo... – disse Nell, com as pálpebras subitamente pesadas. – Traz uma tranquilidade...

Grace queria perguntar à amiga a intensidade da sua dor, mas o peso da própria mentira a fez se calar, e de qualquer forma ela havia deixado a lousa no quarto para ir trabalhar no jardim. Resolveu oferecer o único conforto que podia: com as mãos. Os dedos de Nell entrelaçaram-se aos dela para acalmá-los, ambas as mãos ainda manchadas de terra.

– Não deixe a pequena Lizzie saber quão mal eu estou – disse ela, erguendo a cabeça para que Grace pudesse ver a seriedade em seus olhos comumente cintilantes. – Aquela lá só faz se preocupar.

Grace manteve um dedo próximo à própria orelha e ergueu uma sobrancelha.

– O que foi isso? Acha que Barbante já sabe? Eu disse para ela

que se algum dia ouvir que Barbante falou algo de mim, eu entraria escondido no quarto dela com minha tesoura de poda. Posso não saber onde é que Barbante vive, mas com certeza sei onde as orelhas dela estão.

Grace riu alto; seu canto ressoou no frio ar da tarde e tomou ambas as garotas de surpresa. Ela tapou a boca com a mão, mirando Nell fixamente.

– Parece que sua matraca não está totalmente quebrada, não é?

Mortificada, Grace pôde apenas balançar a cabeça de um lado para o outro.

– Algum dia, muito em breve, eu vou ouvir sua voz – disse Nell, colocando-se de pé com dificuldade. – Até que esse dia chegue, eu não me importaria de ouvir essa risada de vez em quando. – Estendeu uma mão para Grace, e elas transpuseram juntas o gramado, seguindo os grupos de pacientes e enfermeiros dispersos rumo ao asilo.

– Você sabia que tem um jacaré no chafariz dianteiro? – disse Nell, com a frequente jocosidade de novo na voz.

Grace revirou os olhos.

– Pois é, mas tem sim – insistiu Nell, os olhos grandes fingindo inocência. – Uma das enfermeiras foi visitar alguém da família na Flórida e trouxe a pequena fera. Deve ter parecido uma boa ideia na época, mas ter um jacaré em casa é um tanto trabalhoso, na realidade. Então ela o trouxe para cá, e desde então ele vive no chafariz.

Uns pacientes caminhando perto delas captaram as palavras de Nell e se esquivaram do chafariz de mármore ao aproximar-se dele; um ou dois gemeram e se escoraram em suas enfermeiras, que dispararam olhares pesados em direção a Nell.

– Ah, as pelepas de uma profetiza em sua terra natal! – disse Nell, notando os olhares. – Mas que lugar seria melhor para um bicho do que aqui, eu lhes pergunto?

Elas estavam prestes a passar pelo chafariz em questão. Ainda que Grace fosse esperta demais para acreditar na criativa história da amiga, ela viu-se puxando as saias para longe da borda do chafariz conforme passavam.

– Oh, Grace! Grace! Ele me pegou! – A mão de Nell foi subitamente afastada da sua e houve um gigantesco borrifar de água, seguido por uma cascata de água fria que encharcou o vestido de Grace. Ela arfou quando mais borrifos se seguiram, cobrindo-lhe a pele com calafrios. O espernear de Nell não foi nem um pouco alarmante, já que sorria alegremente enquanto o fazia, jogando ondas de água na direção de Grace festivamente.

– Eu disse que havia um bicho aqui! – berrou ela, jogando-se para trás e atraindo Janey até a beirada do chafariz.

– Ela está de novo insistindo na história do jacaré, não está? – Janey perguntou a Grace, de braços cruzados. Grace assentiu, combatendo o sorriso que queria espalhar-se pelo rosto. – Não tive coragem de lhe contar que ele morreu anos antes de ela vir para cá.

– Então houve mesmo um jacaré? – O dr. Thornhollow chegou justo a tempo de vislumbrar uma nesga do rosto de Nell enquanto ela emergia para pegar fôlego e fingia ser empurrada para baixo de novo.

– Com certeza, senhor – disse Janey. – Só porque os insanos contam a história, não quer dizer que é falsa.

– Excelente argumento – disse ele antes de acenar para Nell quando ela emergiu novamente. – Você levará horas até se secar. Ficar ensopada não irá fazer nenhum bem aos seus ossos, de noite.

Nell puxou as saias a uma altura desnecessária conforme pulava para fora do chafariz, exibindo um trecho pálido de perna.

– Tenho uma sugestão do que é que faria bem aos meus ossos, se eu conseguisse tirar você de cima dos seus livros por uma hora.

– Nell – disse Janey, pegando-a pelo braço e desobstruindo a beirada do chafariz –, isso não é jeito de falar com o jovem doutor.

– Há uma infinidade de razões pelas quais isso não vai acontecer, Nell, e todas são muito boas – disse Thornhollow. – Ainda que eu deva elogiar a sua interpretação, acho que você vai se arrepender de ter nadado quando o frio a invadir.

– Pois bem – disse Nell, tirando do rosto uma mecha molhada de cabelo negro –, eu vivo num asilo para loucos. Posso muito bem pular no chafariz.

– Mais uma lição para você, Grace – disse o doutor, ao guiá-la

pelo cotovelo, passando pelas portas do asilo e descendo até uma carruagem à espera deles. – A julgar pelos nossos padrões, uma pessoa que se joga num chafariz não é sã. Contudo, Nell afirma que já foi considerada insana, portanto que dano adicional poderia ocorrer ao entregar-se às tentações?

– Ela está usando da razão para provar que é, de fato, sã – disse Grace.

– Muito bom.

– Eu ainda não me alimentei – Grace lembrou-o, sabendo muito bem que a carruagem significava trabalho por uma noite inteira.

– Não se preocupe. Logo, logo você perderá a fome.

A garota jazia fitando o céu; seu olhar perdia as primeiras centelhas das estrelas na fenecida luz do sol. Grace lutou contra o ímpeto de desviar dos corpos quentes que a pressionavam de ambos os lados, por demais consciente da grande diferença que havia entre esta cena e a da sua primeira saída com o doutor. Naquela noite, sua frente estivera sob o escrutínio de uns poucos e os céus haviam desaguado, ganhando terreno entre os paralelepípedos ensopados de sangue.

Agora, não havia chuva, não havia sangue. Havia apenas a mais suave brisa vinda do rio, carregando consigo o aroma orvalhado de uma noite que ainda estava por começar. Os últimos raios de sol secavam as dobras molhadas de seu vestido e Grace estava mordendo as bochechas quando alguém pisou no seu pé.

– Perdão – disse o homem, olhando para ela.

Ela continuou inexpressiva, fitando adiante, enquanto ele examinava suas cicatrizes e a valise preta que o doutor carregava com firmeza. Ver um doente mental era tão divertido quanto ver um morto, e ele deu uma cotovelada na pessoa ao seu lado, sussurrando alguma coisa. Outro rosto curioso preencheu sua visão periférica, mas Grace permaneceu imóvel, focalizando sua atenção exclusivamente na garota e em Thornhollow à medida que ele se ajoelhava ao lado dela.

– Recuando, agora. Vamos, recuando. – Os policiais andavam num círculo crescente ao redor do corpo, tentando afastar a multidão. A coluna dorsal de Grace enrijeceu quando ela reconheceu Davey. Os olhos dele encontraram os seus, e ela se empenhou em não demonstrar emoção alguma conforme ele se aproximava.

– Você, tudo bem? – disse ele tranquilamente, fazendo menção de alcançar seu cotovelo e depois recolhendo o braço, considerando

melhor. Em vez disso, gesticulou para que ela chegasse mais perto, separando-a da multidão. – Não vai ser de muita ajuda ao doutor se ficar aí atrás, não é?

Grace deu um passo adiante, deixando escapar uma longa e silenciosa exalação enquanto deixava para trás o aperto dos outros corpos.

– Ei, por que ela pode ficar na frente? – protestou o homem que havia pisado no pé dela.

– Está pensando que isso aqui é o quê? Um circo? – rebateu Davey. – Esta é a cena de um crime, e a garota é assistente do doutor.

– De que serve um médico numa cena de crime? Pois me parece que ela já se encontra morta.

Grace deixou para trás aquela discussão; as palavras lhe fugiam conforme ela perdia interesse em tudo o que não fosse a garota, cuja mirada inexpressiva era tão parecida com a sua. Thornhollow levantou a cabeça quando Grace se aproximou, os olhos envernizados de concentração conforme ele catalogava febrilmente tudo o que conseguia no tempo que lhe tinham dado.

– Ah, aí está a sua garota – disse o policial parrudo unindo-se a eles, tendo ameaçado com tanto êxito os espectadores que eles agora mantinham distância. – Quase vale a pena termos um assassinato, quando se vê um rosto bonito assim. As cicatrizes são uma pena, no entanto.

Thornhollow levantou-se. Grace captou um ligeiro sussurrar de palavras; ele se inclinou na direção dela e disse:

– Observe a multidão.

– Não é uma pena – Thornhollow contestou George, tomando fôlego. – A cirurgia tornou bem menos comuns seus acessos de violência, embora reconhecidamente menos previsíveis. Ontem mesmo ela perseguiu um esquilo no gramado frontal até apanhá-lo. A enfermeira me contou que passou horas catando todos os pelos dos dentes de Grace.

– Está querendo dizer que ela o comeu? – perguntou Davey.

– É o que dizem. Eu não estava lá para ver, mas um dos pacientes me falou que a condenada criatura tentava fugir enquanto ela

mastigava.

George afastou-se de Grace.

– Melhor manter distância nesse caso, Davey. Não há rosto bonito que compense ter algo mastigado.

Não obstante, Davey pairava por perto.

– Tem um sujeito ali que não está muito feliz com a garota, uh... com Grace, por ela ter chegado perto para dar uma boa olhada. Ficarei nas proximidades.

– Ela não sabe diferenciar, de qualquer forma – disse Thornhollow, encarando Davey astutamente. – Se o cavalheiro na multidão a incomodasse além do seu ponto de tolerância, Grace saberia lidar com ele. Agora, se eu pudesse dirigir a atenção de vocês dois à garota que está no chão e não à que está em pé, isso seria de grande ajuda.

Os olhos de Grace vagaram por sobre a multidão que havia se aglomerado num círculo frouxo ao redor deles. O corpo da garota exibia-se involuntariamente; sua morte fornecia o entretenimento daquela noite. As pessoas se apertavam umas contra as outras em três fileiras; as da frente informavam às de trás o que é que se passava. Olhares eram dirigidos à Grace conforme ela examinava rosto por rosto, reação por reação à medida que eles percebiam suas cicatrizes.

Os três homens conversavam baixinho. Subitamente, suas palavras se dispersaram ante o grito lancinante do apito de um trem. Várias pessoas na multidão pularam, levando as mãos aos ouvidos.

– Isso foi obra de algum vadio – alguém gritou. – Talvez tenha saltado do trem. Nunca se pega o maldito quando ele está agindo. – O homem irrompeu na frente da multidão. – Seria melhor vigiar os trilhos, guardas.

George circundou-o, com a mão ameaçadoramente sobre o cassetete.

– Seria melhor que você me deixasse decidir o que é melhor fazer.

– Abram caminho! – gritou Davey, separando a multidão do lado oposto do círculo. – O carro do legista chegou. Abram caminho, vocês todos. O espetáculo acabou.

Thornhollow pegou sua valise, e Grace o seguiu até a carruagem.

– Vamos voltar ao asilo. Já vimos tudo o que precisávamos ver – disse ele ao condutor, que assentiu.

– Parece que abutres de todo tipo perseguem os mortos, não parece? – Thornhollow perguntou a Grace, observando a multidão aglomerar-se em volta do carro do legista.

– Abutres não têm pés tão pesados – disse Grace, esfregando os arnelhos por dentro das botas fechadas. – Eu teria sido pisoteada por eles se Davey não tivesse me avistado. Por que me pediu para observar a multidão?

– Sim, creio que Davey a avistou, para dizer o mínimo – disse o doutor, solavancando para frente assim que a carruagem se pôs em movimento. – Quanto ao meu pedido, creio que nosso assassino é um planejador, e um muito inteligente. Alguns dessa laia retornam à cena do crime. Têm grande prazer em observar a polícia por ali, sem saber que a pessoa que procuram está tão perto. Agora, rápido, conte-me o que você coletou, enquanto ainda está fresco em sua mente.

– O corpo não foi movido de lugar – disse Grace. – A relva próxima estava esmagada, como se resultado de uma luta.

– Também percebi isso. No entanto, não sabemos quantas pessoas passaram ali antes que os agentes da lei fossem avisados na cidade. A julgar pela multidão, foi uma grande quantidade. Não podemos ter certeza de que ela não foi morta em outro local.

– Se ela foi movida, a situação fica muito mais complexa – prosseguiu Grace. – Há uma ferrovia próxima, um rio, uma estrada, até mesmo uma trilha de pegadas que conduz até o exterior do parque. O assassino pode ter usado todos os meios possíveis.

– Exato. O que mais?

– As roupas dela estavam... – Grace atrapalhou-se em busca de palavras, insegura em relação a como continuar. Ela imaginou a garota; as saias formavam uma confusa pilha de pano retorcido. – Ela estava desalinhada. Como se fosse uma boneca nas mãos de uma criança pequena demais para saber vesti-la adequadamente.

– Ou nas mãos de alguém que não sabia como manejar roupas femininas – acrescentou Thornhollow.

– Um homem, portanto?

– Provavelmente, sim. Mas continue.

Grace fechou os olhos, colocando a imagem da garota sob luz plena, dentro da escuridão de suas pálpebras.

– Ela não tinha marcas claras de violência nos braços ou pulsos, indicando que não lutou com o agressor. Então ela o conhecia o suficiente para não pensar que corria qualquer perigo, ou ao menos confiava nele.

“Havia agulhas de pinheiro no cabelo dela; no entanto, o rosto e as mãos estavam bastante limpos, assim como as unhas. Ela era higiênica por natureza, então as agulhas nos dizem que ela... ficou de costas por um momento, muito provavelmente no parque, já que é o único lugar onde vejo pinheiros nas redondezas.”

O cenho de Grace se enrugou de concentração; os olhos se apertaram ainda mais forte.

– Se ela foi movida, não foi desovada ou jogada descuidadamente. Foi arrumada quase que confortavelmente: tornozelos cruzados, mãos cruzadas sobre o abdômen. Os olhos foram deixados abertos. Posso até crer que umas poucas pessoas passaram por ela pensando que se tratava simplesmente de uma garota relaxando na grama ao final do dia. No geral, ela parecia dotada de vida.

– Dotada de vida, é verdade. O que isso lhe diz?

Grace abriu os olhos, insegura, passando pelos detalhes que conseguia enumerar a partir da imagem formada em sua cabeça.

– Que o assassino mostrou remorso? Que não desejava que ela morresse?

– Talvez. Mas temo que isso seja simples demais para este cenário. Seu comentário anterior se aproxima mais da verdade.

– Eu disse que ela estava limpa – disse Grace, contando cada argumento nos dedos. – Que estava deitada confortavelmente, e que estava vestida de um jeito estranho.

– “Como se fosse uma boneca” foram suas palavras exatas – repetiu Thornhollow, levantando a voz para competir com o tinido que se ouviu quando passaram sobre a ponte de pedra rumo à casa.

– Uma boneca – ecoou Grace, imaginando mãos masculinas mexendo nos delicados botões da saia da garota, desajeitado e

nervoso, arruinando o trabalho. Contudo, mesmo em sua pressa, ele a cobrira.

– Ele não tem familiaridade com mulheres, mas há um grau de respeito em sua atuação. Ele podia tê-la jogado de lado, a deixado nua para que todos a vissem, mas não o fez.

– É tudo verdade – concordou Thornhollow. – Você viu quase tudo.

– Com a flagrante exceção da forma como foi morta – ressaltou Grace. – Não havia hematomas, tiros, sangue. Não foi estrangulada, baleada ou esfaqueada.

– Nada disso. É por isso que este caso é muito mais interesse do que nosso último.

– E...? – fustigou Grace.

– Éter – disse o doutor. De maneira sinistra, seu rosto iluminou-se pelas lâmpadas do asilo conforme entravam na via. – Tem um cheiro distintamente doce, e ela exalava isso. Uma dose forte lhe paralisaria os pulmões e ela incharia até morrer, como num sono profundo em que simplesmente se para de respirar.

– Você faz isso soar agradável.

– E seria, honestamente, em comparação com outras mortes. Mas o mais importante aqui não é como você ou eu ou até mesmo ela desejava morrer, mas sim como o assassino queria vê-la morta.

– Tranquila – disse Grace. – Sem marcas. Sem sangue.

– Quase podendo fingir que ela vive – disse Thornhollow. – Contudo, sem poder repreendê-lo ou condescender. Sem poder nem mesmo ignorá-lo.

– Não – disse Grace. – Tudo o que ela pode fazer é permanecer lá, deitada.

– É a situação ideal para o nosso homem – disse Thornhollow, alcançando a porta da carruagem. Ele a ajudou a descer, e Grace empurrou para dentro de si o seixo de rio que era sua voz, para não partilhá-la com mais ninguém.

– Uma última ideia, sobre a qual eu gostaria que você pensasse mais tarde, assim como eu... Conforme você disse, as roupas da garota estavam desarranjadas. Se ela for uma boneca, ele não está familiarizado o bastante com o vestuário feminino para saber vesti-la

bem. Ele também pulou vários botões, o que me faz pensar que estava com pressa e afobado. No entanto, matar com éter indica planejamento. Ele pretendia asfixiar alguém, talvez especificamente ela, porém assim que levou o plano a cabo, seus nervos o dominaram.

“E ao passo que o éter poderia matar nossa vítima calmamente, isso não aconteceria tão rápido. O éter precisa ser absorvido pelos pulmões; seus efeitos enfraquecem o corpo, mas permitem movimento até que uma alta dosagem seja inalada e produza imobilidade. A garota foi atacada de surpresa, mas seu assassino teria que segurá-la muito firme por algum tempo enquanto ela se debatia. Ele teria que ser um homem grande, talvez até notavelmente grande.”

– Não vi ninguém assim naquela multidão – disse Grace. – Desculpe-me, doutor. Não será assim tão fácil.

Eles escalaram juntos os degraus de pedra, ouvindo o triturar do cascalho à medida que o condutor levava carruagem e cavalo de volta aos estábulos. Thornhollow deixou a mão cair nas portas da frente, mas interrompeu Grace com um olhar antes de abri-las.

– Isso foi provavelmente um primeiro assassinato, Grace, e um primeiro assassinato um tanto frustrado. Seja qual fosse o objetivo dele, não acho que foi alcançado hoje. E, mesmo que tivesse sido, esta não será a última garota que encontraremos fedendo a éter.

– E por que acha isso, doutor? – perguntou Grace, cedendo controle à sua voz agora que se encontrava segura dentro das sombras.

– Porque um assassino que planeja esse tipo de ritual nunca para no primeiro.

– É um dia especial quando posso trabalhar numa bela cabeça como a sua – disse a sra. Beem, enterrando os dedos no couro cabeludo de Grace e massageando seus cabelos com sabonete. – É a melhor juba que já encontrei na praça, eu lhe garanto.

– Eu no seu lugar não ficaria me gabando da sua cliente – gritou a srta. Chancey de outra cadeira, na qual Nell pendia sobre uma grande pia, com o cabelo gotejando. – Essa minha irlandesinha aqui é tão bonita quanto qualquer outra. É só eu empilhar esses cachos negros em cima da sua cabeça que ela ficará tão bonita quanto uma rainha.

– Oh, pois é – disse Nell, orgulhosa. – Esse meu couro cabeludo é o orgulho da Irlanda, e quando eu partir dessa, vou cobrir minha lápide com uma trança.

– Eis aí uma imagem mórbida. – Elizabeth impacientava-se enquanto aguardava sua vez, repuxando o próprio cabelo um tanto ansiosa. – Você será cuidadosa, não será? – perguntou pela terceira vez. – Barbante fica nervoso com as tesouras por perto.

– Naturalmente, querida – disse a sra. Beem. – Quantas vezes já não lhe fiz o cabelo e nunca cortei Barbante?

Enquanto enxaguava a cabeça, Grace espreitou com o rabo do olho e viu que Elizabeth estava muito pouco apaziguada. Das três, ela era a única que não se animava quando as cabeleireiras da cidade iam até o asilo para oferecer seu tratamento mensal, cortando e modelando os cabelos das pacientes. Grace relaxou com o escovar e o pentear da sra. Beem, entregando-se àquele fluir e refluir. Fechou os olhos e viu a garota da noite anterior com seus tornozelos decorosamente cruzados, embora suas saias desalinhadas indicassem ter havido alguma violência.

– Nosso assassino não teve êxito – Thornhollow informara Grace

naquela manhã ao acompanhá-la numa caminhada matutina em volta das dependências do asilo.

– Pelo contrário. A vítima está morta – dissera Grace, modulando a voz em um tom baixo e preservando o rosto inexpressivo, ainda que caminhassem sozinhos.

Thornhollow limpou a garganta.

– O que quero dizer é que ele não teve êxito em sua tentativa de violentá-la. Visitei o legista esta manhã para descobrir se não conseguia aprender algo mais. Àquela altura, o éter havia praticamente evaporado, portanto ele discordou de mim quanto à causa da morte, mas eu sustento minha conclusão. O éter é altamente inflamável, e muito trabalhoso de se combinar. Só os mais habilidosos cirurgiões e doutores teriam acesso a esse conhecimento. Uma vez que há somente uns vinte doutores na cidade, nosso quadro de suspeitos diminui grandemente. – Ele golpeou um tufo de grama com a bengala de passeio.

– Você até parece decepcionado.

– Está fácil demais – queixou-se ele. – Nesta tarde iremos à cidade. Atuarei como um tio à procura de medicamentos para abrandar as fortes dores de cabeça da sobrinha. Você me encontrará nos consultórios logo após minha chegada. Se nosso assassino se encaixa no molde dos assassinos inteligentes, ele será socialmente competente, ao menos com os homens... já que ele precisaria ter sido capaz de cursar a escola de medicina e clinicar. E se ele é incapaz de tocar numa mulher que não está inconsciente, ele deve se portar estranhamente com as mulheres.

– Realmente, parece simples – concordara Grace. – Por que você tem que se envolver com isso se o éter indica claramente que o culpado é um homem da medicina? Os policiais não podem deduzir por conta própria?

– Assim pensaríamos – disse Thornhollow. Um músculo de sua mandíbula latejou. – Mas o relatório de George na delegacia identificou o cheiro como sendo álcool. Ele alega que a garota bebeu no parque até desfalecer, *estrebuchou-se* (palavras dele, não minhas) e depois expirou, em coma. A morte de uma ajudante de cozinha imigrante é bem pouco interessante para a polícia, numa

cidade como essa. Sua força policial não é grande o bastante para investigar muito a fundo nada que não seja potencialmente lucrativo.

– Lucrativo?

– Certamente. Licença para vender bebida alcoólica, sonegação de impostos... você verá que se aplica a lei à risca a tudo o que realmente rende receita à cidade. Perscrutar um assassino que traz poucas pistas (palavras deles, não minhas, novamente) exige tempo, algo pelo qual os policiais querem ser pagos.

– Mas você, não – disse Grace, parando para descansar perto das margens da lagoa, debaixo de um bordo de amplas folhas avermelhadas devido à chegada do outono.

– Não. Eu o faço pela experiência. Pela ciência em questão.

Grace permanecera em silêncio por um momento, observando as ondulações da lagoa conforme os peixes se alimentavam dos insetos de manhã cedo.

– Como ela se chamava?

– Perdão?

– Você disse que ela era ajudante de cozinha, portanto deve ter sido identificada.

– Ah, sim. Uh... – A testa de Thornhollow se enrugou ao tentar recordar uma informação que para ele era menos imperativa do que outras. – Anka. Anka Baran. Era polonesa. Fato que devemos ter em mente à medida que avançamos. Assumindo que não pegaremos hoje o nosso homem, precisamos tomar nota de que talvez haja alguma motivação de cunho racial. Talvez ódio a imigrantes.

– Penso que não – argumentou Grace. – Nada ali demonstrava ódio. O método que ele usou para matá-la... era como se não quisesse machucá-la.

– Muito bom argumento. Vou aprimorá-lo e acrescentar que talvez ele apenas quisesse machucá-la de uma maneira muito específica e não teve tempo. Ou foi fisicamente incapaz. De qualquer forma, saberemos muito em breve. Imagino que ficaremos cara a cara com ele dentro de algumas horas.

Grace lembrou-se da previsão de Thornhollow enquanto o pente da sra. Beem passava próximo à sua cicatriz e a sensação sumia

conforme o objeto tocava sua pele anestesiada, para em seguida ressurgir na bochecha.

– Pare quieta, agora. Nada de se mexer enquanto trabalho perto do seu rosto. Não queremos desfigurá-la ainda mais, queremos?

Os últimos delicados picotes foram feitos, seu cabelo foi secado e enrolado; os dedos da sra. Beem torceram talentosamente uma mecha de cachos, arrematados com grampos, e prenderam alguns, escondendo as avarias em suas têmporas.

– Tudo certo, srta. Chancey – disse a sra. Beem. – Dê só uma olhada. Essa minha beldade silenciosa não parece tão bela ou até mais bela do que qualquer uma das senhoras da moda que andam pelas lojas lá na cidade?

– Mais bela – disse a srta. Chancey com a boca cheia de grampos enquanto trabalhava no pesado cabelo de Nell. – Com as cicatrizes cobertas, ela facilmente passaria por uma pessoa normal como todas nós.

Grace mirou o espelho e concordou silenciosamente. Ela estava pronta para trabalhar.

– Você está se transformando numa criminoso comum – Thornhollow provocou-a quando Grace mostrou os grampos que surrupiara da bancada da pia da sra. Beem.

– Uma planejadora, com certeza – concordou Grace, olhando-se no espelho do consultório dele. – Eu sabia que você acertaria todos os detalhes ao escolher um vestido para mim. O corte está na moda, para que eu não pareça fora de lugar, e a estampa não é distinta demais, para que eu não atraia atenção indevida. Você combinou o chapéu, mas se esqueceu completamente de que eu preciso de grampos para segurá-lo no lugar. Desacostumado com o vestuário feminino, de fato.

– Talvez eu a tenha ensinado bem demais – disse ele, dando-lhe o braço para que fossem até a carruagem.

Ned esperava por eles, feliz por conduzir a carruagem dois dias seguidos; seu sorriso radiante quase provocou um sorriso de resposta no rosto de Grace. Thornhollow mostrou uma lista de endereços assim que se puseram em movimento; o retinir dos

cascos do cavalo ocultou de Ned a conversa que travaram.

– Fiz algumas pesquisas e cheguei a pouco mais de vinte doutores na cidade. Tentaremos visitá-los todos hoje mesmo, enquanto o seu cabelo ainda está enrolado num formato não natural. Isso não dói?

– Ninguém nunca lhe disse que beleza significa dor? – perguntou Grace.

– Estou muito mais familiarizado com a última.

– Sim, dói um pouco. Ao fim do dia não haverá farsa alguma quando eu precisar arranjar um medicamento para dor de cabeça.

Thornhollow balançou a cabeça.

– Eu nunca irei entender.

Grace tirou da bolsa um espelho de mão e inspecionou o seu reflexo.

– Mesmo assim, as mulheres fazem essas coisas a fim de agradar aos homens.

– Eu não disse que não é agradável. Eu disse que não entendo.

– Sim, bem... – Grace levou uma mão ao cabelo e aos grampos enterrados no seu couro cabeludo. – As atitudes das pessoas são às vezes não fazem sentido.

– Amém.

Com estrépito, estacionaram numa agitada via paralela, e Thornhollow ajudou-a a descer da carruagem.

– O nosso experimento de hoje é duplo, Grace. Conforme expliquei antes, entrarei nos consultórios poucos minutos antes de você, para avaliar a habilidade social do doutor com aqueles de seu mesmo sexo.

– E eu entrarei logo depois fingindo ser sua sobrinha, para ver se os trejeitos dele se transformam quando perto das fêmeas.

– Sim. E o tempo que você tem livre deve ser exatamente isso: livre. Passeie pela cidade, há dinheiro na sua bolsa. Vá às compras. Adquira coisas. Faça o que quiser, mas o faça sendo Grace Mae, e não a garota doente que vive na colina.

O rosto de Grace desabou; seus olhos carregavam uma sombra que havia surgido durante a conversa.

– Eu nunca mais quero ser Grace Mae, dr. Thornhollow. Não quero coisas bonitas das vitrines, e não quero brincar de ser

despreocupada. Eu sou aquela garota doente. Ela, ao menos, tem um propósito, escondido na identidade do homem cujo endereço se encontra em algum lugar nesse seu pedaço de papel.

Ele amassou o papel no punho.

– Tente. Por mim. Sua vida não pode estar inteiramente baseada nos propósitos dos outros. – Ele lhe deu as costas, e ela partiu na direção oposta, assumindo o falso sorriso que ele desejava ser verdadeiro.

Ainda que ela tivesse descartado as palavras dele no mesmo momento em que ele as dissera, seu efeito perdurou. Ela capturou o reflexo de sua fingida felicidade numa janela pela qual passou, parecendo, em cada centímetro seu, uma garota privilegiada desfrutando de um dia bonito. Mas ela sabia que nunca fora aquilo, nem antes das cicatrizes em suas têmporas a terem afastado dos outros. Atuar era algo que ela aperfeiçoara muito antes de conhecer o dr. Thornhollow, e ao menos as trevas que a assombravam agora eram trevas que ela sabia dominar.

Ela adentrou no consultório médico para encontrar Thornhollow numa conversa profunda com um homem de aparência entediada que se iluminou no instante em que entrou.

– Teve sorte, tio? – perguntou ela.

– Não muita – disse ele, pesaroso. – O dr. Maggill estava justamente dizendo que está prestes a fechar para o almoço e não tem tempo para nos ajudar.

– Bobagem, bobagem – disse Maggill ao se aproximar de Grace. – Posso certamente adiar algo tão prosaico quanto o almoço para ajudar uma adorável jovem criatura como você. – Ele gesticulou para que Grace se sentasse num tamborete, mas ela balançou a cabeça.

– Não, doutor, eu jamais ousaria interromper sua rotina. Podemos voltar depois, não podemos, tio?

– É claro – concordou Thornhollow, vestindo o chapéu e tomando Grace pelo braço. – Daqui uma hora, doutor?

– Perfeito, e pode ser dentro de meia hora – disse ele, sorrindo, mostrando muito claramente que já havia almoçado e que partes da

refeição ainda se alojavam em seus dentes. – Odiaria pensar em você sofrendo um segundo além do estritamente necessário.

– Certamente aquele não é o nosso homem – declarou Thornhollow assim que voltaram à carruagem. – Embora eu desejasse lhe dar uma surra, de qualquer forma. Ele não mostra interesse em tratar uma garota que nunca viu, até aprovar a aparência dela. – Ele balançou a cabeça, falando exclusivamente para si. – Uma desgraça para o juramento hipocrático.

Grace bateu com os nós dos dedos no joelho dele quando mais uma vez desaceleraram para estacionar.

– Nossa próxima parada, doutor.

– Vou acabar perdendo a fé na humanidade antes mesmo de o dia acabar, Grace, anote o que digo – afirmou ele ao descerem à rua.

E assim continuaram de consultório em consultório, até que a sujeira das ruas cobrisse as botas de Grace e a sua alegação de dor de cabeça deixasse de ser uma mentira. Eles representaram seus papéis, cada um dissecando o homem com quem conversavam no momento em que o viam e comparando apontamentos à medida que a carruagem os levava ao próximo destino. Nem uma só vez encontraram um doutor que notadamente se afobasse quando na presença de Grace, e a paciência de Thornhollow esmoreceu tanto quanto o sorriso dela.

– Maldição! – gritou ele, atirando o papel no piso da carruagem durante a volta para casa. – Um dia inteiro tentando provar nossa teoria, e tudo o que tenho são doze prescrições de remédios de que não preciso.

– Mas eu sim – disse Grace, com as mãos nas têmporas.

– Desculpe-me por gritar – lamentou ele. – Tive um dia tão ruim na cidade que me parece um grande alívio retornar ao asilo.

– E é – concordou ela, retirando os grampos e deixando seu cabelo despencar solto, exibindo as cicatrizes, enquanto o ar úmido do lago preenchia-lhe os pulmões. – De fato é.

As cartas de Grace esperavam por ela na cabeceira de sua cama. As páginas haviam se ensopado no ataque do pretenso jacaré de Nell, e Grace se apavorara pensando que poderiam se esfarelar em suas mãos caso não as deixasse secar perfeitamente. As páginas agora estavam secas e podiam ser manejadas, e esvoaçavam na brisa noturna quando Grace as apanhou, com o coração disparado diante da visão da caligrafia da sua irmã caçula.

Bela Lily,

A brisa me trouxe sua carta. Não sei se, de outra forma, eu a procuraria; faz tanto tempo desde que brincamos pela última vez... Estou contente por você ter voltado.

Você se lembra de minha irmã, Grace? Ela morreu. Minha mãe e meu pai dizem que uma doença a matou num navio enquanto ela estava de viagem. Eu sinto a falta dela. Ela sempre brincava comigo e me dizia que tudo ficaria bem, apesar de agora parecer que ela estava errada.

Meu pai está tentando me consolar. Outro dia ele até me deixou sentar no colo dele, apesar de minha mãe ter dito que agora eu sou grande demais para esse tipo de coisa. Minha mãe faz cachos no meu cabelo para tentar me alegrar, mas quando o pai disse que eu estava muito bonita, ela ficou brava e os desfez todos. Doeu e eu chorei, e a mãe não me deixou descer para o jantar e eu não sei por quê.

Eu sinto a falta de Grace e eu sinto a sua falta.

Escreva de volta,

Alice

Os dedos de Grace tremiam quando ela dobrou a carta, colocando-a

debaixo do travesseiro e passando à carta de Falsteed.

Querida Grace,

Saudações de um asilo para outro. Você encontrará anexada uma carta que Reed pegou para você. Dei uma boa farejada nela antes de confiá-la a ele. Sua irmã ainda exala o aroma da inocência, e a lufada de pureza que veio da sua presença pode de fato ter sido originada por causa de sua proximidade com ela. Mas opto por acreditar no contrário.

Você diz que eu sou uma pessoa boa que cometeu coisas ruins. Você é uma pessoa boa que sofreu coisas ruins, o que é uma situação completamente diferente. Não se renda tão rápido assumindo que a escuridão que há dentro de você não pode ser superada, ou que o único caminho para a redenção reside nos passos de Thornhollow. Em você há mais do que beleza. Em você há mais do que força. Em você há mais do que inteligência. Você é uma pessoa por inteiro, e eu gostaria de vê-la tratar-se de tal forma.

Falsteed

Os soluços de Grace tomaram-na de surpresa enquanto suas lágrimas caíam no papel, na parte em que Falsteed dizia que sua irmã tinha preservado a inocência.

– Graças a Deus – disse ela calmamente para si mesma conforme a chuva da noite começava a cair lá fora. – Graças a Deus.

Grace tapou a boca com as mãos antes de perceber que os gritos que a despertaram não saíam dela própria. Com os batimentos acelerados, ela espreitou junto com o resto dos habitantes da ala, à espera de que acontecesse de novo. E aconteceu. Uma lamúria lancinante viajou atravessando os assoalhos; a dor tornara irreconhecível a mulher que a produzia. Ouviram-se passos em disparada e portas se escancarando em todo o entorno dela, e vozes abafadas procuravam respostas à medida que lâmpadas eram acendidas.

– O que aconteceu?

- Quem foi?
- De onde vem?

Grace permaneceu deitada na cama, impondo ao coração um ritmo regular antes de se juntar aos outros.

– Veio do andar de baixo do meu quarto. Sorte irlandesa, uma ova! – a voz de Nell uniu-se ao alarido e Grace esgueirou-se porta afora para ver um aglomerado de rostos familiares reunidos.

– De baixo do seu quarto? – disse uma mulher alta chamada Rebecca. – É a viúva Jacobs, então.

Outro guinchar alcançou o grupo, desfazendo-se numa sequência de soluços aflitivos que fizeram a garganta de Grace doer.

– Aquela velha lunática? – disse Nell. – Jesus, ela é um sufoco, com certeza. Melhor se acostumarem, meninas. Ficaremos acordadas a noite toda.

– Nell – censurou-a Elizabeth –, isso não é modo de falar.

– Eu não posso evitar o meu sotaque.

– Você sabe do que estou falando – revidou Elizabeth, mais severa que de hábito, com a mão apertada firmemente no ar, ao lado do cabelo. – Algo está horrivelmente errado.

– Ah, é mesmo? – perguntou Nell. – E o que é que Barbante sabe a respeito disso?

Elizabeth torceu a mão furtivamente, desconfortável com os ávidos olhares dos outros.

– Não cabe a mim dizer.

– Você sabe, então? – perguntou Rebecca, levantando um pouco mais a lamparina a óleo e espreitando Elizabeth.

Os olhos de Elizabeth pularam de rosto em rosto, e Grace sentiu uma pontada de compaixão. Ela cutucou o cotovelo de Nell assim que a porta ao fim do corredor se abriu. O cabelo de Janey estava caído e solto, os olhos ainda carregados de sono.

– Certo, senhoritas, de volta para a cama, de volta para a cama – disse ela, transmitindo autoridade na voz, apesar de estar trajando uma camisola. – Não há nada com o que se incomodar.

– Quem está dormindo no quarto abaixo do meu não pensa assim – discordou Nell, os braços cruzados à sua frente. – Ela parece sim bastante incomodada.

– É a sra. Jacobs? – perguntou Rebecca.

Elizabeth apenas agitou o ar ao lado de sua orelha, com os dedos entrelaçados em algo invisível.

Janey olhou para o círculo de rostos e suspirou.

– Está bem, então, se é que isso vai fazê-las voltar para a cama. A filha dela morreu, e a polícia acabou de vir dar a notícia a ela.

– Tão jovem... – disse Nell, com verdadeira tristeza na voz. – Que coisa horrível de se ouvir.

– Ela não era tão jovem – disse Rebecca. – Sua filha já era uma mulher crescida, como eu. Já a vi em suas visitas. A não ser que ela tenha outra filha.

– Louca ou não, você é tão tapada quanto se pode ser – disse Nell. – Nunca ouviu a mulher falar da filha como se se tratasse ainda de uma fedelha? Como ela chora a noite toda até que a mãe lhe traga uma bebida?

– Senhoritas – disse Janey, colocando fim à discussão –, a sra. Jacobs tem uma filha só. Vamos parar com essa bobagem.

– Ela anda com as próprias pernas e ainda chora pela mãezinha à noite? – disse Nell, incrédula. – Parece que ela estaria melhor aqui conosco.

– Excluindo o fato de ela estar morta – lembrou-a Elizabeth. – E a sra. Jacobs prefere pensar nela como uma criança porque é mais fácil imaginá-la assim do que reconhecer a adulta em que ela se transformou.

O grupo se calou; todos os rostos voltaram-se para Elizabeth, que empalideceu diante de tanta atenção.

– Como é que sabia disso? – perguntou Janey.

Elizabeth apenas balançou a cabeça, e cerrou ainda mais as mãos próximas às orelhas.

– Ei, Barbante – chamou Nell, desvencilhando as mãos de Elizabeth. – Que tal me contar onde posso encontrar algum tesouro enterrado? Ou a cura da sífilis? Algo útil, para variar, seu invisível maldito!

– Não ouse! – arfou Elizabeth, arreganhando os dentes para Nell, que recuou. – Veja se usa um tom cortês quando se dirigir a Barbante, Nell O’Kelly, senão eu... eu...

– Você o quê? – perguntou Rebecca.

– Eu vou cuspir no seu chá – disse Elizabeth, batendo o pezinho ao falar.

As outras garotas prorromperam em risadas, e Grace mordeu a própria língua para evitar unir-se a elas. Janey a muito custo tentou controlar a expressão facial, mas seus lábios se retorceram. Até o muxoxo irado de Elizabeth transformou-se num hesitante sorriso.

– Pois é, é bem perversa a nossa Lizzie – disse Nell. – Diga a Barbante que eu sinto muito e que ele não precisa se embaraçar por causa disso.

– Barbante não é nem masculino nem feminino – disse Elizabeth.

– Tanto faz que seja um ou outro – disse Rebecca, olhando severamente para Janey. – Só o que quero saber é se Barbante está certo.

Janey olhou de rosto em rosto. Agora, todos os olhos estavam travados nela, sob o brilho alaranjado das lâmpadas.

– Certo – disse ela, atirando as mãos para o alto. – Sim, a filha da viúva é adulta, mas a sra. Jacobs achou mais conveniente fingir que ela ainda era uma menininha, em vez de uma adulta que escolheu... que escolheu...

– Você quer dizer que ela é prostituta? – perguntou Nell, adivinhando lascivamente a última palavra.

– *Era* prostituta – Elizabeth corrigiu-a de novo. – Ela está morta.

Janey assentiu.

– De fato, está morta. E foi esta a notícia que provocou o acesso na pobre mulher. Agora que vocês já sabem, quero ver suas perninhas voltando para suas camas. E não saiam dizendo aos outros funcionários que eu lhes contei isso. Eles me pelariam a pele por divulgar histórias que não são minhas.

Grace vagou de volta à sua cama, ouvindo a amigável implicância entre Elizabeth e Nell no caminho. Ela não conhecia bem a sra. Jacobs, mas nas poucas vezes que se encontraram, ela lhe lembrara a sra. Clay. Compartilhavam a mesma conduta respeitável, uma maneira de se portar que comunicava um poder contido. Agora, a sra. Jacobs estava doente, pois fosse sua filha uma criança ou uma prostituta, ela estava para sempre perdida. Os pensamentos de

Grace se desgarraram até Boston e a sra. Clay, Reed e Falsteed, a deplorável enfermeira Croomes e o dr. Heedson, cuja mão ela com tanta satisfação empalara.

Sua consciência divagou escuridão do sono adentro, cujo negrume nem podia se comparar aos matizes de seu passado.

– Ela vai ficar bem? – perguntou Grace, numa tentativa de tirar Thornhollow de frente do quadro-negro.

– Quem? – perguntou ele, relutantemente tirando os olhos da própria caligrafia.

– A sra. Jacobs – lembrou-o. – Eu estava perguntando como ela está lidando com a perda.

– Não muito bem – disse, tombando na cadeira atrás dela e cobrindo os olhos com as mãos. – A ferocidade de suas emoções está dilacerando sua mente. Às vezes penso que antes nos convém não nos importarmos nem um pouco uns com os outros.

– Que visão sombria – disse Grace. – Eu, assim como você, desgosto da maioria das pessoas, mas as poucas com quem me importo me são muito caras. Não fosse por aqueles que se importam conosco, nunca conseguiríamos suportar o pior. Eu não teria sobrevivido a Boston sem Falsteed e a sra. Clay. Igualmente, darei o meu melhor para ajudar minha irmã a enfrentar o luto de minha própria morte, por mais falsa que seja.

Um longo silêncio acolheu suas palavras, enquanto Thornhollow afastava as mãos do rosto.

– Você tem uma irmã?

– Sim – disse Grace hesitantemente, percebendo o deslize.

– Mais velha ou mais nova?

– Mais nova. Tem dez anos de idade.

– E ela continua em casa?

– Sim – respondeu Grace; seus nervos afinaram sua voz. – Por que pergunta?

– E como exatamente você está oferecendo consolo a ela, se você está, conforme você mesma diz, supostamente morta?

Grace enrijeceu-se em sua cadeira, preparada para a discussão.

– Escrevi a Falsteed e anexei uma carta para ela, escrita por um

amigo imaginário. Reed enviou-a e devolveu-me a resposta, remetendo-a para mim aqui.

– Você o quê? – Cada palavra era uma mordida bem pronunciada, cada sílaba, um vibrante golpe no ar denso que os rodeava. A testa de Thornhollow ficou escura; seus olhos piscavam de uma maneira que ela nunca vira.

– Escrevi a Falsteed – repetiu ela, imitando-lhe a pronúncia, tom a tom. – Ele me deu um pseudônimo para usar. Reed entrega toda nossa correspondência. Estou certa de que os funcionários do hospital de Boston creem que ele tem uma amante chamada Madeleine Baxter, nada além disso.

Thornhollow levantou-se da cadeira, andando pela sala em um súbito influxo de energia e raiva.

– E essa mesma Madeleine Baxter calha de anexar cartas à irmã caçula de uma paciente mulher que supostamente morreu em meu bisturi? E se um bisbilhoteiro decide ler as cartas de Reed, ou sua esposa de alguma forma recebe a dica de que ele troca correspondências com uma mulher em seu local de trabalho? Eu não libertei você daquele fosso para você deixar que as emoções nos conduzam de volta a ele!

– Emoções, doutor?! – explodiu Grace, levantando-se para antepor-se a ele em sua fúria. – Minha irmãzinha vive num fosso um pouco mais refinado, mas ainda assim é um ninho de víbora. Realmente acha que eu a abandonaria naquele horror simplesmente para salvar minha própria pele?

– Sua própria pele? – berrou ele em resposta, nem um pouco intimidado por aquela exibição intempestiva. – E quanto à minha? E a minha carreira? Como pareceria se descobrissem que eu conspirei na abdução de uma jovem atraente e ressurgi com ela em outro lugar, tendo-a como minha solícita assistente?

– Eu devia ser uma mulher cativa, então? – gritou Grace, sem se importar que as paredes do escritório pudessem não conter a sua voz. – Não por causa do que tenho entre as pernas, mas por causa dos meus ouvidos? Pronta para ir correndo atrás de você quando você acenar e me chamar porque precisa de um brinquedo para suas aventuras noturnas, não passando de uma boneca para os seus

próprios fins, assim como as vítimas do assassino o são para ele?

– Basta! – vociferou Thornhollow. – Não tenho que ouvir isso, quando arrisquei tudo pelo seu bem. Seu pai é um homem poderoso, Grace Mae. Você não tem noção do que poderia acontecer comigo caso ele descobrisse nosso ardil.

– Não tenho, doutor – concedeu Grace, com uma entonação subitamente fria. – Mas tenho exata noção do que aconteceria comigo. – Ela deu as costas para ele e deixou o consultório com todo o desdém que os ensinamentos da mãe lhe haviam instilado, de cabeça erguida.

Aquela discussão não agradara Grace. Ela buscou isolamento debaixo de um salgueiro próximo ao lago, ciente de que suas emoções corriam soltas e podiam encontrar vazão através da língua caso ela estivesse na companhia das amigas. Seria uma dupla traição ao seu pacto com Thornhollow, arruinando não só o trabalho que eles tinham realizado cobrindo suas pistas desde Boston, mas também as vidas que eles haviam construído em Ohio.

Era domingo, e portanto as dependências do asilo transbordavam de gente. Embora os loucos de verdade representassem um aborrecimento, as belas lagoas, as espraiadas colinas verdejantes e os fragrantes pomares das dependências eram abertos ao público, e este com frequência os visitava. Grace sentou-se tranquilamente em seu lugar sombreado, ciente de que sua simplória roupa caseira assinalava-a como uma interna aos olhos daqueles que estavam muito longe para ver suas cicatrizes. Os sãoos tinham a garantia dos funcionários de que apenas os mansos e calmos eram autorizados a perambular livremente em meio deles, porém mesmo assim se mantinham dentro das trilhas.

– A minha Sally poderia tomar um pouco de chá? – indagou uma voz estridente, e Grace voltou a cabeça na direção do ruído.

Uma jovem mãe fez o contorno na trilha, empurrando um carrinho de bebê, de onde saiu um arrulho baixo. Uma garotinha trotava ao lado dela, com os cachos dourados balançando e uma boneca nas mãos.

– Mamãe – disse ela, puxando as saias da mãe –, Sally está com sede.

O coração de Grace esmoreceu, e seus pulmões deixaram de funcionar por um momento, enquanto o sol iluminava o cabelo dourado da garotinha. Seus dedos apertaram a carta de Alice,

amassando uma das beiradas do papel.

– Sally terá que esperar um pouquinho, querida – disse a mãe, debruçando-se sobre o carrinho para arrumar o cobertor do bebê. – Iremos para casa assim que terminarmos de dar essa volta; seu irmão precisa tirar um cochilo.

– Meu irmão sempre precisa de algo – disse a garotinha, fazendo uma careta.

– Bebês dão trabalho, meu amor – disse a mãe, levantando o olhar do carrinho. – Perdão, eu...

Ela se deteve. Suas palavras se perderam ante a visão de Grace ajoelhando-se perto da garotinha, as mãos transbordando com água do lago.

A garota olhou para Grace, desconfiada, e depois para a água gotejando de seus dedos.

– É para a minha Sally?

Grace assentiu; seu olhar devorava cada detalhe do rosto da criança e os comparava aos de Alice, mensurando mentalmente os ossos das suas bochechas e os cachos dos seus cabelos. De forma alguma eram gêmeas, tampouco poderiam ser tomadas por irmãs. Mas a centelha nos olhos dessa garotinha correspondia àquela dos de Alice – a comprovação de um espírito interior que tinha somente começado a se formar. A garota mergulhou a boca de porcelana da boneca nas mãos de Grace, despreocupada com o escrutínio.

– Assim está melhor – declarou a garotinha, e em seguida espreitou Grace atentamente. – Você está com uma lasca – disse ela, os dedos frios alcançando suas cicatrizes. – Você está quebrada, assim como a minha Sally.

– Mary! – censurou a mãe, e suas mãozinhas despencaram das têmporas de Grace. – Desculpe-me – disse ela, guiando o carrinho para fora da trilha. – Espero que ela não a esteja incomodando, ela não quis ofendê-la quando falou sobre sua... sobre... isso.

Grace descartou o pedido de desculpas e sorriu para a mãe, sem deixar escapar o fato de que aquela mulher era apenas alguns anos mais velha do que ela própria. Suas roupas eram requintadas; o carrinho, caro e a centelha nos olhos da pequena Mary, evidente nos seus próprios olhos. Ela trajava os ornamentos do que a vida de

Grace deveria ter sido, e Grace sentiu pela primeira vez desde que chegara ao asilo o eco vazio da decepção.

A mãe tornou a olhar para Grace, medindo-a de cima a baixo, pousando o olhar brevemente nas cicatrizes. Ela relanceou ao redor furtivamente.

– Estou autorizada a falar com você?

Grace deu de ombros, incerta.

– Por que não estaria? – perguntou Mary, a mãozinha deslizando pela de Grace e transmitindo uma onda de calor até seu coração. – Ela é uma moça bonita. Muito bonita, apesar de estar quebrada.

A boca da mãe combateu uma risada diante do gracejo não intencional de Mary, que extravasou quando ela viu que Grace estava sorrindo.

– Apesar de estar quebrada... – repetiu a mãe. – Oh, Mary, o que é que eu vou fazer com você?

– Por que é que você teria que fazer algo comigo? – perguntou Mary, agora balançando o braço de Grace com o seu.

A mãe relanceou ao redor mais uma vez.

– Você gostaria... gostaria de ver o meu bebê? – perguntou ela.

Grace assentiu, debruçando-se sobre o carrinho enquanto a mãe puxava a coberta.

– Olá – disse a mãe ao bebê. – Olá, meu garotinho lindo.

Grace observou aquelas mãozinhas emergirem contra os raios de sol, o rosto amarrado de irritação. Ela tapou seus olhos com a mão, com um olhar sedento ao vê-lo.

– Ele está com apenas seis meses – disse a mãe. – É saudável como um touro. Veja as mãos dele. Se ele segurar você, seus dedos acabarão em sua boca.

Um punho minúsculo se levantou, enganchando-se no dedo mindinho de Grace com uma força que ela não esperava. Sua pele era suave como veludo. Uma expiração escapou-lhe num jorro conforme ele a puxava para perto de si; Mary lhe apertava a outra mão.

– Ele não é tão saudável assim – garantiu-lhe Mary. – Cheira a algo terrível.

– Mary – censurou a mãe novamente.

Grace desembarçou-se do bebê, arrumando a cobertura do carrinho para tapar o sol. Mary puxou sua mão, e quando Grace debruçou-se sobre ela, descobriu que a garotinha a cercava para dar-lhe um abraço. A pressão daquele corpinho contra seu próprio corpo trouxe-lhe de volta uma onda de memórias, e ela lutou para preservar o equilíbrio enquanto Mary apoiava-se sobre ela.

– Melhor ir andando, Mary – disse-lhe a mãe, e Grace colocou-se de pé, apressadamente limpando as lágrimas dos olhos.

– Adeus, moça – disse Mary, acenando para Grace conforme caminhavam para longe. – Espero ver você de novo.

– Eu também – disse Grace assim que elas ficaram fora do seu alcance. Seus dedos brincaram com uma beirada esfiapada da carta de Alice; seus olhos ainda se concentravam na coroa dourada do cabelo de Mary. – Eu não vou parar de escrever.

– Grace? Grace? – Seu nome atravessou as colinas verdejantes, despertando-a do devaneio e fazendo-a ressuscitar o olhar inexpressivo que os funcionários do asilo esperavam ver. Com a carta metida em segurança nas dobras do vestido, ela se deteve e acenou de volta para obter a atenção de Janey.

A enfermeira avistou-a e transpôs o espaço entre elas. Seu cabelo esvoaçava; o coque apertado que ela costumava usar tinha se desfeito.

– Aí está! Alguém deseja falar com você.

O estômago de Grace se revirou. Pensou que Thornhollow lhe daria mais tempo para se recompor antes de sair a procurá-la. Janey grunhiu irritada porque as pontas do cabelo chicoteavam em volta do seu rosto.

– Esse vento de hoje... – queixou-se, gesticulando para que Grace saísse do abrigo dos ramos de salgueiro. – Ele joga com meu cabelo do jeito que quer, não importa quanto eu o escove e o penteie. Já você tem um cavalheiro vindo visitá-la, e seu rosto é uma visão e tanto...

A cabeça de Grace projetou-se para cima ante as palavras de Janey, o olhar confuso.

– É um policial chamado Davey – explicou Janey. – Disse que queria falar com o dr. Thornhollow, mas ninguém conseguiu

encontrá-lo. Então ele perguntou de você e não quis partir antes que a encontrássemos. Não sei o que é que você e o doutor estão aprontando, mas se significa que tipos como esse nos visitarão de vez em quando, não acharei ruim, não.

Grace sorriu para si, ciente de que Janey tentava loucamente domar o cabelo por mais de uma razão conforme se aproximavam do asilo. Davey aguardava no caminho de cascalho ao lado de sua montaria, com o chapéu nas mãos para que não saísse voando de sua cabeça.

– Aqui está ela, oficial – disse Janey, com uma voz mais límpida que de costume.

– Obrigado, senhorita – disse Davey, com as mãos girando pela aba do chapéu enquanto falava, mirando outro lugar que não o rosto das mulheres. – Estou muito grato por tê-la encontrado para mim.

– Não foi incômodo nenhum, incômodo nenhum – disse Janey rapidamente, e em seguida olhou para um e para outro. – Bem, devo deixá-los a sós, então, para que tratem do seu assunto.

Davey aguardou até que Janey retornasse ao asilo. Aproximou-se cautelosamente de Grace, com as mãos ainda enterradas no chapéu e os olhos não exatamente capazes de se fixarem nos dela.

– Obrigado por... por me ver, acho – principiou lentamente. – Tenho algo a dizer ao doutor, mas parece que ele não está por aqui, e eu devo dizer isso antes que perca a coragem.

Grace ergueu uma sobrancelha para convidá-lo a continuar, rompendo o habitual olhar morto que reservava aos desconhecidos.

– Veja, quando se é um homem novo no trabalho, supostamente se deve aprender com aqueles que estão acima. Mas o George... não me entenda mal, ele conhece o seu ofício. Consegue lidar com os bêbados e com os maridos que perseguem as esposas (e também com o contrário) melhor do que qualquer outro. Mas aquela garota, aquela da outra noite, a que... bem, acho que você está muito ciente do que é que estou falando. Enfim, ele pôs na cabeça que ela era apenas uma beberona, e não quer nem saber o que o doutor tem a dizer, embora eu diga a você agora mesmo que, se havia álcool no hálito dela, era o de uma bebida de que eu nunca senti o cheiro antes, e eu conheço muitas. – Ele soltou uma risadinha, depois

tornou a mirá-la. – Perdão, madame, não deveria ter dito isso.

Grace encolheu os ombros.

Davey passou uma mão no cabelo, enquanto a outra bateu o chapéu contra o quadril.

– Estou aqui para dizer que eu estava no plantão noturno certa noite que encontramos uma prosti... quando recebemos um chamado sobre uma mulher que tinha morrido na cama. Uma cama situada em cima de um bordel, se você me entende. Estava morta feito uma pedra e deitada daquela mesma forma, com os olhos abertos e parecendo que ia se sentar e nos dizer para pagá-la ou sair do quarto. – Ele riu de novo, depois corou ao perceber o que dissera. – Enfim, havia aquele mesmo cheiro no quarto. Tentei dizer isso ao George, mas não há ninguém muito interessado numa mulher de má reputação que bebeu até morrer. E foi assim que ficou registrado nos autos. Embriagou-se até a morte, e eu não pude me permitir consentir com isso, portanto vim aqui dizer ao doutor o que foi que eu vi, e em vez disso encontrei você. Que, acho eu... – Ele divagou novamente, o nervosismo voltando à sua voz agora que perdera o embalo. – Se não se incomoda que eu diga, acho que você, falando ou não, tem um jeito muito persuasivo. Assim que eu soube que não conseguiria encontrar o doutor, eu disse que queria ver a tal da Grace, pois senti que contar a você seria tão válido quanto contar a ele, e que eu cumpriria o que vim fazer.

O rubor corou todo o seu rosto, subindo-lhe pelo pescoço e cobrindo todos os seus poros até chegar à linha do cabelo. Davey limpou a garganta e amassou o chapéu na cabeça.

– E eu... eu lhe desejo uma boa noite – disse, fazendo uma mesura estranha e montando em seu cavalo, com o cangote tão vermelho quanto o pôr do sol.

VINTE E TRÊS

– Dr. Thornhollow, eu... – Grace irrompeu no consultório dele, detendo-se após dois passos sérios. – Doutor, você está bêbado?

– Completamente. – Com o copo na mão, fingiu um brinde a ela, sentado no braço da cadeira que ele movera até nivelar-se paralelamente ao quadro-negro. – E desta vez não há como fingir. Aparentemente hoje você terá oportunidade de ver o meu pior lado, Grace.

Ela fechou a porta atrás de si, passando o ferrolho nela pelo bem dos dois.

– Doutor – disse lentamente –, Davey veio aqui e ele...

– Sim, ouvi Janey bater à porta. Ela disse que havia um policial aqui, mas como eu os julguei inúteis, não estava inclinado a perder tempo. – Ele sorveu o que restava de sua bebida e apontou para o quadro-negro com o copo vazio. – Por outro lado, uma vez que minha teoria ruiu completamente, suponho que cometi um erro.

Grace arrastou uma cadeira até perto da dele, esquecendo por um momento a discussão que haviam tido.

– Antes de nosso passeio na cidade, você estava confiante na hipótese – lembrou-o. – O fracasso de nossas visitas aos consultórios médicos realmente representa a ruína total?

– Sim – disse Thornhollow, mal-humorado. – O éter sugere um homem da medicina, certamente. Mas isso não é mérito da psicologia criminal, Grace... é um fato que qualquer policial bronco pode deduzir.

Mais uma vez, ele acenou com a cabeça na direção do quadro; a caligrafia deles se cruzava, formando uma teia de anotações que visava capturar a personalidade do assassino.

– Mas nosso trabalho, essa bela suposição que urdimos aqui, nos enganou. Eu pensei que pegaríamos nosso homem facilmente, mas

fui presunçoso. – Ele inclinou-se para frente, com os cotovelos escorados nos joelhos. Os olhos injetados fulminavam o quadro. – Deixei algo passar, ou estruturei a coisa toda sobre um fundamento falso. Seja como for, nosso castelo de cartas ruiu.

– Então vamos recolher as cartas e embaralhar de novo – disse Grace. – Se o éter sugere um médico, ainda temos uma lista de suspeitos bem delimitada. Talvez ele seja esperto o bastante para não matar na própria região. Ele pode ser um interiorano que viaja até aqui para cometer seus assassinatos anonimamente.

– Assassinato. No singular – disse Thornhollow. – Temos apenas um corpo. Até onde sabemos, é como disse aquele idiota na cena do crime: algum vadio de estrada fez uma parada de trem por aqui para se aventurar um pouco em suas negras fantasias.

– Um vadio de estrada com éter no bolso? – perguntou Grace. – Você está se afogando em autopiedade e embriaguez, Thornhollow. E ademais, se tivesse se incomodado em responder o chamado à sua porta, saberia que houve outra vítima.

– O quê? Quando?

– A filha da sra. Jacobs – respondeu ela. – O outro policial contentou-se em registrá-la como uma mulher infeliz que encontrou seu fim numa garrafa, mas Davey disse que o quarto cheirava a éter e que ela foi posicionada da mesma forma que a outra garota.

– Ela tinha os olhos abertos? Os tornozelos cruzados? As mãos cruzadas sobre o abdômen? – As perguntas de Thornhollow vieram rapidamente conforme o esplendor baço que cobria seus olhos evaporava.

– Sim para tudo.

Ele ficou de pé em um instante, e seu caminhar traçou uma rota circular em volta da cadeira dela.

– Caso isso seja verdade, é uma ocorrência e tanto.

– A sra. Jacobs talvez discorde.

– Relevemos as emoções – prosseguiu ele, balançando as mãos diante da ineficácia dos pensamentos dela. – Não percebe? Isso pode pôr nossas suposições de volta nos trilhos, Grace. Nosso assassino fracassou em sua primeira tentativa de travar intimidade com a vítima; talvez estivesse apressado demais pelo medo de ser

pego ou afobado demais no momento de seu primeiro assassinato. Mas ele aprendeu com o erro e tentou uma abordagem diferente. Quaisquer embates ou exclamações num bordel dificilmente seriam incomuns, e ele portanto estaria livre para se entreter da maneira como queria, após o ocorrido.

– Mas e quanto à exposição? – argumentou Grace. – Qualquer um pode tê-lo visto subir ao quarto da mulher. Por que ele assumiria esse risco?

– Talvez ele estivesse confiante de que a polícia não reconheceria o cheiro do éter, atribuindo a morte à bebida. O que, ao que parece, foi o que eles fizeram, não fossem as observações do jovem Davey. E – acrescentou Thornhollow – por mais que satisfizesse meu ego acreditar sinceramente que a filha da sra. Jacobs é de fato a nossa segunda vítima, eu não posso asseverar isso com tanta propriedade.

– Bobagem. Davey disse que...

– Acho que ele diria quase qualquer coisa de bom grado a fim de voltar a vê-la, Grace.

– Ele pediu para ver *ocê*, dr. Thornhollow.

– Sabendo muito bem que, ao me encontrar, seria levado até *ocê*. – O doutor ergueu a mão para conter o iminente fluxo de palavras dela. – Não estou dizendo que Davey é um mentiroso; apenas que ele pode ter se precipitado em uma conclusão que talvez o ajude a realizar sua própria fantasia.

– Então *ocê* precisa ver o corpo por conta própria, suponho – disse Grace, só um pouco abrandada. – A essa altura, ela deve ter sido mexida, tenho certeza, mas talvez *ocê* possa determinar se foi o éter ou não que atuou em sua morte.

– “Mexida” é praticamente um eufemismo – disse Thornhollow, aproximando-se do quadro-negro. – Ela já está debaixo da terra.

– Trabalharam rápido.

Thornhollow deu de ombros, enquanto alcançava o giz.

– Ela é uma prostituta e sua mãe está num asilo de alienados. Quem compareceria ao funeral?

– Ninguém, suponho.

– Se (e eu enfatizo o *se*) Davey estiver correto quanto a ela ser a segunda vítima do nosso assassino, nós poderíamos ter aprendido

muito com a cena do crime. Agora todas essas pistas nos escaparam, infelizmente.

– A não ser que alguém tenha visto quem a garota recebeu por último no quarto – disse Grace.

Thornhollow tomou nota no quadro-negro.

– É uma possibilidade. Embora eu esteja certo de que a rotatividade ali seja alta, e o anonimato seja a chave para o jogo que se brinca dentro daquelas paredes.

– No entanto, ainda é mais do que tínhamos algumas horas atrás – insistiu ela. – Uma simples visita e umas poucas perguntas podem nos render uma resposta.

Thornhollow voltou-se para ela. Seu rosto estava pálido devido a bem mais que um drinque.

– Não está sugerindo que visitemos um bordel, está?

Grace sentiu um calorzinho subir para suas bochechas enquanto falava.

– Não vejo como fugir disso. Não podemos fraquejar diante de uma adversidade quando ela pode remover um obstáculo.

– Um obstáculo... – bufou o doutor, voltando ao quadro. Grace observou-o escrever; as frases em sua caligrafia inclinada terminavam com mais pontos de interrogação do que pontos finais.

– Eu não sabia que você tinha uma irmã – disse ele subitamente, com os ombros tensos.

– Não achei que mencioná-la fosse de alguma valia – disse Grace, a voz vacilante ante aquela primeira alusão à discussão acalorada que travaram de manhã. – Conheci uma garotinha hoje, e um... um bebê – disse ela, mal conseguindo pronunciar a última palavra. – De certa maneira a garota lembrava Alice; o formato da boca, o cacho do cabelo... mas principalmente a luz que vi dentro dela, sua inocência e alegria de viver. Doutor, espero que você perceba que eu não teria escrito a Falstead se eu tivesse quaisquer preocupações com a...

– Está tudo bem, Grace. Não posso repreendê-la por criar vínculos emocionais com outros seres humanos.

Grace brincou com o copo que ele abandonara sobre a mesa, e o único som que se ouvia no consultório era o riscar do giz contra a

lousa.

– Você percebe o perigo em que sua irmã se encontra?

A pergunta foi feita calmamente, embora seu peso tenha aberto um buraco no coração dela.

– Sim – disse Grace. Aquela única palavra, dita em voz alta, era mais horrenda que qualquer outra que ela já ouvira no asilo. – Eu pensei que, quando a tentação fosse afastada dele, ele nunca mais...

– A garganta dela trancou as palavras, e as lágrimas que enchiam seus olhos afogaram todo pensamento.

Ela cobriu os olhos com as mãos; os soluços que sufocava torturavam seu corpo. Dedos frios se enroscaram em seus pulsos, e o doutor ajoelhou-se diante dela.

– Grace – disse ele calmamente –, a culpa não é sua. Nunca foi. Você não é uma tentação, somente o alvo do pecado obscuro de uma outra pessoa.

– Eu gostaria que não fosse assim – exclamou ela. Agora as lágrimas fluíam livremente. – Se eu de alguma forma tivesse incitado seus atos, se o tivesse feito sentir... aquilo que sentiu, então ir embora colocaria um fim nisso. Alice não teria nada a temer, e ninguém nunca precisaria saber.

Thornhollow retirou as mãos, pescando um lenço em seu bolso. Quando falou novamente, sua voz era prosaica.

– Há alguma indicação em suas cartas de que os atos dele se transferiram à sua irmã?

– Não. – Grace balançou a cabeça, aceitando o lenço e enxugando os olhos. – Havia somente uma aproximação, que corresponde exatamente à que me era feita. Ainda resta algum tempo a ela.

Thornhollow suspirou profundamente.

– Isso, pelo menos, já é um alívio.

– Doutor – perguntou Grace –, o que é que vamos fazer?

– Eu não sei – disse ele. – Simplesmente não sei.

Mas seus olhos estavam cravados no quadro-negro.

 VINTE E QUATRO

Ao anoitecer, a indecisão dele foi substituída por iniciativa. Uma batida urgente à porta de Grace impediu-a de se trocar para dormir, e o semblante irritadiço de Janey na soleira não transmitia bom presságio.

– Por que ele não consegue deixá-la sozinha por ora, eu não sei. Não podemos ficar acompanhando os horários desse homem.

Grace torceu o cabelo num simples nó conforme desciam juntas as escadas; os passos da enfermeira ainda estavam carregados de raiva.

– Eu lhe digo uma coisa, Grace, isso não está certo. Às vezes acho que ele se esquece de que você é uma paciente também, sabe. Ele pode até precisar de seu auxílio uma vez ou outra, mas você precisa de descanso. Mais algumas interrupções em seus horários e terei que lhe comunicar isso.

Grace ouvia condescendentemente enquanto seguiam até as amplas portas frontais, que se encontravam abertas, deixando entrar o ar frio. Lá fora, a carruagem de Thornhollow a aguardava, com Ned de prontidão.

Janey tirou a própria manta e envolveu-a nos ombros de Grace, ainda com o rosto franzido.

– Estou falando muito sério, Grace. Você está sob a minha responsabilidade, assim como sob a dele, e caso eu ache que as atividades do doutor estão interferindo nos seus melhores interesses, vou ter que me pronunciar.

Grace agarrou a mão da enfermeira num arroubo de afeição, apertando-a para transmitir seu agradecimento. Janey olhou para ela; um suspiro se engastava no fundo do seu peito.

– Você ficaria arrasada se eu pusesse fim a isso tudo, não ficaria? Antes de subir na carruagem os seus olhos mais do que reluzem,

Grace, mas na manhã seguinte o seu rosto denuncia olheiras mais do que escuras.

Janey impulsivamente a atraiu para um abraço, e as costas de Grace se enrijeceram.

– Perdão. Para o meu azar, eu acabo ficando muito afeiçoada a vocês, garotas. Vá, então – disse ela, dando uma empurrada brincalhona em Grace para longe da porta. – Vá fazer o seu trabalho.

A enfermeira observou a carruagem sair trepidando noite adentro, balançou a cabeça e envolveu o corpo com os braços para se aquecer. “Esses dois”, murmurou ela. “Tem dias que penso ter encarcerado a pessoa errada.”

A pergunta que Grace tencionava fazer quanto ao destino da viagem morreu em seus lábios quando ela fechou a porta da carruagem e descobriu que não estavam sozinhos.

– A sra. Jacobs virá conosco – disse Thornhollow, mantendo o braço envolto num pacote estranhamente comprido enquanto cruzavam o rio aos solavancos. – Como você verá, esta noite não faremos nossa atividade de costume.

– Está escuro, doutor – disse a sra. Jacobs, com o rosto pressionado diretamente contra o vidro. – A minha Mellie... ela não gosta do escuro. Grita algo terrível e me chama de noite.

– Você me disse.

– Eu posso ouvi-la. Ela está com sede. – Sua mão uniu-se ao rosto grudado no vidro, deixando em seu rastro uma marca lúgubre.

– Ela precisa de uma bebida, doutor. Não conseguirei descansar até que ela beba algo.

– É claro que não conseguirá – disse ele. – E ninguém esperaria que você conseguisse.

Grace manteve os olhos colados naquela mãe aflita, cuja boca se agitava constantemente, rasgando os lábios com os dentes. Lágrimas escorriam de seus olhos, encontrando nas rugas das bochechas trilhas já muito percorridas. Se Janey já ficara contrariada por causa da saúde de Grace, teria tido um ataque apoplético por causa da sra. Jacobs. Os olhos desta estavam tão encovados que

pareciam poços negros em seu rosto, e as olheiras debaixo deles eram praticamente negras.

Grace cutucou o pé de Thornhollow com o seu, acenando com um soerguer de sobrelance na direção do pacote que ele carregava.

– Você verá – murmurou ele.

A carruagem fez uma parada sacolejante e Ned abriu a porta com uma lanterna na mão; seu rosto não traía nenhuma curiosidade ou irritação devido à hora tardia ou à estranheza do local de destino. Quando Grace apeou da carruagem, seu coração saltou diante da visão de lápides, fileiras após fileiras, sombrias e imóveis no escuro. Ramos caducos de árvores mexiam-se descontroladamente acima delas no vento.

– Minhas desculpas – disse Thornhollow. – Talvez tivesse sido melhor avisá-las antes. – Grace balançou a cabeça, colocando de volta a conhecida máscara de inexpressividade conforme seguia Ned, que parecia saber mais sobre os seus deveres da noite do que ela própria. Abriram caminho até uma cova recém-escavada; o vento açoitava a manta de Janey ao redor dos ombros de Grace, e ela se encolhia defensivamente contra ele.

– Você tem que evitar que entrem no leito das unhas do pé – disse-lhe Ned solenemente. – Assim que se enfiam lá, não há como fazê-los sair.

Grace assentiu com a cabeça, como se tivesse entendido.

As palavras de Thornhollow foram carregadas pelo vento; sua voz era tão delicada que ela mal pôde acreditar que se tratava do mesmo homem que naquela manhã gritara com ela.

– Agora venha, Margaret – ele estava dizendo, com a mão estendida. – Ela está esperando.

– Mellie? – O nome, cheio de esperança, esvoaçou noite afóra, levado pelo ar.

Sem uma palavra, Ned pegou o pacote oblongo de Thornhollow quando eles se aproximaram; o doutor ainda segurava o braço da viúva para lhe oferecer apoio. A mulher respirou pesadamente quando viu a cova fresca, e Grace passou para o outro lado para ajudar a mantê-la de pé.

– Eles vieram me dizer que ela tinha falecido – disse a sra.

Jacobs, os olhos baços sob a luz da lua. – Mas não acreditei. Como pode, se eu ainda a ouço pedindo algo para beber?

– Você a está ouvindo neste momento? – perguntou Thornhollow.

– Pois sim, doutor – disse ela, enxugando o rosto distraidamente.

– Ela está sedenta lá embaixo. É por causa do longo sono em que ela entrou, e ela vai precisar de uma boa bebida se o nosso Senhor espera que ela descanse em paz.

– Então ela terá. – Após um aceno de Thornhollow, Ned começou a desembulhar o pacote, e o doutor gesticulou para que Grace o seguisse até as sombras mais largas de um vasto bordo.

– Apesar do que você possa estar pensando, eu não passei o dia bebendo em meu consultório. A sra. Jacobs recusou-se a descansar enquanto continuasse ouvindo a filha chamá-la. Pouco depois de eu e você termos nos estranhado hoje de manhã, fiz uma viagem à cidade procurando um instrumento específico que remediasse a situação.

Grace observou Ned exibindo uma comprida broca, maior do que ele próprio, ao lado de um caniço delgado.

– E qual é o meu papel esta noite, doutor? Você não precisa dos meus olhos ou ouvidos para isso.

– Não – admitiu ele. – Pedi que viesse junto para que tivesse uma ideia completa de mim, como pessoa. Hoje eu disse coisas que não devia ter dito, e peço desculpas. Com muita frequência me esqueço de que você é uma paciente, bem como minha protegida, e falo com você de uma maneira que nunca empregaria com alguém sob a minha tutela. Eu gostaria de recuperar a sua confiança, e isso é um primeiro passo no sentido de merecê-la novamente, ao mostrar-lhe que eu me importo com os outros, embora eu frequentemente fracasse em demonstrá-lo.

Grace assentiu em consentimento e em silêncio retornaram para perto da cova, onde a sra. Jacobs havia caído de joelhos. Seus dedos percorriam a terra revolvida.

– Precisamos que você se afaste, Margaret – disse Thornhollow, e Grace delicadamente pegou a velha mulher pelos ombros quando ela não fez menção de querer se mover.

– Está pronto então, doutor? – perguntou Ned, com a broca na

mão. – Será uma tarefa fácil, já que isso foi revolvido tão recentemente. Além disso, o esquilo também ajudou.

– Criatura útil – disse Thornhollow, e os dois homens se puseram a trabalhar. Alternaram-se no retorcer da estreita broca no solo perto do túmulo, e ela penetrou facilmente na terra. Grace estremeceu ao observá-la afundar ainda mais, aproximando-se cada vez mais de seu objetivo a cada giro.

– Estão a escavando, então? – disse a sra. Jacobs sobre o ombro de Grace. – O doutor acha que afinal de contas ela não está morta, não acha?

Grace fitou o crescente montículo de terra próximo à pedra onde os homens depositavam a areia que a broca levantava, e em seguida balançou a cabeça. Aquela tarefa demandava muito mais exatidão do que uma simples exumação; o trabalho exigia precisão, e não um instrumento tão cego quanto uma pá.

Começou a cair uma chuva fina, dando mais potência à gélida mordida do ar. Grace arrepiou-se e aproximou-se ainda mais da sra. Jacobs para seu próprio conforto, bem como para o dela. Thornhollow e Ned pararam por um momento, colocando fim ao descomplicado girar da broca.

– Alcançamos, então – disse o doutor. Seus olhos encontraram os de Ned. – Mandei afiar a ponta, então alguns bons empurrões devem conseguir atravessá-lo. Está pronto?

A cabeça grisalha de Ned subiu e desceu e eles giraram juntos, forçando a caixa de pinheiro com a ponta afiada – a sete palmos por alguns momentos, antes de impelir-se para baixo.

– Pare! – berrou Thornhollow, e Grace estremeceu ao pensar o que a ferramenta poderia ter trazido consigo caso eles tivessem avançado uns poucos centímetros a mais. Eles puxaram punhados e mais punhados de terra, fazendo vir à tona a cor da prata a cada esforço. A terra escorregou das bordas espiraladas e finalmente vieram lascas do caixão.

O doutor assentiu com a cabeça, atirando a broca para o lado.

– Ned, poderia me passar o caniço?

O caniço penetrou facilmente no buraco, e o suave choramingar da sra. Jacobs acalmou-se quando ela começou a entender.

Thornhollow colocou-se de pé ao lado da cova, foi até a carruagem e retornou com um cantil.

– Madame – disse ele solenemente à sra. Jacobs –, creio que sua filha esteja com sede.

A velha mulher desembarçou-se de Grace, tomou o cantil do dr. Thornhollow e rastejou até a lápide. Thornhollow ofereceu a mão a Grace, e ela se levantou, observando enquanto a sra. Jacobs sussurrava algo pelo caniço; suas palavras desapareceram caixão abaixo, seguidas por um longo e gélido gole d'água.

Seguiram-se soluços longos e carregados.

– Eu não consigo mais ouvi-la, doutor – disse ela. – Era tudo o que ela precisava. Algo que beber, e que sua mãe lhe desse.

Ned tirou o chapéu e encostou-se na broca; sua voz surpreendeu a todos ao ressoar baixa e forte, misturando-se ao gemido do vento conforme a tempestade caía.

*Ó, dizei, podeis ver, na primeira luz do amanhecer
O que saudamos, tão orgulhosamente, no último brilho do
crepúsculo?
Cujas amplas faixas e brilhantes estrelas, durante a luta
perigosa,
Sobre os baluartes assistimos, ondulando tão imponentemente?*

Thornhollow livrou-se do braço de Grace e cobriu o coração com a mão, unindo sua voz de barítono ao tonitruante baixo de Ned.

*E o clarão vermelho dos foguetes, as bombas estourando no ar
Deu-nos prova, durante a noite, de que nossa bandeira ainda
estava lá.*

*Ó, dizei, a bandeira estrelada ainda tremula
Sobre a terra dos livres e o lar dos valentes?*

A garganta de Grace coçou para juntar-se a eles, mas não era apenas seu subterfúgio que mantinha sua boca firmemente fechada. Emoções haviam brotado muito próximo à superfície, e ela pensou que nunca havia sentido o coração tão pleno quanto ali de pé ao lado da sepultura profanada de uma prostituta enquanto lunáticos cantavam uma canção patriótica.

Quatro conjuntos de pegadas enlameadas riscaram a pedra preta e branca do átrio, após o doutor ter convencido Ned a entrar para tomar um chá na volta. A chuva desabou sobre eles, mas a sra. Jacobs permaneceu tranquila, até mesmo quando um dos relâmpagos arrepiou os pelos dos braços de Grace. Ned estava ensopado, e embora ele normalmente não deixasse os estábulos, a oferta de uma bebida quente levou-o para dentro pelo tempo suficiente para sorvê-la, e em seguida arriscar-se de novo noite adentro. Thornhollow descansou perto da lareira em seu consultório, com o rosto apoiado nas mãos em desânimo, apesar de ele próprio ter proclamado que a noite fora um sucesso.

– Você realizou uma coisa boa esta noite – disse Grace assim que ficaram sozinhos.

Ele descartou o elogio com um aceno.

– Não fiz nenhum milagre. Tudo o que fiz foi ouvir a mulher e lhe dar o que ela pedia.

– Quando ninguém mais queria fazê-lo.

– Mmmmm – foi a única resposta que Grace recebeu, e ela viu que os olhos dele haviam perambulado de volta ao quadro-negro.

– Ainda está de mau humor por causa do assassino, não está?

– Estou de mau humor por causa da falta de um assassino – disse ele. – Você já me ouviu lecionar tempo bastante para saber que uma pessoa que ataca com um método tão específico quanto esse não para. Vai acontecer de novo. E eu estou aqui, sendo estúpido demais para chegar ao âmago do caso e detê-lo a tempo.

Grace fitou o quadro.

– É como se algo dentro dele tivesse sido liberado; ele não vai se refrear de bom grado. Mas estou curiosa: por que começar a matar, em primeiro lugar?

– É uma combinação letal de um número indeterminado de coisas. A julgar pelas atitudes dele em relação às mulheres, ele lida com uma mãe autoritária. Basta acrescentar seu fracasso com as mulh...

– Não, doutor – interrompeu-o Grace. – Quero dizer, por que começar *agora*? Se ele é um homem da medicina, ele terá passado por instrução, portanto não pode ser assustadoramente jovem. No

entanto, o desleixo no assassinato de Anka Baran indica que ela foi sua primeira vítima.

Intrigado, Thornhollow inclinou-se para frente.

– Sim, e a maioria dos assassinos tende a procurar vítimas pertencentes à própria faixa etária. Eu diria que a garota polonesa...

– Anka – Grace disse o nome dela.

– ...estava perto dos trinta anos, no mínimo. Vendo a filha da sra. Jacobs quando me visitou aqui, eu diria que tinha idade parecida, embora seu estilo de vida talvez tivesse acrescentado alguns anos ao seu rosto.

Thornhollow deu batidinhas com os dedos nos joelhos, percorrendo o quadro com os olhos como se tentasse encontrar um lugar para encaixar a nova peça do quebra-cabeça, ainda que não soubesse qual era seu formato.

– Boa pergunta, Grace. Por que começar agora? A resposta pode jogar alguma luz no retrato do nosso homem.

– Assim como visitar o local de trabalho de Mellie Jacobs – disse ela.

Os dedos dele pararam de tamborilar, e ele estremeceu.

– Eu não preciso nem lhe dizer o quanto receio isso. Duvido que os empregados entenderão quais são os meus interesses. Eu terei que encetar uma explicação deveras estranha, tenho certeza.

– Eu poderia falar por você – disse Grace. – Vou disfarçar minhas cicatrizes. Ninguém saberá que sou uma paciente do asilo.

Thornhollow balançou a cabeça.

– Como eu disse, às vezes até eu me esqueço de que você é uma paciente. Não sei se seria prudente expor você a...

– Eu não sou ingênua – disse ela, cortando-o.

– Eu sei disso – disse o doutor, levando as mãos ao rosto novamente para esfregar a testa. – Mas dificilmente posso levar uma jovem mulher que está sob minha tutela até um... um...

– Um prostíbulo.

– Isso, certo. Até um prostíbulo. Realmente, Grace... como isso soaria?

– Então você não precisa me acompanhar – disse ela.

– Eu não deixaria você ir sozinha, em nenhuma circunstância.

– Você não precisa ir – disse Grace. – Eu tenho uma ideia.

 VINTE E CINCO

– O que querem que eu faça agora? – perguntou Nell; suas sobrancelhas negras quase se encontraram com a linha do cabelo.

– Shhh – Thornhollow pediu que ela se calasse colocando um dedo nos próprios lábios, disparando os olhos para a soleira da porta.

Grace observava de sua cadeira; a luz da manhã caía oblíqua pelas janelas do consultório. A voz de Nell havia se alastrado, mas ninguém veio inspecionar a sua explosão. Grace relaxou, estendendo uma mão para cobrir a de sua amiga.

– Sei que isso é bastante incomum – prosseguiu Thornhollow, baixando a voz.

– Bastante incomum é a minha vida cotidiana, doutor. Ser chamada para ir dar um passeio no prostíbulo ao lado de uma mocinha muda por um homem que supostamente é o próximo Jesus Cristo é que é completamente estapafúrdio.

– Estou longe de ser Jesus Cristo – disse Thornhollow, já aparentando estar exausto daquela conversa.

– Janey diz que você é – revidou Nell. – Uma espécie peculiar de salvador, mas um santo para os doidos, ela diz. Aos olhos dela, você é incapaz de cometer erros, agora que a sra. Jacobs dorme a noite toda.

– Deixando de lado a minha canonização, você precisa saber que eu não pediria que você se expusesse a esse tipo de ambiente se não fosse por uma boa razão.

Nell revirou os olhos.

– Eu já me expus a coisa pior, como você bem sabe. Você diz que eu posso conseguir ajudar a capturar o sujeito que matou a filha da sra. Jacobs, então estou dentro. Levar Grace comigo me deixa um pouco aflita, mas se você diz que é assim que tem que ser, então é

assim que tem que ser.

– Eu preciso da visão e da audição de Grace. A memória dela é impecável e ela pode ver coisas que irão lhe passar batido.

Nell mexeu-se, visivelmente desconfortável.

– Ora, eu é que estou um pouco preocupada de ela acabar vendo coisas que preferiria deixar passar.

– Grace é imperturbável em qualquer situação, Nell. Confie em mim quanto a isso.

Nell estendeu o braço e apertou a mão de Grace.

– Nesse caso, coloque o seu melhor vestido, mocinha. Nós vamos a um prostíbulo.

Grace enfiou lousa e giz debaixo de um braço, enlaçando o outro no de Nell conforme seguiam casualmente colina abaixo.

– Bem, não saia dizendo para a Janey nem para a Lizzie, mas essa não é exatamente a primeira vez que eu vou além das dependências – disse Nell. – Eles estão facilitando e muito. Não há cercas ou qualquer coisa do tipo. Se você faz cara de quem sabe o que está fazendo, consegue caminhar por aí durante algumas horas e voltar a tempo para o jantar, e ninguém fica sabendo.

Grace assentiu enquanto faziam o contorno, dando num arvoredo que ocultava um atalho. Nell disse que ele levava a um trecho raso do rio, e dali até a cidade a distância era pouca. Na margem, as garotas desamarraram suas botas, e Grace segurou a respiração ao pisar na água gelada.

– Pois é – concordou Nell, saltando numa perna só enquanto puxava a meia. – É chegada a época do ano em que eu não posso dar meus passeios até que o rio congele. A família do Charlie manda algum dinheiro para ele vez em quando. Então uma vez ou outra eu dou uma escapulida até aqui e nós dividimos uma ou duas garrafas de bebida aqui nas matas.

Nell atravessou o rio depois da amiga, e elas tornaram a calçar rapidamente as botas; os artelhos de Grace se contorciam de frio. Ela sentiu os olhos da outra garota grudados nela à medida que emergiam do leito do rio e tomavam seu rumo até a cidade.

– Caso eu não me lembre de todas as perguntas que devo fazer,

você por favor me dê um cutucão. O doutor me ajudou mais de uma vez e ninguém sabe nada a respeito, e acho que sou a única naquele lugar que pode dizer isso.

Grace assentiu, dando tapinhas apaziguadores em sua lousa enquanto passavam por uma casa. No alpendre, havia uma mãe sentada numa cadeira de balanço, com as crianças brincando aos seus pés. Ela saudou-as com um aceno e ambas as garotas acenaram de volta. As cicatrizes de Grace escondiam-se debaixo de seus cachos.

Nell riu, cobrindo a boca com a mão.

– Isso de fingir ser respeitável sempre me aporrinha. Mas assim que conseguirmos entrar no prostíbulo, acho que essa brincadeira vai acabar. – Nell hesitou na encruzilhada seguinte. – Eu não sei exatamente aonde é que estamos indo.

Grace prosseguia caminhando confiante; a memória que tinha da sua primeira saída com o dr. Thornhollow estava cauterizada em sua mente. Os edifícios ao redor deterioravam-se à medida que avançavam, e a presença das duas atraía mais atenção conforme suas roupas as denunciavam como pessoas que não pertenciam ao lado condenável da cidade. Mas o estabelecimento ao qual rumavam ainda preservava uma fachada de respeitabilidade anunciando apenas a venda de álcool, e não de mulheres.

Assim que o avistou, Nell guiou Grace até um beco.

– Você pode até conhecer o lugar o bastante para encontrá-lo, mas não acho que passar pela porta dianteira é o mais sábio a se fazer. Você não quer ser confundida com uma garota em serviço. Thornhollow teria me escondido.

Aproximaram-se dos fundos, onde um par de mulheres envoltas em capas puídas dividiam um cigarro na varanda. Nell cumprimentou-as da rua lateral.

– Olá! Estávamos pensando em dar uma palavrinha com vocês.

– Com quem? – perguntou uma das mulheres, batendo a cinza de seu cigarro.

– Uh... – A voz de Nell perdeu um pouco da confiança. – É sobre Mellie Jacobs.

– Pobre Mellie – disse a outra, estreitando mais o seu xale. –

Ninguém nem nos contou sobre o funeral. Nem sei se havia alguma alma lá quando a desceram na terra.

– Não gaste sua compaixão, Sarah – disse a mulher com o cigarro. – Tampouco alguém irá aos nossos funerais. Sinta pena de si e de mim. Ao menos estamos vivas para saber disso.

– Eu irei aos funerais de vocês duas se vocês me concederem um tempinho – gritou Nell.

– Que bela proposta – cacarejou Sarah. – Subam, as duas. Birdie e eu temos um tempo livre antes de voltar ao trabalho.

Nell e Grace subiram os degraus de madeira, pisando cuidadosamente em um que estava rachado, e juntaram-se às mulheres na varanda. Birdie ofereceu um trago do cigarro a Nell, que o inalou agradecida.

– Então você conhecia a Mellie? – perguntou Sarah.

– Não... – disse Nell, exalando fumaça. – Nós conhecemos a mãe dela.

– Ah, então vocês moram lá na colina, não? – disse Birdie, recuperando o cigarro de Nell. Ela acenou com a cabeça na direção de Grace. – É por isso que você não abre a boca?

– Pois é, essa daí é doida que só ela – disse Nell.

– E quanto a você? – perguntou Sarah. – Não parece haver nada de errado com você. E com um rosto bonito como o seu, poderia fazer um bom dinheiro aqui conosco. Um punhado de homens se disporia a pagar um pouco a mais para brincar com uma menina doida.

– Pagariam com mais do que apenas dinheiro – disse Birdie astutamente, olhando Nell de cima a baixo. – Ela tem sífilis.

O sorriso de Nell congelou.

– Como você sabe?

– Pela maneira como você subiu os degraus: dura, como se suas juntas doessem, embora você seja jovem demais para ter artrite. Hoje com certeza está frio, mas você se abotoou até o pescoço, cobrindo cada centímetro. – Ela bateu o cigarro novamente. – Até onde se espalhou?

Grace viu a habitual confiança da amiga lhe fugir, sendo substituída por um rochoso muro de indiferença.

– Já se espalhou o bastante para eu não me importar em dizer.
– Você tem uma ferida nascendo aqui – disse Birdie, tocando uma extremidade da própria boca.

Em reflexo, a mão de Nell subiu até a própria boca.

– Não tenho.

– Tem, sim. – Birdie assentiu com a cabeça. – Vejo como você comprime os lábios para escondê-la, com certeza há um caroço aí. Vai começar a expurgar em breve e isso vai arruinar a sua cara.

Sarah golpeou o ombro da amiga.

– Chega, Birdie. Não precisa assustar a garota. Se ela está no asilo, sabe muito mais da própria condição que as prostitutas da cidade.

– As prostitutas podem não saber muita coisa – disse Birdie, ainda observando o rosto de Nell – mas eu conheço a sífilis. A Mellie também tinha, sabia?

Grace cutucou Nell, querendo desviar a mente da amiga dos seus problemas.

– Tinha? – perguntou Nell, entendendo a deixa.

– Ela tinha acabado de ver surgirem os primeiros machucados, por aqui. – Birdie apontou para a virilha. – Mas a sra. Teekler, se ficar sabendo que uma de suas meninas está com uma bolha, a coloca no olho da rua. Conosco ela tem um bom lucro, e quer ver apenas um tipo de coisa estourando aqui em River Street.

– Se você fica doente, fica sem emprego – concordou Sarah. – E, para ter se enfiado no quarto com uma garrafa quando sua hora chegou, Mellie sabia disso muito bem.

– Foi isso que aconteceu, então? – perguntou Nell, colocando tanta dúvida na voz que as outras mulheres se entreolharam desconfortavelmente.

– Foi isso o que nos contaram – disse Sarah. – E por aqui a gente faz o que mandam e acredita no que contam.

– Ou ao menos fazemos disso um bom espetáculo – disse Birdie, lançando o cigarro na rua. – Teekler está lá embaixo fazendo o balanço do caixa, e não há ninguém aqui para ouvir o que eu digo senão os tordos e essas duas lunáticas.

Sarah riu de novo, balançando a cabeça ante a esperteza da

amiga.

– Então vocês não acham que ela bebeu até morrer? – pressionou-as Nell.

– Ah, eu não diria exatamente assim – disse Birdie. – Ela não seria a primeira de nós a dar cabo de si, mas isso não era do feitio de Mellie. E além disso, ela não tinha total certeza de que *era* sífilis. As mulheres do nosso ramo podem pegar todo tipo de coisa ruim nas partes de baixo, sem que seja necessariamente o fim da linha. Ela tinha um pouco de dinheiro guardado e me contou que tinha providenciado um homem para vir dar uma olhada nela.

Os dedos de Grace apertaram sua lousa; as beiradas quebradiças do objeto feriam seus dedos.

– Ele não devia ter boas notícias para lhe dar – disse Sarah.

Birdie deu de ombros.

– Não sei dizer ao certo. Tudo o que sei é que essa foi a última coisa que ela me disse depois que Teekler a mudou de turno.

– Então ela não estava recebendo nenhum freguês? – perguntou Nell.

– Não – disse Birdie. – Assim que surge uma bolha em você, você deixa de ser uma garota em serviço. Pelo menos aqui. Teekler até a fez pagar pelo quarto nos últimos dias, quando não recebeu dinheiro, como se estivesse administrando um hotel ou alguma porcaria do tipo. – Birdie cuspiu além do peitoril. – O pouco que lhe restava ficou com aquele doutor. Ela estava tentando provar que não iria espalhar a sífilis a todo santo cliente que lhe pagasse um bom dinheiro para se deitar com ela.

– Vocês sabem quem era o doutor? – perguntou Nell, reagindo à pressão que os dedos de Grace faziam em seu cotovelo.

Birdie olhou para Sarah, que balançou a cabeça.

– Não. Ela deve tê-lo levado para cima pelas escadas dos fundos, na surdina, assim como vocês duas fizeram. Teekler não permite que nós recebamos aqui homens de quem ela não pode tirar dinheiro.

– Por que ela não foi vê-lo no consultório, então?

Em silêncio, Grace agradeceu por sua amiga ter sido tão rápida.

– Talvez o doutor não goste que saibam que ele trata prostitutas, pensando que pode prejudicar sua prática mais respeitável – disse

Sarah.

– Ou talvez ele tenha proposto receber o pagamento em algo que não fosse dinheiro – acrescentou Birdie. – Há homens que não receiam tomar a iniciativa quando estão desesperados demais.

Um grito vindo de baixo fez todas as quatro pularem.

– É melhor vocês irem andando – disse Sarah, instando-as a descerem as escadas. – Não sei se Teekler se incomodaria conosco conversando com duas meninas da rua, mas é difícil confirmar, e a vida já é difícil o bastante como está.

Nell e Grace correram degraus abaixo enquanto Grace rabiscava em sua lousa, voltando-se para encarar as prostitutas antes que elas voltassem a entrar. Grace ergueu a lousa para que elas pudessem ver as duas palavras que ela escrevera bem grandes.

TENTAM CUIDADO

– Eu e Grace então achamos que foi algum doutor que matou a boa Mellie Jacobs – disse Nell, inclinando-se mais perto de Lizzie para sussurrar as palavras. As três garotas se estatelaram na cama de Grace, tendo uma lanterna partilhada confidencialmente entre elas, ardendo levemente.

Os olhos azuis de Lizzie estavam arregalados.

– É verdade?

Grace assentiu. Quando estava entre as amigas, deixava a lousa de lado.

– Mas por que fariam uma coisa assim com ela? Mellie Jacobs nunca fez mal a uma mosca, tenho certeza.

– É muito fácil adivinhar, não é? – disse Nell. – Ele tinha fogo, mas a vela de cera amoleceu.

– Nell! – objetou Lizzie.

– Que foi? Ah, que tal essa? Ele queria começar um incêndio, mas o pavio não levantou.

– Eu vou voltar para o meu quarto, eu vou – disse Lizzie. – Não posso estar desobedecendo a Janey só para ouvir você fazer comentários libidinosos.

Nell riu.

– Estou sendo libidinosa, é verdade, mas isso não quer dizer que eu esteja errada.

– Você pensa que foi isso o que aconteceu, Grace? – perguntou Lizzie. – Ele ficou com raiva por não conseguir... não conseguir...

– Não conseguir uma ereção – interveio Nell, e Lizzie jogou o travesseiro de Grace no rosto dela.

Grace puxou a lanterna de cima da mesa de cabeceira a tempo de evitar que caísse no chão, enquanto Nell torcia a longa trança de Lizzie.

– Vá em frente, duvide do que eu estou dizendo, minha amiga – disse Nell. – Se você quer um motivo mais consistente, talvez Barbante saiba o que é que leva um homem a matar.

– Não é assim que funciona – disse Lizzie. – Barbante ouve apenas o que se passa com as pessoas em meu entorno, e somente as que deixam seus pensamentos correrem soltos. Eu não saberia lhe dizer o que foi que o presidente Harrison jantou, ou coisa do tipo.

– E quem é que se importa, afinal de contas? Estou mais interessada em saber o que é que eu vou jantar – disse Nell. – Meninas, com a animada visita ao prostíbulo, quase me esqueci de contar que fomos convidadas pela Janey para o jantar do Dia de Ação de Graças.

Lizzie bateu palmas.

– Fomos mesmo? Que regalo! Mas pobre Grace, você parece confusa.

De fato, Grace estava um tanto perdida; seus olhos iam de Nell a Elizabeth.

– Em ocasiões especiais, às vezes alguns membros do asilo podem levar para além das dependências os pacientes que apresentam bom comportamento – explicou Lizzie.

– E os que não apresentam vão todos ilegalmente – interrompeu-a Nell.

– Que bobagem. – Lizzie pediu que ela se calasse. – Você já esteve na casa de Janey antes. Nós fomos no último Dia das Bruxas, lembra-se? A garota do terceiro andar também foi... como se

chamava?

– Sophia – disse Nell. – Era uma menina muito legal, até a mãe de Janey trazer a lanterna de abóbora.

– Eu nunca entendi isso – disse Lizzie.

– Fiquei com sementes no cabelo durante dias – disse Nell. – E nós quase ateamos fogo na casa. Mas Janey disse que garantiu à mãe dela que Grace não atiraria nada.

– E é Ação de Graças, afinal de contas – disse Lizzie. – Portanto não teremos nenhuma lanterna.

Nell semicerrou os olhos para Grace.

– Você não tem nada contra perus, tem?

As três garotas prorromperam em risadas, ignorando as trevas e o vento do lado de fora.

VINTE E SEIS

Os domingos atraíam menos pessoas, pois o frio ganhava força e sua mordida as espantava das dependências do asilo e as fazia buscar o calor de suas casas. Mesmo assim, algumas almas corajosas ainda cruzavam as trilhas, pois a vontade de respirar o ar fresco antes do inverno levava-as para fora apesar da temperatura. Mary e sua mãe se encontravam entre elas, embora o bebê tivesse ficado em casa para descansar mais confortavelmente na companhia do pai. Em um acordo tácito, Grace ficava debaixo do salgueiro todo domingo desde que haviam se conhecido, e quando seus caminhos se cruzavam, ela olhava para a mãe como que pedindo permissão antes de estender a mão para Mary.

A garota sempre voava ao encontro dela, e o peso de seu corpinho despertava uma alegria agridoce em Grace. Aquela não era a sua irmã, mas uma substituta para seu afeto, e aquela mãe era um lembrete vivo de como a vida de Grace deveria ter sido. Ela olhava para a pequena família em busca de um vislumbre de como era a vida fora das paredes de tijolos que agora chamava de casa e, mesmo sabendo que lhe ofereciam segurança, também sabia que lhe negavam uma vida como a daquelas pessoas.

Certo domingo, elas não vieram, e os dedos de Grace, cujas pontas estavam quase azuis devido ao frio, se enrolaram na carta mais recente de Alice. As páginas estavam mais curtas e menos frequentes, e embora Grace continuasse a escrever tanto a Falsteed quanto a Alice, às vezes ela não recebia resposta da irmãzinha. Reed colocava as cartas debaixo de pedras, mas o vento conseguia alcançá-las, e Grace sabia que muitas de suas cartas bem-intencionadas não eram lidas por ninguém. Ela mergulhou na leitura da que estava em suas mãos enquanto uma rajada chicoteava as páginas, até que ouviu alguém chegar seguindo a trilha.

Grace ficou de pé, exibindo um sorriso de saudação para Mary e a mãe, que logo desapareceu quando quem apareceu foi um colega de internação, estacando o passo galopante ao avistá-la.

– Oi, oi – exclamou ele. – Que dia frio. Você deve ter o bichinho da perambulação, como eu. – Ele deixou a trilha; seus pés devoraram a distância que havia entre eles enquanto Grace tentava ampliá-la, recuando. Mas atrás dela estava o lago, e ela conseguiu retroceder apenas um pouco.

– Não tenha medo – disse ele. – O Patrick nunca machucou ninguém. Patrick não machuca pessoas.

Ela gesticulou para que ele fosse embora, a carta de Alice esvoaçando em suas mãos. Ele a ignorou, os olhos pregados nas páginas.

– O que você tem aí? O que é? – Ele se aproximou e Grace esquivou-se para o lado, pronta para correr até o asilo. Ele pinçou o pulso dela e o dobrou, arrancando-lhe a carta da mão anestesiada num instante.

– É de um amante? É? De um homem? – Seus olhos percorriam as páginas, e Grace sentiu o pavor dissolver-se e transformar-se em fúria à medida que ele acompanhava uma linha com um dedo enorme, a boca se movendo com as palavras.

Ela correu até ele, mas ele se mexeu rapidamente, segurando as folhas acima da cabeça e bailando para longe dela enquanto ela tentava recuperá-las.

– Ela as quer de volta, ah se quer! – cantou ele.

Grace atacou o braço dele, mas ele a levantou, girando-a no ar com facilidade. Ela chutou sua canela e ele gritou, derrubando-a perto do pé de salgueiro. Grace apanhou do chão um ramo partido, e virou-se para golpeá-lo com a ponta afiada. Ele se esquivou daquela investida, rindo, enquanto rasgava uma das páginas ao meio, soltando os pedaços ao vento.

Grace berrou; o som dilacerou o ar gélido e seguiu as páginas rasgadas em seu sobrevoo até o lago. Ela foi ao encalço dele novamente, golpeando-o com vontade conforme se atirava nele. Ouviu passos apressados trilha abaixo, mas ela os ignorou; todo o seu ser estava concentrado em recuperar o que restava da carta de

Alice, ainda que isso significasse empalar seu carrasco. Mãos fortes agarram-na antes que ela o conseguisse, e ela foi jogada no chão junto com a vara, fora do seu alcance.

– Patrick! – gritou um enfermeiro ao se antepor ao paciente. – O que você pensa que está fazendo?

– Eu? – perguntou ele, com as mãos na única página restante, esvoaçando. Ele a embolou rapidamente e a arremessou dentro da boca. – Não estou fazendo nada – respondeu com dificuldade.

Thornhollow havia virado o quadro-negro para o verso limpo em mais de uma ocasião. Mas dois novos assassinatos não haviam desvelado nada muito mais fascinante do que um filho afoito para receber a herança antes da hora e uma garota que inconvenientemente engravidara de um amante que se entregara poucas horas antes na delegacia.

– Não temos nada aqui – lamuriou-se o doutor, virando o quadro de volta para o caso do assassino de bonecas. – Não há trabalho de verdade envolvido na procura de nenhuma dessas pessoas, especialmente quando são entediantes o bastante para elas mesmas se entregarem à polícia. Chegamos a um tempo muito sombrio se minha protegida está achando divertido atacar pessoas com varas.

De seu assento perto da lareira, com os pés metidos debaixo de um cobertor, Grace não teceu comentário. Patrick foi castigado por tê-la atormentado, e Janey solenemente informou Grace que teria que fazer uma anotação em seu registro sobre possíveis tendências violentas, mas nada disso a atingiu tanto quanto a perda da carta de Alice.

Thornhollow suspirou quando ela não respondeu, e seus olhos voltaram ao quadro.

– Sim, creio que o inverno pode estar debilitando todos nós. Mas este homem... – Sua voz titubeou, quase beirando a reverência. – Este homem eu gostaria de conhecer.

– Parece improvável – disse Grace. – Mesmo que pudéssemos incluir Mellie na conta dele, já se passaram semanas.

– Eu sei – refletiu o doutor, percorrendo o quadro com os olhos. – E por que isso aconteceu? Nós só identificamos duas de suas

vítimas, mortas em um intervalo curto de tempo. Não temos o suficiente para determinar um padrão.

– Não se pode estabelecer um padrão quando nosso assassino para de matar – disse Grace.

– Ele não pode ter parado – disse Thornhollow por cima do ombro. – Eu lhe disse. Um homem como esse não cede a uma paixão e depois a supera.

– E se for esse exatamente o caso? E se ele, de fato, superou?

– É possível – reconheceu o doutor. – Mas eu venho seguindo os passos dos nossos homens da medicina, e todos ainda estão em atividade. Nenhum deles morreu, tampouco. Eu teria notado.

– Você ficou de olho neles esse tempo todo, mesmo depois de os encontrarmos cara a cara e tendo certeza de que nossa teoria estava errada?

– Deslocada – corrigiu-a Thornhollow, com um dedo em riste. – Nossa teoria está *deslocada*, não errada. Posso ter cometido um erro aqui ou ali ao tentar adivinhar como nosso homem reagiria à sua presença, Grace, mas isso sozinho não desnovela todos os fios.

– Pois então – disse Grace, unindo-se a ele e se aproximando do quadro. – Vamos repassar tudo. Estamos atrás de alguém versado no uso do éter que seja forte o bastante para segurar uma garota à sua revelia durante tempo suficiente para que a substância faça efeito. Ele pode ser fisicamente saudável, mas é incapaz de ter intimidade com uma mulher, e isso possivelmente está relacionado à ideia de que ele teve uma mãe autoritária. Ele é inteligente, mas esquisito socialmente, principalmente com as mulheres.

Ela pensou por um momento, com as mãos nos quadris.

– Desculpe, doutor, mas poderia ser você esse homem de quem estamos falando.

– Estou ofendido. Você não conheceu a minha mãe – disse ele. – Uma outra coisa me torna impróprio para o perfil, mas não precisamos entrar nesse mérito.

Grace revirou os olhos, mas deixou passar o comentário.

– Nossa visita ao bordel só fez solidificar a ideia de que é um médico que está por trás disso. E se, como você diz, nenhum dos doutores locais transferiu o consultório ou morreu, suponho que isso

nos leva a simplesmente esperar. E observar, embora pareça que você esteja fazendo isso com minúcia até demais.

– Não são só os médicos locais, Grace – disse Thornhollow, sem olhá-la nos olhos. – Tenho notícias de Boston.

Subitamente os joelhos de Grace fraquejaram, e sua visão periférica turvou-se.

– De Alice? – Sua voz mal ultrapassava os lábios. A garganta traiçoeira se trancava.

– Não, nada disso. Grace, sente-se, por favor. – Suas mãos ampararam os ombros dela, e ela aceitou o toque, agradecida; toda sua força se esvaiu ante a simples menção de sua cidade natal. Thornhollow colocou-a na cadeira perto da lareira e retornou com um copo de líquido âmbar.

– Foi algo tão ruim assim? – perguntou Grace, pegando a bebida e cheirando-a cautelosamente.

– Nada aconteceu à sua irmã. Sei que essa é a sua maior preocupação – disse, de pé na frente dela para aferir suas reações às palavras dele. – Depois que eu soube que você estava se correspondendo com Falsteed, comecei a comprar os jornais de Boston. Admito que a boca de Heedson ficará sempre fechada para proteger a própria pele, e que tanto Falsteed quanto Reed são mais do que confiáveis. No entanto, a eficácia de um segredo diminui à medida que mais pessoas o compartilham, e julguei que seria melhor me manter informado sobre as notícias de Boston.

– Não fosse por Alice, eu ficaria feliz de nunca mais ouvir falar nesse lugar – disse Grace, tomando um gole da bebida. Desceu-lhe rasgando a garganta e aqueceu-lhe o estômago, produzindo em seu rastro um falso relaxamento, o qual, não obstante, era bem-vindo.

– Eu concordo – continuou Thornhollow. – Mas ambos os nossos passados estão ancorados lá. Seu pai é um homem altamente renomado. Heedson, como chefe de uma importante instituição médica, merece destaque nos jornais de tempos em tempos, então julguei prudente me manter informado sobre os movimentos deles. Se Heedson fosse substituído subitamente ou se seu pai viajasse inesperadamente, seria uma indicação de que suas vidas normais foram interrompidas e poderia significar que algumas pessoas deram

com a língua nos dentes e nosso segredo deixou de ser segredo.

– E? – As mãos de Grace subiram até as cicatrizes para massagear com os dedos a pele suave, procurando conforto.

– E não há razão para pensar que nós dois estejamos correndo perigo.

Um alívio inflou-se juntamente com uma exasperação conforme Grace engolia outro gole de sua bebida.

– Realmente, doutor. Eu sei que você não é incrivelmente hábil com pessoas, mas você precisa aprender a dar notícias, para que não...

– Seu pai está vindo para cá, Grace.

– O quê? – A mão que segurava o copo afrouxou, e ele oscilou junto com seu batimento cardíaco acelerado. – Você disse que não corríamos perigo.

– E não corremos – insistiu Thornhollow, caindo de joelhos em frente à cadeira dela. – Grace, eu lhe garanto que se por um segundo sequer eu pensasse que aquele homem suspeita que você está viva, eu teria enfiado nós dois num navio, e azar do que dissessem as pessoas.

– Então por que ele viria para cá, se não por ter nos seguido?

– Infelizmente, assim como para todas as coisas mais desagradáveis do mundo, a resposta é: *política*. Seu pai está se candidatando à chapa presidencial. Você já viu por si mesma que as dependências do asilo são abertas ao público, e o salão de baile formal tem esse mesmo lema. O asilo fornece trabalho para metade da cidade e um belo lugar para os ricos se reunirem e os empregados os servirem. Parece que, ao trazer você ao único lugar que podia lhe oferecer segurança, eu não considerarei que ele fica numa cidade cortada por um rio e uma ferrovia, num estado considerado decisivo antes de um ano eleitoral.

Grace riu amargamente, com o fôlego matizado pelo álcool.

– Então é isso? Ele vem para cá discursar pelo partido? Meu Senhor. – Ela sorveu o restante da bebida e entregou o copo a Thornhollow.

– Que grande azar, eu tenho que admitir.

– Sim, não estou surpresa – disse Grace, com os olhos fixos na

lareira. – Já não tínhamos aprendido que o destino é cruel? – Ela ficou em silêncio por um momento, as palavras perdidas nas chamas.

– O destino pode ser cruel, mas por vezes joga justo. O supervisor vem insistindo em realizar um jantar formal para homenagear meu serviço aqui e apresentar-me a cidadãos importantes. Eu recusei, mas consegui convencê-lo a fazer da visita do seu pai um evento duplo. Como serei um dos dois convidados de honra, será possível ficar de olho no seu pai durante a noite, e você, é claro, estará em qualquer lugar longe do salão de baile.

– Posso acompanhar o Ned – disse ela.

– Negativo. As carruagens dos convidados, os cavalos e os condutores ficarão indo e vindo dos estábulos. Lá você seria mais visível do que sentada quieta em seu quarto.

Ela abriu a boca para argumentar, mas ele levantou uma mão.

– Contudo, entendo que ficar fechada apenas sobrecarregaria seus nervos. Penso que o ar fresco seria melhor, e também a companhia de amigos. – Ele alcançou o bolso de seu colete, puxando uma pequena chave de ferro. – A torre oeste. Leve Lizzie e Nell ao telhado e encare isso como uma aventura.

– Uma aventura – repetiu ela, girando a chave nos dedos.

– Uma aventura que lhe permitirá ficar de olho nas idas e vindas dos convidados – disse Thornhollow. – Acho que ter um pouco de controle pode fazê-la se sentir mais segura.

– E fará – concordou ela. – Obrigada.

– Oh, não há de quê – disse ele. – Nesse entretanto, eu estarei fazendo uma refeição com um homem que detesto, cercado de gente que só quer jogar conversa fora e trajar roupas de gala. Posso acabar encerrando a noite como paciente, e não como funcionário.

– Se isso acontecer, eu lhe garanto que você estará sob os melhores cuidados.

– Preste atenção em onde pisa agora, Lizzie, tem um punhado de gelo aqui nas lajes, e nós não queremos ver Barbante levar um tombo.

Grace amarrou firmemente o chapéu da amiga sob seu queixo

enquanto Lizzie supostamente mantinha Barbante fora do caminho. Assim que terminou, pegou a garota pela mão e elas desceram os degraus para encontrar Nell no trevo de cascalho. O chafariz permanecia silencioso; sua voz gorgolejante estava congelada pelo ar frígido.

– Ora, venham – chamou Nell, praticamente dançando na frente delas na trilha. – Janey disse que se nos atrasarmos ela nunca mais vai conseguir convencer a mãe a receber doidos em casa de novo.

Lizzie arrepiou-se e aninhou-se perto de Grace conforme caminhavam. Fez uma concha com a mão e segredou na orelha dela:

– Barbante não gosta de ficar chicoteando ao vento – explicou, enquanto cruzavam a passarela. – Ainda bem que a casa da mãe da Janey fica logo no pé da colina.

Seus pés golpeavam a neve à medida que deixavam a trilha e seguiam por um atalho paralelo até dentro da floresta. Nell ultrapassou-as, afastando os galhos para que as garotas pudessem caminhar agachadas.

– Prometo que não estou levando você à floresta para assassiná-la, Grace – disse ela. – A mãe da Janey gosta de paz e sossego, e isso ela com certeza tem.

Elas chegaram aos degraus de uma cabana com janelas alegremente iluminadas, sobre as quais uns ramos caducos densamente entrelaçados criavam um dossel, ainda que não tivesse folhas. Nell afugentou uma galinha dos degraus com a sua bota e em seguida bateu à porta.

– Olá, meninas – disse Janey, abrindo-a com um sorriso. Grace não pôde fazer outra coisa senão devolver um sorriso ao ver sua estoica enfermeira num avental e com uma camada de farinha na bochecha. Seus olhos estavam límpidos, e suas bochechas, coradas devido ao calor da cozinha. Janey colocou-as para dentro alvoroçadamente e pendurou seus casacos perto da lareira, enquanto elas batiam a neve das botas.

– Espero que a caminhada não tenha sido tão gelada – disse ela.
– Não quis incomodar o pobre Ned pedindo para que equipasse os cavalos só para cavalgarem um trechinho. Ademais, achei mais

agradável ficarmos só entre nós, garotas. Não acha, mãe?

– É claro – concordou uma mulher velha, embrulhada em cobertores mesmo estando próxima ao fogo. – E tem uma aí no meio que eu não conheço ainda. Venha cá, querida, deixe-me vê-la – disse ela, gesticulando para Grace.

Grace olhou para Janey, que assentiu com a cabeça. Ajoelhou-se aos pés da cadeira de balanço da mulher, aproximando-se mais ao notar que a catarata lhe cobria um olho. Uma mão cheia de ossos, marcada pela idade mas de pele ainda suave, afagou-lhe as bochechas.

– Minha Janey disse mesmo que era uma garota bonita. Ela também disse que você não é muito afeita a falar.

Grace balançou a cabeça e Nell respondeu por ela.

– Ela não fala muito, não, mas nossa Grace consegue brincar de charadas com as meninas mais inteligentes do asilo. Não sei dizer uma única vez que eu não tenha entendido o que é que ela estava dizendo, ainda que sua boca nunca emitisse uma palavra.

A mão deu tapinhas na cabeça de Grace, como se a abençoasse.

– Ah, ora. Há dias em que a Janey fica na colina trabalhando horas a fio e eu mesma não converso com uma só alma. Isso nos leva a entender o nosso próprio eu.

– Eu uso muito a minha boca, sra. Wilcox, e acho que me conheço muito bem – objetou Nell.

– E nós também a conhecemos, queiramos ou não – disse Lizzie.

– Minha irlandesinha está de volta – disse a sra. Wilcox, virando o olho bom para Nell. – Quantos corações você já arrasou desde que eu a vi pela última vez?

– Botei os dentes em alguns – disse Nell, debruçando-se sobre a velha mulher para abraçá-la. – E não me recordo de eles terem reclamado.

– E Elizabeth, nem pense em ajudar a pôr a mesa, quando pode contar as novidades – repreendeu-a a sra. Wilcox, chamando Lizzie para perto do fogo. – Deixe Janey providenciar as coisas e venha contar a essa velha aqui o que Barbante tem a dizer.

Lizzie corou e sentou-se aos pés da sra. Wilcox, mas sua língua logo se soltou à medida que reiterava notícias do asilo, confirmando

histórias que Janey levava do trabalho para casa. Vez ou outra ela ficava em silêncio e virava a cabeça para consultar Barbante quanto a um detalhe, mas até Nell deixava aquilo passar sem comentários conforme iam relaxando ao som de Janey arrumando a mesa atrás delas.

– Tudo pronto então, meninas. Deem uma mãozinha à mamãe e vamos fazer uma refeição juntas, como mulheres civilizadas.

E assim fizeram. Grace não comia tão bem desde a última vez que estivera com sua família, embora os rostos ao redor fossem tão diferentes agora. Não havia conversas empoladas e pausas incômodas, nem olhares cautelosos ou chutes escondidos para induzir silêncio. As palavras voavam para lá e para cá, discutidas no calor da lareira, tal como se houvessem crescido no ar. Grace não podia falar, mas mergulhou na conversa, rindo das frequentes interrupções de Nell e das constantes tentativas de Elizabeth de pô-la em juízo. Janey não fazia objeção quando sua mãe a instruíu a servir vinho, embora Grace cobrisse o próprio copo com a mão.

– É abstinência? – perguntou a sra. Wilcox. Grace balançou a cabeça, mas não fez menção de mover dali a mão. A pouca bebida que tomara no consultório de Thornhollow lhe subira à cabeça imediatamente. A companhia de suas amigas e a vivacidade do momento faziam sua voz doer de ânsia para falar; uma bebida poderia facilmente abrir as comportas.

– Fique à vontade para me servir mais um gole – disse Nell, passando a Janey seu copo já esvaziado.

– Não vá ficar bêbada, hein, Nell – advertiu-a Elizabeth. – Janey iria ouvir um monte, caso voltássemos ao asilo bêbadas feito gambás.

– É necessário mais que uma tacinha de vinho para embebedar uma moça irlandesa, suas inglesinhas – disse Nell. – Até o Charlie diz que nunca viu ninguém tão forte para a bebida quanto eu, e olhe que ele mesmo já beijou o chão muitas vezes depois de tanto beber.

– E quem é Charlie? – perguntou a sra. Wilcox.

– É um pobre beberrão que mora na colina – disse Nell. – A família dele o trancafiou porque ele é bom de copo.

– Ele também disse que bebia porque via Jesus preso no fundo

das garrafas – colocou Janey.

– Se eu fosse Jesus, é onde eu ficaria – disse Nell, dando um tapinha no copo novamente.

– Esse Charlie é seu amiguinho especial?

– Argh, não. Uma garota como eu só chega até certo ponto com um rapaz, se é que me entende. – A língua dela se esgueirou até a extremidade da boca para tocar o machucado que havia ali, e, à luz da fogueira, Grace pôde distinguir a sombra de outro nascendo debaixo da pele, perto daquele.

Janey deu um tapinha no braço de Nell, e o rosto de Elizabeth ficou soturno enquanto ela inclinava a cabeça para a direita. Nell reabasteceu seu próprio copo e olhou ao redor da mesa.

– Eu nunca contei a vocês como peguei sífilis, contei?

– Imagino que você tenha contraído a doença da mesma maneira que todo mundo, e isso não é nenhuma vergonha – disse a sra. Wilcox.

– Pois é, vergonha nenhuma. Não da minha parte, de qualquer forma. Mas o garoto que me passou, veja bem, era filho do chefe da minha mãe, e a reputação da família valia ouro lá na Pensilvânia. E não havia ninguém para defender a filha da lavadeira, muito menos ele.

– Ninguém quis ajudar você? – perguntou Janey.

– Eu sempre consultava a minha mãe, indo direto ao ponto quando sabia que algo estava errado. Ela ficou muito brava comigo. Disse que não tinha saído da Irlanda para criar uma prostituta na América. Sou a última de dez filhos, e acho que ela já estava esgotada de criar nós todos. Ela disse que eu havia feito a minha própria cama e que eu tinha que deitar nela. Disse que os tratamentos com mercúrio eram tão caros que bem poderiam ter sido feitos na lua.

– O rapaz em questão não poderia pagar? – perguntou a sra. Wilcox.

– Ele bem que podia, sem dúvida. Mas quando fui consultá-lo, ele disse que eu não tinha pego dele, mas de um cavaliço ou de um vadio... “alguém da sua laia”, foi como ele disse. Eu sabia muito bem que tinha sido ele, já que eu nunca tinha estado com ninguém mais

e ele era o meu primeiro. E ele sabia disso também. Eu podia ver nos olhos dele o receio de perder o seu sossego. Então ele me jogou para fora da casa, caí de bunda no jardim que eu mesma fiz, e me deu um chacoalhão na cabeça.

Grace estava completamente imóvel, assim como as outras mulheres, perdidas no ritmo da voz de Nell. Enquanto falava, seus olhos fitavam o vazio.

– Ele era a minha única chance de me salvar, e eu sabia muito bem disso. Minha mãe e meu pai me rejeitaram. Daí lá estava eu com os joelhos ralados e a sífilis correndo em minhas veias. Eu sabia que era o meu fim, mas até parece que eu deixaria alguém da laia de James Cavendish me passar a perna! Eu conhecia a família, conhecia suas casas por ter passado anos ajudando minha mãe a carregar os lençóis sujos deles até lá em casa, sem nunca imaginar que eu mesma acabaria deixando uma mancha de sangue num deles.

“Então eu dei um jeito de ir para a cama com cada um dos homens da família. Um por um, todos eles me possuíram, sem saber um do outro. Fiquei lá fingindo que era a minha primeira vez. Todos eles tão vaidosos de si, tão felizes por ter uma coisinha tão bonita e mimosa gemendo debaixo deles... enquanto eu devolvia a eles o que a própria relação com essa família me dera. Foram primos, tios, avô e até o irmão caçula, que teve só um ou dois minutinhos de prazer. Eu fiquei com todos. E a vaidade vai afugentá-los de ir ao médico, e seus machucados vão afugentá-los de suas esposas, e seus pintos vão apodrecer e eles serão varridos da face da terra. E terá sido Nell O’Kelly quem fez isso a eles.”

– Amém – disse a sra. Wilcox, levantando um copo.

– Amém – confirmou Elizabeth, levantando o dela, seu primeiro drinque da noite.

– Assim seja – disse Janey, brindando seu copo com o de Grace, que levantou seu copo d’água e encontrou os olhos de Nell assentindo friamente em consentimento antes de sorver o que restava de sua bebida, agora aquecida pelo fogo. A água desceu até seu estômago, mas mal lhe roçou a garganta, ressequida pela necessidade de confortar a amiga.

 VINTE E SETE

– As cozinheiras estão um caco, nunca vi nada assim – queixou-se Elizabeth no jantar uma semana depois. – Todo esse alvoroço por causa de um homem. – Estalou a língua e olhou para o próprio prato com arrependimento.

O asilo estivera poupando no jantar dos pacientes durante toda a semana, reservando a melhor comida para a festa por vir. Grace encarou seu simples pão, o frango seco sem molho e a cenourinha que o acompanhava. Pelo menos ela não precisava lutar com ninguém, como em Boston. Concentrou-se na refeição; seus dedos esfregavam a chave da torre oeste através das dobras de suas saias, em busca de conforto.

– É, eu também não estou nem um pouco feliz – disse Nell. – Fiquei no porão procurando as melhores batatas, como se, para começo de conversa, eu as tivesse plantado para esse tal de sr. Mae. O que por sinal eu não fiz. Tenho vontade de dizer isso a ele.

Grace agarrou o pulso da amiga e balançou violentamente a própria cabeça.

– Ora, ora, que moça afoita. – Nell desvencilhou-se dela. – Eu não vou me portar mal. Amanhã de noite eu pretendo é escapulir, a não ser que tentem colocar nós todas para trabalhar. Não que fossem me permitir trabalhar na cozinha, de qualquer forma. – Sua mão subiu até o rastro de machucados que se alastravam a partir do canto de sua boca, desfigurando aquela tez outrora de porcelana.

– Eles contrataram pessoas externas para o serviço – disse Elizabeth, a boca cerrada, como se achasse aquilo ofensivo. – Os insanos não são bons o bastante para preparar a comida do senador Mae, suponho eu.

O som do nome de seu pai na boca das amigas fez o estômago de Grace se comprimir e suas mãos se fecharem em punhos

cerrados. A iminente chegada dele havia pesado em sua mente, causando pesadelos que interferiam no seu sono. Na luz do dia, seus dedos nervosos se agitavam na tentativa de ganhar terreno; movimentos súbitos faziam-na pular, e ela se via desejosa de ter uma fechadura na porta de seu quarto, afinal de contas.

– Fisicamente, não há nada a temer – Thornhollow repetira naquela manhã. – Seu pai crê que você está morta. Ele não sabe nada sobre mim ou nossa relação. Não há razão para que ele suspeite. Você estará segura com Nell e Lizzie. A única coisa que poderia dar errado seria se eu o socasse na boca.

Grace sorriu para si ao se lembrar das palavras de Thornhollow, que exibiam a ansiedade dele através da piada. O trio de garotas deixou o refeitório, afugentadas pelos ajudantes que precisavam colocar tudo em ordem com antecedência, caso o senador quisesse fazer uma excursão pelo asilo. Este tipo de hospitalidade era exatamente o que Grace temia. Mesmo que ele fosse mantido nas áreas comuns, sua presença era uma mancha que ela seria capaz de sentir mesmo muito depois de sua partida.

Janey encontrou-as no corredor, com os olhos iluminados.

– Garotas, vocês não vão adivinhar! Fui convidada para a recepção desta noite! O jantar, é claro, será oferecido apenas a alguns políticos que se encontram na cidade e a nossos doutores, mas o supervisor disse que as enfermeiras-chefes das alas poderiam comparecer, se tivéssemos roupas adequadas à ocasião. – Ela assumiu seu posto ao lado delas, e sua felicidade diante daquela ideia vencia o fato de que ela era uma funcionária e elas eram pacientes. – Talvez ele pense que nós não temos o vestuário certo, mas minha mãe sempre insistia para que eu reservasse o vestido da igreja somente para ir à igreja, e suponho que, se ele é bom o bastante para Deus, será bom o bastante para o senador Mae.

Grace apertou os olhos e levou os dedos às têmporas. As mãos de Elizabeth instantaneamente foram para os ombros dela.

– Você está bem, Grace? Está com dor de cabeça?

Ela assentiu, mas Janey conduziu-as até o quarto. A animação da jovem com o jantar fora vencida pela preocupação com a paciente, conforme ela colocava Grace de volta em sua cama.

– Terá sido o jantar? Os desconhecidos que estão chegando? Sei que isso às vezes pode exasperar os mais calados. Mas não se preocupe com nada, o supervisor disse que ficará feliz em mostrar as áreas comuns a eles, mas ninguém verá os quartos pessoais de vocês. Ele disse que vocês não serão exibidas como se fosse um desfile para entretê-los, sejam eles políticos esnobes ou não.

Grace manteve os olhos fechados e as pontas dos dedos nas cicatrizes. Ao adivinhar o problema com algum acerto, Janey mais esfrangalhara do que acalmara seus nervos. Para que a noite se desenrolasse sem ocorrências, ela tinha que recuperar o controle. Pesos se firmaram nas duas pontas da cama quando as suas amigas se aninharam com ela.

– Ficaremos com ela, Janey – disse Nell, esfregando o pé de Grace com a mão. – Vá vestir seus apetrechos bonitos. Passe uma noite sem dedicar seus pensamentos aos malucos, para variar.

Janey permaneceu na soleira, esfregando as mãos de tão indecisa.

– É que não gosto nada de abandonar Grace assim alterada.

– Ela está menos alterada que você – disse Elizabeth. – Pode ir.

– Está bem – concordou Janey. – Se isso puder ajudar, vocês têm minha permissão para trazer seus colchonetes para o quarto dela hoje à noite, e dormir todas juntas. Se é que isso lhes traz algum conforto.

– Que ótima ideia – disse Elizabeth. – Obrigada, Janey.

Assim que a porta se fechou atrás da enfermeira, Nell deixou escapar uma risada.

– Como se já não tivéssemos feito isso antes!

– Só que hoje temos permissão – disse Lizzie. – O que significa que não precisamos acordar junto com os galos para que ninguém perceba algo.

– Ah, eu não sei não – disse Nell. – Eu não me importaria em acordar com um ga...

– Pare com isso! – Lizzie interrompeu o comentário de Nell para concentrar-se em Grace. – O que foi, querida? Trata-se realmente dos convidados ou... Grace? O que é isso?

Grace ergueu a pequena chave de ferro com um sorrisinho no

rosto.

As escadas que levavam à torre eram estreitas; o reboco roçava em ambos os ombros de Grace conforme ela afastava teias de aranha do caminho. Ainda que suas panturrilhas estivessem começando a arder, cada passo que dava a levava para cima e para longe dos convidados que haviam começado a chegar. Suas desconhecidas vozes espalhavam-se pelo ar e ultrapassavam os assoalhos até os pacientes.

– Não acho que muita gente venha aqui – disse Elizabeth, tossindo educadamente, pois o pó atacava seu nariz.

– Não, só os doidos que gostam de dar uns amassos, eu diria. – A voz de Nell vinha da retaguarda.

– Os pacientes realmente fazem isso? – perguntou Elizabeth por cima do ombro.

– Alguns sim, com certeza. O Charlie disse que se deitou com metade da ala feminina. Mas aposto que ele exagera um bocado.

Grace alcançou o fim das escadas, passou a lamparina para Elizabeth e enfiou a chave na fechadura do alçapão, girando-a com facilidade. Grace escancarou com um leve empurrão a porta que dava para o frio ar noturno. Caía uma neve maciça em seus rostos virados para cima; Elizabeth cuspiu-a. Grace acolheu agradecida o ar límpido e a vastidão que a circundava enquanto escalava até o telhado.

A torre oeste tinha vista para o trevo de cascalho, que se enchia de carruagens vindas da cidade. Grace deu uma espiada antes de ajudar Lizzie a subir. Depois, estendeu a mão para Nell, mas a garota irlandesa balançou a cabeça.

– Agradeço muito, Grace, mas justo esta noite me surgiu uma brotoeja nas mãos. Não queremos que você estrague seu belo rostinho assim como aconteceu comigo, queremos? – Suas palavras eram leves, mas sua boca se estorcia com o esforço para fazê-las soar daquela maneira.

– Venha ver – chamou Elizabeth do gradil. – Que vista... Oh, Grace, não sei como foi que você conseguiu essa chave, mas estou tão contente!

– Você não sabe? Aposto no dr. Thornhollow. Se Grace pedisse para ele cortar a própria perna só porque lhe deu na telha, acho que ele a serraria até o osso na hora.

Grace beliscou levemente o antebraço de Nell e a amiga ganiu.

– Tudo o que estou dizendo é que ele faria isso. Não estou insinuando nada.

– Abaixem essa voz – chiou Lizzie, juntando-se a ela. – Tem gente descendo das carruagens. Nossa diversão vai acabar se avistarem três loucas no telhado, e com certeza o lugar de Janey na recepção vai desaparecer.

A opaca luz do inverno dava um matiz rosado à neve, e as lâmpadas a gás ladeando a estrada sinuosa que levava à cidade tinham sido acesas para a ocasião. As chamas bailavam, atraindo os olhos das jovens mulheres até a ponte. As primeiras luzes se acendiam nas casas do outro lado. Os nervos de Grace acalmaram-se um pouco com aquela visão; os ramos caducos das árvores não tinham perdido a beleza por estarem desfolhados.

Elizabeth enlaçou os braços nas duas garotas, debruçando-se muito ligeiramente sobre o gradil.

– Se ficarem bem quietas, aposto que podemos ouvir o rio daqui – sussurrou ela.

– Isso é só Barbante lhe pregando uma peça – disse Nell. – São dezoito metros de distância a pé. Não dá para ouvir o rio, mas aposto que podemos ouvir uma ou outra coisa interessante. Vejo uma carruagem requintada fazendo o contorno agora, será o senador?

O coração de Grace afundou dentro do peito e seu corpo tremeu ante o pensamento. Elizabeth puxou-a para perto de si, cheia de preocupação no olhar.

– Você está bem, Grace? – perguntou, e em seguida inclinou a cabeça para a direita, com as sobrancelhas unidas.

Grace assentiu para afirmar que estava bem, mas se desenvencilhou de Lizzie e colocou as duas mãos contra o gradil, respirando grandes porções de ar. Não foi seu pai quem desceu da carruagem, mas um homem de negócios da cidade e sua mulher espalhafatosamente emperiquitada. Nell debruçou-se para frente à

medida que o casal passava debaixo delas no p3rtico.

– Acho que acabo de ver o decote daquela mulher mais do que o pr3prio marido j3 viu.

– Oh, vejam, mais um – exclamou Elizabeth. Mais rodas chegavam triturando a estrada; os cascos ressoavam enquanto faziam a volta por tr3s do asilo e seguiam para os est3bulos.

– Pobre Ned. Hoje à noite ele ter3 bem mais do que sua cota habitual de trabalho.

– U3, ele vai adorar – argumentou Nell. – Ele ser3 capaz de nos dizer o nome e a linhagem de cada um dos novos cavalinhos que conhecer hoje. 3 provavelmente o louco mais feliz num raio de quil3metros.

As carruagens continuavam a chegar, e as pessoas, a sair delas aos montes. Os condutores se agrupavam nos fundos das depend3ncias; as pontas balouçantes de seus cigarros acesos sopravam o cheiro do tabaco at3 as garotas, misturando-o às vozes de seus patr3es.

– Aquela sim est3 bem-vestida – disse Elizabeth, cutucando Nell para chamar sua atenç3o para uma mulher de azul.

– Nada mal, nada mal – concordou Nell. – E vejam s3, o supervisor vai descer os degraus para conduzi-la. Deus meu, na alta-roda isso 3 o mesmo que anunciar que ele quer fazer uma investida nela. – Ela se abanou num aceno zombeteiro.

– Como se voc3 fosse se importar de ter um homem ajudando-a a descer de uma carruagem – disse Elizabeth.

– O que ele vai fazer com as m3os depois disso?

Elizabeth suspirou.

– Bem, vamos analisar os comportamentos – disse ela. – Todas as mulheres vieram com seus maridos, exceto a senhora de azul.

– Ela n3o teve que esperar ajuda nenhuma.

– N3o, e olhe s3 aquela senhorinha, veio sozinha.

– E um cavalheiro veio imediatamente ao seu encontro – disse Nell, estapeando o gradil. – Voc3 pode dizer o que quiser do asilo de insanos, mas... ei, vejam se n3o 3 o dr. Thornhollow ajudando a velhinha. Ooooh, e n3o 3 que ele est3 bonito? Minha nossa...

– Sim, ele est3 formoso – concordou Elizabeth.

– Cubram seus ouvidos, meninas, e protejam-se – disse Nell apenas uma fração de segundo antes de meter os dedos na boca e emitir um assobio de lobo. Grace abaixou-se no telhado, arrastando Elizabeth consigo. Nell tombou em cima de suas saias emboladas com o rosto corado de tanto rir.

– Nell! – arfou Elizabeth. – No que é que você estava pensando?

– Estava pensando que é uma noite adorável e que ele é um homem bonito que não tem ninguém para dizer isso para ele. Então eu disse assobiando, e azar o dele por não ter olhado direto para cá por não querer denunciar que havia alguém na torre.

Elizabeth espiou sobre a beirada.

– Você acha que ele ainda está olhando?

– Não faz diferença, Lizzie. Ele sabe que estamos aqui, e imagino que é tudo pelo bem da pequena Grace, então vamos parar de nos preocupar com as regras e aproveitar.

Em fila única, elas retrocederam até as escadas para pegar cadeiras, tornando a subir desajeitadamente, com as pernas das cadeiras topando umas nas outras nas espáduas delas. Uma vez sentadas, Nell mostrou dois cigarros, acendeu-os na lamparina e lhes ofereceu um.

– Jamais – disse Elizabeth, dispensando-o.

– Pois sim – disse Nell, forçando-o à amiga. – Mendiguei dois ao Charlie para que vocês não precisassem compartilhar o meu, então é melhor você dar uma tragada antes que eu ateie fogo em Barbante.

Elizabeth deu um trago relutante, tossiu uma coluna de fumaça e passou o cigarro para Grace, fazendo uma careta.

– É a própria erva do diabo – queixou-se.

– Pois é, o diabo fica com todo o crédito – concordou Nell. – Vá em frente então, Grace. Você não usa a boca para mais nada, mesmo.

Grace deu uma baforada, tragando a fumaça e exalando-a numa pressa que deixou seus olhos marejados. Depois, passou-o de volta a Lizzie, balançando a cabeça.

– Amadoras – disse Nell, sugando e soltando fumaça pelo nariz.

O cigarro passou novamente; Nell instruía as duas enquanto a lua despontava mais alto e suas risadas ficavam mais intensas. Grace

permitiu-se sossegar, acompanhando as vozes e histórias delas até um ponto em que não mais temia a chegada do pai. Perdidas nas palavras uma da outra, elas nem ouviram a festa se dispersar, até que as primeiras carruagens fossem trazidas até a frente do asilo e as rodas fizessem barulho triturando o cascalho.

– Mas já? – perguntou Elizabeth, levantando-se da cadeira para ver os convidados partirem.

– Você não tem noção de tempo – disse Nell, apontando para a lua. – São ao menos duas da manhã. Ou você nunca viu o céu a essa hora?

– E isso importa? – disse Elizabeth, no gradil. – Lá vão eles.

– É – disse Nell assim que ela e Grace uniram-se à amiga. – E os ricos cambaleiam de volta para suas casas da mesma maneira que os pobres.

Eles debandavam lentamente, as mulheres encostadas nos homens e vice-versa, os condutores ajudando todos a subirem nas carruagens. Grace ficou observando solenemente. Seu pai tinha estado debaixo dos seus pés durante horas, mas suas amigas levaram seus pensamentos para outro lugar. Agora que ele estava partindo, ela sentia uma perversa necessidade de vê-lo, para deleitar-se com a ideia de que ele estivera verdadeiramente perto dela e ela não se afetara. Os tijolos não haviam esfarelado, o ar não estava pestilento. Ela poderia continuar a ser a Grace do asilo na colina e deixar Grace Mae ser somente um fantasma.

Ela foi até o gradil com passos triunfantes, encostando-se em Elizabeth enquanto observavam os convivas partindo. A retumbante voz de seu pai atravessou o ar da noite até alcançá-la; a risada que ele dava em público era muito diferente do baixo cacarejar que ela ouvira no escuro. Ele surgiu debaixo do pórtico; sua sombra se esticava como se fosse engolir tudo que havia abaixo dela, deixando Grace na torre cercada pela escuridão dele. Seu passo pesado parecia reverberar; o ritmo dos pesadelos dela atravessava os tijolos e sacudia as tábuas sob seus pés. Os joelhos tremeram e ela caiu levemente, agarrando-se ao gradil mas fixando os olhos nele enquanto ele se virava para falar com o supervisor. Uma mão surgiu de dentro da manga do casaco, quando eles se cumprimentaram.

Seus dentes brilharam claros em contraposição ao rosa de seus lábios, e o estômago de Grace revoltou-se ante aquela visão, comprimindo-se em volta da ceia irrisória que fizera. Ela dobrou-se, sentindo ânsia.

– Grace! – Elizabeth agarrou-lhe o braço. – Grace, o que está havendo?

Grace não reagiu, ainda observando fixamente seu pai subindo na carruagem e perdendo-se de vista.

– Será que a fumaça atacou o estômago dela? – perguntou Nell.

Grace balançou a cabeça, com os olhos reluzentes de lágrimas não vertidas. Próximo a ela, o rosto de Elizabeth empalideceu, seus joelhos também fraquejaram e as duas foram juntas ao chão.

– Que belo par vocês fazem! – disse Nell, tombando no chão com elas. – Fumaram só um cigarrinho e já ficaram da cor do oceano.

Grace envolveu Elizabeth com o braço, pois sua força retornava. Ela apertou a amiga, que sorriu delicadamente, embora seu rosto ainda estivesse pálido.

– Estou bem – disse Elizabeth, fraca. – É o frio me dominando. Perdi o fôlego por um instante.

– Você está bem para descer agora? – perguntou Nell, segurando a luz numa mão e pousando o alçapão aberto em seu joelho.

– Sim – disse Elizabeth, colocando-se de pé. – Mas podemos deixar as cadeiras? E se voltarmos para pegá-las outra hora?

– Ah, com certeza. Afinal, tudo correu tão bem! Grace está vomitando e você desmaiou. Vamos repetir amanhã!

As três rastejaram de volta pelo corredor com a luz já extinta, uma se apoiando nos ombros da outra conforme Nell as conduzia no escuro. O luar jorrava pelas janelas altas no fim do corredor, iluminando seus rostos assim que pararam à porta de Grace.

– Boa noite, Grace – disse Elizabeth, ainda com a mão no ombro dela. – Fique bem.

– É, fique bem. – Nell subitamente a puxou para um abraço, amassando Grace. – Eu te amo, é o que tenho a lhe dizer. Como uma irmã. Mesmo que eu mesma não tenha muita serventia. Vocês são minha família de verdade, vocês duas. – E puxou Lizzie para o outro braço. – Vocês são as duas melhores mulheres do mundo,

doidas de pedra. E eu escolheria vocês em vez de qualquer um que esteve aqui esta noite, com dinheiro e tudo.

– Eu também te amo, Nell – disse Lizzie, jorrando lágrimas prateadas sob o luar.

Grace pôde apenas mover a cabeça para cima e para baixo conforme se encostava em ambas as garotas. Lágrimas escorriam pelas suas bochechas e pela sua garganta fechada.

Naquela noite, os rostos regressaram; a proximidade de seu pai os alimentou em seu subconsciente. Mesmo antes que os pecados dele o levassem à depravação definitiva, ele destruíra todos aqueles que estavam à volta de Grace, e sua memória de jovem registrara todas as ocorrências, ainda que ela viesse a compreendê-las somente mais tarde: sua babá, aquele rosto jovem e doce que se esgarçara e murchara quase que da noite para o dia; os hematomas em volta do pescoço mal cobertos pelo colarinho erguido; a babá substituta, uma garota com sorrisinho afetado, que durou apenas três meses antes que sua mãe mandasse Grace embora com dinheiro vivo e uma cintura crescente.

Os criados sempre passavam longe dele, alvoroçados e trocando olhares entre si que Grace era incapaz de interpretar, mas ele não se limitava só às presas fáceis. Alguns dos rostos que Grace era forçada a encontrar ao se deitar agora tinham o cabelo bem penteado, orelhas que ostentavam joias e bocas que tentavam abrir um sorriso, ainda que o batom estivesse borrado. A luxúria do pai ia perdendo limites à medida que seu poder crescia. Grace repassava na memória nomes de sua infância juntamente com os rostos que ela se obrigara a esquecer.

Por último, a imagem do pai se demorou, preenchendo sua mente ainda que ela enterrasse a palma das mãos nas órbitas dos olhos para bloquear a visão. Ele estava impecável, com o bigode escuro bem aparado e o chapéu ligeiramente inclinado sobre um olho, avaliando aqueles que se encontravam à sua volta. O sorriso nunca chegava a alcançar os olhos.

– Pare – disse Grace, movendo os lábios contra os pulsos enquanto repreendia a própria mente. – Por favor, pare.

Mas as palavras produziram outra visão – uma visão que ela banira por medo de ficar verdadeiramente louca. Ela ouviu a voz dele tal como soara horas antes, atravessando confiante o negrume da noite até preencher seus ouvidos. Em sua memória, tudo o que ele dizia era o seu nome, repetindo-o de novo e de novo.

– Nunca mais! – arfou Grace, retirando as mãos dos olhos e levando-as às cicatrizes. Sua pele suave lhe trazia consolo, e era o único salvo-conduto que ela dispunha para impedi-la de vê-lo novamente.

“Eu estou morta”, lembrou-se ela, acalmando a respiração e guiando seu cérebro para outro lugar – para as rugas e linhas do rosto de Thornhollow enquanto ele a operava em Boston. “Ele acredita que estou morta. Obrigada, ah, obrigada”, disse ela. Sua voz dispersou-se sono adentro, embora sua mente houvesse se demorado um pouco mais no rosto de Thornhollow.

Os gritos de Ned saíram mudos quando ele irrompeu no saguão de entrada junto com a luz matinal; seu horror preencheu o átrio e espalhou-se escadas acima. Thornhollow foi o primeiro a alcançá-lo, arrancando o machado de suas mãos e tentando discernir o que havia acontecido. Os pacientes enfileiravam-se nos patamares e os funcionários transbordavam de seus quartos à medida que Ned levava o doutor até a porta da frente.

Grace estava vestindo sua bata quando viu os vultos caminhando rumo à lagoa, os são a alguns passos à frente dos loucos. Ela voou para fora, com os pés descalços e anestesiados no início, perseguindo os outros na beira do lago. Thornhollow tentou impedi-la ao vê-la na multidão, agarrando-a pela cintura.

– Grace, Grace, espere – disse ele em seu ouvido. – Você não precisa ver isso.

Ela grunhiu e debateu-se contra ele. Um pavor gelado subia pelo seu estômago enquanto avançava, e então ela viu um buraco talhado perfeitamente no gelo do lago e a trança negra do cabelo de Nell disposta ao lado dele.

O pesar deixou-a verdadeiramente louca. Foram necessários dois ajudantes para enfiá-la na cela acolchoada. Thornhollow berrava para que eles tivessem cuidado com ela, quando Grace caiu sobre a pilha de suas saias emboladas no chão macio. Ela gritava sem parar desde que vira a trança de Nell, cuidadosamente cortada e disposta em uma lápide improvisada, tal como ela mesma ameaçara fazer havia muito tempo. O urro de Grace saía de sua boca dilacerando o ar, e ela arranhava o acolchoado de couro, arrancando punhados de crina de cavalo e atirando-os no ar.

Toda essa ira queimava as pontas de seus dedos à medida que ela atacava as paredes fofas. Ela pensava no pai fazendo uma refeição

no único lugar onde ela conheceria segurança. Pensava no nome dele, inconscientemente pronunciado pelos inocentes lábios das amigas, vertendo bile na sua alma cada vez que era dito. Pensava em Nell. Na pobre Nell, cujo belo rosto a sífilis consumia, cuja danação lhe fora passada pela luxúria de outrem. Pensava em Anka Baran e Mellie Jacobs, jazendo enganosamente em paz enquanto seu assassino apalpava seus corpos. E ela ali, incapaz de deter nada daquilo.

Não existiam palavras para expressar o que estava sentindo, portanto Grace só gritava, investindo contra as paredes, chutando e mordendo o couro até que rasgasse, cuspidando crina de cavalo e plumas ao ar, cada vez mais alto. Sua agitação aumentava e sua sanidade diminuía conforme ela dava vazão a tudo que ia por dentro de si.

Ela dilacerou e rasgou e gritou até o delgado tecido de sua garganta ficar tão esfiapado quanto as paredes de sua cela, e seus olhos inchados e latejantes não terem mais lágrimas para derramar. Grace tombou. As últimas plumas iam caindo até pousarem em seus lábios secos e rachados; suas exalações eram curtas demais para fazê-las voar novamente. Finda a sua força, ela podia apenas fazer trêmula, com as emoções esgotadas e o corpo exausto.

A janelinha de inspeção na porta abriu-se com um rangido metálico.

– Grace. – A voz de Thornhollow era baixa e tranquila. Era o mesmo tom que ela o ouvira usar com os pacientes mais difíceis. – Grace, vou entrar para pegá-la.

Ela não conseguiu fazer qualquer objeção. Sua exaustão era tão grande que ela não conseguia levantar um dedo. A porta se abriu e ele a levantou nos braços; as mãos e os pés de Grace balançavam como se estivesse morta enquanto ele a carregava até o corredor do consultório, onde Janey os esperava. Ele a acomodou numa cadeira próxima à lareira, e Janey limpou seu rosto com uma esponja, apagando com água fresca os rastros deixados pelas lágrimas quentes.

– Eu sei, Grace – disse Janey, também com o rosto empapuçado.
– É difícil assumir isso a você mesma, mas Nell partiu por conta

própria. Ela não quis deixar que a doença daquele rapaz tivesse a última palavra.

– Sim – acrescentou Thornhollow, acomodando-se na cadeira ao lado da de Grace. – Nell dizia que o tratamento com mercúrio a fazia se sentir pior do que a própria doença. Ela havia parado fazia semanas, e julguei melhor que ela mesma determinasse sua linha de procedimento.

Grace olhou para ele friamente; palavras não se faziam necessárias para a ideia estampada em seus olhos.

– Foi a escolha certa – disse Janey, tirando plumas e crina de cavalo das roupas de Grace. – De qualquer maneira, a sífilis ia se espalhar, Grace. Tudo o que o mercúrio podia fazer era desacelerar a contaminação, e Nell não se sentia bem há meses.

Grace tornou a olhar para Janey, que a encarou sem vacilar.

– Sim, eu sabia que ela tinha parado de tomar os banhos de mercúrio – disse Janey. – Thornhollow também sabia. E de que serve tratar vocês como seres humanos se não as deixamos tomar as próprias decisões?

Grace fechou os olhos; a verdade das palavras de Janey calou seu coração, atingindo-o profundamente. Ela assentiu com a cabeça, revelando perdão nos olhos quando os abriu novamente. Colocou um dedo perto da orelha e levantou uma sobrancelha.

– A Elizabeth está encarando tudo muito bem, o que, devo dizer, me surpreende – disse Thornhollow. – A garota é mais dura na queda do que eu imaginava.

– É verdade – disse Janey, passando os dedos pelo cabelo de Grace para domá-lo. – Quando fui ao quarto dela para lhe dar a notícia, ela estava sentada quieta na janela, observando a multidão. Acho que ela sabia o que tinha acontecido sem eu precisar lhe contar, pois chorava em silêncio, contida, olhando para o lago.

A voz de Janey abalou-se enquanto mais lágrimas caíam. Ela afastou o cabelo de Grace do rosto, amarrando-o com um elástico.

– Pronto – disse ela, enxugando o rosto rapidamente. – Agora devo ir conferir as outras. Nell se foi do jeito que queria: colocou o lugar todo em rebuliço.

– Grace – disse Thornhollow depois que Janey saiu, fechando a

porta do consultório –, sinto muito pela Nell. Quero que saiba que eu não fazia ideia de que ela poderia...

Grace balançou a cabeça, absolvendo-o. Nell havia encenado seu ato final, deixando os integrantes da plateia querendo que ela ainda estivesse entre eles. Grace colocou a mão sobre a garganta e olhou para o doutor.

– Não, eu duvido que você recupere a voz antes de pelo menos alguns dias – disse Thornhollow, feliz por terem mudado de assunto.
– Você se machucou um bocado.

Ela levantou-se com as pernas vacilantes, dispensando a ajuda dele à medida que ia seguindo até o quadro-negro. Ela virou as anotações sobre o assassino de bonecas, trazendo o lado limpo para ela. Com o giz na mão, escreveu uma pergunta.

FIQUEI LOUCAP

– Não – respondeu Thornhollow, de sua cadeira. – Você passou por alguns dias extremamente penosos. O seu carrasco esteve sob o mesmo teto que você, sua amiga próxima tirou a própria vida e sua própria voz lhe foi negada para sustentar uma mentira que deve pairar sobre você enquanto estiver por aqui. As emoções a estavam dilacerando e saíram da única maneira que conseguiram. O luto é, por natureza, a mais violenta delas. Os antigos arrancavam os cabelos e rasgavam as vestimentas para expressá-lo. Hoje nós mantemos o corpo do morto em nossas casas, cumprimentamos as pessoas conforme elas passam para vê-lo e tentamos parar de chorar porque isso não é socialmente aceitável. Então me diga: quais dessas práticas é a menos sã?

A boca de Grace curvou-se para cima um pouquinho, em gratidão àquelas palavras. Mas com a gratidão não havia sentimento; todas as suas convicções haviam lhe fugido na sala acolchoada. Ela não poderia vingar a morta nem proteger a irmã, nem mesmo impedir a própria mente de reviver os horrores. Seus dedos percorreram as letras de giz que ela escrevera, deixando uma película branca nas pontas.

– Você não é louca, Grace – disse Thornhollow, observando seus movimentos. – Eu lhe garanto.

Ela pegou o giz e escreveu novamente. Desta vez, a única coisa de que tinha certeza.

ENTÃO EU NÃO SOU NADA.

– Pelo amor de Deus, homem! Acha que não reconheço um suicídio quando me deparo com um? – A voz de Thornhollow despertou Grace no consultório, onde ela estivera dormitando perto do fogo. George e Davey estavam de pé no átrio, segurando os chapéus molhados.

– Não me cabe dizer o que você sabe ou não sabe – disse George. – Pediram-me que viesse fazer algumas perguntas sobre uma garota que sumiu aqui no hospício. E pelo que ouvi, também há um camarada correndo por aí aos berros com um machado envolvido nessa história. Não me parece muito um suicídio, embora eu seja apenas um policial, e não médico.

– Eu pensei que fosse você – disse Davey, indo até Grace quando ela pisou no corredor. – Quando ouvi que uma garota tinha sumido, eu...

Grace encarou-o enquanto suas palavras atingiam o nada. A preocupação que ela vira nos olhos dele antes e as pequenas atenções que ele dispensava a ela agora nada significavam; podiam apenas ser absorvidas pelo vazio que havia dentro dela.

– Melhor se afastar dela – disse Thornhollow, colocando-se entre os dois suavemente e tomando Grace pela mão. – A garota em questão era muito amiga dela, e Grace teve uma... uma crise.

Davey olhou de novo para ela, mas ela não o fitou.

– Sinto muito por ouvir isso.

– Cavalheiros – disse Thornhollow –, posso lhes garantir que Nell cometeu suicídio.

– Como? – incitou George. – E onde está detido o homem com o machado?

– Ele não está sendo *detido* em lugar nenhum – respondeu o

doutor. – Trata-se de um dócil residente do asilo que só encontrou o instrumento que Nell usou para trincar o gelo a fim de se jogar no lago. Agora, por gentileza, vocês podem ir embora.

– Creio que não podemos – disse George. – Gostaria de ver o quarto dessa garota, Nell, e falar eu mesmo com o homem do machado. E se você quiser continuar a ter acesso a todas as nossas cenas de crime, sugiro que nos deixe entrar nas suas.

Thornhollow soltou um suspiro, com a mão ainda firme no pulso de Grace.

– Eu acompanharei todos os seus passos.

George fez uma mesura zombeteira.

– Mas é claro! Eu não sonharia em tentar solucionar um crime sem a sua ajuda, *doutor*.

Juntos, eles subiram os degraus; no patamar, Davey se deteve para permitir que Grace passasse à sua frente. Ela caminhou sem lhe pôr reparo, conduzindo os homens até o quarto de Nell por entre os sussurros das garotas que se reuniam no corredor. Thornhollow soltou o braço dela quando entraram no quarto.

– Como podem ver, Nell dispôs todos os seus objetos pessoais com muito cuidado – disse ele, indicando a mesa. – Ela não possuía muitas coisas, mas tudo o que tinha está aqui: elásticos de cabelo posicionados com exatidão um ao lado do outro, e suas poucas roupas, recém-lavadas e dobradas.

A mente de Grace divagou; o quarto onde sua grande amiga havia silenciosamente se preparado para sua própria morte simplesmente se tornara um outro quarto. Os elásticos que ela vira ornando os cachos negros de Nell tinham se transformado simplesmente em evidências, e o apego emocional que Grace sentia em relação a eles estava sendo sugado pela fria e clínica postura analítica que ela com tanta frequência empregara ao lado de Thornhollow. Sua respiração deu-se com mais facilidade; sua dor mergulhava na frieza que crescia dentro dela.

Thornhollow percorreu o quarto de Nell com os homens, mas eles insistiram em ver Ned, cujo rosto ainda ostentava indícios de lágrimas. O cheiro bolorento do estábulo envolveu-os enquanto Ned falava, contando a história tanto com as mãos quanto com a boca,

mas Grace pouco ouviu e sentiu menos ainda. Thornhollow era mais do que capaz de convencer a polícia da inocência de Ned, então ela deixou sua mente vagar até um lugar onde os fatos exerciam grande influência e as emoções nada significavam. Um lugar onde ela nunca mais poderia ser machucada.

Grace ignorou a batida à porta quando a escutou, muito ciente de quem estaria ali no meio da noite. Janey abriu uma fresta na porta e esgueirou-se para dentro do quarto.

– Grace – chiou ela –, o doutor precisa de você.

Grace rolou para o lado, dando as costas para Janey.

– Grace – as mãos da enfermeira a sacudiram –, o doutor pediu para lhe dizer que... – Ela fez uma pausa; a bizarrice de ter aquelas palavras em sua língua se fazia evidente. – Ele pediu para lhe dizer que encontrou outra boneca.

Uma centelha de interesse acendeu-se em seu estômago, mas de que serviria ir ver outra garota morta, com os olhos arregalados de perguntas que Grace não conseguiria responder? Ela afastou as mãos de Janey e balançou a cabeça, entocando-se ainda mais fundo no travesseiro.

– Está bem – disse Janey, com um suspiro. – Vou dizer a ele que você não vai. Eu disse antes que eu separaria vocês caso sentisse que fosse necessário. Mas não consigo evitar pensar que isso pode lhe fazer algum bem. Você não é muito de falar, mas sempre vejo determinação em você, Grace. Nestes últimos dias, não vi em você vestígios de nada.

Janey saiu, mas Grace permaneceu imóvel em sua cama. Nos dias que se seguiram à morte de Nell, o sombrio inverno havia se fechado ao redor do asilo, parecendo preencher até mesmo a cabeça de Grace. Tudo dentro dela ficou cinza, todas as suas ações se tornaram inexpressivas. As cartas escritas a Alice eram levadas pelo vento; as longas ponderações com Thornhollow não produziam nada mais palpável do que o giz na lousa. Ela era, de fato, uma mulher louca, sem norte ou esperança.

Ouviu-se um tímido arranhar na porta. Grace ignorou-o, mas a porta se abriu levemente e Elizabeth surgiu na fresta, com as

compridas tranças pendendo embaixo de uma touca de dormir. Ela adentrou furtivamente, arrastando-se até a cama de Grace sem ter sido convidada. Enredou os dedos no cabelo solto da amiga e aninhou-se ao seu lado.

– Barbante me disse que você precisava de mim – disse ela, ajeitando o edredom ao redor de ambas. Grace caiu no sono, acalentada pelas mãos de Elizabeth, que se moviam pelo seu cabelo.

– Foi um erro – informou-a Thornhollow em seu consultório no dia seguinte.

– Na sua opinião – disse Grace. – Eu não queria olhar para uma garota morta.

Ele passeou pela sala enquanto ela permanecia sentada, afundada em pensamentos.

– Como está se sentindo, Grace? Sozinha? Oca?

– Inútil – disse ela, sem encará-lo.

Ele bateu as mãos.

– É exatamente o que estou tentando remediar. Seus olhos poderiam ter brilhado muito ontem à noite, Grace.

– Assim como os seus. Muito mais do que os meus.

– Tomei conhecimento de algumas coisas. Mas você está familiarizada com os milhões de detalhes que a assaltam nessas situações, e qualquer um deles poderia reter a chave para encontrar o nosso assassino. E se justo esse detalhe me escapa, mas você o capta?

– Eu não sei, doutor – disse Grace, a cabeça apoiada nas mãos, os dedos buscando as cicatrizes.

– Eu sei – disse ele. – Você me complementa, Grace. Trabalho melhor com você ao meu lado. Minha mente pode se concentrar profundamente, enquanto você capta o panorama geral.

Grace mexeu nas cicatrizes; a pele era insensível ao toque, mas agradável nas pontas dos dedos.

– Eu não estava apenas em luto por Nell quando eles me trancaram, doutor. Essas garotas que visitamos... seu desamparo é tão evidente! O éter as despe muito mais do que ele. Elas nem mesmo lutam. Tudo o que podem fazer é ficar lá deitadas, sendo

posicionadas e apalpadas da maneira que apetece a ele.

– Eu compreendo – disse Thornhollow. – Eu não tive a chance de conversar com você desde... – Ele divagou, procurando as palavras certas. – Eu conheci seu pai.

– Sim – disse ela, a garganta ameaçando obstruir-se ainda mais.
– Eu o vi da torre.

– Ele é um tolo arrogante. – O doutor esmurrou o braço da cadeira. – Eu o teria detestado mesmo se não conhecesse você.

– Foi difícil?

– A coisa toda foi difícil – disse Thornhollow, de volta aos seus próprios sofrimentos. – Precisávamos receber e conversar com as pessoas, e comer uma quantidade absurda de comida. E havia...

– Mulheres? – perguntou Grace, pensando na dama vestida de azul.

– Algumas – disse ele. – Mas não causaram nenhum problema. Seu pai é um homem magnético.

– Sim – concordou ela.

– É fácil perceber que ele está acostumado a conseguir o que quer.

– Meu pai nunca é derrotado. Nunca.

Thornhollow limpou a garganta.

– Grace, não consigo não me perguntar se você vê a si mesma nessas garotas desamparadas. Nossa incapacidade de capturar o assassino, somada à chegada de seu pai, intensificou essa conexão.

– Não. – Grace balançou a cabeça; a voz doía por ser usada. – Você definiu muitos raciocínios, olhou muito a fundo, quando na verdade é bastante simples.

– E como seria?

– Eu não vejo a mim mesma nessas garotas, dr. Thornhollow. Eu vejo Anka. Eu vejo Millie. Vejo exatamente quem elas são e o que fizeram com elas. O que não consegui encarar ontem à noite foi o que eu não consigo ver: o homem que as fez dar seu último suspiro e que as deixou à sua mercê até que a escuridão se abatesse.

Ela foi até o quadro-negro, virando a lousa de frente com as anotações deles.

– Eu não consigo vê-lo, doutor. E você também não. Nossas

mentes pesaram todos os detalhes, revirando-os para ver se não tínhamos perdido nada, e depois ainda os examinamos de novo. Mesmo assim não encontramos nada, não avançamos mais do que já tínhamos avançado na noite em que vimos a multidão se formar ao redor de Anka. Eu não consigo suportar isso.

– Então talvez eu esteja errado – disse Thornhollow. – Ter levado você comigo ontem não teria adiantado de nada para satisfazer sua necessidade de vingar as mortes.

– Mas você disse que tomou conhecimento de algumas coisas?

– E é verdade. – Thornhollow levantou-se para juntar-se a ela no quadro. – A garota estava morta já fazia algum tempo; o corpo foi descoberto somente quando um fazendeiro foi cortar uma árvore de Natal para sua família. Ela estava solidamente congelada e posta para degelar na mesa do legista quando a vi ontem à noite. Definitivamente, foi obra do nosso homem: tinha os braços cruzados no peito, tornozelos cruzados, olhos abertos.

– Por que ele iria matar novamente bem agora? – perguntou Grace, revelando-se interessada apesar de tudo. – Já faz meses.

– E por que no interior, desta vez? – Thornhollow rebateu a pergunta com outra. – As duas primeiras garotas foram assassinadas na cidade, o que representa mais risco e mostra que ele se sente confortável nesse ambiente. Ele é, portanto, um cidadão. Mas agora encontramos uma garota na floresta, e isso me faz pensar se a sua ideia anterior sobre ele ser um médico interiorano não está correta.

– Quando ela foi morta? – perguntou Grace, recuando para observar o quadro. – Se conseguirmos definir uma linha do tempo, poderíamos responder muitas coisas.

– Uma linha do tempo seria ótimo, não? – disse Thornhollow, vagando o olhar sobre as anotações. – Mas não, infelizmente a vítima de ontem não ajudaria nesse aspecto. Como eu disse, estava solidamente congelada. Era ajudante de cozinha numa das maiores propriedades do interior, e era infeliz em seu cargo. Ela vinha falando em voltar para a casa materna, portanto ninguém achou estranho quando desapareceu. Com essas temperaturas, ela pode ter morrido há semanas ou nos últimos dias. É impossível afirmar. – Ele estapeou a perna. – E a descoberta de seu corpo no meio do

nada, debaixo de trinta centímetros de neve, faz eu me perguntar se não há toda uma pletora de cadáveres por aí afora, apenas aguardando o degelo da primavera para revelar as mortes.

– Isso é realmente horrível – disse Grace, fechando os olhos ante a imagem que ele descrevera.

– É verdade – insistiu Thornhollow. – Esta descoberta descarta tudo o que pensávamos saber.

– Você certamente não está conseguindo reunir argumentos fascinantes para me fazer retomar o trabalho – Grace apontou para o quadro. – Isso é uma loucura por si só.

– Eu sei – concordou o doutor, retornando à sua cadeira. – E tudo isso é só para ver minhas próprias teorias comprovadas, para capturar criminosos a fim de sustentar esta nova ciência.

– É neste ponto que divergimos, doutor – disse Grace tranquilamente, percorrendo com os dedos as anotações a giz. – Nós dois vimos coisas que ninguém deveria ser forçado a ver, e no entanto não vacilamos. Eu vejo o sangue e penso na pessoa que o está vertendo, ao passo que a sua mente está focada somente em quem o derramou. Meus pensamentos se concentram nas pessoas, e os seus, no quebra-cabeça.

– E é exatamente por isso que eu preciso de você.

O sol da tardinha caía oblíquo pelas janelas do refeitório das mulheres, iluminando cada partícula de pó e levando ao recinto uma falsa sensação de calor. Elizabeth estreitou ainda mais a manta ao redor de si e inclinou-se na direção de Grace na mesa.

– Que tal uma partida de damas antes do jantar?

Grace assentiu, grata por ter encontrado algo mais que fazer além de esperar o anúncio de que a comida estava pronta. As horas solares eram tão escassas no inverno que ela se precipitava para preenchê-las. Lizzie foi até um armário e pegou o jogo.

– Esse estojo está sem algumas das peças vermelhas, já que a sra. Neckard comeu três na semana passada, ao perder para a srta. Payne. Mas mesmo assim eu gostaria de jogar uma partida. Eu estava ficando muito boa nisso, se é que posso dizer tal coisa. Nell e eu costumávamos jogar bastante, mas...

A voz de Elizabeth se dissipou, como acontecia sempre que se mencionava a amiga perdida.

– Desculpe, Grace. Eu a conhecia há tanto tempo... É difícil quando todos os pequenos acontecimentos estão aqui, mas ela não.

Grace entendia muito bem. O quarto de Nell abrigara todas as suas coisas: a cama bem-feita, os elásticos de cabelo dispostos em fileiras horizontais sobre a cabeceira... Contudo, Nell havia partido, e seu corpo nunca fora recuperado. O quarto parecia aguardar o seu retorno a qualquer momento.

– Jogarei com as pretas, se não se importar – disse Elizabeth, desdobrando o tabuleiro. – Acho que você é ágil o bastante para jogar com três peças a menos e mesmo assim me vencer.

Grace sorriu e começou a alinhar suas peças enquanto outras mulheres apareciam no refeitório. Ela movimentou uma peça adiante e Elizabeth pairou por cima do tabuleiro, com a ponta da língua

projetada para frente enquanto se concentrava.

– Janey está preocupada com você – disse Lizzie ao fazer sua jogada. – Disse que não sabe se deve bater à sua porta na próxima vez que Thornhollow mandar lhe chamar ou se deve mandá-lo catar coquinho.

Grace somente deu de ombros e fez sua próxima jogada. Ela mesma não havia decidido o que deveria fazer.

– Eu também não sei o que pensar sobre isso – disse Elizabeth, semicerrando os olhos sobre o tabuleiro. – Mas ter um propósito parece fazer o tempo correr mais depressa, não estou certa? Nossa partida faz o jantar se aproximar a cada segundo, e não estamos aqui pensando na nossa fome. Estamos pensando no jogo. Ao menos eu estou.

Grace ignorou o tremor em suas mãos ao dar seu próximo lance, pensando que ter um propósito era exatamente o que precisava.

Quando foi convocada novamente, Grace subiu na carruagem. O olhar inexpressivo dominou as suas feições no momento em que ela desceu da carruagem. Thornhollow ajudou-a a descer como se ela fosse alguém da realeza indo ver um desfile macabro. Os olhos de Davey se desviavam e tornavam a fitá-la, conforme ela e o doutor faziam sua apreciação conjunta de outro assassinato que dificilmente exigia a presença deles – tratava-se de mais uma briga de amantes que acabara mal.

– Francamente – bufou Thornhollow quando a porta da carruagem se fechou atrás de si. – Por que as pessoas se apaixonam? Nunca vi isso trazer nada além de dor.

– Você mal passa seu tempo em lugares que casais felizes frequentam – Grace recordou-o, enterrando as mãos na manta para aquecê-las.

– Mmmmm... – Ele olhou janela afora; seus pensamentos seguiam a mesma trilha dispersa que a neve a soprar. – Como Lizzie está? Já faz dois meses. Temo que ela não esteja comendo o bastante.

– Eu a observo no jantar. Ela come o bastante para se sustentar – disse Grace. – Acho que ela está bem, mas ela tem lá seus dias ruins. Foi difícil quando Joanna mudou-se para o quarto dela.

A nova garota chegara acompanhada de uma nevasca que os encurralara por uma semana a portas fechadas, com sua presença recordando-os de que Nell jamais voltaria. Janey havia partilhado os elásticos de cabelo da garota entre Grace, Elizabeth e Rebecca, guardando um para si. As roupas de Nell foram doadas a um abrigo depois de fervidas. Os lençóis foram trocados, e a cama, preparada para a próxima infeliz, que se revelara uma arranhadora.

– Fiquem de olhos nessa daí, meninas – Janey advertira Grace e Lizzie ao passar por elas certo dia, com arranhões ensanguentados nos antebraços. – Não quero ver nenhuma garota pacífica como vocês ser feita em pedaços.

Joanna acabara metida em luvas de couro que a impediam de machucar os outros, mas ela dava vazão às suas frustrações jogando-as contra a parede com tamanha força que fragmentos de reboco caíam no travesseiro de Grace.

– E você, como está? Não pude deixar de notar que ultimamente você não está sendo você mesma.

– Estou bem – disse Grace rápido demais. – Você não precisará me enfiar de novo na sala acolchoada.

– Eu não quis dizer que o faria – disse Thornhollow – ou que isso seria necessário. Muito pelo contrário, aliás. Você parece não ter dado muito espaço para as suas emoções nos últimos tempos.

– É o próprio corvo falando mal do urubu, até onde sei – disse Grace, irritada. Eles caíram em silêncio enquanto a carruagem trepidava pelas ruas de paralelepípedo da cidade. Grace mordeu o lábio. – Desculpe, doutor. Não quis retrucar. A nova garota tornou o nosso andar um pouco menos acolhedor. Acho que não dormi uma noite inteira desde que ela chegou.

– Mmmmm... – disse o doutor, com o olhar cravado no vidro baço da janela. – Grace, você gostaria de conhecer a minha irmã?

– Eu... – Grace tentou distinguir o rosto dele na escuridão da carruagem. – Eu não sabia que você tinha uma irmã.

– Por mais estranho que pareça – disse ele –, assim como todos os humanos, eu nasci de uma mãe. E assim como muitos da minha espécie, não sou a única pessoa a quem ela deu à luz. Resumindo, sim, eu tenho uma irmã. Gostaria de conhecê-la?

– Sim, creio que sim – disse Grace. – Por que me pergunta?

– Porque estamos no inverno, e o inverno desanima a gente. Você e eu recebemos alguns golpes bem duros recentemente. Eu dei de fazer longas caminhadas, apesar do frio. Uma mudança de cenário pode fazer maravilhas ao nosso temperamento, e outro dia me ocorreu que você também poderia se aproveitar disso. Esse pensamento surgiu com uma carta de minha irmã dizendo que devíamos passar um tempo juntos.

– Que vocês “deviam passar um tempo juntos”? Ela não parece muito ansiosa por isso.

– Eu lhe garanto que nenhum de nós está – disse Thornhollow conforme trepidavam no acesso de cascalho em direção à casa. – Mas minha irmã não lida bem com rejeição. Reservei uns quartos na cidade para que eu próprio possa sair um pouco do asilo. É claro que só poderei escapulir com você por uma noite, mas pensei que você gostaria de ter uma oportunidade para conversar livremente com alguém além de mim. Com outra mulher, mais especificamente.

– Porque assim eu poderei ser eu mesma? – perguntou Grace.

Eles passaram pelo trevo. As lâmpadas a gás do pórtico transformavam cada floco de neve num brilhante meteoro.

– Você não deveria ser especificamente Grace Mae, não. Se simplesmente a apresentarmos como uma garota que foi tirada de circunstâncias infelizes e que agora me ajuda, creio que será suficiente. Não posso lhe prometer uma noite agradável, mas posso lhe prometer que você não terá que ouvir Joanna arranhar uma parede de arrimo. Minha irmã chega amanhã de noite. Você vai se juntar a nós?

– Sim – disse Grace lentamente, com os próprios olhos agora fixos na neve turbilhonante. – Creio que sim. Mas terei que limpar esses pedaços de reboco do meu cabelo, primeiro.

– Você merece – disse Lizzie ao se sentar na cama de Grace, observando-a prender o chapéu. – Sempre que veste suas roupas de passeio e cobre suas cicatrizes, você se torna uma dama tão bonita, Grace...

Grace fez uma careta, inclinando-se para abotoar os sapatos e

apontando para a amiga.

– Você está pensando que você não é a única que merece – interpretou-a Lizzie. – Mas nisso há mais do que a diferença entre os sãos e os insanos. Você passa certa superioridade, até na maneira de andar. Já eu, se deixasse o asilo... – Ela até se arrepiou ante o pensamento. – Estou aqui há muito tempo, Grace. Posso não ser louca, mas se você me arrastasse para fora desses muros, pensaria que eu sou. Eu não saberia mais como comprar meio quilo de farinha ou reabastecer meu perfume preferido.

A voz da garota desvaneceu tristemente; seus dedos brincavam com as pontas do elástico de Nell, que tinha as bordas já esfarrapadas devido ao infinito manuseio. Grace capturou os dedos aflitos da amiga com os seus, pressionando-os firmemente na mão.

– Vá – disse Lizzie. – Estarei aqui quando você retornar.

Ned esperava lá fora; a respiração do cavalo produzia nuvens quentes ao redor de seu focinho.

– O doutor disse para eu levá-la até o hotel. E também para lhe dizer o número duzentos e oito – falou ele, e ela assentiu. Ele ajudou-a a subir na carruagem, com o rosto habitualmente tranquilo estorcido numa careta. Grace tocou a mão dele, erguendo as sobrancelhas em uma indagação.

– Eu não... – A testa de Ned enrugou-se ao se concentrar, medindo cada palavra. – Sua amiga, a garota que morreu no gelo. Sinto muito por ela. Ela tinha um belo cabelo, como o de um pônei, mas quase melhor. – Ele esticou o dedo no ar, para deixar claro. – Quase.

Grace apertou-lhe a mão e fechou a porta da carruagem; seus pensamentos abandonaram a noite que ela deveria desfrutar e passaram à imagem da trança de Nell, tão negra em contraste com o gelo. A estrada de cascalho deu lugar aos paralelepípedos da cidade. Grace concentrou-se em preservar uma máscara de sanidade que ela habitualmente adotava, com as costas eretas e o rosto resistindo aos músculos indolentes.

Pararam em frente a um hotel de tijolos, bem iluminado por dentro em contraste com a já esmorecida luz do dia. Ned ajudou-a a descer da carruagem, depois inclinou-se sobre ela antes de partir.

– Três horas – disse severamente, apontando para os degraus de pedra. – O doutor disse para eu voltar dentro de três horas para buscá-la. Então esteja aqui, com o seu papel na cabeça.

– Estarei aqui, Ned, obrigada – disse Grace, já tão presa à personagem de moça saudável saindo à noite que se esqueceu de ficar muda. Seus olhos se arregalaram por um momento, mas Ned apenas assentiu com a cabeça.

– O papel – ele a lembrou antes de partir com a carruagem, e ela assentiu solenemente ante aquelas instruções ridículas.

Depois do deslize sua coragem revigorou-se, e Grace escalou os degraus de pedra como se pertencesse àquele lugar. Passou ao vestíbulo, tirou as luvas e seguiu rapidamente até a escada antes que alguém pudesse lhe perguntar o que é que estava fazendo ali. Lembrando-se das fragmentadas instruções de Ned, encontrou o quarto 208 e bateu à porta, que se escancarou. Thornhollow gesticulou para que ela entrasse, sem dizer nenhuma palavra de saudação; seu cabelo estava espetado por toda a cabeça, com as pontas avermelhadas.

– Eu me furei duas vezes com o broche da gravata; nunca consegui prender um sem derramar um pouco de sangue. Janey teve que fazê-lo por mim na recepção do asilo, e eu juro que ela saiu rindo do meu consultório. Desculpe, Grace, tudo está uma bagunça, e Adelaide ainda não chegou. – Ele acenou para a sala de estar, onde ela pôde ver ao menos três jaquetas que tinham sido consideradas inadequadas para o jantar. – Sente-se, eu preciso apenas... não vai levar mais que um ou dois minutos – disse ele, correndo até o quarto e fechando a porta com uma batida.

Grace suspirou, afastou uma jaqueta e sentou-se, acabando por esmagar um chapéu. Ela estava de pé no meio do aposento, tentando devolvê-lo à sua forma original aos socos, quando ouviu uma batida seca na porta. Olhou para cima, paralisada em seu lugar. Do quarto, veio um baque abafado e um “Droga!”. Ela pôde apenas intuir que Thornhollow se encontrava bem longe de estar pronto para atender a porta. Ouviu-se outra batida seca, desta vez transmitindo impaciência e machucando os nervos de Grace. Ela se lembrou da certeza que Lizzie tinha de nunca mais conseguir

funcionar fora da instituição após tanto tempo internada.

Sua indecisão sobre o que fazer teve fim, pois a porta se escancarou sem nenhuma cerimônia, e uma mulher alta e sombria adentrou planando no aposento, com a irritação firmemente estampada nas feições.

– Francamente, irmão – disse ela. – Uma carta de duas linhas e com o número de um quarto não é exatamente um convite. – Ela jogou a manta sobre uma cadeira, ainda jorrando o falatório. – E nem se incomodar em atender a porta é completamente rude. Se nosso pai estivesse vivo... oh! – As palavras morreram em seus lábios quando ela viu Grace. – Pelo menos um mistério está resolvido – prosseguiu. – Não me admira que ele não esteja exatamente radiante de animação com a minha chegada. Ele deixou você aqui fora para me receber? Ainda está se debatendo com a inconveniência da vestimenta adequada, não está?

Grace sabia que sua boca estava aberta e que nenhuma palavra saía. O chapéu amassado ainda estava em suas mãos, e seus dedos mexiam na aba, ansiosos. A irmã de Thornhollow a rodeou, farfalhando as saias enquanto fazia a inspeção.

– Não me surpreende que ele seja ludibriado até pelas próprias vestes de jantar. Ele nunca foi de se preocupar muito com o que é ou não adequado. Mas você já sabe disso, não é?

Grace foi tomada por um vermelho vivo ante aquela insinuação.

– Você é menor do que o que ele geralmente busca – prosseguiu a mulher. – A julgar pelo corte do seu vestido, também é um pouco mais refinada. Estou um tanto surpresa, para ser franca, mas talvez você seja simplesmente mais um experimento. – Ela terminou sua ronda em volta de Grace, que permanecia de pé, estupefata.

Então a mulher ficou cara a cara com Grace, que ergueu os olhos para fixá-los nos de Adelaide. Ainda que não conseguisse forçar as palavras, ela podia ostentar a expressão que ela com tanta frequência apresentava à própria mãe: silenciosa mas desafiadora.

– Eu nem preciso lhe dizer que... – A irmã do doutor divagou, e a confusão turvou seu rosto quando ela encontrou o olhar de Grace. – Espere, o que é isso? Não, você é muito inteligente. Ele não quer desafio.

Ela ainda estava tentando mensurar a inteligência que via nos olhos de Grace e fazer suas suposições quando a porta se abriu de súbito, e Thornhollow – não tendo ainda terminado de se vestir – irrompeu.

– Adelaide! – exclamou ele no momento em que a viu. – O que você está fazendo?

– Eu estava desempenhando minha habitual tarefa de enxotar quem quer que seja a mulher inaceitável a quem você se uniu desta vez, mas cheguei a um impasse. Ela não é uma das suas piranhas, não é?

– Não – disse Grace, tendo subitamente encontrado a voz. – Eu sou uma doente mental.

– Melancthon! – Sua confusão foi varrida pela afronta, e sua atitude insolente em relação a Grace metamorfoseou-se em amparo conforme ela interpôs seu corpo entre eles. – Que baixeza, irmãozinho. Ela é uma garota bonita, mas eu jamais poderia pensar que você...

– Adelaide! – berrou Thornhollow, com o temperamento se inflamando. – Você interpretou completamente errado a situação toda, como sempre imaginando o pior de mim, sem nem se incomodar em...

– Interpretei? – revidou a mulher. – A que conclusões eu deveria chegar ao ver uma bela mulher em seu quarto, vendo roupas jogadas por toda a parte e você seminu?

O doutor aprumou-se em sua estatura completa, numa tentativa de recobrar a compostura.

– Só estou brigando com minha gravata.

– E não me admira, pois duvido que você tenha se vestido adequadamente para comparecer a qualquer coisa desde que veio para essa cidade ribeirinha no fim do mundo, desperdiçando seus pródigos talentos com loucos, quando poderia estar...

Thornhollow arrancou a penosa gravata, atirando-o ao chão.

– Eu não a convidei para vir aqui depreciar minha profissão mais uma vez.

– Você nem ao menos me convidou! Eu tive que lhe contar que estava a caminho para forçá-lo a admitir que você tem uma irmã,

para começo de conversa.

Ciente de que não era necessária ali, Grace se acomodou e terminou de remodelar o chapéu sobre o qual ela se sentara.

– Sim, e por que é que eu iria querer evitar ficar no mesmo ambiente que você? – perguntou Thornhollow sarcasticamente. – Claramente nós devíamos passar mais tempo juntos, já que isso é tão agradável!

O queixo de Adelaide projetou-se para cima e suas narinas se inflamaram.

– Não preservamos vínculos familiares porque são agradáveis, mas porque são sua família.

– Diga isso à Grace – encolerizou-se Thornhollow. – Tive que abrir cicatrizes permanentes nela e arrastá-la ao longo de três estados para livrá-la das garras do pai.

Grace pulou do sofá, esquecendo o chapéu.

– Como ousa? – gritou, elevando a voz.

– É verdade? – perguntou Adelaide, voltando-se para Grace com uma suavidade renovada no olhar.

– Seja verdade ou não, não cabe a você anunciá-lo na frente de uma desconhecida – disse Grace, afiada. Thornhollow empalideceu, levantou uma mão como pedido de desculpas e tombou numa cadeira.

– De fato – concordou a irmã, enlaçando o braço de Grace no seu para formar uma frente única contra seu irmão. – Que belo banquete você convocou! Eu devia saber que era melhor nem ter vindo. Mas, se é assim, aqui estou eu. E estou com fome.

O doutor tinha a cabeça nas mãos e os olhos colados no chão entre seus pés.

– Não posso ir jantar agora. Destruí minha gravata e Grace amassou meu chapéu.

– É o menor de todos os castigos que ela teria direito a aplicar em você – disse Adelaide, dando tapinhas na mão de Grace. – Eu providenciarei o jantar. Certamente deve haver algum lugar decente nas redondezas para nos trazer comida aqui.

Thornhollow levantou a cabeça.

– Eles fariam isso?

– Se você os paga bem, eles fazem qualquer coisa – respondeu a irmã, recolhendo a manta. – Eu voltarei – disse ela – e tentarei corrigir todos os erros que você já acumulou esta noite, Melancthon.
– A porta se fechou com um baque assim que ela partiu.

– Perdoe-me, Grace – disse Thornhollow. A angústia em seus olhos provocou o perdão dela instantaneamente. – As suposições de Adelaide a seu respeito somadas à zombaria de minha carreira me fez perder a razão e dizer coisas que não tenho o direito de dizer. Desculpe-me.

Grace ficou de pé na frente dele, com uma mão no quadril.

– Melancthon?

– Não comece.

– Então a Associação Nacional Sufragista das Mulheres e a Associação Sufragista das Mulheres Americanas se fundiram para criar a Associação Nacional Sufragista das Mulheres Americanas, o que eu, pessoalmente, acho um grande exagero – disse Adelaide, repousando sua taça de vinho.

– Tenho certeza de que os outros empregam termos muito mais curtos – disse o doutor, serrando seu bife com muito mais vigor que o necessário.

– Tais como...? – perguntou Grace.

– Há muitos que simplesmente nos chamam de “vadias”, querida – explicou Adelaide, e os olhos de Grace se arregalaram. Ela sorriu e tocou seu pulso. – Desculpe-me pela linguagem. Quando se está à frente de um movimento, como eu, escuta-se toda a sorte de coisas, e uma certa rudeza se infiltra no seu discurso.

– Que bela maneira de dizer que você perdeu as boas maneiras – disse Thornhollow sobre a sua taça, que já estava pela metade.

– É uma bela crítica, vinda de um homem que arrasta juvenzinhas até cenas de crime.

– Eu arrasto uma, somente.

– Mesmo assim – interveio Grace. – É bom saber que algo está sendo feito em prol das mulheres, e eu a agradeço por isso. Na minha presença, você é livre para usar a linguagem que quiser.

Adelaide atirou um olhar a Thornhollow antes de assentir a cabeça na direção de Grace.

– Imagino que você tenha visto todo o tipo de coisas, enquanto paciente.

– Sim – disse Grace. Sua mente remontava a Boston somente quando forçada. – Mesmo após alguns dias, eu não conseguia realmente entender que eu estava lá. Que algo tão horrível pudesse

acontecer tão facilmente... essa é a verdadeira insanidade.

– Muito bem colocado – concordou Adelaide. – Basta a assinatura de um juiz e a palavra de um homem da família, e acabou-se. – Ela estalou os dedos. – Você é tida como louca.

– Eu provavelmente estava parecendo uma louca – disse Grace, brincando com a haste de sua taça. – Gritei e chutei o caminho todo. Lembro de ter arrancado um chumaço de cabelo da cabeça de um dos ordenanças.

– Meus parabéns! – disse Adelaide, fazendo um brinde com Grace.

– Eu diria mais: isso é somente mais uma prova de sua sanidade – disse Thornhollow, recostando-se longe da mesa. – Você sabia para onde estava indo e o que a aguardava. Qualquer pessoa mentalmente sã lutaria com unhas e dentes para evitar isso.

– No entanto, aos olhos de uma pessoa comum, seu ataque somente solidifica a primeira alegação – disse a irmã dele. – Acredite em mim, querida, eu trabalho ao lado de mulheres que também estiveram em asilos de lunáticos, e suas histórias são de arrepiar. E não no bom sentido – acrescentou, levando Thornhollow a dar uma batida seca na mesa.

– Tenho sorte de ter o seu irmão – disse Grace rapidamente para evitar outra discussão familiar. – Sem a intervenção dele, duvido que teria sobrevivido a mais uma semana.

– Você teria – disse ele.

– Sim, e por falar nisso... – Adelaide afastou sua taça de vinho, mirando Thornhollow por cima da mesa. – A quantas anda essa história de capturar criminosos estudando o cérebro deles?

A testa de Thornhollow franziu novamente, mas ele foi amistoso o bastante ao falar.

– A teoria por trás disso é consistente, e realmente acredito nisso.

– Eu também – acrescentou Grace. – No primeiro assassinato em que trabalhamos juntos, seu irmão descobriu o agressor antes mesmo de deixarmos a cena.

– E desde então?

Thornhollow embolou seu guardanapo.

– Temos um assassino em série com o qual não estamos tendo

muita sorte.

– É mesmo?

Adelaide absorveu os detalhes enquanto Thornhollow e Grace a colocavam a par dos casos das três bonecas, e sua mente trabalhava quase tão rapidamente quanto a de seu irmão.

– Não acho que ele esteja mostrando nenhum ódio específico em relação às mulheres – disse ela quando eles terminaram. – Já vi muito disso, e é um negócio sangrento.

– Concordo – disse Thornhollow. – Os rostos delas estavam ilesos e nenhuma violência em particular havia sido perpetrada à sua anatomia feminina.

– Foram violentadas? – perguntou Adelaide.

– Anka não – disse Grace, enquanto sua memória ia confirmando os fatos. – Mellie Jacobs já tinha sido enterrada antes que soubéssemos que ela era uma vítima do mesmo assassino, e a terceira garota ficou tanto tempo na neve que nós simplesmente não sabemos. – Os olhos de Grace se turvaram quando ela percebeu algo. – Eu nunca lhe perguntei o nome dela.

– Janet. Jenny. Algo assim. Não sei – disse Thornhollow.

– Você é mesmo um príncipe do povo – bufou Adelaide. – Isso não me surpreende; ele nunca foi bom com nomes. Eu nem precisei enxotar a última garota que ele arranjou: ele mesmo conseguiu arruinar tudo, ao chamá-la pelo nome da predecessora, no jantar.

– Isso não é toda a verdade – objetou Thornhollow, relanceando para o relógio. – Eu não conseguia me lembrar do nome dela, então escolhi qualquer um.

Adelaide deu de ombros.

– Seja como for, meu trabalho foi cumprido sem precisar levantar um só dedo.

– E por que esse é o seu trabalho, exatamente? – perguntou Thornhollow, a irritação voltando a dominar sua voz.

– Porque você é o último dos Thornhollow, meu irmãozinho – disse ela, estreitando os olhos até que virassem fendas ante aquele argumento já tão repisado. – Meu sobrenome não me serve de nada, já que dele terei que abrir mão ou então criar um bastardo, que já carregaria a própria desonra. Nossa mãe morreria se você

fizesse um filho numa garota que ela não considerasse honrada, e realmente vai morrer se você não conseguir fazer um filho em absolutamente nenhuma garota. – Ela própria acenou com a cabeça na direção do relógio. – Tique-taque.

A faca de Grace atingiu o prato com um estrépito exasperante; seus olhos se arregalaram e seu rosto empalideceu.

– Não achei que meu comentário fosse fazer alguém perder a cabeça – disse Adelaide, mas Grace a ignorou.

– Doutor... – disse ela; sua voz não passava de um sussurro contido. – Doutor, acho que descobri.

– Santo Deus, Grace! – exclamou Thornhollow enquanto seus olhos percorriam a lousa. – Você pode ter razão.

Os dois estavam novamente a salvo no consultório após deixarem Adelaide apressados e ansiosos para voltar ao asilo. A irmã de Thornhollow havia anotado rapidamente seu endereço de Boston e o colocado nas mãos de Grace antes de partirem. Ela agora dedilhava o grosso papel, indolente e apreensiva, estudando a lousa.

– Isso vem me intrigando desde o início – disse Grace. – Por que começar agora? As palavras que sua irmã lhe disse no jantar me fizeram pensar nisso sob uma luz diferente. E se ele estiver sendo pressionado para se casar? Se ele sempre foi incompetente com as mulheres, este seria seu vergonhoso segredo. Ser subitamente jogado num casamento para que outra pessoa passasse a conhecer sua inabilidade poderia ser doloroso demais para ele suportar.

– Pode muito bem ser isso – disse Thornhollow, com as mãos no quadril. – Se ele não quer se deparar com a mesma derrota na lua de mel, ele pode estar tentando, digamos assim, praticar com essas garotas. Seu fracasso resulta em fúria. Caso eu esteja correto e haja uma mãe autoritária em jogo, ela pode estar exigindo netos e conferindo o relógio à medida que seu filho fica mais velho. Isso ajuda a delimitar o quadro, se assumirmos que quem estamos tentando flagrar já não é mais nenhuma criança.

– E quanto à garota na neve e o intervalo entre os assassinatos? – perguntou Grace. – Ainda está convencido de que estamos em busca de um doutor da cidade?

– Estou – Thornhollow assentiu. – O nome dela era Jenny, a propósito. Jenny Cantor. Lembrei a caminho de casa. E a morte dela não muda o que penso. Ele cometeu os primeiros assassinatos na cidade, onde se sentia seguro. A ajudante de cozinha foi uma oportunidade, talvez enquanto estava fora da cidade ou visitando um paciente no interior.

Grace pensou por um segundo, vasculhando o argumento de Thornhollow a fim de encontrar quaisquer pontas soltas que ele pudesse unir.

– E se ele não for filho único?

Ele imediatamente descartou a hipótese.

– Não, toda a evidência de sua inteligência e planejamento aponta para um filho único ou irmão mais velho. E, seguindo sua linha de raciocínio, ele teria que ser o único filho homem, para sentir a pressão de dar continuidade à linha hereditária... pressão que, eu lhe garanto, pode ser bastante intensa.

– E se ele tivesse um irmão mais velho que tenha morrido recentemente? – prosseguiu Grace, ignorando aquela confidência. – Isso explicaria por que ele subitamente estaria carregando este peso, e o metamorfoseou nesses atos horríveis.

– Não consigo enxergar isso – disse Thornhollow.

– E se você estiver errado? – insistiu Grace.

– E se *você* estiver errada? – rebateu ele. – É possível que ambos estejamos completamente deslocados e o nosso assassino seja uma mulher de meia-idade, mãe de quatro filhos, que simplesmente deseja preencher suas tardes com um pouco de derramamento de sangue.

– Agora você está sendo ridículo – disse Grace. – Vou para a cama. – Ela estava na porta do consultório quando se virou, o aborrecimento já extinto. – Queria agradecê-lo pelo jantar, e por conhecer a sua irmã. No fim das contas, ela foi realmente gentil.

– Ah, sim – disse o doutor, esgueirando-se até a cadeira próxima ao fogo. – Todos os Thornhollow são, assim que você se acostuma conosco.

Grace regressou ao quarto e encontrou um envelope endereçado a

ela descansando em cima do travesseiro. A cuidadosa caligrafia de Reed fez seu coração subir até a garganta, e ela atirou o endereço de Adelaide na mesa de cabeceira para atacar aquele envelope. Páginas caíram, uma delas castigada pelo clima e deformada pelas intempéries. Grace a colocou de lado, preferindo ouvir a voz de Alice por último antes de cair no sono. A carta de Falsteed era breve, e sua mensagem, assustadora.

Querida Grace,

Sei que o longo intervalo que você aguardou para ter notícias de sua irmã pode ter lhe parecido insuportável, mas temo a reação que a esperada carta lhe trará. Reed foi tão vigilante quanto se pode esperar dele, dado o inverno de Boston, mas imagino que muitas páginas da sua carta, bem como as dela, perderam-se com as ventanias. Envio anexa a página que Reed recuperou ontem mesmo com o coração doído, questionando minha decisão de enviá-la a você.

As páginas me dizem que seu pai esteve recentemente sob o mesmo teto que você; espero que não tenha sido muito perturbador. Quanto à sua irmã, verei o que pode ser feito, caso seja possível. Temo que meu alcance não se estenda muito além desses muros. E você própria, sendo uma pessoa dada como morta, é quase impotente. Eu irei pensar, aqui na escuridão. Pense você também, mas o faça à luz do sol, que é o seu lugar.

Falsteed

Com dedos trêmulos, Grace passou à página castigada pelo clima, ansiosa para ler as palavras, ainda que receando o que diriam.

Bela Lily,

O inverno deve estar sendo duro com você, pois desde a primeira só recebi uma das cartas que você me mandou. Eu escrevo e descubro que minhas páginas sumiram pela manhã, mas talvez as fadas não consigam pegá-las antes que a neve

caia. O inverno não é divertido. Sempre fico dentro de casa e mamãe diz que estou velha demais para os meus brinquedos, mas quando peço para ela fazer um penteado no meu cabelo de novo, ela diz que não sou velha o bastante. Eu não sei se sou uma dama ou uma criança.

Eu sinto falta de Grace. E de papai. Ele partiu novamente para falar com pessoas. Na última viagem, ele me trouxe um belo chapéu azul com fitas de veludo. Disse que iria me trazer algo ainda melhor desta vez, mas que para recebê-lo vou ter que fazer um favor especial para ele. Não sei o que pode ser mais bonito que aquele chapéu. Papai diz que combina com os meus olhos.

Volte a escrever se puder, porque estou bastante entediada.

Alice

Grace amassou a carta e enrolou-a numa bola em cima de sua cama, permitindo que a escuridão de que Falsteed a havia advertido assumisse o controle do seu corpo.

– Precisamos fazer alguma coisa – disse Grace, atirando a carta de Alice na mesa do consultório de Thornhollow. – Não posso ficar parada e deixá-la ter o mesmo destino que eu.

Ele pegou a carta e vasculhou-a rapidamente, impassível.

– Estou seguindo os movimentos do seu pai através dos jornais. Sua agenda de comícios foi estabelecida e em questão de semanas ele estará de volta à casa.

– E *então*, o que vai acontecer? – disse Grace. – O que iremos fazer?

Ele não a encarou, em vez disso observou a janela coberta de pedriscos.

– Grace... eu não sei o que podemos fazer. Falsteed mesmo já o disse: você foi dada como morta, e ele está num asilo. Na minha opinião, você já sobrecarregou demais o Reed ao lhe pedir para entregar as suas cartas. O que mais você o levaria a fazer agora? Arriscar-se a ir preso por sequestrar a sua irmã?

– Sim – disse Grace, o rosto branco como uma folha de papel. – Se for preciso.

– É ridículo. Sendo a única filha viva de um poderoso político, haveria uma caçada humana. Ele jamais conseguiria levá-la para fora da cidade. Sem mencionar que mataria de susto a pobre criança.

– É melhor assustar uma criança do que tirar sua infância – disse ela. – E você se esqueceu de listar-se entre os meus aliados.

Ele atirou as mãos ao alto, desconcertado.

– O que eu posso fazer?

– O que você pode fazer? – Grace espumava de ódio. – Pensa que não percebo o corte caro das suas roupas, ou as joias da sua irmã? Ninguém daria a mínima se a linhagem de uma família irrelevante se interrompesse em um doutor melancólico... um doutor que calha de conduzir uma carruagem também muito cara. E mulheres não se encantam somente por aparências, doutor. Eu já circulei na sociedade; sei exatamente como é importante um bom casamento...

– Está bem! – Ele levantou uma mão para detê-la. – Eu não lhe ensinei o poder da observação para que você o usasse contra mim. Sim, eu tenho dinheiro. De que isso pode servir? Devo chegar ao seu pai e pedir para comprar sua filha mais nova?

– Não venha com zombarias para cima de mim em relação a este assunto – disse Grace, com os olhos ardendo.

– Eu não estou zombando da gravidade da situação – disse Thornhollow. – Estou somente tentando ilustrar o quanto nossas mãos estão atadas.

– Recuso-me a crer nisso! – berrou Grace.

– Grace – disse Thornhollow. A tranquilidade em sua voz a deixou exasperada.

Ela esmurrou a carta de Alice com o punho.

– Por que ainda me surpreende que um homem que não consegue se lembrar do nome das mulheres mortas cujos cadáveres ele inspecionou não se interesse pelo destino de uma garotinha que ele nunca viu? Se ela fosse uma louca varrida, uma de suas preciosas lunáticas, você seria o primeiro a sair em defesa dela. Mas é uma menina totalmente normal, então o destino dela pouco lhe importa!

O rosto de Thornhollow estava petrificado, e sua voz, fria, quando

ele falou.

– Meu interesse sempre foi pela ciência e somente por ela, motivo por que eu não me lembro do nome dos mortos. Simplesmente não me dizem respeito. A sua irmã não é uma de nossas vítimas. O nome dela é Alice. Ela é loira, como você, embora tenha o cabelo naturalmente encaracolado.

A boca de Grace despencou; sua raiva evaporou-se.

– O quê?

– Ela está com quase 1,50 metro de altura; provavelmente está mais alta do que da última vez que você a viu. Ela gosta de cantar e parece ter certa preferência pela canção “Oh Promise Me”, no momento. Quanto ao novo chapéu que usa, de fato é muito bonito. Até os homens que eu pago para vigiar a sua casa há alguns meses dizem o mesmo.

Grace ficou pasma; sua língua buscava palavras.

– Doutor, eu...

Ele dobrou cuidadosamente a carta de Alice, recém-manchada com as lágrimas de Grace, e entregou-a de volta.

– Alice é muito importante para você, o que a torna importante para mim. Ela não vai sofrer desnecessariamente. Nós *vamos* pensar em algo, Grace. Eu lhe prometo.

Grace pegou a carta que ele lhe oferecia; sua mão ainda tremia de emoção.

– Desculpe-me pelo que eu disse. Eu não fazia ideia...

Thornhollow deu de ombros.

– Assim que soube que você tinha uma irmã caçula, entendi que era uma questão de tempo até que os afetos dele fossem transferidos para ela. A sua presença a protegeu por um período, mas sem você lá, ela ficou vulnerável.

As mãos de Grace subiram à sua cabeça.

– Eu nunca deveria ter saído. Eu deveria ter arcado com o que a vida me deu, para que o mesmo destino nunca se abatesse sobre ela.

– Bobagem – disse Thornhollow. – Atos como os de seu pai são movidos por poder, nada mais. Ele procura dominar todos à volta dele, e ele usa qualquer ferramenta de seu arsenal para fazê-lo.

Mesmo que você tivesse ficado lá, Alice teria sido vítima, em algum momento, de sua necessidade de ter o controle. A sua permanência lá apenas teria resultado numa infelicidade compartilhada.

Ele lhe entregou um lenço e ela enxugou o rosto.

– Esses homens que você colocou de vigia... o que eles podem fazer?

– Pouco além de *vigiar*, infelizmente – admitiu Thornhollow. – Mas julguei que seria benéfico ter quem me servisse de olhos na casa. Pode lhe dar algum conforto saber que sua irmã continua alegre o bastante para cantarolar.

Grace sorriu através das lágrimas.

– E me conforta. Obrigada, doutor.

– Devo crer que sua mãe não é alguém a quem podemos pedir ajuda...

O sorriso dela desapareceu.

– Não. Nossa mãe é uma mulher ciumenta. Assim que nos tornamos mulheres, deixamos de ser filhas e passamos a ser rivais disputando a atenção dele.

Thornhollow suspirou.

– Certo. Pensarei sobre isso. Temos algumas semanas antes que seu pai retorne à casa. Nesse entretanto, você vai precisar de uma distração, e eu tenho algo para você.

– Minha mente está aferrada bem firme a isso tudo – disse Grace.

– Temo que não irá se desviar tão facilmente.

– Talvez. Mas considere a sua ideia de que o doutor pode ter tido um irmão mais velho que morreu, atraindo para si a responsabilidade de perpetuar a linhagem familiar. E por mais que eu ainda não concorde com isso, não há motivo para que você não investigue.

– Como eu faria isso?

– Obituários – disse o doutor, tamborilando a mesa com o nó dos dedos. – Assumindo que a possível morte do irmão tenha ocorrido nos meses ou semanas antecedentes ao seu primeiro assassinato, ler os obituários de todos os jornais da cidade publicados neste período pode fazer algo vir à tona.

– E quantos jornais a cidade tem? – perguntou Grace, com o

coração afundando.

– Quatro. Tomei a liberdade de visitar seus escritórios hoje de manhã e descobri que os exemplares encalhados são adquiridos por uma pechincha pelos mercados de peixe e carne bovina para embrulhar seus produtos. Consegui encontrar um bom tanto do período certo ao circular ao redor de seus depósitos, o que foi bem desagradável, eu lhe garanto. Trouxe um punhado para você examinar, mas os exemplares absorveram bem o cheiro de suas últimas residências e eu não consegui trazê-los até a ala feminina sem que Janey avançasse em mim. Você vai ter que trabalhar nos estábulos de Ned.

– Tudo bem. Não me incomodo de andar um bocado, e se isso me dá a chance de provar meu argumento, ainda melhor – disse Grace, enxugando as lágrimas restantes e oferecendo o lenço de volta a Thornhollow.

– Fique com o lenço – disse ele. – Você vai querer cobrir o nariz.

– Ele não estava brincando em relação ao cheiro, estava? – disse Elizabeth ao abrir a porta dos estábulos.

Umhas poucas linhas explicativas na lousa de Grace tinham bastado para atrair a amiga até o estábulo de Ned, disposta a ajudá-la a esquadrihar os obituários. Preguiçosas partículas de pó vagavam pelo ar na luz solar de inverno, e o cheiro do feno mal removia a pungência dos jornais fedorentos.

– Isso aqui parece um cais – disse Lizzie, apertando ainda mais estreitamente o lenço no nariz à medida que passavam pelas cocheiras. – Pobre Ned.

Grace espichou o pescoço, procurando pelo único residente humano dos estábulos. Os cavalos do asilo relinchavam conforme elas passavam, projetando seus focinhos para fora em busca de um afago, o que ambas as garotas lhes concederam alegremente.

– Ned! – gritou Lizzie. – Sou eu, Elizabeth, e Grace. Estamos aqui para dar uma olhada naqueles jornais nojentos que o dr. Thornhollow deixou com você.

Uma porta ao fim do corredor de cocheiras abriu-se, e Ned enfiou a cara na soleira.

– Olá, garotas. Hoje estou com vontade de torta de frutas secas.

– Torta de frutas secas é uma delícia – disse Lizzie, com a voz ligeiramente abafada pelo lenço. – Você sabe onde foi que o doutor pôs os jornais?

– Há uma cocheira vazia aqui à esquerda – disse ele, conduzindo-as até lá. – A minha Helen morreu não faz muito tempo e eu ainda não a substituí. – Seus grandes olhos logo se encheram de lágrimas. – Guardei o rabo dela. O doutor disse que era tudo o que eu podia guardar dela, mas ao menos isso eu tenho. Botei duas cadeiras aí dentro junto com essas coisas fedorentas.

– Obrigada, Ned – disse Lizzie, acomodando-se com Grace, cercada de oscilantes pilhas de jornais. – Pedimos perdão por invadir o seu espaço.

Ele balançou a cabeça.

– Com vocês, garotas, eu não me incomodo, não. Quando eu falo essas coisas que não fazem sentido, vocês me respondem mesmo assim. É como ter verde em sua blusa.

– Verde é minha cor preferida – disse Lizzie.

– Estarei logo ali nos meus aposentos – disse Ned. – Deixarei a porta aberta para que o fogão aqueça vocês um pouquinho. Hoje estou esculpindo. Será meu cavalo número quinhentos e sessenta e sete, quando eu terminar.

– Que ótimo, Ned – disse Lizzie. – E novamente, obrigada.

As garotas olharam para os jornais empilhados à sua volta conforme o regular ruído de *corta-corta* dos entalhes de Ned preenchiam o ar, juntamente com seu cantarolar de “Yankee Doodle”.

– Acho que devíamos começar separando as páginas de obituários e jogando o resto fora – sugeriu Lizzie. – Talvez Ned faça uma fogueira para nós.

Grace assentiu e as duas passaram a esquadrinhar as pilhas, lidando delicadamente com as páginas úmidas devido à condição de suas antigas residências. Algumas se desintegravam em suas mãos, outras haviam grudado e destruído a impressão a tinta. Uma hora depois, seus dedos estavam manchados de preto. Elas penduraram as páginas molhadas nas cocheiras para secar, e debruçaram-se sobre as legíveis que continham obituários. Elizabeth folheou uma e fez uma careta.

– Toda vez que penso ter me acostumado ao cheiro, recebo uma baforada fresca que me desalenta – disse ela, fuçando no bolso. – Trouxe o resto do perfume da minha mãe comigo. Aplicar um pouquinho sob as narinas pode ajudar.

Ela tocou o pequeno frasco de vidro e esfregou a covinha acima dos lábios.

– Aqui – disse ela, oferecendo-o a Grace. – Use uma gota.

Grace acenou dispensando-a, apontando para o frasco e em

seguida para o coração da amiga. Lizzie puxou a mão de Grace para perto de si e pingou uma gotinha no seu dedo.

– Não há nada de errado em oferecer algo valioso do meu passado a alguém que é especial para mim no presente – disse ela.

O delicado aroma de água de rosas pairou no ar, requintado e agradável, em meio aos cheiros do estábulo e a opressão dos jornais bolorentos, fedendo a peixe. Grace pousou o dedo na covinha em cima dos lábios e a água de rosas preencheu suas narinas, fazendo-a se lembrar do porão de Boston, de Falstead, e de Thornhollow operando suas têmeoras para libertá-la de tudo aquilo. Um sorriso dominou seu rosto conforme ela esfregava os dedos, reforçando o aroma.

– É bom, não é? – perguntou Lizzie, enfiando o frasco de volta no bolso da saia. – Minha mãe me deu quando eu vim para cá.

Os olhos de Grace abandonaram o jornal em suas mãos para observar a amiga esquadrinhar o próprio jornal. Hesitantemente, tocou o joelho de Lizzie.

– Não me incomodo de falar sobre isso – disse ela, erguendo o olhar. – Minha mãe não queria que eu fosse embora, mas o papai insistiu. Colocou toda a culpa no lado materno da família, o que suponho ter sido bastante acertado. A mãe da minha mãe tinha Barbante, entende. Eu sempre vi. Minha mãe disse que eu amava a vovó de montão, já desde criança. Eu queria ficar no colo dela e tentava puxar Barbante, tentava apanhá-lo.

“Vovó sabia que meu pai não aprovaria isso, então ela nunca dizia uma palavra sobre Barbante em sua presença. Quando mamãe estava grávida de seu segundo filho, Barbante disse à vovó que ele nasceria morto, com o cordão umbilical torcendo seu pescoço. Ela correu até nossa casa para tentar salvá-lo, descalça e de camisola, mas já era tarde demais. Vi meu irmãozinho bebê e seu rosto preto como carvão; vovó falava sobre Barbante com uma voz tão alta que me acordou.

“Papai não aceitou nada disso, embora mamãe tentasse lhe dizer que era algo inofensivo. Ele chamou aquilo de bruxaria e mandou vovó embora pela porta da frente. Lembro que ele a enxotou com tanta brutalidade que sua cabeça bateu nas pedras e Barbante foi

mandado para o alto. Mamãe gemia e papai gritava e a parteira tentava evitar que um matasse o outro. Ergui minha mãozinha na janela e vovó simplesmente se levantou muito devagar, sorriu para mim e voltou mancando para sua casa. Na manhã seguinte, acordei com Barbante no ombro e uma voz na cabeça me dizendo que a vovó havia partido. Desci as escadas em marcha e contei isso a eles. Papai nunca mais me olhou da mesma maneira depois daquilo.”

Os dedos de Grace rondavam os obituários, mas seus olhos ainda estavam fixos em Lizzie, que se livrava de um jornal após o outro sem perder o fio da meada.

– Papai guardou o assunto para si até que mamãe ficou grávida de novo. Ele não me queria perto dela. Ela gritava e gritava, mas não conseguia convencê-lo de que não havia mal nenhum em Barbante. Querendo paz, ela me levou um dia à estação de trem, me entregou uma passagem e este frasco de perfume, para que eu pudesse cheirá-lo e me lembrar de que ela me amava, apesar de tudo. As lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas ela me deixou partir. Meu próprio rosto estava seco como um dia ensolarado, porque Barbante havia me dito que eu estava destinada a algo diferente. Se eu soubesse que era isso aqui o que Barbante tinha em mente, eu talvez tivesse iniciado uma discussão – disse Lizzie, segurando um jornal molhado com os braços esticados e o nariz contorcido.

Grace riu, estendendo a mão impulsivamente para apertar a mão da amiga.

– Estou bem – disse Lizzie, sorrindo-lhe. – Não tenho vergonha de Barbante. Prefiro viver onde Barbante pode ser Barbante, e eu possa ser eu mesma sem ter que fingir ser outra pessoa.

O aperto que ela deu em sua mão em resposta foi demais para suportar. Grace tornou a olhar para os jornais; a tinta estava agora duplamente borrada pelas manchas e pelas lágrimas que lhe caíam dos olhos.

Grace conhecia a morte. Conhecia-a bem por ter seguido seus passos apenas minutos depois de terem sido dados. Aprendera a rastrear seu caminho retrospectivamente a partir de fermentos a faca e furos de balas até a ideia que concebera o ato e na mente de

quem ela havia ocorrido. As faces menos brutais da morte eram desconhecidas a Grace, mas ela aprendera seus nomes ali na cocheira, em descrições redigidas com letras embaçadas, tresandando a escamas de peixe.

Tuberculose. Disenteria. Cólera. Malária. Tifoide. Pneumonia. Difteria. Escarlatina. Meningite. Coqueluche.

Em seu quarto naquela noite, ela esfregou os olhos para libertá-los das palavras que ainda pareciam dançar no fundo de suas pálpebras; os nomes dos familiares que os mortos deixavam se encontravam listados como se se pusessem a desafiar a morte, provando que sua linhagem sobreviveria. Mas nenhum deles levava o prefixo "doutor", e Grace regressara ao seu quarto sem comunicar Thornhollow sobre seu fracasso.

Esticou-se debaixo de suas cobertas, tornando a olhar a carta de Alice sobre a cabeceira da cama com o coração aos solavancos. Ela fora incapaz de encontrar palavras para respondê-la; a única coisa que ansiava era dizer a Alice que fosse embora, que corresse e nunca mais voltasse para casa. Mas aquela mensagem nunca seria entregue, Grace sabia. Falsteed não permitiria que ela aconselhasse Alice a trilhar um caminho que poderia levá-la a outra espécie de perigo ou repercutir negativamente sob o teto de Grace caso ela própria se declarasse a autora.

Com tinta de jornal borrada ainda dançando em frente dos olhos, Grace agitou-se e revirou-se, e o aroma de água de rosas acompanhou-a sono adentro.

Fragmentos de reboco caíram-lhe no rosto com os primeiros raios do sol. Grace afastou-se da parede à medida que Joanna batia do outro lado; suas luvas de couro amorteciam o impacto, mas reforçavam sua determinação. Ela suspirou e sentou-se, suas mãos foram até as cicatrizes em busca de apaziguamento e trouxeram consigo o duradouro aroma do perfume da mãe de Lizzie. Seus olhos ainda sofriam da leitura das colunas de jornais no dia anterior. Seu coração estava pesado devido à sua inutilidade; o destino de Alice pairava como uma espada acima de sua cabeça. Pela primeira vez, os muros que a restringiam lhe soaram menos a segurança que a aprisionamento, atando-a a uma existência em que ela poderia

testemunhar sofrimentos, mas nada poderia fazer para ajudar.

A água de rosas permanecia nela enquanto ela fazia um penteado no cabelo, fitando o espelho turvo, refletindo seu rosto e seu vestido de passeio. Sem nem pensar, ela puxou uns cachos para cobrir as cicatrizes, prendendo-os no lugar com o chapéu apropriado. Depois, colocou o vestido e inspecionou-se no espelho: em cada centímetro de seu corpo, ela parecia uma garota normal, sem tormentos mundanos, apesar de seus arredores anunciarem o contrário.

Ela entrou sorrateiramente no quarto de Elizabeth, pisando na ponta dos pés de modo a não acordar a garota. Grace remexeu na penteadeira dela até encontrar o pequeno frasco de perfume, fechando cuidadosamente a porta após sair. O constante martelar de Joanna acobertou seus passos conforme se esgueirava escadas abaixo e porta afora, muito antes de o resto do asilo acordar.

Frescos flocos de neve caíram nela quando transpôs as dependências, misturando-se ao cabelo e preenchendo as pegadas que ela deixava para trás. Com Nell em pensamento e o frasco de Elizabeth no bolso, Grace seguiu a trilha para o rio congelado que a garota irlandesa havia lhe mostrado. Ela o percorreu sem dificuldades, com o gelo firme debaixo dos pés, e logo estava na fronteira da cidade; o sol despertava os habitantes e as lojas acabavam de abrir as portas.

Grace sacudiu a neve dos ombros e caminhou pelas ruas cumprimentando as pessoas, enquanto seus olhos perambulavam pelas fachadas em busca do que precisava. Encontrou um boticário na rua Hudson; o sol da manhã iluminava as garrafas coloridas na vitrine e a atraiu até elas.

Quando abriu a porta, um sino soou acima de sua cabeça. O homem atrás do balcão estava conversando com outro freguês, portanto Grace ficou estudando as prateleiras. Garrafas coloridas de vários tamanhos perfilavam-se nas paredes; seus rótulos prometiam cura a todos os males, desde catapora até caspa. Uma mesa disposta com tudo o que uma dama refinada poderia precisar capturou seu olhar, e para lá ela rumou. Tirou os tampões dos perfumes para prová-los com o nariz.

Nenhum deles correspondia exatamente ao perfume de Elizabeth;

suas nuances eram muito mais carregadas, e quase sufocaram Grace. Fechou o frasco quase sem conseguir conter um espirro, quando percebeu um pequeno anúncio escrito à mão sobre a mesa.

Fazemos manipulação de fragrâncias personalizadas

Favor consultar o boticário

Os dedos de Grace apertaram a água de rosas de Elizabeth enquanto esperava o homem à sua frente terminar seus negócios. A voz dele se fez ouvir quando ele se virou para ir embora.

– Estamos felizes de tê-lo de volta no mercado, Beaton. Minha mulher só confia em suas glicerinas, e diz que não colocaria outra coisa no traseiro do bebê. Perdão, madame. – Ele abaixou o chapéu para Grace. Ela assentiu em resposta, conforme o sino tinha assinalando sua saída e ela se aproximava do balcão.

– Com licença – disse ela –, eu gostaria de saber se você poderia...

Suas palavras morreram em sua boca enquanto ela encarava o homem atrás do balcão, cujos ombros enormes cobriam toda a largura de um anúncio onde se lia:

Prescrições médicas aviadas cuidadosamente

– Eu... – A voz de Grace lhe faltou como se ela estivesse em Boston, e ela perdeu todas as palavras ao fixar o homem cujo retrato ela e Thornhollow haviam por tanto tempo tentado desenhar sem terem conhecimento de nenhuma característica definitiva.

Ver a forma imprecisa daquilo que eles haviam antecipado em carne e osso forneceu um jorro de detalhes aos quais a mente dela se agarrou. Ele era alto e robusto; sua constituição seria mais esperada empunhando um martelo de ferreiro do que se escorando no balcão de um boticário. Seus olhos eram brilhantes e evitavam os

dela a todo custo, à medida que um rubor tomava-lhe o rosto. Grace virou-se para puxar o frasco de Elizabeth do bolso e sentiu os olhos dele percorrendo todo o seu corpo, devorando-a com curiosidade da única maneira que era capaz. Ao erguer a cabeça e fixar os olhos nos dele por um breve momento, ela pôde ver sua inteligência, não menos ágil que a dela. Lembrou-se de ficar atenta e comprimiu os dedos quando começaram a coçar para tocar as cicatrizes.

– Perdão – disse ela, abanando o rosto. – Acho que alguns dos perfumes podem ter me desorientado um pouco.

– Está tudo bem – disse ele, com os olhos colados no balcão e as bochechas ainda coradas diante da presença dela. Ele limpou a garganta e pareceu se encorajar antes de levantar o olhar. – Em que posso ajudá-la, senhorita...?

– Madeleine Baxter – disse Grace. – Estou visitando uma velha amiga na cidade e o perfume da mãe dela acabou. Já que elas estão me hospedando, pensei em fazer um pequeno gesto de agradecimento reabastecendo o perfume, mas não parece que você tenha algo com a mesma fragrância.

Ela pôs o frasco sobre o balcão e ele removeu o tampão, cheirando-o.

– Parece ser um simples composto de água de rosas, embora também possa haver um toque de bergamota. – Ele susteve o frasco de encontro à vitrine; o diminuto objeto azul quase se perdia dentro de sua mão. Grace observou enquanto ele o cheirava novamente, umedecendo a palma da mão com o tampão, recobrando toda confiança à medida que se abandonava ao trabalho. Depois o frasco voltou à luz do sol, seguido do tampão, e ele franziu o cenho.

– Não consigo distinguir nenhuma marca de fabricante, então não poderei encomendar um reabastecimento, mas posso manipular algo similar para você, senhorita... – Seus olhos a fitaram. Sua voz se dissipou e houve um ligeiro tremular em sua mão quando ele colocou o frasco de volta no balcão. Ele limpou a garganta mais uma vez. – Srta. Baxter – disse, assentindo com a cabeça na direção do chão, como se para confirmar que havia terminado a frase.

– Isso seria ótimo, obrigada – disse ela. – Você esteve viajando? Não pude deixar de ouvir o cavalheiro antes de mim falando como

estava feliz por você ter reaberto a loja, e devo dizer que também estou muito contente. – Ela sorriu, esperando deixá-lo à vontade.

– Não, não, não fechei totalmente – disse ele, percorrendo os olhos pelos ombros dela. – Minha mãe não estava se sentindo bem no início do inverno, então passei alguns dias com ela. Como ela vive em Pomeroy, não consegui abrir a loja em horários regulares.

– Sinto muito por ouvir isso, sr. Beaton – disse Grace, aguardando que ele corrigisse o nome que ela ouvira do freguês anterior. – Espero que ela tenha se recuperado – acrescentou, quando ele mesmo não respondeu. – Quando devo retornar para buscar o perfume?

Ele evitou os olhos dela, olhando para o teto enquanto gaguejava na busca de uma resposta.

– Eu... eu consigo prepará-lo em um dia, mas continuo voltando à casa de minha mãe nos fins de semana. Você poderia retornar na segunda-feira?

Grace recuou por um momento, já que os dias da semana não tinham importância nenhuma dentro do asilo.

– Hoje... – Ela se deteve, com evidente indecisão. – Hoje é sexta?

Essa postura confusa pareceu contagiá-lo, e ele se permitiu um sorrisinho enquanto encarava o olhar dela.

– Sim, srta. Baxter. Hoje é sexta.

– Desculpe-me – disse ela, sentindo o sangue afluir às bochechas, para corresponder às dele. – Nós perdemos a noção do tempo quando estamos de férias.

– Eu compreendo. – Ele assentiu com a cabeça, e seu sorriso se ampliou ante o sorriso dela. – Voltarei a vê-la então na segunda-feira, srta. Baxter.

– Segunda – concordou ela, com os olhos ainda grudados nos dele.

 TRINTA E DOIS

Thornhollow não se encontrava em seu consultório quando ela regressou, portanto Grace trabalhou no quadro-negro sozinha, acrescentando as peças que faltavam. O quebra-cabeça se completou com folga; os buracos se preencheram ordenadamente. Então ouviu a porta abrir-se atrás dela e o passo de Thornhollow, enquanto continuava a rabiscar com o giz.

– Grace, por que está usando seu vestido de passeio?

– Doutor, venha cá – disse ela. – Descobri algo.

– Grace – repetiu ele –, por que está usando esse vestido?

Ela virou-se para encará-lo, com o giz ainda na mão.

– Não importa – disse ela. – Encontrei o assassino, cara a cara. É como você pensava: um homem grande, definitivamente afobado quando interage com mulheres, e ele até mencionou a mãe...

– Grace! – Thornhollow arrancou-lhe o giz da mão. – Por que você está usando esse vestido?

– Eu... – Ela sentiu os ombros despencarem diante daquele escrutínio, e corrigiu sua postura antes de responder calmamente, num tom frio. – Fui passear na cidade, dr. Thornhollow.

– Pelo amor de... – Ele caminhou para longe dela, atirando o giz pela sala.

– Não vou pedir desculpas – disse Grace, seguindo-o de perto. – Quando você ouvir o que eu...

– Quando eu ouvir o que, Grace? – Ele virou-se e a encarou, encolerizado. – Quando eu ouvir que você deixou as dependências do asilo sem contar a ninguém, vou pular de alegria? Quando eu ouvir que você ficou cara a cara, segundo suas palavras, com o nosso assassino, um homem que entorpece as mulheres e depois...

– Ele se deteve, o rosto contorcido em emoções que ele nunca se permitia sentir. – Por Deus, mulher, por favor me diga qual é o

sentido de vigiar os passos do seu pai quando não consigo nem segurar você dentro do edifício!

Ele se jogou na poltrona, com as mãos enterradas no cabelo.

– Doutor – disse Grace –, você precisa me ouvir.

– E você precisa não sobrecarregar meus nervos – murmurou ele para o tapete.

Ignorando-o, ela continuou.

– Você estava certo em vários aspectos, doutor. Ele é um homem grande, facilmente capaz de meter um trapo no rosto de uma mulher e segurá-la contra a sua vontade até ela sucumbir.

– O mesmo que ele poderia ter feito com você.

– Em plena luz do dia, na própria loja? – contra-atacou Grace. – Improvável.

– Numa loja, você disse? – perguntou Thornhollow, interessado à sua revelia. – Que tipo de loja?

– Uma botica – disse Grace. – Ele tem as ferramentas e o conhecimento necessários para fabricar éter, sem dúvida.

– Um boticário... – Thornhollow grunhiu para o chão, batendo o pé. – Maldito seja eu por ser um idiota tacanho! Em primeiro lugar, o que você estava fazendo numa botica?

– Fui comprar um perfume para Lizzie. Ele vai encontrar o aroma correspondente para mim.

– Ah, é claro. Que tolice a minha por não adivinhar. Prossiga. – Ele acenou com uma mão no ar. – Talvez seja melhor eu saber logo de tudo, já que você foi lá sozinha.

– No que diz respeito aos sentimentos dele na presença de mulheres – continuou ela –, havia uma evidente diferença em seu comportamento comigo e com o freguês que vi interagir com ele. Ele de fato fica nervoso diante das mulheres, mas quando eu mostrei certa hesitação, ele pareceu obter força.

Thornhollow olhou para cima, com uma mão ainda enterrada no cabelo.

– Interessante. Talvez ele se sinta mais confiante diante de mulheres que ele julga resignadas. Uma alternativa positiva à mãe dele, talvez.

– Mãe que ele aliás mencionou – disse Grace. – Ele disse que ela

não está se sentindo bem neste inverno e que ele tem cuidado dela em sua casa, o que o leva a abrir a loja somente em determinados horários.

Thornhollow levantou-se da cadeira com as pontas do cabelo em pé, e estudou as anotações que Grace acrescentara ao quadro-negro.

– Abandonar os negócios exclusivamente para cuidar da mãe me parece um tanto extremo.

Grace assentiu.

– Concluindo-se que a mãe é bastante exigente.

– E – Thornhollow levantou um dedo em riste – também confirmando que ele é filho único, conforme eu disse.

– *Quase* confirmando isso – disse Grace, estreitando os olhos. – Eu não lhe perguntei sobre isso.

– Nenhum homem reduziria o seu sustento para cuidar de seus pais se tivesse outros irmãos capazes de assumir esse fardo – insistiu Thornhollow.

– Ele pode muito bem ter um irmão que vive muito longe de Pomeroy e que não consegue arcar com enfermeiras – disse Grace; a irritação acalorava suas palavras.

– Agora você está debatendo apenas por debater.

– Assim como você.

– Mentira. Como Pomeroy entrou na história?

– É onde a mãe dele mora – disse Grace, indo até a mesa, onde havia um mapa que ela estendera antes de sua chegada. – Eu verifiquei, e a estrada...

– ... para Pomeroy passa pelo local onde a ajudante de cozinha foi encontrada – interrompeu-a Thornhollow.

– Onde Jenny Cantor foi encontrada – retificou Grace.

– Como quiser. Viajarei até Pomeroy no fim de semana para fazer algumas perguntas. É possível afirmar com segurança que eles já devem ter visto pelo menos um cadáver como os nossos, e que sem dúvida os crimes aconteceram durante o intervalo que tivemos aqui.

– Vou com você – disse Grace, ainda debruçada sobre o mapa.

– Você não vai.

Ela levantou os olhos.

– Como é?

Thornhollow suspirou profundamente.

– Grace, não há razão plausível para que vá comigo, sem contar que os funcionários se precipitariam imediatamente em conclusões falsas para facilitar a fofoca.

– Que concluam o que quiserem – disse Grace. – Já não me importo com o que os outros pensam.

– Eu me importo – retrucou Thornhollow. – O que acarretaria a mim, à minha carreira, se os funcionários acreditassem que eu estou... estou...

– ... fazendo sexo com uma paciente?

– Sim! – explodiu ele. – Esse tipo de coisa pode acabar com um homem, entende?

Grace fechou os olhos; suas mãos estavam espalmadas sobre o mapa.

– Você tem razão – disse ela. – No entanto, não consigo não ficar chateada. Nesses últimos meses, não fui capaz de conquistar nada, e agora estou sendo deixada para trás.

– Deixada para trás? – Thornhollow quase riu. – Você se arrastou sob a neve ao raiar do dia e sorriu para um assassino atrás de um balcão enquanto eu fiquei em minha cama, morto para o mundo. Quem é que foi deixado para trás?

Grace enrolou o mapa, com o coração ainda lento.

– E agora? Quando você vai comunicar a polícia?

– Comunicá-la sobre o quê?

– Sobre eu ter encontrado o culpado de três assassinatos cometidos aqui, e sabe-se lá quantos em Pomeroy.

– *Culpado* é uma palavra muito forte, cuja plausibilidade não conseguimos provar.

– O que você está dizendo? – perguntou Grace; a confusão sulcava sua testa e uma derrota já familiar fermentava em seu peito.

– O que eu deveria mostrar à polícia, Grace? Nosso quadro-negro? É uma completa bagunça que só você e eu conseguimos ler. Se trouxéssemos George aqui à força, ele riria e diria que eu deveria estar na ala masculina, não no consultório.

– Davey acreditaria em você.

– Excelente, um patrulheiro que ainda nem tem bigode direito está do meu lado! Estou crente que a prisão está próxima. Grace... – O doutor se deteve, e seu tom de voz perdeu todo o sarcasmo. – Grace, me desculpe. Nós nunca perseguimos algo tão a fundo, e eu não lhe preparei para esta etapa.

– E que etapa é esta?

Ele suspirou. Seus olhos se fixaram no labirinto de escritas compartilhadas que cobriam o quadro-negro.

– Quando sabemos que estamos certos, mas não temos nada para provar.

Grace passou para o seu lado; a inutilidade caiu pesadamente sobre ela mais uma vez.

– O que pode ser feito?

O doutor encolheu os ombros.

– Nada, infelizmente. Se eu estivesse em Boston, eu colocaria os mesmos homens a quem confiei a vigilância de sua irmã na cola deste homem, mas aqui não tenho contatos de confiança. Se esse boticário... você conseguiu o nome dele?

– Beaton.

– Se esse tal Beaton ouvir dizer que conseguiram associar os assassinatos a ele ou se suspeitar de que está sendo seguido, desaparecerá num instante. Um homem com essa inteligência e também um comércio pode ir para onde quiser, estabelecer-se com um nome falso e começar do zero. Ele pode ir para uma cidade onde as mulheres não encaram os homens nos olhos e cujos sumiços seriam tão insignificantes que ele nem precisaria escondê-los. Não, Grace, temos que ser muito cuidadosos agora. Vou a Pomeroy este fim de semana. Prometa-me que vai se comportar enquanto eu estiver fora.

– Eu vou – disse Grace.

– Ótimo. Quando teremos o perfume pronto para você buscar?

– Terça-feira – mentiu ela.

A neve caiu regularmente durante toda a semana, estendendo sobre as dependências do asilo um manto de pureza que Grace desprezava. Desejava machucá-lo com suas pegadas, roubar uma

carruagem do asilo e correr até Pomeroy, onde ela vigiaria Beaton à distância, protegendo as mulheres de lá tal qual um vingativo anjo negro.

Em vez disso, ela jogava damas com Elizabeth, que parecia deprimida devido ao tempo. Sua cabeça ficava pendendo para a direita; Barbante lhe sussurrava coisas que ela não compartilhava, e seu semblante se tornava mais atormentado. Grace ganhava facilmente todas as partidas, apesar de começar com três peças a menos.

Ela bateu na mesa para reconquistar a atenção de Lizzie e ergueu uma sobrancelha, gesticulando para o tabuleiro.

– Não, acho que não quero jogar de novo – disse a amiga. – Vou é dar uma deitada, na verdade.

Grace observou-a ir e depois embrulhou o tabuleiro. O tempo se estendia diante dela. Retornou à torre oeste, onde a calma era tão intensa que ela podia até ouvir a neve caindo. Retirou os flocos acumulados nas três cadeiras e sentou-se, observando os cristais de gelo a reivindicá-las. O sol afundou e as luzes da cidade surgiram uma a uma. Grace permaneceu sozinha no lusco-fusco até que a noite caísse completamente, tendo as duas cadeiras vazias feito sentinelas aos seus lados.

Janey interpelou-a no saguão. Ela cerrou o punho em volta da chave da torre, arregalando os olhos e fingindo inocência.

– Não venha para cima de mim com esse olhar de filhote perdido.
– Janey sacudiu um dedo para ela, bem-humorada. – Eu sei que você não comeu nada no jantar. Esse tempo colocou todo mundo para baixo, mas deixar de comer não vai lhe fazer bem.

Grace assentiu e Janey prosseguiu.

– O doutor Thornhollow mandou um telegrama; disse que Ned não irá conduzir os cavalos com este tempo e que ele está encalhado em Pomeroy até que o homem recobre o juízo. Mas, se dependermos disso, nunca voltaremos a ver o bom doutor novamente.

Janey entregou um telegrama a Grace.

– Este é para você. Não tem pé nem cabeça.

Encontrei no mínimo duas PONTO Atrasado pelo sentimentalismo do Ned PONTO Retorno quando possível PONTO Elizabeth cheirosa sem nenhum progresso FIM

Janey observou os olhos de Grace piscarem ao ler a mensagem.

– Imagino que você saiba o que ele está dizendo?

Grace assentiu, agradecendo Janey com um tapinha no ombro.

– Está bem – disse a enfermeira. – Agora quero vê-la ir até a cozinha e não para o quarto, ouviu? Joanna mastigou a costura de uma das luvas e eu tenho que ver se posso remendá-la antes que ela ataque alguém. Mas deve haver um ou outro bocado para você comer na cozinha, se você der uma descida lá.

Grace movimentou-se como se atravessasse uma neblina, com o já familiar véu interpondo-se entre ela e a realidade conforme ela caminhava. Seu corpo estava no presente, mas sua mente pensava furiosamente em um tempo futuro e em todos os elementos que se faziam necessários para que ela pudesse decidi-lo com as próprias mãos.

Ele ficou surpreso ao vê-la. Ela abriu a porta da loja justo quando ele estava prestes a fechá-la pela tarde.

– Srta. Baxter – disse Beaton, quase deixando cair as chaves. – Pensei que talvez o tempo a tivesse atrasado.

– Não foi o tempo, mas minha própria desorganização – disse Grace, levantando a bolsa de viagem que ela pegara de baixo da cama de Lizzie, contendo suas vestes do asilo. – Fazer as malas para viajar sempre me deixa desorientada. Eu esperava apanhá-lo a caminho da estação. O perfume ficou pronto?

– Ficou – disse ele, retornando ao balcão de cabeça baixa. – Se quiser, posso mandar entregá-lo na casa da mãe da sua amiga com saudações suas, já que você está deixando a cidade.

– É muito gentil, mas prefiro entregá-lo eu mesma com um bilhete de agradecimento pela hospitalidade.

Beaton mostrou o frasco e Grace farejou-o; o familiar aroma do perfume de Lizzie revigorava-se com o frescor do reabastecimento.

– Isso é... realmente extraordinário. Vai significar muito para ela. Obrigada – disse com honestidade.

Ele corou diante do elogio. Grace pagou com o dinheiro que roubara da mesa de Thornhollow, vacilando agora que chegara o momento para o qual ela o havia pego.

– Eu... – Sua voz se dissipou conforme ela deliberava, transmitindo com facilidade até excessiva os modos hesitantes de uma jovem dama bem-nascida. – Eu espero que não me julgue muito atrevida, sr. Beaton – prosseguiu, imprimindo mais força na voz. – Atrasei-me muito mais do que o esperado e acabei perdendo meu trem. Com certeza poderei pegar o próximo, mas tenho receio de caminhar até a estação sozinha, agora que a noite chegou. Seria muito inconveniente se você me acompanhasse? Eu me sentiria mais segura com um homem do seu tamanho ao meu lado.

Foi fácil ler os pensamentos que se agitavam no fundo dos olhos dele; a balança de sua indecisão sopesava oportunidade e risco. Um segundo antes de aceitar a proposta, seu olhar esquadrinhou-lhe o corpo, e concluiu que o sacrifício oferecido espontaneamente era tentador demais para ser negado.

– É claro, srta. Baxter – disse ele com um sorriso genuíno. – Se puder me dar um instante, preciso só fechar o depósito.

Ele retornou trazendo consigo um leve odor de éter, e juntos eles saíram porta afora rumo à escuridão.

 TRINTA E TRÊS

– Grace, acorde. Grace! – Janey sacudia-a grosseiramente enquanto ela recobrava a consciência, rolando o corpo para encarar a enfermeira. – Thornhollow acaba de voltar. Nem bem tinham desatrelado os cavalos quando ele recebeu uma mensagem da cidade. Encontraram outro cadáver. O doutor está à sua espera.

Grace vestiu-se rapidamente e subiu na carruagem, encontrando um Thornhollow exausto a encará-la.

– Eu estava ansioso para cair na minha cama, mas este é um conforto que terá que esperar – disse ele. – Desculpe-me pelo atraso, Grace. Ned simplesmente se recusou a sair com os cavalos, e eu não quis aborrecê-lo desnecessariamente. Se estamos indo ao encontro de outra boneca, no entanto, ficarei com a consciência pesada por não ter insistido para retornarmos antes.

– Não se preocupe de antemão – disse ela friamente enquanto rumavam trepidando até a cidade.

Viajaram em silêncio até o parque, onde Davey e George aguardavam, com os lampiões a gás erguidos.

– Não é uma mulher – disse Thornhollow assim que chegaram mais perto, analisando a silhueta do corpo. – É um alívio, ao menos.

Grace nem assentiu; já estava vestindo a familiar máscara da insanidade ao descer da carruagem.

– Ora, que prazer ver você de novo – disse George no momento em que os dois caminharam até a luz. – Oh, e você também, doutor – acrescentou, dando uma piscadela.

– Sim, não me é possível exagerar o prazer que é estar na companhia de vocês – disse Thornhollow, retirando as luvas para debruçar-se sobre o corpo na neve.

Davey afastou-se e foi para o lado de Grace.

– Está bem aquecida? Esse está sendo um inverno bastante

rigoroso. Mas consigo suportar, caso você queira meu casaco.

Sua sinceridade foi em vão, pois toda a atenção dela se concentrava em Thornhollow. Seus nervos se fortificavam para o que estava por vir, sua visão se afunilava para abarcar somente ele e o sangue que coagulava na neve.

George bateu os pés, soltando fumaça com a respiração.

– Já que temos que ficar aqui congelando as nossas bolas, gostaria que me explicasse como o seu vodu é tão melhor que nosso trabalho comum de policiais.

– Não é vodu, é pura lógica – disse Thornhollow. – E se você realmente estiver interessado, não me oporei a expandir seus horizontes.

– Se eu não estiver, uma boa risada ao menos deve me manter aquecido – disse George.

– Você poderá me dizer como isso é divertido assim que eu terminar – disse Thornhollow, levantando-se para caminhar ao redor da vítima. – Vamos começar pelo corpo de bruços, assim encontrado. Obviamente temos um homem de tamanho bastante grande, morto a apenas algumas horas. O corpo está frio e o sangue está congelado, mas posso dizer que, a julgar pelo padrão do borriço e do sangue empoçado, a artéria carótida foi cortada. Ademais, pelas pegadas ao redor do corpo (e aqui eu ressalto a incapacidade de vocês de manter inalterada a cena do crime), nenhuma delas parece corresponder ao calçado da vítima, então podemos assumir que o homem foi morto enquanto a neve ainda caía com furor o bastante para preencher as pegadas. Infelizmente, também preencheu as pegadas do assassino.

Thornhollow debruçou-se de novo sobre o cadáver, tocando o sobretudo do homem com os dedos nus.

– No entanto, o corpo estava quente o bastante para derreter a maior parte da neve que caía nele. Há umidade neste ponto aqui, mas não neve acumulada, o que significa que ele ficou jazendo aqui por um tempo antes que a neve cessasse.

– Calor, neve e umidade – murmurou George. – Você soa como uma das seções de previsão do tempo dos jornais.

– Talvez, mas só para que possamos determinar a hora da morte,

o que duvido que seja mencionado nas previsões – disse Thornhollow. – Acrescentaria que, mesmo tendo caído de frente, o chapéu dele permanece no lugar. Antes que vocês o virem de lado, pressinto que iremos ver um único ferimento no pescoço. Foi desferido pela frente, e foi profundo o bastante para matar com um só golpe. Não há sinais de defesa.

– Como deduz tudo isso só porque o chapéu continua na cabeça?
– perguntou Davey.

– Física – disse Thornhollow, aproximando-se de Davey. – Imagine que eu fosse esfaqueá-lo, agora mesmo, inesperadamente, na garganta. O que você faria?

– Acho que eu me deitaria e morreria – disse Davey. – Mas eu lhe seria grato se não fizesse isso.

– Sim, você seria, mas há algumas etapas antes. Primeiro, suas mãos iriam instintivamente até seu ferimento, numa vã tentativa de estancar o sangue, em vez de repelir o seu agressor. Enfraquecido pela perda de sangue, você cairia de joelhos, talvez um depois no outro, chegando devagar ao ponto em que você de fato se deitaria e morreria.

– Com o chapéu ainda na cabeça – acrescentou Davey.

– Sim, ainda de chapéu, porque foi pego de surpresa. Você não se atracou com o assassino ou teve o chapéu derrubado por um ataque vindo de trás.

– Então... – disse Davey, olhando para o doutor em busca de aprovação conforme pronunciava cada palavra. – Ele estava caminhando com alguém, uma pessoa que ele não tinha motivos para crer que iria machucá-lo.

– É uma possibilidade – concordou Thornhollow.

– Uma possibilidade – repetiu George, dando uma cusparada na neve. – Você não parece muito confiante.

– Não é a única opção, mas de fato é uma candidata provável – prosseguiu Thornhollow, ignorando aquela observação. – Quem quer que tenha matado este homem não o atacou nas sombras. O assassino esteve cara a cara com ele e enfiou-lhe uma faca na garganta sem que ele tivesse ideia do que estava acontecendo. Então, sim, eu diria que um acompanhante ou um encontro

consentido são excelentes deduções.

Davey aprumou-se um pouco mais endireitado, ignorando o olhar obscuro de George enquanto rolava o corpo de lado.

– Certo, veremos, então. Um único ferimento a faca saindo!

O sarcasmo de George morreu em sua garganta quando o cadáver foi virado. Um rasgo ensanguentado na base da garganta era tudo o que desfigurava aquela pele branca feito osso.

– Por Deus, é o Beaton – disse Davey. – O homem tem uma loja na rua Hudson. Oh, minha mãe não vai ficar muito feliz ao ouvir isso. Ela diz que os pés dele são a única coisa que ajudam em seus eczemas.

– Quem é, que mal lhe pergunte? – perguntou George, erguendo a lanterna sobre o rosto da vítima.

Grace fixou os olhos nos de Thornhollow; seu olhar inexpressivo não traía nada, enquanto o rosto dele se solidificava em sua própria máscara de imparcialidade, embora seus olhos resplandessem tanto quanto a lanterna de George.

– É o Beaton – disse Davey novamente. – Você conhece o sujeito. Ele faz os remédios para as prosti... – Ele se conteve, com o rosto ruborizado. – Digo, para as damas que trabalham na taverna, quando elas pegam... um resfriado.

– Não poupe a língua pelo bem de Grace – disse Thornhollow. – Ela já ouviu e viu coisas piores do que você testemunhou, imagino eu.

– E também fez algumas, a julgar pelo que você disse – acrescentou George.

– Sim – concordou Thornhollow. – Sim, ela fez.

Grace mordeu a carne da bochecha até o sangue inundar sua boca. O rosto de Beaton à luz da lua não a afetou, o borrifo escuro contraposto à neve intocada não a paralisou, e o aroma quente e ferroso do sangue fluindo na boca não a engasgou. Mas um só olhar de Thornhollow sob o arco da lâmpada fez seu estômago se revirar, e suas convicções enfraqueceram com o peso daquela mirada que calou direto em sua alma.

– Então esse tal de Beaton manipulava remédios para as prostitutas? – prosseguiu Thornhollow.

– Sim, era o único homem que as atendia. E também o fazia de graça – acrescentou George. – Dizia que não queria tirar dinheiro de quem tinha tão pouco; talvez ele recebesse o pagamento em outra moeda.

– De certa forma eu duvido disso – disse Thornhollow para si mesmo.

– Isso será um choque para a mãe dele – disse Davey. – Ela perdeu o outro filho faz poucos meses, na batalha de Wounded Knee.

Grace sentiu a boca se contorcer enquanto a testa de Thornhollow se franzia em confusão.

– Ele tinha um irmão?

– Sim, alguns anos mais velho, se bem me lembro – disse George. – Ele se alistou no exército assim que pôde, para ficar longe da mãe, sem dúvida. Eu não derramaria muitas lágrimas por Beaton, meu amigo Davey, a não ser por seus remédios. Ele está mais feliz, seja lá para onde tenha ido. Esses irmãos eram os homens mais amedrontadores que já vi.

– Ele até pode estar mais feliz morto, mas quem iria querer matá-lo? – perguntou Davey.

Grace observava Thornhollow; o latejar dos músculos de sua mandíbula era a única indicação de sua luta interior.

– Seus remédios podem ter sido o seu fim – disse ele. – Quem quer que tenha manejado essa faca sabia como cortar, e o fez sem nenhuma hesitação. Aqui há uma completa falta de compaixão humana.

Grace permaneceu indolente, com os olhos abertos e incompreensivos, embora um crescente abismo se expandisse dentro de seu estômago.

– É trabalho de um profissional, então? – perguntou George. – Acha que ele pode estar agindo com alguma substância na mente?

– Possivelmente. Os impostos da importação de ópio são altos; digo isso porque, como doutor, uso-o em pacientes mais violentos. Quando é solicitado para propósitos recreativos, o custo pode ser astronômico, a não ser que você consiga encontrar algum ópio caseiro com capacidade de potencializar o efeito da droga. E, é

claro, você precisaria pagar muito bem pelo serviço e pela discrição.

– Então acha que Beaton ficou ganancioso? – perguntou George.

Thornhollow encolheu os ombros.

– Ou falou demais à pessoa errada. Provavelmente nunca saberemos.

– Eu poderia ao menos conferir na estação se havia alguém se comportando estranhamente no último trem – sugeriu Davey.

– Poderia, caso o faça se sentir mais profissional – disse Thornhollow. – Embora alguém que tenha o treinamento para matar com esse grau de exatidão possa indubitavelmente permanecer ao seu lado sem dar indício nenhum, já que eles são muito versados em simular sentimentos genuínos. Cavalheiros, eu estou congelando. – Ele se virou para ir embora, prestes a pegar Grace pelo cotovelo, quando descobriu que a mão de Davey já se encontrava lá. O policial ajudou-a a subir na carruagem e ela lutou para preservar o rosto tranquilo, conforme Ned punha os cavalos a trotar e eles deixavam para trás as lâmpadas a gás do parque.

– Por favor, me diga que você já queimou as suas roupas. – A voz de Thornhollow veio das profundezas, desprovida de qualquer entonação.

– Eu queimei.

– E o trapo com éter?

– Joguei-o no rio.

O silêncio se estendeu entre eles, e Grace permaneceu sentada rigidamente, pronta para combater quaisquer argumentos que ele usasse contra os seus atos.

– Grace, você tem alguma ideia do que é que você fez?

– Eu matei um homem – disse ela. – Um homem que merecia morrer.

– E quanto a você, Grace? Que parte de você teve que morrer para que tomasse essa medida drástica?

Ela tinha esperado sentir o ardor da fúria ante aquelas palavras, mas não havia nada além da escuridão se escancarando dentro dela.

– Não quero mais falar sobre isso – disse Grace, com a voz trêmula.

Thornhollow pisou forte no assoalho da carruagem.

– Queira ou não, sua vontade não irá ditar o rumo de nossa conversa. Agora estou me dirigindo a você como seu médico, e não gostei do que vi nestes últimos meses. Esbravejar e explodir diante da morte de Nell era esperado, mas isso... isso é algo inteiramente novo. Você amputou suas emoções a ponto de conseguir olhar outro ser humano no olho e enfiar uma faca em sua garganta.

– Era o destino que ele merecia – disse Grace.

– E cuja realização não estava em suas mãos! – rebateu Thornhollow. – Não percebe? Somente o nome da sua irmã consegue provocar alguma emoção em você; ou isso, ou uma nova lacuna em nosso caso. Lacuna essa que você fechou muito minuciosamente, amarrando os fios soltos com um barbante de açougue.

– *Eu* sou a açougueira? – disse Grace. – E ele, que deixou tantos corpos em seu rastro?

– Corpos que ele cobriu – Thornhollow lembrou-a. – Corpos que ele posicionou para acreditar que estavam vivos, para se absolver da culpa... e não corpos com a garganta rasgada para o mundo todo ver, como se proclamasse que não havia culpa nenhuma por parte de quem cometeu aquele ato!

– Nenhuma mesmo – afirmou ela, embora ele tivesse plantado uma semente de dúvida que ganhou terreno em algum lugar dentro de seu vazio. Ela buscou palavras para apaziguar Thornhollow sem lhe ceder a supremacia. – Eu quero dizer que, em muitas maneiras, ele parecia ser muito normal.

– Assim como você, Grace – disse Thornhollow. – Assim como você.

 TRINTA E QUATRO

– Doutor – disse Grace calmamente conforme o observava apagar o quadro-negro –, preciso falar com você sobre a minha irmã.

– Sim – disse ele. – Eu sei.

Na semana seguinte à morte de Beaton, Grace se resguardara, tomando distância de Thornhollow e ruminando os seus próprios atos. Ao matar, um véu caíra sobre sua mente. Sua lâmina acertara em cheio; o afiado gume da faca de cozinha do asilo rasgara facilmente o pescoço de Beaton. O borrifo de sangue não a alarmara, posto que ela já vira tantas cenas de crime. O rosto dele ao tombar, a confusão em seus olhos, o trapo embebido em éter no bolso – nenhuma dessas coisas se incutira em seus pesadelos.

O assassinato em si fora fácil, e o alheamento dela enquanto o cometia fora total. Mas as palavras de Thornhollow haviam rasgado o véu, e as palavras de Davey sobre a bondade de Beaton a assombravam. Pequenos necrológios redigidos por cidadãos de luto começaram a surgir no jornal. Beaton tinha tratado as prostitutas quando ninguém mais o quis fazer. Tinha manipulado um pó numa criança que teria morrido depois de recusar o leite materno. Ele entregava remédios a pacientes idosos em suas casas, para que não precisassem se arriscar no tempo ruim. Exceto por uma flagrante exceção, ele tinha sido um homem bom.

Thornhollow deixou que ela ponderasse suas ações a sós, atendendo ao desejo dela de não querer nunca mais falar sobre aquilo, o que agora ela percebia se tratar de um duro castigo. Não era exatamente culpa o que a atormentava, mas uma enervante assimilação de que, ao passo que seus atos haviam salvado vidas, alguns dos atos de Beaton, estava claro, também haviam. E ela o tinha removido do mundo com um único movimento do pulso. O quadro-negro que usavam sempre fora preto e branco, mas a

realidade era cinza, e ela lutava com a dor desse aprendizado.

Quebrar o silêncio de Thornhollow não era fácil, mas o tempo estava passando. A cada dia seu pai se aproximava mais de casa e de Alice, levando-lhe um presente pelo qual ele cobraria algo infernal em troca.

– Serei franco com você, Grace – disse Thornhollow, ainda de costas para ela. – Não fui capaz de conceber uma maneira plausível de tirar Alice do lar. Mesmo que remetêssemos cartas anônimas à Sociedade de Prevenção à Crueldade a Crianças, seu pai é poderoso o bastante para varrê-las para debaixo do tapete. Podemos tentar atrasar ainda mais o seu regresso, mas não consigo enxergar nada que separe pai e filha definitivamente.

– Eu consigo – disse Grace.

Ele voltou-se para ela com o rosto abatido.

– Não vou permitir que você o mate.

– Não precisarei matá-lo – disse ela, impondo certa tranquilidade ao rosto conforme observava Thornhollow cuidadosamente. – Temos mulheres mortas e ninguém condenado pelos crimes; o verdadeiro assassino já não está entre nós. A culpa pode ser atribuída a outro.

Thornhollow ponderou enquanto sua mente voava.

– É verdade, mas seu pai esteve na área somente quando um dos crimes foi cometido.

– Sim, eu sei – disse Grace, indo até a lousa para rabiscar um novo panorama. – A hora da morte de Jenny Cantor nunca foi determinada por causa do clima. Ela poderia facilmente ter sido morta quando ele estava aqui.

O doutor tirou o giz de sua mão para registrar as próprias anotações.

– Dificilmente poderíamos atribuir um assassinato a ele porque ele estava aqui sem conectarmos este crime com os outros. Ele estava muito longe quando os crimes foram cometidos.

– Por que não poderíamos? – disse Grace. – Mellie Jacobs não foi assassinada, de acordo com a polícia. Você nunca divulgou as suas suspeitas de que as mortes de Jenny e Anka Baran foram cometidas pelo mesmo autor.

– Não, não divulguei, porque sabia que ninguém iria me ouvir –

admitiu Thornhollow, jogando o giz de uma mão à outra enquanto pensava. – Também não divulguei as duas mortes em Pomeroy. Beaton tinha um belo de um método, isso eu tenho que admitir. Até um bom legista poderia acabar chegando à conclusão de que se tratava de causa natural, assim que o éter evaporasse.

– E agora usaremos tudo a nosso favor – disse Grace, apanhando o giz no ar entre as mãos de Thornhollow. – Acuse meu pai da morte de Jenny Cantor. Caso seja condenado, ele será enforcado.

– Grace, você está ouvindo o que diz?

– Estou, dr. Thornhollow, e não sinto vergonha alguma. – Ela vacilou em busca de palavras, indisposta a deixar sua voz encontrada a tanto custo lhe fugir agora. – Jenny Cantor está morta, o sr. Beaton uniu-se a ela, e ninguém além dos dois sabe o motivo. Por que não estender a mão da justiça um pouco mais? Você sabe que meu pai é um monstro.

Thornhollow abriu uma careta e afastou-se dela.

– Sem dúvida, ele é. Mas ainda que eu concordasse com esse plano, não temos fundamento nenhum para tentar granjear uma condenação de um júri. Seu pai esteve na mesma área que a vítima, e isso é tudo o que temos. Ele não tem histórico de violência nem predisposições sexuais registradas em sua ficha. Você poderia muito bem acusar o condutor de carruagem dele de ser o assassino e ter a mesma quantidade de evidências.

– Com exceção do testemunho de um perito, o dr. Melancthon Thornhollow, que declararia que Nathaniel Mae é um devasso inteiramente capaz deste ato.

Thornhollow ficou pálido e sentou-se abruptamente.

– Você me faria invocar em vão o nome da minha ciência, sob juramento, num tribunal? Eu não posso fazer isso, Grace, nem mesmo por você.

Grace esperava aquele argumento.

– Obviamente eu não lhe pediria isso. Em vez disso, eu lhe pediria para testemunhar em nome da frenologia, uma ciência à qual você também não dedica fé alguma.

– Para condenar um homem por um crime que não cometeu.

– Não, doutor. Estou lhe pedindo para condená-lo pelos crimes

que você sabe que ele *cometeu*. – Sua voz intensificou-se à medida que Grace combatia as emoções que ansiavam por brotar de dentro dela, trazendo consigo todas as memórias que ela relegara ao escuro. Gritou e dobrou-se, lutando para mantê-las afastadas, e depois caiu ao chão, tamanho o seu tormento. – Não peço apenas por mim, embora eu seja a única pessoa que você tenha à sua frente. Foram muitas outras. Tantas, doutor... Eu vejo os seus rostos e nada disso pode ser desfeito, apenas reparado.

O rosto dele enterrou-se dentro das mãos, e por longos momentos o único som que se ouvia era o relógio, enquanto ele se debruçava sobre os argumentos dela. Grace aguardou; sua coluna estalava de nervoso conforme ele deliberava.

– Não posso, Grace – disse, com as mãos ainda cobrindo o rosto e as palavras fazendo o coração dela esmorecer. – Os riscos são muito grandes. Seu pai seria julgado aqui, onde o crime ocorreu, trazendo-o de novo para perto de você... algo que eu tentaria evitar a todo custo. Mesmo com o meu testemunho, pouco há para condená-lo, e seu pai teria o melhor advogado que o dinheiro poderia comprar. Nós perderíamos, Grace. Eu veria minha carreira arruinar-se, e sabe Deus o que aconteceria a você.

– Sua carreira – disse ela num tom frio, embora sua voz tremesse de emoção. – Ciência. – Ela aumentou a intensidade da voz. – Essas coisas não me dizem nada, quando comparadas com o destino da minha irmã.

– Você por acaso não me ouviu mencionar o seu destino também?

– Thornhollow gritou em resposta.

– Que também é insignificante!

– Por Cristo, Grace! Você está fora de si. Você não é você mesma desde...

As portas do consultório abriram-se aos golpes e Thornhollow colocou-se de pé num pulo, estendendo os braços à frente de Grace. Lizzie adentrou voando, com a tez vermelha e os olhos ardendo.

– Não, ela não tem sido ela mesma, doutor. Não desde que Nell morreu e ela matou um homem.

– Elizabeth! – balbuciou ele. – Você... você...

– Eu o quê? Eu sei de coisas que não deveria saber? É claro que

sei, Barbante me conta. Você também pode deixar a Grace sair de trás das suas costas. Ela não precisa da sua proteção... ela precisa que você faça como ela diz.

Grace empurrou os braços de Thornhollow para o lado para poder fitar Lizzie.

– Chega disso, Grace – disse Lizzie. – Eu sei que você fala como todas nós. É o que diz Barbante, que me conta mais coisas do que você contaria, caso utilizasse a voz.

– Elizabeth – disse Thornhollow tranquilamente –, Barbante não lhe disse essas coisas. Você tomou conhecimento delas por conta própria ao observar Grace e, devo acrescentar, ao ouvir às escondidas do lado de fora do meu consultório por sabe-se lá quanto tempo. – Ele fechou as portas, dedicando a Lizzie um olhar obscuro. Tentou conduzi-la a uma cadeira, mas ela o dispensou.

– Basta de bons modos. Tive bons modos a minha vida toda, e de nada me serviram. Eu sei de coisas, coisas que quase todo mundo preferiria não ouvir em voz alta e em público, e eu fico de boca fechada. Faço isso para garantir a paz e permitir que todos tenham seus segredos. Mas não mais!

Ela bateu o pezinho no chão, exibindo a mesma ferocidade com que ela às vezes fustigava Nell.

– Eu sei o que ele fez a você, Grace. Thornhollow pode ter lá suas suspeitas de como eu fiquei sabendo disso, mas agora tanto faz. Eu preferiria que você tivesse me contado. Foram muitas as vezes que eu lhe dei a chance de falar, de ouvir sua voz e de compartilhar suas mágoas comigo, da mesma maneira que eu compartilhava as minhas com você. Mas *você*... – Ela virou-se para Thornhollow tão rapidamente que ele recuou com um passo. – Você a vedou como se fosse uma vasilha, por medo de ver cair uma tempestade sobre sua cabeça. *Nunca* a acuse de não pensar em como as ações dela afetam a sua carreira, senhor. Ela é mais leal do que qualquer um que você terá oportunidade de conhecer; ela tapou a própria boca diante da única amiga viva que lhe resta, guardou para si e somente para si seus problemas a fim de preservar o segredo da fraude que você criou.

A garota curvou-se subitamente; toda a sua energia fora

derramada em suas palavras, transformando seu corpo numa concha esvaziada.

– Diga alguma coisa, Grace Mae – pediu Elizabeth; lágrimas corriam pelo seu rosto. – Deixe-me ouvir sua voz, e eu juro que vamos providenciar o enforcamento daquele homem.

Grace deu um passo à frente com pernas trêmulas, ultrapassando o estupefato Thornhollow.

– Olá, Lizzie – disse ela. – Eu pretendia lhe dar isto. – O diminuto frasco azul passou da mão dela para a de Lizzie, e foi sua vez de ficar surpresa ao remover o tampão. O aroma de água de rosas e bergamota preencheu o consultório do doutor, enquanto as duas amigas se abraçavam.

 TRINTA E CINCO

– A cidade está em polvorosa – disse Thornhollow, esfregando indolentemente as pontas da fresca relva da primavera. – Todos os jornais do estado mandaram um repórter para cá, e eu ouvi alguém dizer que um sujeito do *Times* está em permanente vigília no hotel desde que se anunciou o indiciamento.

– A coisa piorou depois que o sr. Pickering disse que tentaria conseguir a pena de morte – disse Elizabeth, examinando o sanduíche que embrulhara para o piquenique no lago. – Pude ouvir do meu quarto as carruagens saírem trepidando em direção à cidade. – Ela desembalhou mais um sanduíche, estendendo à amiga. – Grace, deixe isso de lado; ela não traz nada diferente desde a última vez que você a leu. Você precisa comer.

– Eu sei – disse Grace, com os olhos ainda fixos na carta mais recente de Alice. – É tão difícil suportar. Ela não entende por que o pai não voltou para casa, e minha mãe está tão frenética tentando dissipar os boatos que não tem tempo para a filha. – Grace dobrou a carta desgastada e a devolveu ao bolso, dedicando sua atenção à comida, embora não tivesse apetite.

– Sua mãe virá para o julgamento? – perguntou Thornhollow.

– Não consigo imaginar isso – disse Grace. – Ela não vai querer estar perto quando lerem o veredicto. Lá no fundo, ela sabe que é verdade.

– Apesar de não ser – disse o doutor.

– Ela viveu com ele. E algumas das mulheres naquela lista que eu forneci ao grande júri foram amigas dela, em determinada época. – Os lábios de Grace se afinaram enquanto ela se lembrava de escrever aqueles nomes no papel, desenterrando memórias de mulheres que haviam partido de festas em sua antiga residência com lágrimas no rosto e hematomas nos braços. – Após anos vendo

mulheres serem usadas e descartadas tão logo deixavam de ter graça, ela pode muito bem acreditar que tudo isso *deve* ser verdade. Ela não vai querer aparecer em público quando o resto do mundo vier a saber o que ela sempre soube.

– Ela merece um castigo por ter feito ouvidos moucos a você – disse Elizabeth. Seu lado brutal vinha cada vez mais à tona à medida que o julgamento se aproximava.

– E ela o terá, Elizabeth – disse Thornhollow, atirando o restante de sua comida na cesta de piquenique. – Eu já circulei tempo bastante em nossa sociedade para poder afirmar que uma mácula de tal magnitude irá também se estender à mãe de Grace. Ela não será recebida em lugar nenhum.

– O que, para ela, será pior do que qualquer corda de carrasco – concordou Grace. – As más línguas vão se agitar e o nome dela estará incluído no falatório. Um castigo adequado ao crime que ela cometeu ao silenciar a minha língua.

– Eu amo tanto a sua voz... – disse Lizzie, estendendo a mão para tocar o braço de Grace. – Barbante disse que ela estava aí o tempo todo, e ouvi-la nesses últimos meses quase fez valer toda essa espera.

Thornhollow limpou a garganta.

– Você sabe que não deve mencionar Barbante quando estiver no...

– Sim, doutor – retrucou Lizzie. – Como eu poderia me esquecer, com os seus constantes lembretes?

– Está tudo bem – disse Grace, dando tapinhas na mão da amiga.

– Ele apenas está tentando garantir que tudo siga o curso que nós traçamos.

– Falando nisso – disse Thornhollow –, quais são os seus planos para amanhã, Grace? Espero não precisar adverti-la de que você deve se manter bem longe do tribunal de justiça.

– Parece que meus planos vão na direção contrária aos seus, então.

– Grace, tenha juízo – disse Thornhollow. – Entendo a importância que isso tem para você, mas ficar perto do seu pai está fora de questão. Para não falar que a logística é absurda. Em primeiro lugar,

uma paciente manicomial não pode simplesmente comparecer a um procedimento na corte, e em segundo, caso seu pai aviste o seu rosto na multidão, a farsa desmoronaria.

– É claro que um paciente chamaria atenção – Grace prontamente concordou. – Mas uma viúva espremida na multidão, não. Debaixo de seu véu poderia estar o rosto de qualquer pessoa.

– E onde é que você pretende obter roupas de viúva?

– Sua irmã se encarregou de mandá-las para mim. Ela vem se correspondendo com Janey e elas concordaram que, por causa de minha aversão a multidões, seria melhor me tirarem da cidade, com a sua autorização... a qual, é claro, ela forneceu, reproduzindo uma assinatura extraordinariamente parecida com a sua. Você está tão ocupado se preparando para o julgamento que Janey ficou intimidada demais para questioná-lo sobre isso.

“Adelaide vem hoje à noite me buscar, supostamente para me levar embora para um feliz refúgio. Na verdade, estaremos no hotel, justamente ao lado do sujeito do *Times*. Adelaide disse que ele é bem bonito e que nos prometeu bons lugares no julgamento. Sem dúvida eu terei uma boa visão do banco das testemunhas.”

Thornhollow suspirou e atirou uma pedra no lago.

– Apresentar você a ela foi um dos meus piores erros. Eu deveria dizer a Janey que mudei de ideia e enfiar você na solitária até que essa bagunça toda acabe. Lá você teria bastante privacidade.

– Apenas tente – disse Elizabeth, mostrando os dentes.

– Você me saiu uma viúva deveras estonteante – disse Adelaide ao prender o véu de Grace na manhã seguinte. – Vamos manter esse rosto coberto por inúmeras razões. De todo modo, vou empurrar os camaradas para todos os lados e abrir caminho para nós.

Grace abriu um sorriso, que até mesmo ela julgou débil, à medida que tentava preservar o rosto tranquilo na frente da amiga.

– Não acho que você veria problema em empurrar uns camaradas.

– Gostaria de acertar só alguns – concordou ela, firmando o seu próprio chapéu em frente ao espelho. – Mas, se eu fosse atrás do meu alvo primário, tenho certeza de que o meirinho acabaria tendo

que me segurar à força.

– Eu gostaria muito de ver você num embate direto com o meu pai – disse Grace. – Ele não é exatamente um apoiador dos direitos das mulheres.

– Temos sorte de ter um juiz que é, senão não vejo como isso teria ido a julgamento. Melancthon me disse que assim que os rumores de encrenca chegaram a Boston, os inimigos políticos do seu pai já estavam aqui para garantir que as vozes certas fossem ouvidas. Seja ele culpado ou não, eles não querem correr o risco de ver o caso sendo abafado. Apesar disso, por mais que eu queira dar uma surra no seu pai, acho que minha primeira vítima seria o meu irmãozinho.

Grace riu, soltando um som matizado de desespero. Seu véu se levantou com a respiração.

– Você o ama muito, e ele também a ama demais. Só não entendo por que é que nenhum de vocês reconhece o fato.

– Porque somos Thornhollow – disse Adelaide. – As emoções não correm em nosso sangue. – Ela afastou-se do espelho, com o rosto repentinamente sério. – Preciso que você saiba quais são os meus intuitos ao ajudá-la, Grace. Penso que lhe fará bem ver seu pai ser posto em reclusão, devido a todos os demônios que ele lhe legou. Você mereceu o direito de ver isso acontecer, e eu providenciarei para que você o veja. Mas você também precisa saber que eu partilho da mesma opinião de meu irmão, segundo a qual você se distanciou muito radicalmente de seus próprios sentimentos. Esse distanciamento não lhe vem tão naturalmente quanto para mim e para Melancthon. Temo que você esteja se aproximando de um precipício, e prefiro estar perto quando você cair.

– Não há nada de errado comigo – disse Grace ao deixarem o quarto, ignorando suas mãos tremendo uma dentro da outra. – Mas agradeço tudo o que você fez por mim. Você se colocou em grande apuro apenas para me ajudar, e não tenho como lhe retribuir.

Adelaide revirou os olhos.

– Ir contra os desejos de Melancthon já é a minha maior recompensa.

Elas tiveram de ir caminhando até o tribunal de justiça. O sr.

Turner, o cavalheiro amigo de Adelaide, do *Times*, uniu-se a elas. As ruas estavam repletas de carruagens; a maioria rumava para a mesma direção. Meninos jornaleiros gritavam nas esquinas das ruas e prostitutas chamavam dos becos, esperando distrair alguns homens ávidos por notícias com algo mais prazeroso do que a retórica da justiça.

O sr. Turner abriu caminho para elas assim que adentraram no tribunal; seu distintivo de jornalista levou-os para mais perto das primeiras filas do que jamais conseguiriam de outra maneira, e sua língua prolixa justificava a necessidade de assentos também para as duas mulheres. Grace acomodou-se; suas saias pretas farfalhavam em volta dela ao cruzar os tornozelos, esmagando-os quase que dolorosamente para lhe dar algo em que se concentrar, em lugar do alvoroço que se fazia em seu estômago.

Ainda que estivesse frio lá fora, o interior do tribunal estava incomodamente abafado; o aperto dos corpos adensava ainda mais o calor. Palavras cruzavam o ar, embaraçando-se num alarido que encheu os ouvidos de Grace e a fez retrair-se, apesar do véu que cobria seu rosto. Ela sentou-se quieta e empedernida, enquanto Adelaide encetava uma conversa com o sr. Turner.

A sala do tribunal alvoroçou-se quando seu pai foi trazido. Ao redor dela, todos se puseram de pé, alguns gritaram contra o absurdo das acusações, outros zombaram dele. Grace permaneceu no assento com as mãos de Adelaide nas suas, contente por naquele momento ter a visão bloqueada pelas costas de um homem.

O juiz batia o martelo repetidamente, obtendo ordem somente quando ameaçou barrar o público do procedimento, caso não se controlasse. Um murmúrio obscuro percorreu a multidão, mas todos se sentaram; o homem à frente de Grace foi o último a se acomodar. Ela constatou que sua respiração era superficial e curta ao finalmente ver Nathaniel Mae de perto pela primeira vez desde que fora expulsa de sua própria casa aos berros, carregando um filho dele em sua barriga.

Ele não parecia abatido; seu bigode preto estava aparado como sempre, e não havia um só fio de cabelo fora do lugar. Ele apoiou-se tranquilamente na mesa da defesa, calmo como se estivesse

assistindo a uma partida de um jogo qualquer num dia de verão. Ele se virou para falar com o sr. Atkinson, seu advogado, e Grace sentiu até mesmo a menor das suas inalações engastar-se no peito quando o olhar dele passou por ela.

Ela queria estar ali, lembrou-se. Quisera vê-lo contorcer-se e tremer debaixo do austero senso da lei, mas havia se esquecido da petulância dele, de sua absoluta confiança em seu direito divino de poder comportar-se como bem entendesse. Grace silenciara em parte para esquecer a linguagem e o som do discurso, mas vê-lo trouxe a voz dele para dentro da sua cabeça, como se ela houvesse voltado à casa natal e estivesse observando-o ajeitar o cabelo diante do espelho de seu quarto.

“Aparência é tudo, Grace”, dissera ele. “Enquanto alguém não suspeitar de alguma coisa, essa coisa não aconteceu.”

– Aparência é tudo – sussurrou para si mesma agora, enquanto ele dividia uma risada com a equipe de defesa. Se ele tinha alguma sombra de dúvida quanto à sua própria vitória, jamais a demonstraria.

A respiração de Grace se ajustou.

– Isso vale nos dois sentidos, pai – disse ela em voz baixa.

– O que foi isso, Madeleine? – perguntou Adelaide.

– Eu perguntei o que acontece agora – disse Grace.

– Ah, bem, hoje teremos as primeiras declarações, e, se tivermos sorte, a acusação apresenta o caso. Uma vez que Pickering almeja conseguir a pena de morte, pode levar mais de um dia, caso haja muitos interrogatórios. Você vai acabar desistindo de ficar aqui. Eu lhe garanto que, com esse calor, metade dessa sala sairá marchando daqui. É muito divertido ficar no conforto de nossos lares especulando sobre sexo e homicídio, mas quando sentimos o fedor um do outro enquanto o legista discursa sobre temperaturas corporais e planilhas, a maior parte do brilho se esvai.

Adelaide estava certa em alguns aspectos. Os fatos do caso eram apresentados por ambos os lados, cada um com sua interpretação própria. Não se podia negar que Jenny Cantor estivesse morta, e Atkinson – um homem pequeno com uma cabeça repleta de cabelos brancos – exagerava a tragédia. Mas, para ele, a hipótese de que

um cidadão tão extraordinário quanto seu cliente pudesse ser o assassino daquela jovem representava um verdadeiro ultraje.

Ao lado de Grace, Adelaide o ofendia, escondida atrás de seu leque.

– Lamento, velhinho – murmurou ela. – Mas o grande júri irá acusá-lo. Eles não fazem isso por capricho, sabia?

Grace inclinou-se para falar com a amiga. Estava irritada com a maneira como ficava perturbada diante da facilidade com que afirmavam a inocência do pai.

– Posso até imaginar que o advogado acredita no que está dizendo.

– Ele acredita no que lhe pagaram para acreditar – disse Adelaide.

A acusação abreviou a declaração de abertura, dizendo apenas que os fatos falariam por si, e que a fachada que Nathaniel Mae usava em público era muito diferente do homem real, cujos negros apetites apenas agora vinham à tona.

Depois, a acusação chamou sua primeira testemunha, o legista.

– Eu sabia – Adelaide disse a Grace. – Isso vai durar até a hora do almoço e será maçante para burro.

E assim foi. Adelaide estava certa quanto ao legista compartilhar sua opinião sobre o efeito das temperaturas no corpo, o comportamento do sangue viscoso e assim por diante, até que Grace também perdeu o interesse, permitindo que seu olhar fosse atraído pelos rostos da multidão. As pessoas se mexiam, as pálpebras tombavam, e alguém até mesmo deixou escapar gases em determinado momento, o que produziu uma sincera risada naqueles que estavam ao seu redor. Foi a parte mais interessante daquela manhã, e Grace pegou-se dormitando no ombro de Adelaide; o suor corria-lhe por dentro do espartilho, quando a amiga sacudiu-a.

– Madeleine, estão fazendo um intervalo para o almoço. O sr. Turner se ofereceu para nos trazer limonada. Alguns jovens empreendedores montaram uma barraca nos degraus da entrada do tribunal. Ficarão milionários até o fim da semana. Vamos contribuir?

Grace assentiu avidamente e Turner retornou com sanduíches também, oferecendo-se para guardar lugares, caso quisessem comê-los ao ar fresco.

– O sr. Turner deve estar muito caído por você – disse Grace quando se sentaram na relva. A brisa no rosto foi uma bênção, agora que ela podia levantar o véu. – Ele está se colocando em grande apuro pelo nosso bem.

– Eu não desgosto dele. – Foi tudo o que Adelaide disse.

– Já é um grande elogio, vindo de um Thornhollow – disse Grace, fracassando miseravelmente em sua tentativa de empregar um tom mais leve. – Desculpe-me por ter pegado no sono. O que foi que eu perdi?

– Nada, como eu havia suspeitado. Ele discorreu sobre corpos e sangue, o que ninguém além de um doutor poderia compreender. Estou certa de que o júri ficou bastante perplexo. Em seguida, o sr. Atkinson partiu para cima do legista como se fosse um cão numa partida de críquete, mas até isso foi bastante maçante. No fim, a única coisa que aprendemos é que a pobre garota passou um bom tempo jazendo morta na neve, e que isso pode ter acontecido enquanto o seu pai estava na cidade.

– Isso me soa bastante anticlimático – disse Grace.

– E foi, mas eles liberaram o legista, e eu lhe garanto que o medidor de diversão vai subir um pouco mais após o almoço, com todas essas mulheres para testemunhar. Oh, e a propósito, eu mudei de ideia.

– Em relação a quê?

– Acho que eu preferiria muito mais sorrir o seu pai antes do meu irmão. Eu aguentaria oito dias seguidos de legistas caquéticos falando só para ver aquele sorriso afetado desaparecer do rosto dele.

– Vamos torcer para que isso aconteça – disse Grace, com o estômago se agitando enquanto ela atirava a borra de sua limonada na relva.

Grace tornou a descer o véu à medida que elas se arrastavam de volta à sala do tribunal até o lado do sr. Turner, justamente quando o juiz retornava. A multidão se aquietou com o bater do seu martelo; a atenção se revigorara após o intervalo e os olhos das pessoas estavam brilhantes.

As mulheres cujos nomes e rostos Grace havia escavado em sua

memória foram chamadas uma por uma, apesar de haver ausências. Nem todas se dispuseram a enfrentar um homem poderoso, independentemente do que ele havia feito a elas. Rostos da sociedade, dos quais ela se recordava de tempos mais felizes, relatavam insensivelmente as investidas indesejadas, levadas longe demais. A sra. Vivanti, mulher suntuosa que havia sido sua vizinha, testemunhou; a sua voz era fria e as palavras caíam feito gelo de seus lábios. Os olhos dela não abandonavam Mae, e embora seu tom fosse contido, a fúria que ardia por trás deles alcançou até mesmo Grace, ameaçando acender a sua própria ira.

As frases concisas das mulheres da sociedade fundiram-se com as vozes prudentes de criados severamente maltratados e depois demitidos. Grace suportou tudo exibindo tranquilidade debaixo de seu véu, muito ciente de que seu autocontrole devia estar inteiro quando chegasse a hora da última testemunha, o rosto que lhe era o mais querido.

– Chame a sua próxima testemunha – o juiz ordenou à acusação.

O sr. Pickering levantou-se, limpou a garganta e disse:

– A acusação chama Elizabeth Martin ao banco.

Elizabeth entrou na sala em meio a uma tempestade de cochichos. Algumas pessoas se ergueram na ponta dos pés, outras apontaram, e Grace inchou de orgulho à medida que a amiga caminhava até o banco com a mão levantada muito alto.

– Ela ficou muito bonita nesse vestido – Adelaide sussurrou a Grace. – Encomendei essa estampa especialmente de Nova York. Realça muito bem o cabelo dela. Ninguém pensaria que ela é louca.

– Talvez ela não seja – disse Grace.

Adelaide bateu no braço de Grace com o seu leque.

– Para todos os que estão nesse recinto, ela é.

Depois que Elizabeth prestou juramento, declarou seu nome e residência. Ante a menção do asilo de insanos, um leve murmúrio percorreu a multidão, que foi silenciado imediatamente quando o juiz ergueu o olhar.

– Certo, srta. Martin – disse Pickering. – Quero que diga ao júri aquilo que você me contou.

– Ao júri? – perguntou Elizabeth, com a voz tão calma que a corte

caiu numa quietude mortal.

– Àquelas pessoas ali – disse Pickering, apontando.

– Ah, tudo bem – disse Elizabeth, e um sorriso terno dominou o seu rosto. – Ahn, olá.

Alguns dos jurados sorriram em retorno. Um levantou a mão em saudação.

– Essa menina vale ouro – disse Adelaide, mas Grace não ouviu. Suas mãos esmagavam uma à outra na apreensão que sentia pela amiga, cuja inocência pueril não era atuação.

Elizabeth olhou de novo para o sr. Pickering.

– Por onde devo começar?

– Pela noite do jantar de recepção, por gentileza.

Elizabeth tornou a olhar para o júri.

– Certo, a recepção. – Ela limpou a garganta. – Houve uma recepção para o senhor... desculpe-me, para o senador Mae no asilo quando ele veio para a nossa cidade. Temos um belíssimo salão de baile, sabem? E a comida também não é nada má.

Uma risadinha se agitou pela multidão; Elizabeth aparentava estar cismada com o motivo da piada. Sua respiração engastou-se no peito antes que ela continuasse, desta vez com olhos arregalados que abarcavam toda a sala do tribunal.

– Sempre tive muito orgulho do asilo. É um lugar bonito, e eu sabia que faríamos jus ao senador Mae quando ele estivesse lá. Não queriam que nenhum paciente chegasse perto dele, mas eu achei que uma espiadela não machucaria ninguém.

“Da minha janela, vi as carruagens chegarem e todas aquelas pessoas refinadas subindo as mesmas escadas que eu subo. Percebi o senador Mae logo de cara. É impossível confundir alguém que caminha com aquele tipo de vaidade.”

Outro risinho espalhou-se pelo recinto, mais contido, desta vez.

– Eu me sentei na minha cama e fiquei à escuta – prosseguiu Elizabeth. – Meu quarto fica próximo das escadas da ala feminina, portanto todas aquelas vozes chegam até mim flutuando. É claro que eu não conseguia distinguir as palavras que diziam, mas as pessoas iam aumentando o tom de voz conforme a noite passava. Eu tinha ajudado na cozinha, por isso sabia que haviam pedido

muito álcool. Pensei que aquela era a minha chance. Se eu quisesse me esgueirar até lá embaixo e dar uma olhada em todas aquelas pessoas ricas, eu deveria descer quando estivessem distraídas pela bebida.

Elizabeth ficou em silêncio por um momento; a quietude da sala era tanta que todos puderam ouvi-la recobrar o fôlego.

– Desci um lance de escadas, pensando em chegar ao salão de baile por uma porta lateral, quando o senhor... desculpe-me, o senador Mae em pessoa contornou a esquina. Imediatamente fiquei toda nervosa, sabendo que não queria aborrecê-lo com a visão de pacientes do asilo. Então tentei me desculpar, mas ele disse que estava procurando pelo... ele precisava... – Elizabeth se interrompeu; seu rosto estava rubro.

– Ele precisava do quê, Elizabeth? – induziu Pickering.

– Ele estava procurando pela latrina, senhor – irrompeu Elizabeth, fazendo toda a corte ribombar de risadas com o seu constrangimento. Seu rubor sumiu após um gole d'água, e em seguida ela continuou. – Ele perguntou se tínhamos encanamento interno, e nós temos, senhor; o asilo instalou um sistema novo faz apenas alguns anos. É muito bom.

O sr. Pickering debruçou-se na grade do banco das testemunhas com um sorriso paciente no rosto.

– E o que aconteceu em seguida, Elizabeth?

– Eu disse ao senador Mae que eu não ousaria levá-lo até a latrina da ala masculina, mas ele disse que usaria o das mulheres mesmo, contanto que eu não dissesse nada a ninguém, e assim ele também não diria a ninguém que eu tinha saído do meu quarto. Foi então que ele piscou para mim, e achei que seria correto ajudar um senador, ainda que eu estivesse fora da cama e o levasse até o setor feminino. Ele... – Elizabeth se deteve, baixando os olhos. – Ele tem um certo quê, senhor. O senador... ele sabe convencer uma pessoa a fazer coisas que ela nunca pensaria em fazer.

– Protesto – exclamou indolentemente o sr. Atkinson, da mesa da defesa.

– Mantido – disse o juiz, e Elizabeth ergueu o olhar até ele, alarmada.

– Fiz algo errado? – perguntou.

– Você não pode afirmar coisas que não sejam fatos, srta. Martin
– respondeu ele, em uma voz baixa e doce. – Você está aqui para nos contar o que aconteceu naquela noite, e não para fazer conjecturas acerca da personalidade do sr. Mae.

– Senador Mae – Elizabeth corrigiu-o.

– Sim, é claro, senador Mae – disse o juiz. – Por favor, continue.

– Certo. – Elizabeth inspirou profundamente. – Bem, eu o levei até o banheiro das senhoras. Enquanto caminhávamos, ele foi muito agradável, perguntando sobre minha vida no asilo, como eu me chamava, qual a minha idade. E então fomos até a... até a latrina, e eu lhe desejei boa-noite e... – Ela parou, os lábios tremendo. – Preciso mesmo, sr. Pickering? – perguntou, com olhos suplicantes.

– Sinto muito, Lizzie. Sim, é muito importante que você diga à corte o que aconteceu depois que você lhe desejou boa-noite.

– Ele... ele agarrou o meu pulso, senhor. – O rosto de Elizabeth contorceu-se, e seus olhos, brilhantes de lágrimas, fitaram o vazio. – Ele me agarrou e me torceu e me arrastou pela porta atrás dele. Ele tinha sido tão agradável, tão gentil e educado, que pensei que eu devia estar enganada, que esse homem fino, importante, nunca me tocara daquela maneira, e eu não conseguia imaginar a razão para ele fazer aquilo. E então... então ele me jogou no chão da latrina e levantou minha camisola e suponho que naquele momento eu já sabia muito bem qual era a sua razão.

“Eu comecei a me debater, senhor. E também a gritar e chorar. Mas a luta apenas pareceu fazê-lo gostar mais da coisa, até porque gritos e choros não são nenhuma novidade num asilo. Ninguém veio me acudir e ele fez o que fez comigo, ali mesmo, no chão.”

Elizabeth chorava copiosamente. O sr. Pickering ofereceu seu lenço e ela o aceitou, mas não quis usá-lo. Suas lágrimas faziam parte do depoimento, tanto quanto as suas palavras.

– E em seguida, Lizzie? – disse Pickering tranquilamente, fazendo sua voz ecoar no silêncio mortal da sala do tribunal.

Lizzie mordeu o lábio inferior, torcendo o lenço de Pickering com as mãos.

– Já perto do fim, o senador colocou a mão sobre a minha boca e

meu nariz e empurrou para valer. Os cantos dos meus olhos estavam ficando turvos e tudo o que consegui pensar foi "Deixe-me morrer para que isso acabe". Mas eu não morri, e ele levou a cabo o seu prazer. Depois ele afastou a mão e trouxe o rosto perto do meu e disse... ele disse: "Você tem sorte de ter quem vá atrás de você, senão eu veria você ficar azul como aquela vadia na estrada para Pomeroy".

Todos na sala prenderam a respiração; ouviram-se sussurros crescentes e os soluços retumbantes de Elizabeth conforme ela enxugava as lágrimas. As de Grace jorravam despercebidas debaixo de seu véu.

– Para onde eles a estão levando? – Grace perguntou a Adelaide momentos antes de Lizzie ser escoltada pelo meirinho para fora da sala do tribunal.

– Imagino que estejam dando a ela um pouco de tempo para recobrar os ânimos, antes de ser novamente interrogada – disse Adelaide, com o rosto pálido e oprimido.

Grace só assentiu levemente com a cabeça, retraindo-se antes que Elizabeth fosse conduzida ao banco. A multidão rumorejava, enquanto seu pai continuava sentado impassível à mesa da defesa, abrindo sorrisos a quem quer que olhasse para ele. Ela desviou os olhos, focalizando-os nas lúnulas de suas unhas e nas lágrimas secas que haviam pousado em suas mãos.

Lizzie retornou trazendo o silêncio consigo, e todos na sala caíram em uma quietude respeitosa, como se um cadáver tivesse chegado para o velório. O sr. Atkinson relanceou suas anotações enquanto Elizabeth se acomodava novamente no banco, deixando-as sobre a mesa antes de se aproximar para interrogá-la.

– Olá, srta. Martin.

Elizabeth assentiu.

– Olá, senhor... advogado. – Grace notou alguns membros do júri escondendo seus sorrisos.

– É uma história muito triste, essa que você contou.

– Sim, senhor.

– Qualquer homem que fizesse isso a uma garota tão doce quanto você deveria ser enforcado de imediato, independentemente da ocorrência de outro assassinato.

Lizzie observou-o cautelosamente.

– Não cabe a mim dizê-lo, senhor. Devo simplesmente contar o que ocorreu. Ocorreu assim, e assim foi.

– Certo, certo – disse ele, o sorriso alcançando a extremidade da boca. – Mas acontece que eu não estou tão certo de que isso tenha ocorrido.

A testa de Lizzie estreitou-se em confusão.

– Mas ocorreu, senhor.

– Aí é que está, srta. Martin. Trata-se da sua palavra contra a do meu cliente, assim como no caso de todas as outras mulheres que passaram por aqui hoje. Todas foram facilmente rechaçadas, tendo contas para acertar ou desaforos imaginários para retratar. Mas você, garotinha, está jogando um jogo perigoso. Você acrescentou um detalhe que torna este um caso federal, e com atribuição de pena de morte. Mal preciso recordar você ou o júri de que se o que você está dizendo *não* for verdade, então não há razão para crer que o senador Mae teve qualquer coisa a ver com a morte de Jenny Cantor. A única razão pela qual estamos aqui, aliás, é *você*, menina Elizabeth Martin. Você *alega* que o senador Mae a violentou e que durante o ato ele lhe segredou que fizera o mesmo com Jenny Cantor, asfixiando-a. A vida de um homem depende da confirmação de que você está mentindo ou não.

– Sei disso, senhor – disse Elizabeth. – E não estou mentindo.

– Onde é que você vive mesmo, por gentileza? – perguntou Atkinson, com a testa unida em zombeteiro sinal de confusão.

– No asilo de insanos, senhor.

– Ah, no asilo de insanos. Obrigado por repetir. Agora, por que, se me permite a pergunta, você vive lá?

Os lábios de Elizabeth se comprimiram.

– Suponho que moro lá porque sou insana.

– Uma hipótese bastante simples – concordou Atkinson. – No entanto, de alguma forma, nós estamos todos hoje aqui ouvindo você caluniar um homem muito respeitado. Não consigo me furtar o pensamento de que você está dizendo essas coisas não porque aconteceram de fato, mas porque lhe pediram para contá-las.

– Protesto. A defesa quer realmente fazer uma pergunta à testemunha? – disse Pickering de seu assento.

– Mantido – disse o juiz.

– Muito bem – disse Atkinson. – Srta. Martin, o senador Mae a

violentou?

– Sim – disse Elizabeth, meneando a cabeça ao pronunciar a palavra.

– O senador Mae deu a entender que havia violentado e matado Jenny Cantor?

– Sim – disse ela novamente, parecendo quase satisfeita com perguntas tão fáceis.

– E por que o júri deveria acreditar na palavra de uma garota insana?

– Porque Barbante nunca me deixaria contar uma mentira, senhor – disse Elizabeth rapidamente, invocando a referência mais poderosa que conhecia.

Um murmurar desconcertado cruzou a sala do tribunal, e o coração de Grace afundou à medida que um negrume diferente do negrume de seu véu infiltrava-se na periferia de sua vista.

– Barbante? – perguntou Atkinson. – E quem seria esse?

– Protesto – disse Pickering, colocando-se de pé.

– Claramente ele não pode pedir objeção à minha indagação sobre a sanidade de uma residente de um asilo de insanos, pode? – disse Atkinson, sem deixar de mirar os olhos desconcertados de Elizabeth.

– Mantido – disse o juiz. – Você terá que responder à pergunta, srta. Martin.

Grace inclinou-se sobre Adelaide. O vazio que ela de bom grado invocara a assumir o seu âmago estava sendo consumido pela fúria que Falsteed farejara nela havia muito tempo, acompanhada muito de perto pelo desamparo e pela derrota que ela já conhecia.

– Grace – sussurrou-lhe Adelaide –, quer sair?

– Sim, conte para nós, srta. Martin – insistiu Atkinson. – Fale sobre esse tal Barbante. Quem é ele?

Num só instante, Elizabeth levantou-se, as mãozinhas encolhidas em punhos cerrados.

– Barbante não é homem! Barbante se ofende com a afirmação.

Uma expectante quietude pairou sobre o tribunal.

– Meritíssimo – disse Pickering com uma voz cansada –, solicito um recesso até amanhã de manhã.

– Desculpe-me, Grace – disse Elizabeth, com o rosto ainda tomado pelas lágrimas, embora eles já estivessem abrigados no consultório de Thornhollow. – Aquele homem... ele partiu para cima de mim, eu não soube o que fazer.

– Está tudo bem, Lizzie – disse Grace, entregando um copo d'água à amiga. – Você se saiu muito bem.

– Sim, Adelaide me disse que você surpreendeu – disse Thornhollow, embora seus olhos carecessem de entusiasmo. – Não posso comparecer à corte, já que sou testemunha, mas ela me disse que você pode ter convertido o júri.

– E depois o converti de novo – disse Lizzie, balançando a cabeça. – Vocês são muito gentis, mas sei que cometi um erro ao mencionar Barbante. – Sua mão subiu até o ouvido protetoramente. – Não me envergonho, mas gostaria que Barbante não tivesse interferido.

– Você precisa dormir, Lizzie – disse Thornhollow. – Eles vão concluir o seu interrogatório amanhã.

– Sim – disse Grace. – Eu disse a Adelaide que dormiria aqui hoje, se eu puder ser de alguma ajuda a você.

Elizabeth fungou.

– O propósito todo era eu ajudá-la, Grace.

Ela foi para o seu quarto, calma e com uma mão fechada próxima ao ouvido.

– Diga-me honestamente – disse Grace depois que a porta se fechou atrás de Lizzie. – Quanto isso pode nos prejudicar?

– Muito – admitiu ele. – Todo o caso se articulava em torno de um depoimento convincente feito pela Lizzie. Convincente ela foi.

– Infelizmente, também convenceu que é insana – acrescentou Grace.

– Sim. – Thornhollow olhou para sua bebida, quase no fim. – Como perito, eu posso testemunhar acerca do que acredito que seu pai seja capaz de fazer, mas Elizabeth é a única que pode testemunhar que ele cometeu algo específico.

– Ele cometeu – disse Grace, com uma voz grossa. – Mas não foi com ela.

Grace foi para a cama com o mesmo pesar que sentira anos atrás; só que agora, estava sendo acossada não por um homem, mas por

uma memória. Deitou-se na cama com os olhos fixos no teto. Inspirou profundamente e recordou-se. E deixou que elas surgissem de dentro, as imagens que por tanto tempo pusera de lado na escuridão, para que seus detalhes nunca mais voltassem a atormentá-la. Elas estiveram trancafiadas junto com suas emoções, perdendo importância à medida que apodreciam dentro dela. E agora ela precisava das duas coisas para se libertar. Ela as deixou surgir.

Mãos e sons. Pressão e dor. Lampejos de carne e sua garganta se trancando ao redor das palavras, à medida que os olhos dele encaravam os seus, tão inexpressivos quanto os que ela via no espelho. Ela cobriu os olhos instintivamente, mesmo sabendo que nenhum alívio viria. As cenas se reproduziam de novo, do começo ao fim, até que ela visse mais uma vez todo aquele terror, repassando as lembranças de noites infinitas enquanto acariciava suas cicatrizes em busca de conforto.

O ar jorrava em seus pulmões à medida que ela deixava os sentimentos fluírem, com o rosto contorcido de agonia. Primeiro veio a fúria, um impotente grito diante da injustiça do mundo, seguida de uma débil tristeza e da culpa sombria que carregava por causa de Beaton, manchando sua alma para sempre.

Ela bateu à porta de Lizzie e foi recebida por olhos igualmente borrados de lágrimas.

– Lizzie, preciso lhe contar uma coisa.

– Tem certeza de que quer fazer isso de novo? – perguntou Adelaide quando ocuparam seus assentos na sala do tribunal, no dia seguinte. – Eu estava certa de que você ia desmaiar.

– Estou bem, obrigada – disse Grace, apertando a mão da amiga. Os olhos de Adelaide se estreitaram.

– Você quase parece estar bem – disse ela.

A defesa e a acusação adentraram. O pai de Grace parecia ter descansado bem e estava perfeitamente arrumado, convicto de sua absolvição. Grace mordeu o lábio ante a ideia de que ele houvesse passado a noite anterior celebrando em antecipação, enquanto ela se estorcia em suas lembranças. O juiz chegou e bateu seu martelo,

abrindo o segundo dia. Lizzie subiu ao banco mais uma vez e Atkinson aproximou-se dela como uma águia que tivesse avistado um tímido camundongo.

– Bem, srta. Martin – disse ele. – Seu testemunho sobre ter sido violentada pelo senador Mae foi bastante memorável, mas eu também lembraria o júri de que você é tutelada pelo estado e que vive num asilo.

– Só porque sou insana não significa que aquilo não ocorreu – disse Elizabeth.

– Eu não lhe fiz nenhuma pergunta – retrucou Atkinson, e Elizabeth recuou como se tivesse levado uma mordida.

– Protesto! – Pickering colocou-se de pé num só salto. – A acusação está intimidando a minha testemunha, que já se encontra em condições delicadas.

– Mantido – foi o que o juiz conseguiu dizer antes que Atkinson retomasse a palavra.

– Condições delicadas? Não posso culpá-la. Ela atraiu pessoas de todo o país até aqui para ouvir mentiras e vulgaridades, para lhes contar uma história fascinante que aconteceu somente em sua cabecinha pervertida. Ela não tem provas!

– Mas eu tenho – disse Elizabeth, com uma voz vacilante após ter sido atacada.

– O quê? – O juiz inclinou-se enquanto Atkinson tomava fôlego para continuar.

– Eu disse que ela não tem provas! – repetiu.

– *Eu tenho!* – gritou Elizabeth, esmurrando a grade do banco com seu punho diminuto. – Eu tenho provas sim, senhor juiz. O senador Mae... tem uma marca de nascença acima de seu... – Ela se deteve. Sua expressão era o verdadeiro retrato da angústia.

– Onde, garota? – perguntou gentilmente o juiz, enquanto Atkinson lutava em busca de palavras.

– Bem acima de suas partes pudendas. Uma mancha vinho do Porto, com formato de coração.

– Meirinho – disse o juiz, levantando-se –, por favor escolte o sr. Mae até a cela preventiva, onde irei verificar se ele tem ou não essa marca.

– Eu... eu protesto – disse Atkinson.

– Protesta contra o quê? – perguntou o juiz. – Pode abaixar as calças dele você mesmo, se assim desejar, mas eu *preciso* saber.

Grace observou o pai ser escoltado por uma porta, mantendo a cabeça erguida, mas anormalmente imóvel de tensão, enquanto a sua equipe de defesa e o juiz saíam com ele. Adelaide acercou-se dela e apertou suas mãos sem dizer uma palavra. Sozinha no banco, Elizabeth enxugou o rosto, com a cabeça inclinada ligeiramente para a direita.

A sala do tribunal estava em silêncio quando os homens regressaram, e todos marcharam de volta aos seus lugares. O juiz colocou uma mão sobre o ombro de Elizabeth ao passar atrás dela. Ele acomodou-se em sua cadeira e Pickering assumiu o espaço diante dele.

– A acusação gostaria de incluir a evidência de que o réu de fato possui uma mancha vinho do Porto com formato de coração acima de suas partes.

A sala do tribunal explodiu e o coração de Grace subiu à garganta conforme a fúria que pertencera somente a ela se derramava de todas as bocas. Conseguiu captar o mais leve vislumbre do rosto de seu pai, pálido e macilento, antes de o homem que se sentava à frente de Grace se levantar gritando que ele deveria ser condenado à forca.

– Como está Lizzie? – perguntou Thornhollow aquela noite, no quarto que Adelaide e Grace dividiam no hotel.

– Janey mandou um recado dizendo que ela está descansando – disse Grace, aceitando a xícara de chá que Adelaide lhe entregou.

– Assim como você deveria estar fazendo – disse Adelaide. – Esse julgamento deve ser estafante para você.

– Motivo pelo qual não quis que ela fosse – Thornhollow lembrou-as.

– Ela quer estar lá, e é isso o que importa – disse sua irmã. – Sinto que vocês dois gostariam de remoer a coisa toda a noite inteira, imaginando com seus cérebros mórbidos cada uma das armadilhas pelo caminho, em vez de suportar até o fim. Já eu vou

para a cama, com licença.

Grace e o doutor permaneceram sentados em silêncio por um momento depois que a porta se fechou atrás de Adelaide.

– Você ainda quer ficar aqui? – perguntou ele, por fim.

– Não tem sido fácil – admitiu Grace. – Mas sim, eu quero ir amanhã. Você vai depor a meu favor. Seria uma espécie de abandono se eu não estivesse lá.

Thornhollow suspirou.

– É claro que não posso impedi-la, mas a sala do tribunal se transformou num circo por causa da notoriedade do caso. Agora que há um verdadeiro escândalo, só vai piorar.

– Doutor, eu... – Grace interrompeu-se, tentando encontrar palavras que não lhe vinham.

– Conheço essa sua cara – disse Thornhollow. – Ela geralmente vem antes de você admitir que estava errada acerca de algo.

– Então você não a conhece tão bem assim – revidou Grace, e o doutor jogou a cabeça para trás, rindo.

– É bom vê-la irritada – disse ele. – Prefiro isso àquela coisa fria e pensativa que costumava ser a Grace.

– Eu sei – disse ela, com os olhos fixos no chão. – Eu tive que me apartar de mim mesma quando fomos ao quarto de Nell com os policiais, e encontrei certo conforto no vazio. Mas me agarrei a ele por tempo demais. Era tudo o que havia dentro de mim quando matei Beaton... Eu não senti nada, doutor, eu juro. Não senti absolutamente nada quando cortei a garganta dele.

– Eu acredito em você – disse Thornhollow.

– E aquilo foi tão assustador – arfou ela, com a voz rachada. – Mas me concedeu poder, o fato de não sentir nada... Eu, que era tão impotente. E eu me esbaldei com esse poder durante algum tempo, mas ontem à noite eu entendi que precisava dar a Elizabeth algo que servisse como prova para o júri. Então, eu me permiti voltar a ver. Vi meu pai, vi tudo, diretamente dentro das profundezas dos seus olhos, onde também havia um vazio igual. Eu não serei assim. Eu não serei como ele.

Thornhollow inclinou-se para frente.

– Ótimo. Eu gostaria de ver você sendo a Grace, seja qual for o

lado que esteja mostrando neste momento. Mas que seja a Grace.

O chá de Grace repousava em suas mãos, intocado e gelado.

– Eu sei que você tem ressalvas, doutor – disse ela tranquilamente. – Sei que você não quer desvirtuar as suas teorias usando-as para acusar meu pai falsamente. Tudo o que você fez por mim culmina nisso. É a coisa certa a se fazer, e eu o agradeço por isso.

– Espere até amanhã para me agradecer – disse ele, tornando a recostar-se em sua cadeira. – Assim como Jenny Cantor no Natal, nós ainda não estamos fora de perigo.

No dia seguinte, Grace despertou junto com o sol a fim de garantir seus assentos na sala do tribunal, retomando o seu lugar junto a Adelaide e o sr. Turner. Dr. Thornhollow estava certo; agora que o depoimento de Elizabeth levava um senador para ainda mais perto da forca, todo mundo desejava estar lá quando decidissem a favor ou contra o seu enforcamento. A multidão era pior do que no dia anterior; os que se encontravam na galeria espremiavam-se contra a grade, e os que estavam mais ao fundo espremiavam-se contra as paredes quando todos os assentos do recinto foram ocupados.

O dr. Thornhollow sentou-se ao banco, nunca dirigindo o olhar para Grace ou para a própria irmã.

– Assumo que o doutor realizou estudos formais em ciência frenológica, é verdade? – perguntou Pickering.

– Sim – disse Thornhollow, embora Grace soubesse que ele estava morrendo para corrigir a terminologia para *pseudociência*.

– Poderia, por gentileza, reservar um momento para explicar ao júri, em termos leigos, o que é a frenologia e como ela funciona?

Thornhollow voltou-se para o júri; seu discurso tinha a exatidão de uma aula ministrada a uma sala de criancinhas.

– O conceito pressuposto na frenologia é o de que o cérebro humano está dividido em sete grandes seções, cada uma com um amplo escopo, como, por exemplo, doméstico ou intelectual. Essas seções, por sua vez, dividem-se em áreas que representam funções específicas distintas, tais como esperança e amizade. Quanto mais se usa cada uma dessas seções, mais elas se desenvolvem. Da

mesma forma, caso não se use uma seção com frequência, ela pode atrofiar. Essas expansões no tamanho do cérebro fazem com que o próprio crânio altere seu formato, permitindo que um frenólogo treinado, como eu, interprete os calombos da cabeça de uma pessoa e determine suas tendências emocionais ou intelectuais.

– Muito bem – disse Pickering. – E você teve a chance de examinar o sr. Mae, é verdade?

– Sim, eu tive.

– E quais foram as suas descobertas?

– O sr. Mae tem calombos pronunciados nas áreas associadas à combatividade, destrutividade e melifluidade.

Adelaide inclinou-se sobre Grace.

– Aposto que ele acrescentou essa última palavra pelo bem de Elizabeth. Porque se ela não conseguiu levá-los a entender que seu pai é um maldito filho da mãe, por Deus, ele vai conseguir.

– Da mesma forma – continuou Thornhollow –, encontrei concavidades bem definidas nas áreas representadas pela benevolência e consciência.

– E de acordo com a sua opinião profissional – perguntou Pickering –, isso indica que o sr. Mae seria capaz de violentar Elizabeth Martin e fazer o mesmo a Jenny Cantor, asfixiando-a e abandonando despreocupadamente o seu corpo na neve?

– Ah, sim – disse Thornhollow, com uma voz carregada de uma convicção que até aquele momento não demonstrara. – Ele é capaz disso e de muito mais.

– Protesto – disse Atkinson, de sua cadeira. – O dr. Thornhollow deseja ampliar a gama de crimes atribuídos ao meu cliente ao definir o que ele quer dizer com “e muito mais”?

– Mantido – disse o juiz.

– Dr. Thornhollow – Pickering tentou novamente –, na sua opinião, o sr. Mae é capaz de cometer os crimes dos quais é acusado?

– Sim.

– Eles conseguiram irritá-lo – Grace sussurrou a Adelaide. – O músculo da mandíbula dele está latejando.

– Eu vi – concordou a amiga. – Ele nunca conseguiria ganhar a

vida nas mesas de pôquer, não é?

– Ademais – continuou Pickering –, em todos os seus estudos do cérebro humano, você descobriu se alguém com as propensões que o sr. Mae exibe pode ser reabilitado?

A testa de Grace se enrugou.

– Por que ele está perguntando isso?

– Está tentando amarrar bem o argumento para pedir a pena de morte – sussurrou Adelaide. – Se Melancthon disser que seu pai não só cometeu esse crime como também é passível de tornar a cometer novos crimes, o júri praticamente terá que recomendar a forca, seja um senador ou não.

– Dr. Thornhollow, você ouviu a pergunta? – perguntou Pickering.

– Por que ele não responde? – perguntou Grace, com um carço de medo a formar-se em seu estômago.

Adelaide apenas balançou a cabeça, tornando evidente a sua própria confusão.

– Dr. Thornhollow...

– Sim, eu o ouvi – disse Thornhollow, com uma voz cortante. Ele engoliu em seco, sem tirar os olhos do júri. – Na minha opinião profissional, a função cerebral do sr. Mae não apenas é irreversível como também é indicativa de insanidade criminosa.

O sr. Pickering congelou, com a boca ainda entreaberta para proferir a pergunta seguinte. Na mesa da defesa, Atkinson escrevia loucamente. A sala do tribunal se agitou; um murmúrio de conversas sussurradas ganhou força conforme aqueles que haviam entendido explicavam aos que não tinham ouvido o que é que acabara de acontecer.

O aperto de Grace no braço de Adelaide era esmagador.

– O que foi que ele fez? – sussurrou ela, com pavor crescente.

O olhar que a mulher lançou ao irmão era frio.

– Ele deu base para que a defesa reivindique insanidade. – Ela desvencilhou os dedos enrodilhados de Grace de seu braço. – Desculpe, Grace. Ele acaba de salvar a pele do seu pai.

– Por quê? – gritou Grace, mal conseguindo pronunciar aquela palavra. – Por quê? Por quê?

– Grace, por favor, não grite – disse Thornhollow.

– Deixe-a gritar, Melancthon – argumentou Adelaide. – Deixe-a pôr abaixo todo o hotel, porque você merece cada estilhaço que receber nessa sua pele traidora.

– Eu não mereço – disse Thornhollow. – Eu estava sob juramento. Seria minha, *minha*, a palavra que condenaria um homem à morte, e isso eu não poderia permitir.

– Ele não é um homem – disse Grace com a voz embargada. – Ele é um monstro... você mesmo disse isso. Você sabia o que estava fazendo, doutor. Você sabia, e mesmo assim disse aquelas palavras.

– Sim, eu disse. Grace, por favor. Ouça-me. – Ele levantou as mãos ao transpor a sala aproximando-se dela. – Eu queria vê-lo morto, juro. Mas quando o examinei a pedido do tribunal, não consegui ir até o fim.

Ele estendeu o braço, pousando uma mão em seu ombro enquanto ela tremia de raiva.

– Ele é louco, Grace. Toda uma vida de poder desenfreado deixou sua mente distorcida e pervertida. Ele realmente acredita que não comete erros e baseia-se em falsa lógica para legitimar qualquer ato, não importa quão hediondo seja, é só ele querer. Ele é uma criança mimada, Grace, que tem apetites de um adulto e que responde qualquer indagação aos seus atos com: “Fiz porque quis”.

“Eu já vi pessoas fazerem coisas horríveis, Grace. Você mesma sabe a que profundidade elas podem afundar quando se distanciam de suas emoções. Mas no caso do seu pai, não vejo um abismo entre o homem e seus sentimentos, mas simplesmente homem e abismo unidos numa coisa só. Ele não tem nenhuma empatia a que

se agarrar quando vê outra pessoa sofrendo. A sociedade considera os insanos inferiores aos humanos, e neste caso eu quase poderia concordar que ele perdeu todas as qualidades que o tornariam humano.

“Antes que você se enfureça comigo, antes que você renegue tudo o que conseguimos até agora e todo o direito que eu teria de considerá-la minha amiga, pondere os atos do seu pai através deste ponto de vista. Do meu ponto de vista. Este com o qual eu observo a vida; eu assumi sobre meus próprios ombros a responsabilidade pelos loucos. Eu falo em função deles, Grace, sempre. E eu vi um homem louco diante de mim quando eu interroguei seu pai. É uma loucura tão discreta que pode caminhar livremente pelas ruas e ser aplaudida em determinadas rodas sociais, mas não deixa de ser loucura.”

Grace fechou os olhos ante aquelas palavras. Em seu pai nunca houvera vergonha, nunca. Toda vez que ele deixava o quarto dela, não o fazia senão confiante e satisfeito. Ele desejara algo e o obtivera, não carecendo de nenhum outro motivo além desse para ser capaz de deflorar a própria filha.

Grace balançou a cabeça, com a sombra da traição de Thornhollow ainda pairando sobre si.

– Não me cabe apontar e escolher os loucos que você defende. Mas não posso concordar que meu pai esteja entre eles. Se o que o leva a agir é um raciocínio infantil, não deixa de ser um raciocínio. Até uma criança aprende a diferença entre o certo e o errado, e violar essa diferença é exatamente o que lhe dá prazer. Ele sabe bem o que está fazendo, doutor. Ele sabe e se satisfaz ao fazê-lo.

– Não posso concordar, Grace – disse Thornhollow. – Se eu quiser ter alguma fé na humanidade, tenho que acreditar que nenhum homem poderia fazer o que ele fez a você estando em seu perfeito juízo.

– O que vai acontecer com ele? – perguntou Adelaide.

– Atkinson vai agarrar a oportunidade de usar meu depoimento para alegar insanidade. Elizabeth converteu completamente o júri contra o seu pai, usando como último prego no caixão a descrição da marca de nascença. Vou recomendar que ele seja mandado para

o Asilo de Lunáticos Wayburne, de Boston, sob os cuidados do doutor Heedson.

– Ao menos lá ele terá um rosto conhecido – disse Grace, torcendo a boca à medida que compreendia a lógica do doutor. Ela conhecia aqueles corredores, conhecia a letargia daqueles que os habitavam. O vazio de seu pai seria recebido com um vazio parecido. Sua podridão não seria tratada, uma vez que sua apatia seria recebida por apatia similar. Haveria a escuridão, também: um breu adequado aos pecados que ele por tanto tempo ostentou à luz do dia.

– Um castigo bastante justo para os dois, creio eu – disse Thornhollow, com um espectro de sorriso no rosto. – Seja como for, você estará em segurança, eu lhe garanto. E sua irmã também. Você nunca mais terá que ver o rosto daquele homem novamente.

– Mas acontece que eu quero vê-lo, dr. Thornhollow – disse Grace. – E quero que ele veja o meu.

Ela esgueirou-se até o tribunal na tarde seguinte trajando seu luto de viúva, com Adelaide ao lado. Abriram caminho à força rumando contra a multidão que saía, decepcionada com o término tão anticlimático do julgamento.

– Com licença, com licença – disse Adelaide repetidamente, levando uma travessa de torta acima de sua cabeça. Grace enlaçou o braço no dela para que não se separassem, finalmente galgando os degraus que conduziam às portas duplas onde os últimos dos caçadores de emoções haviam se reunido para repassar os eventos do dia.

– Ufa – disse Adelaide, inspecionando a travessa. – A torta sobreviveu.

– Tem certeza de que isso vai funcionar? – perguntou Grace.

– A torta? Não, comprei a mais barata que encontrei. Mas as pessoas gostam de falar de si, se você oferece uma abertura. Apenas siga a minha deixa.

Elas adentraram no tribunal de justiça, onde o ar ainda recendia ao acúmulo de hálitos de tanta gente. Adelaide empurrou as portas duplas da sala do tribunal, e elas viram o meirinho fechando atrás de si a porta que dava para as celas de detenção.

– Olá. – Ela acenou, rumando confiante até o corredor. – Somos da Federação de Clubes Femininos e viemos trazer uma coisinha para o pobre senador.

– Ah, perdão, madame – disse o meirinho, estreitando os ombros. – Não posso permitir.

– Que bobagem – disse Adelaide, meneando a mão. – É apenas uma torta. Ouvimos dizer que o homem é bastante insano, mas ainda que seja o caso, ele é um senador, não é?

– Suponho que sim, mas não vejo por que...

– E nós odiaríamos ver a hospitalidade de nossa cidade fracassar com ele, seja ele louco ou não. Isso traria consequências negativas, não acha?

O meirinho balançou a cabeça.

– Não sei nada sobre isso, madame. Tudo o que sei é que não posso deixá-la entrar nas celas de detenção.

– Celas de detenção... – repetiu Adelaide. – Isso soa bastante perigoso e excitante, não é, Madeleine? Ah, mas é claro, imagino que isso não seja novidade para você, certo? Você deve ter cada história para contar...

– Eu tenho, madame. Tenho sim – concordou o meirinho, com um pequeno sorriso a desabrochar ante a admiração dela.

– Adoraria ouvir algumas – disse Adelaide. – Se não pudermos levar a torta ao pobre sr. Mae, eu compreendo... afinal, eu poderia ter metido algum instrumento dentro dela, não é?

– Ora, espere – disse o meirinho, trocando o apoio dos pés. – Eu não estou dizendo que você fez coisa do tipo.

– Ótimo – disse Adelaide. – Mas mesmo assim, “não” é “não”. Que tal você me contar uma ou outra história acompanhada de uma fatia, enquanto minha amiga entra e troca uma palavra com o pobre oprimido? – Ela inclinou-se sobre o meirinho, abaixando o tom da voz, em conspiração. – Ela perdeu o marido recentemente. Suicídio. Disse-me que não poderia viver sozinha se ouvisse que outra coisa dessas aconteceu aqui em nossa cidade. Se ela puder dar duas palavrinhas com ele para amansar o coração do homem, não será prejuízo nenhum ouvi-la, não é verdade?

– Creio que sim – concordou o meirinho, mais atento em Adelaide que em Grace. – Mas não posso deixá-la lá dentro por mais que cinco minutos.

– Vamos comer um pedaço de torta cada um – disse Adelaide. – Depois nós duas deixaremos de o aborrecer. – Ela assentiu com a cabeça para Grace, que não esperou permissão do contestador meirinho para abrir a porta e esgueirar-se para longe da vista dele.

O corredor era curto e dava acesso a duas celas; apenas uma estava ocupada. Grace caminhou até as barras e levantou o véu antes que a valentia lhe faltasse.

– Oi, pai.

Ele colocou-se de pé hesitantemente, arregalando os olhos e afrouxando a mandíbula.

– Eu sou mesmo louco, então – disse ele para si mesmo à medida que caminhava na direção dela com as mãos estendidas. – Eles disseram que eu sou, e devo mesmo ser, já que estou vendo mortos e falando com eles.

– Eu não estou morta – disse Grace. – E você não é louco. Para o dr. Thornhollow é mais fácil acreditar que é, e assim eu permito. Mas eu sei mais do que ele, não é?

Ele alcançou as barras, envolvendo-as com as mãos.

– Os mortos não sabem de nada – insistiu ele.

– E os vivos têm segredos.

– Grace – ele disse o nome dela pela primeira vez, e ela não pôde deixar de titubear. – Grace – disse ele de novo, estendendo a mão na direção dela. – Como é possível? Você morreu.

Ela deu um tapa nas mãos dele para afastá-lo, e o contato físico trouxe a verdade à tona. Os olhos dele, que estavam arregalados de espanto, agora se estreitavam.

– O que é isso? Que mentiras me contaram?

Grace riu; o som do júbilo estava emperrado em sua garganta.

– Tantas mentiras, pai. Mas elas nem se equiparam às que você contou ao longo da vida, culminando neste momento, em que você se encontra cara a cara com a filha que você traiu das maneiras mais vergonhosas.

O rosto dele se contraiu; a fúria torceu sua bela fisionomia num esgar.

– Aquele imundo do Heedson! Vou tirar o emprego dele!

– Pelo contrário, pai. A sua própria existência agora dá a ele um emprego. Disseram-me que você ficará sob os cuidados expressos dele.

– Maldita seja, Grace! – ele berrou. – O que foi que você fez, garota?

Ela inclinou-se sobre as barras; seu rosto formava uma máscara de raiva.

– O que precisava ser feito. Você me trancafiou, pai, mas não

tinha nenhuma chave para abrir a minha mente. E eu a encontrei lá nas trevas. Eu a encontrei e usei em sua derrocada, e eu me vangloriaria disso para todo mundo, se eu pudesse.

– Eu vou, por Deus... – gritou ele, golpeando as barras numa tentativa de alcançá-la. – Vou dizer a todo o mundo o que foi que você fez, sua vadia mentirosa!

– Vá em frente, pai – disse ela. – Nada do que você disser será levado a sério. Você é insano.

Sua ira vã irrompeu num jorro mudo enquanto ela dava as costas para ele e o abandonava.

 EPÍLOGO

O vento açoitava as páginas nas suas mãos enquanto Grace se colocava de pé na torre oeste; a conhecida caligrafia da irmã não mais produzia espinhos de medo em seu coração.

Querida Bela Lily,

Temí que você não soubesse onde me encontrar, mas você é realmente mágica. A vida com a tia Beth é muito agradável. Encontrei uma gatinha no jardim, e a tia me deixou ficar com ela. Toda noite ela toma um pires de leite e dorme em meu travesseiro. Tia Beth diz que posso visitar mamãe no litoral se eu quiser, mas a areia me faz coçar. Ela diz que o papai se foi e que eu não voltarei a vê-lo, nem mesmo na praia. Eu estou triste, mas estou cuidando de minha gatinha de noite e ela ronrona. Eu anseio pelas suas cartas e sei que não estou sozinha.

Escreva de volta,
Alice

P.S.: O nome da minha gatinha é Grace.

A boca de Grace estorceu-se num triste de sorriso conforme ela passava à carta de Falsteed.

Querida Grace,

Você verificará na carta anexa que sua irmã está sob os melhores cuidados, e que você é lembrada. Talvez não a surpreenda saber que eu tenho um novo vizinho aqui na escuridão. Ele trocou farpas com Heedson e seu nome surgiu, rendendo-lhe um lugar entre os abandonados. Eu não me arrependo de informá-la que ele tem em si um certo cheiro,

desses que meu nariz aprecia mais do que todos os outros. Não contei a ele ainda, já que parece estar vivendo sob tensão. Algum dia eu adoraria ver o seu rosto brilhante novamente, Grace, e saber como foi que este presente me foi entregue.

Seu,
Falsteed

– Grace! – A porta do alçapão voou para cima, e Thornhollow emergiu da escada. – Pensei que poderia encontrá-la aqui – disse ele, retomando o fôlego. – Janey estava em frenesi procurando-a pelas dependências, quando me lembrei que você nunca me devolveu a chave da torre.

– Você nunca a pediu de volta – disse Grace.

– Boas novas? – perguntou, gesticulando para as páginas nas mãos dela.

– Sim. – Ela sorriu. – Apenas boas novas.

– Excelente! – Ele bateu as mãos uma na outra. – Agora, tenho que removê-la dessa felicidade e dessa vista deslumbrante para que venha comigo a uma cena de assassinato.

– É claro – disse Grace, dobrando as cartas. – Poderia me dar um momento?

– Só um momentinho – disse ele, descendo as escadas; sua voz flutuava em seu rastro. – Há sangue fresco sendo derramado, Grace. E precisamos saber para que lado ele escorre!

Grace balançou a cabeça ante aquelas palavras, relanceando para baixo conforme enfiava no bolso as cartas dobradas, quando viu uma anotação rabiscada no dorso da carta de Falsteed.

Mais uma coisa, se me permite. O significado original da palavra “asilo” é, na verdade, “proteção”. Espero que seja isso o que você tenha encontrado nas suas radiantes cercanias, assim como eu encontrei o meu próprio recanto aqui na escuridão.

Grace debruçou-se sobre o gradil, examinando as dependências do asilo que se descortinavam ao seu olhar, a silhueta de Elizabeth

próxima ao lago, a carruagem de Thornhollow estacionando no trevo e a cadeira vazia de Nell ao seu lado.

– De fato, eu encontrei – disse ela. Suas cicatrizes reluziam intensamente ao sol. – Eu me chamo Grace Mae, e estou em casa.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinio@vreditoras.com.br

com o título deste livro no campo "Assunto".

1^a edição, ago. 2016